UM NAMORADO BOM PRA CACHORRO

Arrumar um namorado de mentira para espantar o ex? Péssima ideia.
Se apaixonar no processo? Pior ainda... ou talvez não.



Brittainy Cherry

Autora best-seller de *Eleanor & Grey*

VERUS EDITORA

Brittainy Cherry

UM NAMORADO BOM PRA CACHORRO

Tradução
Carolina Simmer

1ª edição
Rio de Janeiro-RJ / São Paulo-SP, 2025

VERUS
EDITORA

Título original
The Problem with Dating

ISBN: 978-65-5924-399-0

Copyright © 2023 The Problem with Dating by Brittainy Cherry
Edição publicada mediante acordo com Bookcase Literary Agency.
Todos os direitos reservados.

Tradução © Verus Editora, 2025
Direitos reservados em língua portuguesa, no Brasil, por Verus Editora. Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma e/ou quaisquer meios (eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia e gravação) ou arquivada em qualquer sistema ou banco de dados sem permissão escrita da editora.

Verus Editora Ltda.
Rua Argentina, 171, São Cristóvão, Rio de Janeiro/RJ, 20921-380
www.veruseditora.com.br

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

C449n

Cherry, Brittainy C.
Um namorado bom pra cachorro [recurso eletrônico] / Brittainy Cherry ; tradução Carolina Simmer.
1. ed. - Rio de Janeiro : Verus, 2026.
recurso digital

Tradução de: The problem with dating
Formato: epub
Requisitos do sistema: adobe digital editions
Modo de acesso: world wide web
ISBN 978-65-5924-474-4 (recurso eletrônico)

1. Romance americano. 2. Livros eletrônicos. I. Simmer, Carolina. II. Título.

25-101182.0

CDD: 813
CDU: 82-31(73)

Meri Gleice Rodrigues de Souza - Bibliotecária - CRB-7/6439

Revisado conforme o novo acordo ortográfico.

Seja um leitor preferencial Record e assine nossa newsletter.
Cadastre-se no site www.record.com.br.

Atendimento e venda direta ao leitor:
sac@record.com.br

OBRAS DA AUTORA PUBLICADAS PELA EDITORA RECORD

ABC do amor
Um amor desastroso
Arte & alma
As cartas que escrevemos
Depois daquele inverno
Um encontro com Holly
Eleanor & Grey
Landon & Shay (vol. 1)
Landon & Shay (vol. 2)
No ritmo do amor
A playlist
Se você ficasse
Sr. Daniels
Vergonha

SÉRIE ELEMENTOS

O ar que ele respira
A chama dentro de nós
O silêncio das águas
A força que nos atrai

SÉRIE BÚSSOLA

Tempestades do Sul
Luzes do Leste
Ondas do Oeste
Estrelas do Norte

COM KANDI STEINER

Uma carta de amor escrita por mulheres sensíveis

Querido leitor,

Caso você já tenha lido outros livros meus, talvez me conheça como uma escritora que gosta de fortes emoções. A rainha do drama, por assim dizer. Ainda assim, ao longo dos anos, fiquei com vontade de tentar algo diferente. Algo novo para mim. Algo que me desse alegria durante o processo criativo.

Essa alegria é o que nos trouxe até aqui, à cidadezinha de Honey Creek, Illinois, onde conhecemos as três irmãs Kingsley.

Este livro é sobre afeto, família, risadas, lealdade, tudo com uma pitada de drama. Escrever *Um namorado bom pra cachorro* me levou de volta às comédias românticas antigas do começo dos anos 2000. Quando você mergulhar na leitura, espero que tenha esse clima em mente. Imagine a história como um filme e assista a ele.

Pegue uma bebida quentinha da sua preferência e um cobertor. Escolha um lugar confortável e se aconchegue com Yara e Alejandro enquanto apresento você ao mundo de Honey Creek, Illinois. Ficaremos aqui por um tempo, então sinta-se à vontade.

Certo, é só isso por enquanto.

Vamos lá…

— BCherry

NOTA DA AUTORA

Ao longo do livro, alguns personagens falam espanhol. Entendo que há muitas formas de traduzir certas expressões dependendo da localização dos falantes do idioma. Eu, com a orientação de uma consultora de espanhol, decidi traduzi-las da maneira que parecia mais autêntica para a história. Obrigada, e divirta-se.

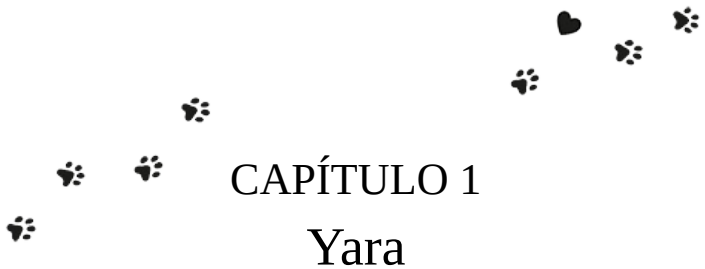
Para todos que estão tentando conhecer novas pessoas
após uma experiência ruim num relacionamento,
ou o que quer que aquilo tenha sido:
Vai passar.
Este livro é para você.

“Regras para a felicidade: ter algo para fazer,
alguém para amar e algo em que acreditar.”
— Immanuel Kant

Sumário

CAPÍTULO 1
CAPÍTULO 2
CAPÍTULO 3
CAPÍTULO 4
CAPÍTULO 5
CAPÍTULO 6
CAPÍTULO 7
CAPÍTULO 8
CAPÍTULO 9
CAPÍTULO 10
CAPÍTULO 11
CAPÍTULO 12
CAPÍTULO 13
CAPÍTULO 14
CAPÍTULO 15
CAPÍTULO 16
CAPÍTULO 17
CAPÍTULO 18
CAPÍTULO 19
CAPÍTULO 20
CAPÍTULO 21
CAPÍTULO 22
CAPÍTULO 23
CAPÍTULO 24
CAPÍTULO 25
CAPÍTULO 26
CAPÍTULO 27
CAPÍTULO 28
CAPÍTULO 29
CAPÍTULO 30
CAPÍTULO 31
CAPÍTULO 32
CAPÍTULO 33
CAPÍTULO 34
CAPÍTULO 35
CAPÍTULO 36
CAPÍTULO 37
CAPÍTULO 38
CAPÍTULO 39
CAPÍTULO 40
CAPÍTULO 41
CAPÍTULO 42

CAPÍTULO 43
CAPÍTULO 44
CAPÍTULO 45
CAPÍTULO 46



CAPÍTULO 1
Yara

Eu estava parada em frente à garagem da minha irmã Avery quando uma folha flutuou sem rumo ao cair da árvore de bordo, dando o primeiro sinal de que a estação das mudanças se aproximava. O verão começava a guardar os biquínis e picolés, e o outono se preparava para iniciar a época em que tudo era temperado com canela, cravo, gengibre e noz-moscada. Eu conseguia sentir o cheiro no ar fresco — as transformações estavam acontecendo.

Fazia sentido que eu também estivesse prestes a embarcar em uma nova era.

— Você não precisa ir — choramingou Avery enquanto eu ajeitava uma caixa na caçamba da caminhonete Ford azul do namorado dela, Wesley. — A gente adora que você more aqui!

Sorri, sabendo que eu não teria aguentado o último ano se não fosse pelas minhas duas irmãs. Para garantir que eu não seria engolida por pensamentos intrusivos, Avery tinha passado os últimos doze meses praticamente me abastecendo de frases motivacionais sobre autoestima todas as noites ao me colocar na cama com um chá de ervas que minha irmã caçula, Willow, havia feito para me ajudar a dormir.

— Preciso voltar a me virar sozinha para conseguir seguir em frente — falei.

Fazia mais de um ano que eu tinha terminado com meu agora ex-marido, Cole. Desde então, estava morando com minha irmã mais velha e Wesley.

Embora eu soubesse que os dois não se incomodavam com a minha presença, parecia que havia chegado o momento de começar uma nova fase. A cidadezinha de Honey Creek só tinha um condomínio de apartamentos, um prédio com vista para o lago Michigan. Mesmo com uma vista incrível, seria estranho morar em um apartamento de um quarto depois de passar os últimos dez anos morando em casas, mas eu estava empolgada. Por algum motivo, a ideia de ter meu próprio espaço me dava um novo fôlego.

— Se quiser, pode ficar comigo no Garibaldo — ofereceu Willow, se aproximando com minha última caixa.

Garibaldo era o ônibus escolar que Willow tinha transformado em uma casa sobre rodas. Minhas irmãs eram tão diferentes que chegava a ser engraçado. Enquanto Avery era teimosa e determinada, Willow parecia um rio em constante fluxo. Avery tinha os dois pés plantados no chão, já Willow flutuava por aí, querendo conhecer o mundo. Willow não escondia o que sentia, abria seu coração para tudo e todos, já Avery era mais fechada.

Às vezes, eu me perguntava com qual irmã era mais parecida, mas acabava percebendo que eu provavelmente era uma mistura das duas. Eu era igualmente perfeccionista e desapegada. No entanto, essas duas características costumavam entrar em conflito em momentos de crise, e eu ficava atordoada em meio ao caos dessas ocasiões.

Por sorte, quando isso acontecia, minhas irmãs me ajudavam a seguir caminhando.

— Vou pensar no caso do Garibaldo. Valeu, Willow — respondi.

— Sempre que precisar — disse ela, sendo sincera.

Se não fosse por minhas irmãs, meu pai e Tatiana, amiga da família, eu não sei se teria conseguido sobreviver ao último ano. O problema não tinha sido esquecer Cole. Por mais estranho que parecesse, nunca me arrependi de ter ido embora. Essa era uma vantagem de se afastar mentalmente antes mesmo de seus pés começarem a se mover. O luto pelo fim da relação havia começado antes de eu terminar o casamento. Eu tinha me despedido dele em espírito antes de fazer isso verbalmente. Portanto, havia passado pelo luto da relação relativamente rápido.

Por outro lado, era difícil lidar com os julgamentos da cidade sobre a minha situação. Eu havia escutado comentários sobre casamento ser uma relação que exige esforço, e não algo a ser descartado com tanta facilidade. Algumas pessoas cochichavam sobre mim quando achavam que eu não estava escutando, mas outras falavam tudo na minha cara. Os moradores de Honey Creek adoravam meu ex-marido.

Ninguém entendia por que eu tinha deixado um homem tão fofo. Fazia sentido que pensassem assim — Cole era um anjo para os outros. Ele era simpático e carismático. Era o cara que ajudaria a batizar seu bebê em uma manhã de domingo e então tomaria uma cerveja com você no bar na noite de segunda. Se um gato estivesse preso em uma árvore, ele a escalaria para resgatar o bichinho.

Ele era o protagonista de Honey Creek, o cavalheiro perfeito e o novo delegado favorito da cidade. As pessoas adoravam aquele homem. Cole Parker encantava Deus e o mundo, e, agora, eu era a mulher cruel que decidira

abandoná-lo.

Imaginava ser pelo fato de que eu guardava meus problemas só para mim — ninguém entendia como eu me sentia sufocada entre quatro paredes. Quem dera os outros pudessem ver nossa vida particular e entender como Cole me tratava.

Eles também fugiriam.

Ninguém sabia o quanto era ruim às vezes, nem mesmo minha família. Eu tinha vergonha demais para compartilhar os piores dias. Acabaria levando uma bronca por não ter ido embora antes. Meu ex-marido não era apenas verbalmente abusivo. Ele também tinha um probleminha de pau itinerante, que se metia em lugares onde não deveria. Eu tinha que dar meus parabéns pela coragem de qualquer mulher que tivesse a oportunidade de conhecer tal pênis. Provavelmente haviam sido os três minutos mais medíocres de suas vidas — quatro com a ajuda de cafeína.

Se alguém me perguntasse qual tinha sido a parte mais desafiadora do divórcio além do julgamento da cidade, a resposta seria fácil.

Cole. Estava. Em. Todo. Canto.

Em todo canto mesmo. Houve uma época em que achei que ele pudesse estar me perseguindo, ou talvez que tivesse um clone. Então me toquei que ele pedia para outros caras da delegacia me seguirem. Conhecer pessoas novas já era difícil. Conhecer pessoas novas com meu ex-marido à espreita era quase impossível, porque todo mundo sabia quem ele era e ninguém queria mexer em "sua propriedade". Sua propriedade? Que piada. Eu pertencia tanto a ele quanto os pássaros no céu pertenciam ao mar. Aquela ideia era muito anos 1920, mas as pessoas ali pareciam aderir às regras ridículas do novo delegado.

Era como se ele fosse o maldito rei dos gorilas da cidade.

Eu, homem. Ela, ex-mulher. Você, não encosta.

Seguido por batidas no peito.

Até os caras que expressavam interesse por mim me diziam que não podiam me convidar para sair por respeito a Cole.

A ideia de sair com alguém parecia muito estranha; o que eu não daria para ter um primeiro encontro de novo… Nem conseguia me lembrar da última vez que havia tido um encontro.

Alguns anos depois de nos casarmos, Cole parou de sair comigo, a menos que fôssemos para Chicago para assistir a algum esporte ou para beber com seus amigos e as esposas deles no bar. Qualquer coisa que eu considerasse romântica era brega para ele, então quase nunca fazíamos nada disso. E, quando fazíamos, ele ficava reclamando antes de sair de casa, então fingia que estava se divertindo

à beça em público. Quando voltávamos para casa, ele gritava comigo. Isso só me fazia querer evitar sair com ele.

Felizmente, eu tinha passado o último ano fazendo todas as coisas que Cole detestava. Fiz um curso de produção de velas, visitei vinícolas e passei algumas noites bebendo e pintando. Até fiz aulas de tango, e olha que sou ruim de dança. Fui muito feliz no meu ano de descobertas, mas isso não mudava o fato de que continuava desejando ter companhia.

Eu não precisava me apaixonar, mas não era contra a ideia de *gostar* de alguém. Uma paixonite seria suficiente. Eu queria ao menos ter uma quedinha por alguém. Nem sabia mais como era essa sensação, mas a ideia de sentir um friozinho na barriga me empolgava.

Quando se tratava de relacionamentos, eu sentia saudade de tanta coisa…

Eu sentia falta de andar de mãos dadas, por exemplo. De quando a outra pessoa está um pouco à sua frente, sem olhar na sua direção, mas estende a mão para trás sabendo que a sua se entrelaça perfeitamente aos dedos dela.

E beijos!

Nossa, como eu sentia falta de beijar! Não apenas beijos intensos, apaixonados, embora eles fossem divertidos. Mas beijos na testa. Beijos na ponta do nariz. Beijos leves na bochecha. As carícias no pescoço que davam arrepios de prazer.

Eu sentia saudade de tudo isso. Então, o primeiro ano tinha sido totalmente sobre mim. E, no fim das contas, eu gostava da minha própria companhia. Agora, precisava de alguém que também gostasse dela. Este ano seria definido como Yara na caça — se pelo menos Cole parasse de espantar os homens de Honey Creek. Baixar aplicativos de relacionamento e expandir minha busca para Chicago seriam meus últimos recursos. Depois de ouvir as histórias terríveis de Willow sobre esses aplicativos, eu tinha um pouco de medo de entrar nesse mundo.

Papai surgiu atrás de nós com uma caixa enquanto Wesley o seguia como um cachorrinho.

— Pronta para a casa nova, minha flor? — perguntou papai.

— Pronta! Vou com a Avery e a Willow. Você e o Wesley podem encontrar a gente lá.

Papai fez uma careta e se inclinou na minha direção.

— Tem certeza? Eu não tenho muito assunto com esse nerd, ele só sabe falar de ciências — reclamou ele.

Sorri para papai e bati no seu ombro.

— O Wesley é legal, papai, e ele namora a Avery há anos. Você devia dar uma chance a ele.

— A última vez que dei uma chance a um cara, ele partiu o coração da minha menina — disse ele, falando de Cole.

— Bem, por sorte, o Wesley não é o Cole. Ele é muito mais inteligente.

— Inteligente no sentido acadêmico, talvez. Mas ele continua sendo um homem, o que significa que é um idiota — argumentou papai.

Só mesmo meu pai para odiar homens mais do que nós, garotas, odiamos. Na cabeça dele, ninguém era bom o suficiente para suas filhas, e Wesley era *literalmente* um gênio. Ele até trabalhava para uma agência espacial em Chicago.

— Hum, vocês sabem que eu estou ouvindo, né? — perguntou Wesley, passando a mão pelo cabelo ruivo.

— Não sou homem de medir palavras — respondeu papai. — Vamos, Harry.

— Wesley — corrigiu ele.

— Que seja — disse papai.

Nos últimos dois anos, papai nunca tinha chamado o coitado por seu nome certo. Eu ficaria com medo no dia em que ele acertasse. Seria um sinal do fim dos tempos.

Fomos para o apartamento, e nós, garotas, nos acomodamos alegremente no sofá que havia sido entregue mais cedo naquele dia enquanto papai e Wesley levavam as caixas. Papai se recusava a deixar que a gente ajudasse. Aos olhos dele, as garotas Kingsley eram princesas.

Depois que eles descarregaram todas as caixas, pedimos comida chinesa e jantamos sentados à minha nova mesa. *Minha* mesa. Ela era minha. Tudo ali era meu. Claro, talvez eu tivesse estourado meus cartões de crédito para comprar aquelas coisas, mas não me importava, porque todas elas pertenciam a mim. Não conseguia nem expressar aquela liberdade em palavras. A melhor parte da vida era que nada durava para sempre. Nem mesmo um coração partido.

Depois do jantar, Avery se preparou para ir embora fazendo beicinho.

— Não sei quando vou te ver de novo — choramingou ela, dramática.

Soltei uma gargalhada.

— Bem, vamos fazer uma trilha amanhã ao nascer do sol. Então você vai me ver daqui a umas sete horas.

Ela fechou a cara.

— Eu estava torcendo pra você ter esquecido.

— De jeito nenhum.

Depois que nos despedimos, todo mundo foi embora, e eu fiquei sozinha na minha nova casa com Cacau. A parte mais difícil de ter Cacau era que Cole tinha pedido para compartilharmos a guarda de nossa cadela fofa, o que significava que tínhamos que nos encontrar a cada duas semanas para fazer a troca. Aquilo parecia ser só mais uma forma de Cole permanecer presente na minha vida. Embora eu quisesse expulsá-lo dela.

O celular tocou assim que terminei de lavar os pratos e guardar o que restou da comida. O nome de Willow surgiu na tela.

— Alô? — atendi.

— Oi! Uma caixa ficou no carro. Você quer que a gente suba com ela, ou prefere descer pra pegar?

— Eu desço. Não tem problema. Já estou indo.

Calcei os chinelos e desci correndo. Depois de pegar a caixa com Willow, agradeci a ela e voltei para o prédio. Alguém estava saindo e segurou a porta para eu entrar. Quando cheguei ao elevador, não consegui segurar a caixa e apertar o botão ao mesmo tempo.

— Pode deixar! — disse uma voz às minhas costas.

Um braço musculoso passou por mim e pela caixa, então levantei o olhar e encontrei os olhos cor de mel mais lindos que eu já tinha visto em muito tempo, acompanhados por um sorriso simpático, de tirar o fôlego. Um sorriso emoldurado por uma barba perfeitamente aparada. Um sorriso que eu nunca tinha visto na cidadezinha de Honey Creek.

Meu coração perdeu o compasso.

Carne. Nova. No. Pedaço!

— Olá — disse ele, com um sotaque britânico, exibindo os dentes brancos.

Só pode ser sacanagem! Hum, mas o que era aquilo? O que alguém com sotaque britânico estava fazendo em Honey Creek, Illinois? Tentei entender o fato de que meu coração dava cambalhotas de empolgação dentro do meu peito. Eu me senti vivendo a experiência de um baile no estilo Bridgerton.

— Oi? — respondi.

Ficou parecendo mais uma pergunta, porque fui pega de surpresa. Quem era aquela pessoa nova parada diante de mim, roubando o ar dos meus pulmões? Não apenas com sua aparência, mas com sua voz. Quem era aquele Príncipe Encantado, e por que eu nunca o tinha visto?

Por que as mulheres da cidade nunca tinham falado dele? Nem mesmo por alto? Fofocar era o passatempo favorito delas, e ainda assim, de algum jeito, aquele homem havia passado ileso, sem qualquer burburinho.

Será que ele disse alguma coisa — talvez seu nome? Fiquei na dúvida, porque não apenas eu ficava perdida nos meus pensamentos quando conhecia novos partidos com sotaques na cidade, como também me esquecia de usar as palavras e escutar. Demorei muito tempo para falar qualquer coisa, e ficava chato pedir para ele repetir o que tinha dito, então apenas sorri e concordei com a cabeça.

Ele gesticulou para que eu entrasse no elevador primeiro, como um cavalheiro.

— Qual andar? — perguntou ele.

— Décimo sexto.

Seu sorriso ficou mais largo.

— O meu também. Você deve ser minha nova vizinha.

— É, eu me chamo Yara. Nasci e cresci em Honey Creek, mas me mudei para cá hoje. Última caixa da mudança — falei, indicando com a cabeça a caixa de papelão que segurava.

— Posso te ajudar com ela? — perguntou ele.

Pronto.

Eu estava caidinha.

Minha primeira paixonite em séculos!

Aquela situação merecia um desfile de rua. Ou pelo menos uma taça de champanhe barato da loja da esquina.

Eu estava oficialmente a fim do moço do elevador, Jake. Ou John?

Não, não. Era Jake. Tinha que ser Jake.

E Jake era *deliciosamente* bonito. Tinha cabelo louro-escuro raspado, olhos cor de mel, o corpo de um participante de *American ninja warrior* e um sorriso travesso que fez minhas bochechas esquentarem. E aquele sotaque!

As pessoas sempre dizem que mulheres precisam sair de casa para conhecer gente nova, mas isso é uma piada. Homens, por um acaso, também moram em prédios.

Alguns deles até têm sotaque.

CAPÍTULO 2
Yara

— Eu te odeio, eu te odeio, eu te odeio — reclamou Avery enquanto desabava dramaticamente no banco em frente ao Peter’s Café.

Ela pingava de suor e arrependimento, arfando e bebendo até a última gota de sua garrafa de água. Seu cabelo preto normalmente liso estava cheio de frizz e encharcado embaixo do boné que ela usava virado para trás. E aqueles olhos castanhos teriam me matado se pudessem.

Fiquei rindo diante do péssimo humor matinal da minha irmã.

— Que ranzinza.

— A gente acabou de fazer uma caminhada de duas horas com três huskies que começou às seis da manhã — disse ela, gesticulando para os três cachorros enormes sentados diante de nós em suas coleiras. — Já te falei várias vezes, não gosto de trilhas.

— Você adora nossas trilhas matinais — falei. — Elas são o ponto alto dos seus dias!

— Só porque meus dias são chatos — respondeu ela, seca. — Sabe qual foi minha parte favorita da caminhada?

— Qual?

— Quando ela acabou. Da próxima vez, me lembra de nunca apostar com você em uma partida de Scrabble.

— Você sabe que sou invicta nesse jogo. Foi um erro grave achar que conseguiria me vencer.

Ela revirou os olhos.

— Não enche, Yara.

Eu sorri, sabendo que a irritação de Willow só fazia meu amor por ela aumentar. Todo Tigrão precisava de um Ió. Bem, eu não podia nem alegar ser o Tigrão — esse era o papel de Willow. Minha irmã tinha tanta energia que eu não conseguiria acompanhá-la nem se tomasse dez cafés expressos. Ela era o nosso Tigrão. Eu estava mais para o Ursinho Pooh, se muito. Eu evitava usar calças em

casa, era um pouco ingênua e adorava mel — especialmente em cima de uma torrada com abacate.

— Acho que você está começando a gostar de fazer trilha — provoquei, cutucando-a.

— Tenho bolhas suficientes nos pés para afirmar isso — respondeu ela. Assim que as palavras saíram de sua boca, um caminhão de mudanças passou por nós. Avery fechou ainda mais a cara. — Você percebeu que tem um monte de gente nova vindo morar aqui? Que esquisito.

— Nossa pequena Honey Creek está crescendo.

— Odeio crescimento.

— Você odeia tudo.

— Verdade.

— Ter novas pessoas e negócios na cidade é meio empolgante — falei.

Ainda mais se essas pessoas tiverem um pênis, não usarem aliança e não fizerem a *menor* ideia de quem era Cole Parker.

Ela gesticulou para o outro lado da rua.

— Você acha isso aí empolgante? Para mim, tem um clima de "trazer a cidade grande para a cidadezinha".

Em frente ao Peter's Café ficava o velho cinema. Bem, era o velho cinema antes de começar a ser transformado num restaurante chique que estava prestes a inaugurar. Ele se chamava Isla Iberia e era a coisa mais bizarra em nossa cidade. Não me leve a mal, o lugar era lindo. Só destoava de tudo.

— É como um peixe fora d'água — cantarolou Avery, em um tom de voz grave. — Tem um ar meio metido, né? — comentou ela, olhando para o novo restaurante do outro lado da rua. — Um tanto exagerado.

— Faz doer os olhos — concordei, olhando para o restaurante de vários andares, em tom brincalhão.

Desde quando restaurantes tinham mais de um andar? Onde o dono achava que estávamos? Em Chicago?

— Uma atrocidade — disse ela.

— Uma poluição visual.

— Aposto que vão usar guardanapos de pano em vez de papel.

Estremeci só de pensar nisso.

— Aposto que as pessoas não vão poder entrar de calça jeans.

— Você conheceu o dono, Alex? Como ele é seu vizinho de loja, achei que seus caminhos talvez já tivessem se cruzado.

— Não. Não conheci. Já o vi por aí, mas nunca nos falamos. Ele também mora

no meu prédio. Eu o vi saindo com uma bolsa de academia pendurada no ombro hoje cedo.

Ele também era bem bonito, com a pele bronzeada. Seus olhos castanho-escuros, que lembravam cor de café, combinavam muito bem com o cabelo castanho bagunçado e a barba. Ele não sorria tanto quanto JohnJake. Eu tinha minhas dúvidas se Alex Ramírez sabia sorrir. Ainda assim, o fato de dois homens extremamente bonitos morarem no meu prédio era *muito* promissor.

Avery revirou os olhos.

— Outro esquisito que gosta de fazer exercícios de manhã. Que ótimo. — Ela afastou do rosto as mechas de cabelo que haviam escapado. — Ouvi que o cara é um babaca. A Mary Sue encontrou com ele na semana passada. Ela disse que ele a chamou de vaca depois de ela falar que ele era um merda que estava destruindo nossa cidade. Dá para acreditar? A fofa da Mary Sue sendo chamada de algo tão grosseiro.

Eu ri, sabendo que as palavras da minha irmã estavam carregadas de sarcasmo. A única coisa fofa que Mary Sue tinha era sua pitbull Estrela.

— O papai disse que outras pessoas da cidade andam enchendo o saco dele. Adolescentes ficam vandalizando a fachada — falei. — Eu me sinto mal por ele.

Imagine alguém tentar realizar um sonho e ser recebido de forma tão hostil. Era por causa de pessoas como Mary Sue West que cidades pequenas tinham reputação ruim.

— Mas é esquisito — continuou Avery. — Esse restaurante é tão chique que daria certo em qualquer outro lugar. Pesquisei o nome dele. Ele tem outros quatro restaurantes muito bem-sucedidos pelo país. Dois têm estrelas Michelin. Não é qualquer um que consegue.

Isso era estranho *mesmo*. E como ele tinha ficado sabendo da existência de uma cidadezinha como Honey Creek? A maioria das pessoas ignorava nosso lar e acabava seguindo direto para Chicago. Nós costumávamos passar despercebidos.

— Não é todo dia que um chef com estrelas Michelin abre um restaurante em Honey Creek, Illinois — concordei.

— As coisas estão mudando por estas bandas — comentou Avery com um olhar decepcionado. — Você ficou sabendo que vão instalar um semáforo na semana que vem?

Arqueei uma sobrancelha.

— Nem brinca com isso. Ninguém vai instalar semáforo nenhum.

Ela fez que sim com a cabeça.

— Vai ficar bem na esquina da Elk Street com a Honey Avenue.

Estremeci diante da ideia.

— Daqui a pouco, a loja de ferramentas do Al vai ser substituída por uma rede tipo Home Depot, e nossa feira de rua vai virar um supermercado imenso.

— Vira essa boca pra lá — alertou Avery, apontando um dedo para mim. — Vou fazer um escândalo se não puder fazer minhas visitas semanais à loja da dona Ruth para comprar flores.

— Bom dia, meninas — disse Milly West enquanto caminhava energicamente, como fazia todas as manhãs. Ela continuou marchando sem sair do lugar enquanto olhava para os operários pendurando a placa do restaurante novo. — Dá para acreditar numa coisa dessas? Um empreendimento tão sinistro na nossa cidadezinha?

Milly West tinha 60 e muitos anos e era conhecida por seus discursos dramáticos. Não era de surpreender que ela e Mary Sue fossem parentes *muito* próximas — gêmeas. Nós as chamávamos de Fofoca e Fofoquinha. Elas viviam tagarelando, apesar de nunca dizerem nada com nada. Na semana anterior, Milly tinha falado que uma borboleta a seguira até em casa, e que devia ser um robô programado pelo governo para gravar todos os seus movimentos. Eu não tive coragem de dizer a Milly que sua vida não era interessante o suficiente a ponto de o governo desperdiçar suas borboletas robóticas com ela.

— Sinistro parece exagero — respondi com um sorriso.

— Não. É sério. Aquele dono tem uma aura muito sombria. Ouvi falar que ele é do sul de *Chicago* — disse ela, sussurrando a palavra Chicago como se fosse carregada de pecado.

— Ah, é? — perguntou Avery com uma sobrancelha arqueada.

— É. Do *sul* — repetiu Milly, estremecendo sem parar de marchar no mesmo lugar. — Vocês sabem, o pessoal desse lado da cidade usa drogas! *Muitas* drogas. Não queremos esse tipo de coisa na nossa cidade tranquila.

— É, você tem razão, Milly. Ninguém *nunca* usou drogas em Honey Creek. Talvez esse bad boy até coloque drogas nos pratos do restaurante — comentou Avery, sarcástica.

Havia uma boa chance de ter mais drogas na nossa cidade do que Chicago. Aqui os jovens pegavam pesado nas festas.

Infelizmente, Milly tinha dificuldade em detectar sarcasmo. Ela arfou e levou uma das mãos ao peito.

— Ah, você tem razão. Outro dia, assisti a um vídeo no YouTube sobre pessoas que colocam cocaína nos brownies. Ou talvez fosse maconha. Como se

já não bastasse aquele Nathaniel ter voltado à cidade, agora teremos que conviver com outro traficante.

Avery arregalou os olhos.

— Que Nathaniel?

— Você sabe. — Ela acenou com uma das mãos, buscando as lembranças na mente. — O filho da Lesley, que foi embora para jogar beisebol e se meteu em encrenca.

— Nathan Pierce? — perguntou Avery, alerta. — Ele voltou para a cidade?

— Aham. Ele andou aparecendo por aqui. Mas, no geral, fica só na fazenda da mãe. É uma pena. Ele deixou uma marca ruim nesta cidade. Acho péssimo ele ter voltado. Vocês não concordam?

— Não tenho opinião nenhuma sobre esse homem — disse Avery entre os dentes.

O que significava que ela tinha, sim, uma opinião bem firme sobre ele. Nathan e minha irmã tinham um passado que pouca gente conhecia. Talvez fosse um segredo para muitos, mas eu sabia muito bem que Nathan Pierce tinha sido o primeiro amor de Avery. Ele não era um amor que tinha escapado — era um amor que tinha saído correndo, que tinha saído *em disparada*, deixando o coração de Avery em pedaços.

Milly piscou algumas vezes antes de olhar para o restaurante e então voltou a nos encarar. Ela se inclinou como se fosse sussurrar, mas continuou falando no mesmo tom de voz alto.

— O que seu pai pensa disso tudo? Ficou meio feio a equipe dele ajudar na construção — comentou ela. — Não acredito que o Matthew aprove um projeto desses.

— O Matthew faz o que bem entende — berrou papai do outro lado da rua, fazendo Milly dar um pulinho.

Ela se virou para olhar para papai, exibindo um sorriso largo. Ele inclinou o capacete que estava usando para Milly, que ficou ruborizada na mesma hora.

Muitas mulheres da cidade reagiam assim a papai. Seu charme fazia até as mais maldosas ficarem acanhadas. Elas se comportavam como se ele fosse uma versão de Shemar Moore do interior. Outro dia, escutei uma mulher falando que adoraria que meu pai pegasse sua marreta e batesse contra o arbusto entre as pernas dela. Mais um motivo para procurar terapia para pessoas traumatizadas.

— Bom dia, Matthew. — Milly acenou na direção dele.

— Bom dia, Milly. Essa roupa de academia ficou bonita em você — disse ele, galanteador, fazendo com que eu e Avery revirássemos os olhos.

Milly alisou o conjunto com as duas mãos.

— Ah, esta velharia? Comprei no brechó por dez pratas.

Uma verdade sobre nós do Meio-Oeste: quando encontrávamos um bom negócio, espalhávamos a notícia para todos que quisessem ouvir.

— Dez pratas que te deixaram nota dez — respondeu papai com uma piscadela.

— Alguém me mata — resmungou Avery, me cutucando.

Milly ficou ainda mais corada e gesticulou para papai parar.

— Ah, Matthew Kingsley, para de besteira e vai trabalhar.

— Sim, senhora — disse ele antes de dar uma piscadela sarcástica para mim e Avery.

Saber identificar a diferença entre as piscadelas de papai era essencial. Cada uma tinha um significado. Esta última dizia: “Essa intrometida da Milly não cansa de ser mal-educada.”

Milly pigarreou.

— O pai de vocês é uma figura, meninas.

— A gente escuta isso o tempo todo — respondi.

— É verdade que ele levou a Laura Wilkes para jantar no fim de semana passado? — perguntou ela, se inclinando para perto, ainda sem sussurrar.

— Nós preferimos não nos meter na vida do nosso pai — respondeu Avery, séria. — Nem na vida de ninguém, na verdade.

Milly concordou com a cabeça.

— Pois é, eu também. Não gosto de fofoca. Isso é coisa de quem não tem mais o que fazer. Tudo bem, meninas. Preciso ir antes que a minha frequência cardíaca diminua demais. Mas fiquem de olho nesse tal de Alex Ramírez. Brownies de cocaína são um problema sério. Vou anotar o endereço do YouTube para vocês assistirem ao documentário. Tchauzinho!

— Tchau, Milly — falamos eu e Avery juntas, acenando para ela.

Quando Milly saiu de vista, Avery fingiu vomitar.

— Então, sobre o garoto que não presta ter voltado para a cidade — comentei.

Não me leve a mal, Nathan não era uma pessoa terrível. E ele sempre foi legal comigo e com minhas irmãs. Mas ele era o bad boy da cidade quando éramos mais novas. Sempre achei que Avery tinha se apaixonado por ele por causa de seu charme, sua impetuosidade e sua boca suja.

— Não fale dele — alertou Avery.

— Avery…

A postura dela se tornou tensa, e ela balançou a cabeça enquanto encarava um

relógio invisível no punho.

— Nossa, mas olha só! Está na hora de eu ir para a escola. Preciso arrumar o ginásio antes do treino de hoje.

Avery não só era a treinadora do time de beisebol, mas também, durante o ano letivo, era a chefe do departamento de educação física.

Ela se levantou com um pulo, um sinal claro que berrava: *"Não vou falar sobre Nathan Pierce hoje, Yara."*

Entendi a mensagem em alto e bom som, mas sabia que teríamos que tocar no assunto em algum momento. Nossa cidade era pequena demais para fingir que Nathan não acabaria esbarrando em Avery.

— Tudo bem, tudo bem. A gente se fala mais tarde — concordei.

Avery abraçou os cachorros uma última vez antes de seguir na direção oposta à minha. Minha irmã detestava a maioria das pessoas, mas adorava cachorros — meu tipo de garota. As pessoas decepcionavam umas às outras mais do que cachorros seriam capazes de fazer.

— Tchau, papai! — berrou ela, acenando para o outro lado da rua.

— Tenham um bom dia, meninas — respondeu ele, acenando para nós duas.

Enquanto eu me despedia dele, o dono do restaurante, Alex, saiu pela porta. Ele disse algo para papai e apontou para a placa quase pendurada.

Eu me endireitei na cadeira e inclinei a cabeça para Alex. Ele estava todo de preto e tinha ombros largos. Sua barba estava perfeitamente aparada, e o cabelo castanho-escuro era um pouco comprido, porém raspado mais curto nas laterais. De maneira surpreendente, ele se agigantava sobre papai, que tinha mais de um metro e oitenta. O homem cruzou os braços em frente ao peito, exibindo certa intensidade no olhar enquanto escutava o que papai dizia sobre o projeto. Ele concordou com a cabeça antes de olhar para mim do outro lado da rua.

Nossos olhares se encontraram, e senti um calafrio percorrer meu corpo no mesmo instante. O olhar dele era direto e frio. Olhos castanhos não eram nada gentis. Era quase como se ele não me visse, que seu olhar me atravessasse. Nunca me senti tão invisível. Desviei os olhos no mesmo instante, e minhas bochechas esquentaram com a estranheza daquele olhar.

Ele tinha o que Avery chamava de cara de babaca. Uma expressão facial ranzinza, dura, inacessível.

Mas Milly tinha razão sobre uma coisa: aquele homem era muito sombrio.

Isso é, sombrio, alto e bonito.

Tudo nele era delicioso — até seu olhar sério.

Alex podia estar destruindo nossa cidade tranquila com seu restaurante, mas

fazia isso com uma beleza espetacular.

CAPÍTULO 3
Alex

Nos fundos de uma casa de quatro quartos em Chicago, um closet continha uma caixa de diários que não eram meus. A casa ecoava com o silêncio, com as memórias dos últimos anos entalhadas em suas paredes. Havia dezenas e dezenas de diários de estilos e tamanhos diferentes.

Alguns tinham capas de couro, outros, de madeira. Alguns eram coloridos, outros não tinham cor. Nenhuma página estava vazia, nenhuma linha fora poupada. As palavras se misturavam em letra cursiva. Algumas eram mais difíceis de ler do que outras. Ainda assim, todas eram dela. Todas as páginas estavam preenchidas com as batidas do seu coração.

Dentro daqueles diários estava a vida de minha tia-avó Teresa, uma alma vivaz.

Dentro daqueles diários estavam seus triunfos e sofrimentos secretos. Seus altos e baixos.

Fiquei sentado no chão do closet da casa de quatro quartos, folheando os diários. Eu devia estar fazendo um milhão de outras coisas que seriam necessárias para botar a casa à venda em algumas semanas, mas os diários dela diminuíram meu ritmo.

Eu quase conseguia senti-la nas gotas de tinta no papel. Quase conseguia enxergá-la nas letras. Quase conseguia escutá-la nas palavras.

E não sabia se isso era uma maldição.

Sentado ali, comecei a organizar os diários em ordem cronológica. No primeiro, Teresa tinha 16 anos. A ideia de Teresa jovem fazia minha mente entrar em parafuso. Como ela era? O que ela pensava?

Provavelmente havia um castigo especial reservado para pessoas que liam o diário dos outros, mas como Teresa não estava mais por aqui, achei que não faria mal, porque eu não estava pronto para abrir mão dela. Eu não estava preparado para perdê-la por completo. Ler suas palavras e saber o que passava em sua mente me dava a sensação de que eu ainda tinha um pouquinho mais de tempo em sua companhia.

Era disso que eu precisava — um pouquinho mais.

Querido diário,

Odeio os Estados Unidos. Odeio Honey Creek. Quero voltar para Madri.

Mas pelo menos o Peter é bonitinho.

— Teresa

— Tudo bem aí? — disse uma voz, me obrigando a fechar o diário. Eu me virei e vi Noah atrás de mim. Nós éramos melhores amigos havia anos. Seu cabelo castanho oleoso estava preso em um rabo de cavalo, e ele secou a testa suada. Junto com a noiva, Mandy, ele tinha vindo me ajudar a organizar a casa antes de colocá-la à venda. Ele arqueou uma sobrancelha na direção da caixa. — O que é isso?

— Nada. Diários antigos — respondi, já me levantando.

— Os diários dela?

— Aham.

— Cara. — Ele suspirou, esfregando a testa com uma das mãos. — Que difícil. Como você está se sentindo?

Atarefado. Cansado. Sobrecarregado. Triste.

Principalmente triste.

— Estou bem — menti. — Estou tranquilo.

Algumas horas antes, eu tinha recebido um telefonema do hospital informando que Teresa havia falecido. Minha mente ainda não entendera que ela havia partido. Então eu estava me distraindo.

Noah ficou me olhando como se não acreditasse em mim, mas não forçou a barra. Ele me conhecia havia tempo suficiente para saber que eu me fecharia se fosse pressionado. Eu não era como ele — de expressar as emoções. Quando Noah ficava triste, ele dizia que estava triste. Ele chorava, desabava e lidava com os próprios sentimentos. Por outro lado, eu guardava essas merdas tão fundo na minha alma que chegava a esquecer que tinha traumas para resolver até eles explodirem dentro mim quando alguém queimava algo no restaurante.

Pouco saudável? Sim. Um fato? Sem dúvida.

— Eu e a Mandy resolvemos as coisas para o velório, então você não precisa lidar com isso. Já cuidamos de tudo — avisou Noah.

— Valeu — murmurei, arregaçando as mangas.

E agradeci de coração. Eu não queria ter que fazer isso, e Noah deu conta de

tudo, resolvendo o problema. Mandy também estava lá para ajudar, cuidando de qualquer pendência que tivesse ficado para trás.

Pena que eu não iria ao velório.

Eu não gostava dessas coisas.

Mas não diria isso a Noah, porque ele tentaria me convencer a ir. Eu estava cansado demais para discutir. Cansado demais para sentir. Cansado demais para existir.

Olhei para o relógio.

— Preciso resolver umas coisas no restaurante novo.

Noah estreitou os olhos.

— Você tem dormido, cara?

— Eu estou bem — menti de novo.

— Você parece esgotado, com isso tudo e a inauguração chegando.

— A vida é assim mesmo. — Tudo se esgota.

Ele coçou a nuca.

— Se você precisar de ajuda com alguma coisa…

— Você já fez o suficiente, Noah — disse enquanto Mandy entrava no quarto.

Ela sorriu para mim, e me esforcei para sorrir também, mas não consegui. Às vezes, estar perto de Mandy confundia minha mente, porque ela se parecia muito com a irmã, Catie. Eu havia achado que Catie era a protagonista da história da minha vida, mas ela acabou se mostrando apenas uma coadjuvante.

Talvez até uma vilã.

Pisquei e afastei o olhar dos dois.

— Preciso ir. Valeu de novo pela ajuda, pessoal.

— Quer que a gente tire essa caixa do closet? — perguntou Mandy, apontando para os diários.

— Não — respondi. — Podem deixar aí. Vou dar uma olhada nela mais tarde.

Eu tinha levado tortadas.

De maçã, pêssego e ruibarbo, para ser exato.

Quando cheguei ao restaurante novo, Isla Iberia, parei na frente dele bem a tempo de ver adolescentes passando de bicicleta com tortas na mão esquerda.

— Cai fora da nossa cidade! — berraram eles antes de jogarem as tortas na minha vitrine, todas acertando o alvo.

Cinco tortas. Cinco sujeiras. Um Alex fulo da vida.

Do nada, outro garoto em uma bicicleta passou correndo e jogou uma torta na minha direção, me acertando bem na cara.

A fôrma descartável de papel-alumínio escorregou pelo meu rosto e pela minha camisa até cair na calçada. De todos os dias em que eles poderiam me perturbar, escolheram aquele em que eu estava mais arrasado.

Furioso seria pouco para descrever como eu me sentia. Minhas mãos se fecharam em punhos enquanto eu tentava me segurar para não ir atrás dos adolescentes e dar uma surra neles.

Todos eles riam enquanto se afastavam depressa, então fiz o que qualquer adulto respeitável de 34 anos faria — mostrei o dedo do meio.

— É assim que você costuma interagir com crianças? — perguntou alguém atrás de mim.

— Só quando elas são babacas — respondi.

— Ah, você sabe como é. É coisa de garoto.

Como se esse raciocínio nunca tivesse causado algo terrível como, ah, sei lá… guerras nucleares.

Ao me virar, vi que o homem que falava comigo estava fardado. Eu me empertiguei um pouco e acenei com a cabeça.

— Policial.

— *Delegado* — corrigiu ele, inclinando o chapéu na minha direção. — Mas o pessoal da cidade me chama de Cole.

— Tudo bem, delegado.

Ele arqueou uma sobrancelha.

— Eu disse que o pessoal da cidade me chama de Cole — repetiu ele.

— Não sou da cidade.

— É, dá para perceber.

— Você não devia ir atrás daqueles garotos pelo que fizeram no meu restaurante? — reclamei.

— Por causa disso? É só um pouquinho de torta. Encare como um presente de boas-vindas.

Que ótimo. Um policial que não fazia o próprio trabalho. Ele provavelmente também teria me jogado torta, se tivesse uma.

Ele gesticulou para o prédio.

— Eu cresci neste lugar quando era um cinema. Meu avô era o dono. Eu e minha esposa tivemos nosso primeiro encontro aqui. Bem, *ex*-esposa. Mas essa parte de *ex* já vai passar.

Eu detestava pessoas que gostavam de falar demais sobre a própria vida com desconhecidos. Eu mal falava da minha vida com pessoas que conhecia desde que me entendia por gente. Era bem provável que Noah nem soubesse meu nome

do meio. No ano passado, tinha sido Catie quem contara para ele que não estávamos mais juntos. Meu relacionamento de cinco anos havia acabado e eu nem tocara no assunto com ele.

Ele me mandou uma mensagem assim que descobriu: “Você e a Catie terminaram?” Eu respondi: “Aham.” E a conversa ficou por isso mesmo. Nada mais, nada menos. Eu preferia guardar meus problemas para mim.

O delegado parecia ser o oposto. Ele continuou me contando idiotices que não me interessavam nem um pouco.

— Minha família é dona desta cidade. Antes de falecer, meu avô deu o cinema para uma senhora.

— Teresa — falei, ficando tenso ao ouvi-lo chamá-la de senhora.

Ela era muito mais do que apenas sua idade. Ela era alegre e animada, a pessoa mais bondosa e generosa que eu já tinha conhecido. Mas eu não precisava explicar isso para aquele idiota. De novo, não era do meu feitio ficar falando da minha vida.

— É, ela mesma. A família toda ficou bem irritada, mas não teve jeito. Meu avô não era de pedir a opinião dos outros. Ele fazia o que queria, quando queria. — Ele coçou a nuca. — Nós provavelmente teríamos reclamado mais se soubéssemos que a velha o venderia para um cara montar um restaurante chique.

Minhas mãos continuaram fechadas em punhos enquanto a torta permanecia grudada na minha pele.

— Não a chame de velha — falei entre os dentes.

Ele arqueou uma sobrancelha.

— Você a conhecia?

— Ela é minha família.

— Ah. — Ele estreitou os olhos e balançou a cabeça. Dava para perceber que tinha mais a dizer, mas preferiu dar um passo para trás. — Tenha um bom dia, senhor…

— Ramírez. Alex Ramírez.

— Alex. Seja bem-vindo a Honey Creek. Se seu restaurantezinho não der certo, não leve para o lado pessoal. Algumas cidades pequenas não foram feitas para ideias de cidade grande. Você pode guardar suas facas e voltar para o lugar de onde veio — disse ele antes de ir embora.

Mostrei o dedo do meio para ele também, meu novo cumprimento favorito para todos que cruzassem meu caminho.

Eu odiava essa cidade.

Se eu tivesse coragem, odiaria Teresa por me colocar nela. Quando eu prometi

que abriria um restaurante onde ela quisesse, nem imaginava que fosse escolher esse buraco.

Bem-vindo a Honey Creek, Illinois, a pedra no meu sapato.

Antes de eu vir para cá, nunca tinha sido odiado por uma cidade inteira. Um monte de gente que não me conhecia fazia questão de me transformar no alvo de sua raiva e de seus comentários maldosos. Além de suas tortas de maçã.

Para mim, não fazia diferença como as pessoas da cidade me tratavam. Eu sabia que era um peixe fora d'água em Honey Creek, e gostava disso. A última coisa que eu queria era ser igual às pessoas daquele fim de mundo.

Mesmo assim, ali estava eu, construindo parte do meu império no território delas.

O que a gente não faz por amor.

Preparar o restaurante para a inauguração tinha demorado bem mais do que eu imaginava, mas abriríamos oficialmente em algumas semanas. Selecionar a equipe era um problema maior ainda, já que a maior parte dos moradores locais era contra minha presença em sua cidadezinha. Além do mais, eu tinha quase certeza de que a documentação e as autorizações necessárias estavam demorando a sair simplesmente porque não me desejavam ali.

Isso não tinha muita importância para mim, porque a cidade não tinha importância. Contratei profissionais dos arredores de Honey Creek. Não é difícil encontrar colaboradores quando se tem uma ou duas estrelas Michelin. Além do mais, eu pagava bons salários e oferecia benefícios incríveis aos meus funcionários.

A única moradora de Honey Creek que contratei foi Tatiana Silva — cuja personalidade era mais escandalosa do que um parquinho cheio de crianças pequenas.

— Você prefere que eu te chame de chef ou de Alex? — perguntou ela ao entrar no restaurante depois que eu finalmente terminei de limpar a sujeira das tortas.

— Tanto faz — respondi, guiando-a até uma mesa para começar o processo da entrevista.

— Vou te chamar dos dois então. Para que nunca saiba o que esperar.

Tatiana se sentou. Usava cores vibrantes, rosa e amarelo em tons néon. Ela devia ter uns 60 e poucos anos, e sua roupa animada parecia desinteressante em comparação à personalidade expansiva.

Tatiana andava com um ar confiante que eu nunca tinha visto em ninguém. Ao chegar à entrevista para o cargo de gerente, já começou dizendo que o emprego

era dela.

Fiquei um pouco embasbacado.

— Sou a melhor coisa que pode acontecer para o seu restaurante — informou Tatiana ao se sentar diante de mim. — Sou o melhor dos dois mundos.

— Como assim?

— Bom, eu cresci em Honey Creek. Conheço bem a cidade e as pessoas. Tenho todas as conexões locais de que possa precisar. E dá para perceber que você precisa de algumas.

Eu queria me sentir ofendido, mas ela não me deu tempo.

Tatiana falava com as mãos. Cada palavra que saía de sua boca era acompanhada por gestos, fazendo-a parecer maior que seu pequeno corpo. Teresa falava do mesmo jeito.

Eu nem imaginava que ver uma simples característica de Teresa em outra pessoa faria com que eu me sentisse tão reconfortado. Era como vê-la em Tatiana.

Ela continuou:

— O problema é que a cidade tem medo de novidades. Não é culpa de ninguém. Crescer em uma cidade pequena significa crescer com tradições. Não há nada de errado nisso. Eu adoro uma boa tradição, e Honey Creek está cheia delas. Mas acho que as melhores coisas da vida são uma mistura de tradição e novidades. Se Deus quisesse que permanecêssemos iguais para sempre, não teria feito todos tão diferentes uns dos outros. Acho que é por isso que devemos misturar as coisas; para criar algo ainda mais especial. Além disso, toda tradição foi uma novidade um dia. Então posso te ajudar com o pessoal da cidade. Posso ajudar as pessoas a se sentirem confortáveis com sua presença aqui, e, quando você se der conta, *bum!* Jantar no Isla Iberia nas noites de sábado será uma nova tradição.

— Como você faria isso? E por que você acha que é a pessoa certa para o trabalho?

— As pessoas vão entrar no restaurante se me virem sorrindo na entrada. Mas também passei uns vinte anos trabalhando nos melhores restaurantes cinco estrelas de Chicago. Você tem o meu currículo. Pode ver aí.

— Sim.

— Então não existe ninguém melhor para o cargo. Sou talentosa, habilidosa, e uma ponte entre você, o figurão da cidade grande, e o pessoal daqui, da cidade pequena. Claro, você pode contratar alguém de fora, com certeza vai encontrar muitos candidatos. Já fui bastante ao seu restaurante em Chicago. Você é mais do

que talentoso no que faz, chef.

— Obrigado pelo elogio.

— E não estou tentando puxar o seu saco, apenas falando a verdade. Então… — Tatiana estendeu a mão para mim. — Quando eu começo?

Eu a contratei na mesma hora.

Depois de todas as tarefas do dia, fui lá para fora e fiquei olhando para o restaurante à minha frente.

— Prontinho, Teresa — murmurei.

Os funcionários ainda teriam mais alguns dias de treinamento, e então começaríamos a trabalhar.

Uma onda avassaladora de culpa me dominou enquanto eu estava parado diante do restaurante. Eu havia demorado demais para resolver tudo. O lugar devia ter sido inaugurado meses antes.

Teresa nem veria o cardápio que eu tinha criado com ela mais de um ano atrás. Foi por causa dela que eu misturei as culinárias caribenha e espanhola. Eu jamais abriria um restaurante de cozinha *fusion* sem as orientações dela.

Ainda assim, eu sabia que ela ficaria orgulhosa. Sabia que aquele lugar seria importantíssimo para ela, mesmo que não fosse nada para mim.

— Você tem um minuto, chef? — perguntou alguém às minhas costas.

Olhei por cima do ombro e dei de cara com uma pessoa que eu jamais imaginaria ver parada atrás de mim.

— Você é o Nathan Pierce — falei sem pensar, chocado ao me deparar com um jogador profissional de beisebol.

Ele tinha um cabelo castanho-escuro num corte degradê e era alguns centímetros mais alto do que eu. Apesar de Nathan não ter o mesmo porte que tinha quando jogava na Major League Baseball, era nítido que ele continuava em boa forma, algo impressionante depois das matérias que tinham sido publicadas sobre ele nos últimos anos. Na mais recente que eu tinha lido, ele havia desmaiado no meio da Las Vegas Strip. Só que isso tinha sido anos antes. Ele havia sumido da mídia. Nos últimos tempos, ele basicamente se tornara um fantasma.

Mas lá estava ele, no fim de mundo em Honey Creek, olhando para mim. E segurando uma caixa imensa de frutas e legumes.

— Sou eu mesmo, e você é o Alex Ramírez.

— As notícias correm rápido em cidade pequena.

Ele assentiu com a cabeça.

— Sem dúvida.

— Pois é. Nossa. Sou seu fã. E eu adoraria conversar, mas preciso voltar ao trabalho — falei, começando a seguir para o restaurante.

— Espera. Preciso falar com você — disse Nathan.

— Comigo?

— É. Eu conversei com a Tatiana agora há pouco.

Estreitei os olhos, confuso.

— Sobre?

— Voltei para a cidade para ajudar na fazenda da minha família. Ouvi boatos de que iria abrir um restaurante chique na minha velha área. Precisei vir ver com meus próprios olhos.

— Você mora neste inferno?

Nathan abriu um sorrisinho e riu.

— Nascido e criado. Até batizaram o campo de beisebol de Campo Pierce em minha homenagem. Tenho a impressão de que se arrependeram depois. Enfim, como eu disse, precisamos conversar.

— Sobre?

Ele apontou com a cabeça para a caixa em suas mãos.

— A fazenda Honey. O orgulho da minha família. Queremos colaborar com o restaurante para fornecer frutas, legumes e carne para você e sua equipe.

— Já tenho todos os fornecedores, e…

— E você devia pensar melhor. Ninguém tem ingredientes melhores do que a fazenda Honey. Prometo.

— Você não devia fazer promessas que não pode cumprir.

— Confia em mim. Eu cumpro minhas promessas. — Ele enfiou a mão na caixa e me entregou uma beringela. Se alguém me dissesse que eu seguraria a beringela de Nathan Pierce antes do fim do dia, eu não acreditaria de jeito nenhum. — A caixa toda é sua para testar. Acrescentei até ovos e carne do açougue dos meus irmãos. Você vai ver a diferença na qualidade. Você nunca experimentou nada tão bom.

Estreitei os olhos.

— Duvido muito.

— Não me importa se você duvida. É a verdade.

Balancei a cabeça.

— Não é todo dia que um jogador de beisebol profissional se oferece para ser fornecedor dos meus restaurantes.

— Ex-jogador de beisebol profissional. Não jogo mais.

— Por quê? — perguntei. — O que houve?

As narinas dele dilataram-se um pouco, e ele balançou a cabeça para dispersar a irritação.

— Se você me levar à sua cozinha e preparar alguma coisa com estes ingredientes, eu te conto.

Eu ri.

— Você não vai me contar.

Ele deu de ombros.

— Só tem um jeito de você descobrir.

— Por que você quer tanto trabalhar comigo?

— Por alguns motivos. Primeiro, porque minha mãe não anda bem de saúde, e quero ajudá-la com a fazenda. Meus quatro irmãos fazem um ótimo trabalho, mas sei que tem sido pesado para eles. Sou o chefe da família e não cuidei das coisas como deveria depois da morte do meu pai. Voltei para consertar isso. Em segundo lugar, você é dono do meu restaurante favorito em Los Angeles e do meu segundo favorito em Chicago. Se quero que a fazenda da minha família se torne a melhor, preciso trabalhar com o melhor. Se a fazenda Honey for sua fornecedora, nossa vida pode mudar. Quando fiquei sabendo que você abriria um restaurante na minha cidade natal, pareceu ser o destino. Simples assim.

— Não quero ofender, Pierce, porque sou muito seu fã. Muito mesmo. Se meu melhor amigo, Noah, soubesse que recusei a oportunidade de trabalhar com você, ele me encheria o saco, mas a verdade é que não posso correr riscos.

Ele chegou mais perto.

— Não sou um risco.

Com base nas matérias que eu tinha lido, ele era um risco maior do que eu estava disposto a correr. O restaurante já teria obstáculos suficientes. Eu não precisava de um ex-jogador de beisebol com um histórico de vícios alimentando mais fofocas pela cidade.

— Com o seu passado…

— Todo mundo tem um passado — disse ele, sua voz grave cheia de arrependimento. — Mas isso não me define. Me dê uma chance de mostrar que a fazenda Honey é o melhor para você, chef. Só quero ter a chance que ninguém nesta cidade me dá.

Senti uma pontada no peito. Fazia pouco tempo que eu estava em Honey Creek, mas dava para perceber que era um lugar que guardava rancor de pessoas e remoía demônio do passado. Se eu, que era novo ali, era tratado daquele jeito, só podia imaginar como atormentavam Nathan. As palavras “fracassado” e “drogado” deviam ser frequentes.

Eu realmente odiava aquela cidade.

Arqueei uma sobrancelha.

— Você jura que seus produtos são bons?

— Melhores do que você imagina.

Nathan Pierce estava me chamando de chef. Eu estava me controlando ao máximo para não pedir um autógrafo. Claro, ele tinha enfrentado problemas depois de abandonar a Major League, mas ninguém conseguia pará-lo em campo. Ele estava no caminho para o estrelato antes de se machucar na final do campeonato mundial. Depois disso, parecia que ele havia se perdido em um trio de problemas: festas, drogas e depressão.

Eu me perguntava onde ele estaria se a lesão nunca tivesse acontecido.

Noah ficaria doido quando eu contasse essa história para ele.

— Beleza — respondi. — Vou cozinhar isso tudo e te aviso.

Nathan apertou minha mão depois de me entregar a caixa.

— Eu agradeço, chef. Obrigado. Meu cartão está na caixa, e você pode me ligar. Pode até visitar a fazenda, e o açougue dos meus irmãos fica aqui na rua.

Quando Nathan se virou para ir embora, parou por um instante e olhou para a creche de cachorros, Cantinho Animal, do outro lado da rua. Enquanto ele olhava, seu rosto ficou sério. Era como se ele tivesse mergulhado fundo em uma memória.

— Tudo bem? — perguntei.

Ele balançou a cabeça para se libertar da distração. Quando voltou a olhar para mim, forçou um sorriso.

— Aham. Só vi um fantasma. Bom, a irmã de um fantasma, pelo menos.

Fiquei na dúvida se ele estava falando de fantasmas de verdade. Pelo que diziam os boatos, ele tinha usado droga suficiente para ser capaz de ver espíritos. Depois de ter ficado tantas vezes perto da morte por overdoses, a ideia não parecia tão estranha assim. Ele se despediu com um murmúrio e então, com pressa, foi na direção oposta à que seguia poucos segundos antes.

Olhei para a loja que ele analisava e senti um aperto no peito quando vi a dona entrando com outra pessoa.

Eu já tinha notado a mulher ao longo dos meses de obra. Sua beleza era inegável. Sua pele tinha um tom marrom-escuro hipnotizante, que parecia brilhar sempre que o sol a tocava. Nossos caminhos tinham se cruzado no mercado dia desses, nossos olhos se encontraram por um instante. Seus olhos grandes eram castanhos, com leves traços cor de mel. De uma beleza irritante.

Suas bochechas tinham algumas sardas e covinhas que ficavam mais fundas

quando ela sorria. Ela não era muito alta, tinha cerca de um metro e sessenta e cinco, mas sua personalidade fazia com que parecesse maior. Exuberância era algo que aquela mulher tinha para dar e vender, sem dúvida.

E ela falava como Tatiana e Teresa, com as mãos. Tudo era explosivo. Tudo era uma performance.

Naquela tarde, seu cabelo naturalmente cacheado estava preso em um rabo de cavalo. Ela usava um macacão vermelho bem solto e uma bandana amarela para completar o visual.

Parecia ser a queridinha da cidade. Pelo visto, todos gostavam dela, o que só podia significar uma coisa — ela era frouxa. Nem Gandhi tinha sido universalmente amado. Ninguém conseguia ser amado por todo mundo sem ser feito de capacho pelos outros.

Esse simples fato já me deixava com o pé atrás sobre aquela mulher. Frouxos também eram mentirosos. Talvez não mentissem para os outros, mas para si mesmos. Eles mentiam para fazer os outros se sentirem bem, o que parecia a coisa mais idiota do mundo para mim.

Por que piorar a própria situação para melhorar a dos outros? Era um atraso de vida. Eu nunca tinha cogitado me colocar em segundo lugar por causa de outra pessoa. Mentira — eu tinha me colocado em segundo lugar por causa de outra pessoa, e sabia muito bem que não valia a pena.

A mulher do outro lado da rua era uma mentirosa. Não havia nada que eu detestasse mais do que mentirosos.

Ela também ria bastante. Ninguém via graça de verdade em tantas coisas, o que só mostrava o quanto ela era falsa. Naquele momento, ela soltou uma gargalhada tão alta com a pessoa ao seu lado que meu peito pareceu reverberar o som. Isso me irritou. Por que alguém ria tanto? Nada era tão engraçado assim.

Aquela personalidade radiante me deixava de mau humor. Mas isso não me surpreendia. Era fácil me irritar. Eu convivia bem com meu gênio rabugento. Ainda mais naquele dia. Tudo estava horrível naquela tarde específica. E ver aquela mulher só piorou as coisas.

CAPÍTULO 4
Yara

Eu odiava confrontos. Ficava com urticária sempre que era obrigada a ter uma conversa difícil. E isso fazia com que administrar meu negócio fosse uma tarefa um pouco mais difícil do que eu gostaria, ainda mais quando eu não conseguia pagar as contas por ser covarde.

Havia dias que eu queria receber para sonhar acordada. Eu tinha muito talento para viver em mundos imaginários. Se sonhos passassem cheques, eu seria milionária. Minha mente conseguia me dar a ilusão de abraços reconfortantes quando a realidade me dava uma surra. O que parecia ser algo constante sempre que eu lidava com a Sra. Levels e Shirley, sua goldendoodle fofa.

— Você entende, né, Yara? Do jeito que as coisas estão ficando caras, e com todas as minhas despesas, preciso escolher entre deixar a Shirley na creche ou pagar a conta de luz.

A Sra. Levels tinha 60 e muitos anos e usava os serviços do spa e da creche de cachorros havia séculos. Ela já trazia seus animais de estimação para cá muito antes de o Sr. Parker falecer e deixar a loja para mim. Enquanto ela me contava sua terceira tragédia do mês para justificar o atraso de dois meses de pagamento, foi impossível não notar seus brincos resplandecentes de diamantes.

— Que brincos lindos, Sra. Levels — comentei. — São novos?

— Novos? Ah, nossa, não. Eu não posso gastar dinheiro com coisas assim. Principalmente agora, que ando tão apertada. — Ela cobriu as orelhas com as mãos. — São herança de família. Da minha tia-bisavó, Anita.

Sorri e assenti com a cabeça.

— É mesmo?

— Ah, sim — ronronou ela, acenando uma das mãos despreocupadamente na minha direção. — Adoro falar da minha tia Anita, mas você morreria de tédio. Só vim pedir para você cuidar da Shirley enquanto vou a outra entrevista de emprego hoje à tarde. Acho que esta vai dar certo!

— Que boa notícia. Sei que já faz um tempo que a senhora está procurando

emprego. E para que é a vaga?

Ela se levantou e levou uma das mãos ao peito.

— Caramba, Yara. Você está bisbilhoteira hoje, né? O Sr. Parker, que Deus o tenha, nunca me interrogava desse jeito. Eu só deixava os cachorros e ia embora. E sabia que ele nunca me cobrou um centavo? O Sr. Parker era um querido que fez muito por esta cidade. Espero que você honre a memória dele cuidando da creche — reclamou ela com o nariz em pé.

— Também espero, Sra. Levels. Pode levar a Shirley lá para dentro. As meninas vão cuidar dela na sala de recreação.

O tom de reclamação da Sra. Levels mudou quando ela percebeu que conseguiria o que queria de novo. Ela se derreteu em um sorriso e me deu um tapinha na mão.

— Você é um anjo, Yara. De verdade, Deus te abençoe.

— Que bondade a sua, Sra. Levels.

— Pois é. Eu sou uma pessoa muito boa mesmo — concordou ela, enquanto se virava para pegar Shirley.

Quando ela voltou, uma Shirley alegre a seguia, balançando o rabo. Shirley fez com que a irritação causada pela Sra. Levels desaparecesse em um segundo quando veio na minha direção para receber carinho. Eu queria que as pessoas fossem mais parecidas com cachorros, mas tirando a parte de comer o próprio vômito e o cocô de vez em quando. Cachorros eram verdadeiros. Pessoas… nem sempre.

Keri, uma das minhas funcionárias favoritas, levava Shirley lá para dentro quando Willow entrou na loja.

— Oi, Sra. Levels — cumprimentou ela enquanto prendia o cabelo em um coque bagunçado e apontava com a cabeça. — Tem um papel pendurado no seu brinco.

Willow se aproximou e puxou uma etiqueta que declarava que os brincos eram da Vossa Alteza, a joalheria da cidade, a um quarteirão dali.

A Sra. Levels bufou e arrancou a etiqueta da mão de Willow.

— Ora. — Ela me fitou com olhos cheios de culpa, mas sua língua era orgulhosa demais para ceder. — Achei que eu estava com outro par. Estes foram presente. Enfim, tenham um bom dia, meninas. Volto para buscar a Shirley antes de vocês fecharem.

Ela saiu correndo da loja, esbarrando em Willow na pressa e empurrando-a de leve para um canto.

— Eita. O que houve?

— Ela mentiu sobre os brincos novos e ficou dando desculpas para não pagar o que deve — expliquei.

Willow me encarou com um olhar sério.

— De novo? Yara, essa mulher tem que pagar.

Dei de ombros.

— O Sr. Parker não cobrava nada dela, então não tem problema.

— Hum, tem, sim. O Sr. Parker era um frouxo.

Eu ri.

— Frouxa é meu nome do meio.

— Então muda seu nome do meio — ordenou Willow. — Escuta, sem querer parecer a Avery, mas não interessa qual era o combinado da Sra. Levels com o Sr. Parker. Este lugar é seu agora, e você precisa cuidar dele como dona, não como funcionária.

Fiz beicinho.

— Mas é difícil!

— Grandes sacrifícios geram grandes recompensas. — Ela esfregou o nariz com o polegar. — Quer saber? Posso pedir para Avery ter uma conversinha com a Sra. Levels e fazer com que ela pague.

Balancei a cabeça.

— De jeito nenhum! A última vez que pedi para ela me ajudar foi no quinto ano e uma menina levou um soco no nariz.

— Ela te chamou de boca de ferro — argumentou ela.

— Vocês duas também me chamavam de boca de ferro.

Ela desdenhou do meu comentário com um aceno de mão.

— É diferente. Nós somos suas irmãs. O bullying é uma das vantagens de ter irmãos. Mas qualquer pessoa pode levar um soco no nariz. Eu estou falando sério, Yara. Você precisa começar a defender a si mesma e ao seu negócio. Aposto que a Sra. Levels não é a única que está com a conta atrasada, né?

Engoli em seco, sem querer mencionar que a creche andava mal — apesar de atender mais cachorros do que nunca. Talvez eu deixasse gente demais usar meu serviço fiado. Infelizmente, era eu quem vinha pagando o pato.

— Que tal você passar um dia aqui me ajudando, como disse que faria? — sugeri.

Sempre que Willow estava na cidade — o que era raro —, ela adorava me ajudar na creche. Se havia algo que amava tanto quanto suas aventuras, eram cachorros.

Willow franziu o nariz.

— A Keri está trabalhando hoje?

— Está, sim. Por que você sempre faz essa cara? A Keri é uma fofa.

— Ela tem uma aura ruim, Yara.

Eu ri.

— Para com isso. Ela só é jovem. Não tem nada de errado com ela.

— Se você está dizendo… Mas eu meio que tenho um sexto sentido.

— Você vê pessoas mortas?

— Bom, também, mas não é isso. Essa Keri me passa uma sensação estranha.

— Você está viajando.

— Talvez — concordou ela. — Ou talvez você seja tranquila demais. Olha como lida com os pagamentos. Você devia se impor — disse ela. — Ou vou pedir para Avery fazer isso por você.

Joguei as mãos para o alto, derrotada.

— Tudo bem, tudo bem, vou resolver isso.

— Se você quiser, dá um pulo no Garibaldo para relaxar. — Ela pegou minha mão. — Estou sentindo sua energia caótica.

Fiz uma careta.

— Não sou caótica.

Eu era, sim. As contas no escritório já seriam o suficiente para me causar outra crise de ansiedade. A quantidade de vezes que eu tinha entrado em pânico trancada na minha sala era bem preocupante. Eu não conseguia encontrar um jeito de sair do buraco de dívidas em que parecia estar me enfiando.

— Não posso hoje. É a Noite da Fofoca com as meninas — falei.

Ela soltou um suspiro muito dramático.

— Por que você continua andando com essa gente? Achei que se livraria delas depois do divórcio.

— Elas são minhas amigas. A gente faz a Noite da Fofoca há anos. Além do mais, elas vão conhecer minha casa nova.

A Noite da Fofoca era uma tradição em que eu e as esposas de alguns policiais íamos para a casa umas das outras para assistir a *reality shows* ruins ou a competições de culinária e tomarmos drinques chiques e fofocarmos sobre nossas vidas. Nós tínhamos acabado de terminar uma temporada de *Mordidas* e estávamos assistindo a *The Real Housewives of New York*. Eu tinha dado início à tradição depois de nossos maridos reclamarem que éramos viciadas em *reality shows*. Desde então, nós nos encontrávamos toda semana, e eu adorava.

— Dá uma defumada na sua casa depois que elas forem embora. E começa a cobrar as pessoas — aconselhou Willow antes de seguir para os fundos para

ajudar.

Bem que eu queria que o Sr. Parker tivesse pensado na minha ansiedade quando decidira me deixar o amor da sua vida. Claro, administrar a creche era meu sonho, e herdá-la tinha sido o melhor presente que ele poderia ter me dado. Mas todos os dias em que eu deixava alguém ir embora sem pagar, sentia que o decepcionava.

Todos os dias, eu queria ser direta como Avery ou corajosa como Willow. Às vezes, eu me perguntava como seria ter um sistema nervoso que não vivesse em pânico com toda e qualquer interação humana. Eu me perguntava como seria não analisar demais cada situação e conversa ao longo do dia. Mas acabei me acostumando a ser um poço de preocupação e ansiedade, que me causavam tanto embrulho no estômago que eu achava que meus órgãos corriam o risco de explodir a qualquer momento, de tanto estresse. Isso só começou depois que passei a ter meu próprio negócio. Ninguém nunca conta que empreender também é se preocupar. Minhas emoções sobre ter um negócio eram como outro emprego em tempo integral — cujo salário eram lágrimas e tequila.

Talvez fosse bom eu investir em terapia, mas, como minhas contas estavam atrasadas, só me restava fazer o que todo mundo fazia — buscar vídeos no TikTok nos quais pessoas aleatórias compartilhavam os conselhos que recebiam dos próprios terapeutas e aplicá-los à minha vida até eu me sentir melhor. Um falso curativo para a saúde mental, por assim dizer.

Depois do trabalho, fui para casa me preparar para a Noite da Fofoca. Fiz piña colada, já que as *Real Housewives* fariam uma viagem em grupo para uma ilha naquela noite. Resolvi ser temática. Por volta das sete, eu estava surpresa que todas estivessem atrasadas. Jenny era muito pontual. Rory e Rachel costumavam chegar cedo para tudo.

Mandei mensagens para elas, mas ninguém respondeu.

Por volta das sete e meia, o interfone tocou, e vi que era Lori, o que me deixou mais calma.

Sorri para minha amiga enquanto ela continuava parada no corredor do prédio.

— Oi, Lori! O que houve? Tá todo mundo atrasado, e ninguém responde minhas mensagens. O episódio já começou, mas estou gravando, então podemos ver tudo do começo quando…

— A Noite da Fofoca vai ser na casa da Rory, Yara.

Arqueei uma sobrancelha.

— Ah, é? Ninguém me avisou. Vou pegar minhas chaves, e…

— Você não foi convidada — interrompeu-me ela.

— Espera, o quê?

Ela franziu a testa e balançou de leve a cabeça enquanto prendia o cabelo ruivo atrás das orelhas.

— Meu bem, ficamos sabendo que o divórcio foi finalizado no outro dia.

— É, eu sei que vocês ficaram sabendo. Fui eu que contei.

— Pois é. Não criamos caso no último ano porque achávamos que você fosse cair em si e voltar com o Cole. Mas, como você não fez isso… — Ela suspirou. — A Noite da Fofoca foi feita para as esposas dos policiais, Yara. Para as *esposas* — repetiu ela, como se quisesse deixar claro que eu não era mais casada.

Fiquei ali, meio perplexa com aquela conversa.

— Mas fui eu quem começou o grupo.

— Foi — concordou ela. — E você fez um ótimo trabalho, eu sei. Mas… você não é mais uma esposa.

Eu ri, chocada, balançando a cabeça.

— Você só pode estar de brincadeira, Lori.

— Infelizmente, não estou. Além do mais, ia ficar meio chato se a gente continuasse saindo com você. Nossos maridos trabalham com o Cole na delegacia, e, bom, ele está arrasado com isso tudo, Yara. O Cole sempre foi um cara tão legal… Ninguém entende por que você partiu o coração dele desse jeito.

Então por que você não experimenta casar com ele, Lori Peterson?

Bufei, sentindo as lágrimas se acumularem nos olhos.

— Ele partiu o meu primeiro.

— Como? — perguntou ela. — Ele me disse que você quis se divorciar do nada. Ele contou que começou a fazer terapia e estava se esforçando, mas que você não se importou. Foi embora como se ele nunca tivesse te dado uma vida incrível. Como você acha que ele se sentiu? Sabe… eu nem ia falar nada, mas ele mencionou que desconfia de que você já esteja com outra pessoa. É verdade?

Com outra pessoa?

Eu?

Soltei uma gargalhada. Gargalhei porque não queria chorar. Eu estava chocada com as palavras dela. Com as mentiras que Cole estava contando por aí. Ele estava passando a imagem de santo, enquanto eu tinha virado a vilã da história.

— É mesmo? Foi isso que ele disse? — perguntei.

— Ah, querida — respondeu Lori, balançando a cabeça com uma expressão pesarosa. — Ele disse bem mais do que isso. — Ela se inclinou para a frente e sussurrou. — Tipo, que você só gosta de papai e mamãe. Eu me senti muito mal

por ele. Os homens não aguentam viver só de papai e mamãe. Eles têm necessidades. Você podia ter me pedido conselhos sobre essas coisas. Eu e o meu Eric somos bem ousados.

Minha boca nem conseguia formar palavras. Ao longo do último ano, eu nunca tinha falado nada de ruim sobre Cole. Eu não queria que as meninas formassem opiniões com base na minha situação. Eu sabia que todas se davam bem com ele. Por que elas não o amariam? Sob a luz do sol, ele era ótimo. Era na sombra que ele mais me magoava.

Eu não queria ser a ex que sujava o nome do cara porque estava magoada. Permaneci quieta, sem que elas soubessem dos problemas que tinha por trás de quatro paredes. Elas não sabiam que Cole podia ser bem cruel. Que ele me xingava antes de eventos porque precisava de um saco de pancadas. Que ele achava engraçado criticar meu corpo durante momentos de intimidade. Que ele ria quando eu chorava. Eu era ótima em esconder isso tudo do restante do mundo enquanto ele descontava sua raiva em mim e me humilhava. Eu era ótima em proteger sua imagem enquanto ele discretamente destruía a minha.

Ainda assim, esse tempo todo, ele estava falando mal de mim. Espalhando mentiras maldosas para parecer o herói de uma história fictícia.

E por que ele estava conversando com Lori sobre a intimidade da nossa vida sexual? Isso era extremamente invasivo e fazia com que eu me sentisse mais vulnerável do que nunca. Eu estava com tanta vergonha que, se estivesse parada nua na frente de Lori, não faria tanta diferença assim.

E, sim, eu e Cole só fazíamos papai e mamãe, mas porque ele fazia questão de me deixar insegura sobre qualquer dobra na minha barriga durante esses momentos. Imagine tentar fazer amor e ficar ouvindo de um homem que você andava bem cheinha. Imagine beijar sua boca enquanto ele sussurrava que você devia fazer dieta. Eu nunca tive vergonha do meu corpo até ele me dizer do que eu devia ter vergonha.

Lori se empertigou.

— Bom, eu preciso ir, meu bem, mas achei que você merecia que alguém te explicasse cara a cara por que você não pode mais participar da Noite da Fofoca. Sabe como é. Quando um casal termina, não dá para ficar em cima do muro. A gente tinha que escolher um lado, e como o Cole é chefe dos nossos maridos, fazia sentido ficar do lado da família. Mas a gente se vê por aí! Vamos nos falando.

— Eu entendi, Lori — falei entre os dentes —, mas acho melhor não.

Ela arfou como se estivesse chocada com as minhas palavras.

— O Cole tinha razão. Você anda bem escrota ultimamente.

Depois que ela foi embora, bebi toda a piña colada sozinha, então me joguei na cama e chorei no meu travesseiro, torcendo para ter sonhos melhores do que a realidade.

Às três da manhã, aninhada confortavelmente na minha cama queen, escutei meu despertador tocar. Fiquei rolando na cama até entender que, na verdade, não era meu despertador. Era o alarme de incêndio gritando pelo apartamento, que me deixou atordoada de pânico.

Sem pensar, me levantei da cama e comecei a correr. Por azar, eu estava dormindo de regata e calcinha, então comecei a procurar uma calça para vestir. Peguei uma calça de moletom marrom que estava jogada sobre a cadeira, no topo de uma pilha de roupas emboladas, e comecei a vesti-la com pressa. Minhas mãos tremiam de pânico ao pensar que o prédio estava pegando fogo. Não me dei ao trabalho de pegar meus óculos, então saí voando pelo apartamento sem enxergar direito, procurando minhas chaves.

Depois que as encontrei entre as almofadas do sofá laranja, calcei os chinelos, peguei minha carteira e saí apressada pela porta da frente.

— Isso é sério? — perguntou minha vizinha Pam quando pisei no corredor. Ela não parecia ter pressa alguma enquanto refletia se o incêndio era real. — A gente precisa sair?

— A regra é essa, Pam! — gritei enquanto passava direto por ela.

— Bom, vou passar meu café primeiro — disse ela. — Não consigo fazer porcaria nenhuma sem meu café.

— Não dá tempo, Pam! — berrei. — Anda logo!

— Tá, então segura o elevador para mim?

— Não se pega elevador durante um incêndio, Pam! Desce de escada — berrei por cima do ombro.

— Tudo bem, mas o meu Stanley detesta escada.

Parei.

Arregalei os olhos diante da menção a Stanley, o cachorro de Pam.

Ah, droga, Cacau!

Girei nos calcanhares e voltei correndo para o apartamento. Acabei me atrapalhando com as chaves e as deixei cair duas vezes antes de destrancar a porta e encontrar a fofa da Cacau bem na entrada, me lançando o olhar mais carrancudo possível para um cachorro. Dava até para ouvir seus pensamentos.

É por isso que você devia ter me deixado com o papai, mamãe.

— Desculpa! — exclamei, pegando a cadela e saindo às pressas do

apartamento.

— Nossa, você esqueceu a Cacau, né? — perguntou Pam, balançando a cabeça com um ar decepcionado.

— Vai logo, Pam! — ordenei antes de sair correndo pelo corredor e pela escada, até a frente do prédio.

Do lado de fora, encontrei outras pessoas paradas, esperando para ver o que estava acontecendo. Muitos estavam com os animais de estimação, enquanto Cacau me lançava um olhar mortífero que dizia: "Você ia me deixar lá sofrendo, né?"

— Já pedi desculpa — murmurei enquanto a colocava na grama para fazer suas necessidades matinais.

Ela começou a farejar a grama enquanto eu fui me sentar no meio-fio e fiquei olhando para o prédio.

Não parecia haver fumaça, o que era um bom sinal. Por outro lado, minha visão não era das melhores sem óculos ou lentes de contato.

Mas sabe o que eu conseguia enxergar muito bem? O cara de quem estava a fim. Eram três da manhã e, parado do outro lado do prédio, ele parecia ter acabado de sair de uma sessão de fotos de uma revista masculina. Mesmo sem óculos, dava para ver como ele era bonito. Caramba, eu podia apostar que ele também era cheiroso. Ele devia ter cheiro de *biscuits* de mirtilo e *scones* de baunilha. Quando ele se virou na minha direção, entrei em pânico de verdade.

Eu não estava em condições de ficar cara a cara com JohnJake. Ele não podia me ver no meu estado natural! Metade do meu cabelo estava preso numa touca; se eu a tirasse, ele com certeza ficaria em pé como o de uma boneca troll. Meu hálito era uma mistura de ovos velhos e meias sujas, e ainda por cima eu estava sem sutiã.

Minhas mãos voaram para o peito enquanto a realidade me atingia. Eu tinha saído correndo de um prédio possivelmente em chamas sem sutiã! Ficar sem sutiã não era uma opção para mim. Eu não tinha a sorte de ter um par de gêmeos que podiam viver livres, leves e soltos sempre que quisessem. Não. Eu era uma dessas mulheres que precisam de uma jaula dentro de uma jaula construída com aço. Eu precisava recorrer todos os dias aos serviços da mágica do sutiã, porque, caso contrário, meus peitos ficariam dando tchau para meu umbigo.

— Merda! — berrou alguém atrás de mim.

— Pois é, né? — respondi, levando as mãos ao peito e dando as costas para JohnJake.

— Não, a sua merda! Eu pisei na merda do seu cachorro — resmungou um

homem.

Quando me virei, me deparei com o novato da cidade, Alex Ramírez, com o cenho franzido, todo rabugento, pulando enquanto arrastava a sola do sapato na calçada para tentar limpar o cocô. Os sapatos dele eram muito brancos e pareceriam novinhos em folha se não fosse, é claro, a bosta de cachorro.

— Ah, desculpa! — exclamei, pegando Cacau enquanto ela vinha correndo na minha direção, toda feliz e aliviada.

— Não quero que você se desculpe. Você devia ter limpado a merda do seu cachorro — reclamou Alex, de uma forma um tanto agressiva, na minha opinião.

— Eu não percebi que ela já tinha terminado. Eu sempre limpo.

— Sempre é a palavra errada — bufou ele, sua voz grave cheia de irritação.

Alguém não era uma pessoa matinal. Mas eram três da manhã. Talvez ele fosse sonâmbulo.

— Desculpa. O alarme de incêndio me deixou nervosa. E parece que a Cacau foi mais longe do que o normal.

Ele fez uma careta, sem ver graça em nada.

— Existem leis de coleira por um motivo.

Eu ri. Leis de coleira e Honey Creek não combinavam muito. Nós estávamos na terra dos cachorros e no lar dos latidos. Se muito, era mais provável encontrar seres humanos usando coleiras por aqui.

— Não tem graça — rebateu Alex.

Ele tinha acordado de mau humor e estava precisando de café na veia.

— De novo, me desculpa.

— Que diferença faz você pedir desculpa? — rebateu ele meio alto demais. — Meus sapatos são novos!

As pessoas começaram a olhar para nós, inclusive JohnJake, e isso era a última coisa de que eu precisava.

— *Fala baixo!* — berrei, meio que sussurrando enquanto apertava Cacau contra o peito. — Sua grosseria está chamando atenção.

— Tenho quase certeza de que só estou sendo grosso por causa da merda do seu cachorro.

— Que seja. Só fala baixo, tá? — falei, me levantando.

Quando olhei para a esquerda, notei que JohnJake me encarava. Ele sorriu assim que me viu, então o que eu fiz?

Saí correndo.

Encarnei o Papa-Léguas e segui em disparada para a lateral do prédio, para esconder meus seios sem sutiã e minha touca.

Passei uns quinze minutos esperando até os bombeiros terminarem a avaliação, para em seguida anunciarem que tinha sido alarme falso e que podíamos voltar para o prédio. Antes de sair do meu esconderijo, espiei para garantir que JohnJake não estava por ali.

Fui correndo para o elevador como uma mosquinha em busca de uma casca de banana. Assim que entrei, soltei o ar que estava prendendo. No instante em que apertei o botão para o décimo sexto andar, uma perna passou pela porta do elevador, impedindo-o de fechar.

Alex Ramírez.

Lancei um olhar sério para ele. Ele fechou a cara. Fiquei me perguntando se ele era capaz de exibir outras expressões.

Eu e Cacau ficamos paradas em um canto enquanto ele apertava o botão do décimo quinto andar.

— Segura o elevador, por favor! — berrou uma voz.

Eu me empertiguei, notando o sotaque.

— *Fecha a porta!* — berrei, meio que sussurrando enquanto me jogava na direção dos botões.

— Qual é o seu problema? — perguntou Alex, esticando a mão para segurar a porta.

— Tenho muitos, na verdade! Agora, você podia… *ah, oiii*! — cantarolei para JohnJake quando ele entrou no elevador.

— Oi, vizinha — disse ele assim que me viu. Então ele olhou para Alex. — Valeu por segurar a porta.

Alex apenas acenou.

— Acabei de me mudar para cá. Eu me chamo Josh — disse ele para Alex.

Josh! Claro que o nome dele era Josh. *Isso mesmo. Dã.*

— Alex — rebateu ele em um tom seco, com sua cara de idiota, sem saber que agora tinha se tornado meu arqui-inimigo por permitir que meu maravilhoso Josh entrasse no elevador.

Tudo bem, eu menti. Alex não tinha cara de idiota. Dava para entender por que algumas pessoas o achariam bonito se curtissem essa vibe soturna e misteriosa de "Talvez, em outra vida, eu tenha sido o monstro de *A bela e a fera*". Quanto a mim, eu o achara bonito até conhecer seu lado monstruoso.

Josh deu um passo para trás e encostou as costas na parede do elevador. Ele fungou.

— Está um cheiro de cocô aqui dentro, né?

Alex olhou para mim, depois voltou a encarar Josh.

— Não tenho nada a ver com isso — murmurou ele, apontando para mim. — Disseram que ela pisou na merda de algum cachorro lá fora. Ou então se cagou.

Aimeudeus. Eu estava dividindo o elevador com a pior pessoa do mundo. O alto, bonito e irritantemente gostoso Alex Ramírez. A mais nova pedra no meu sapato.

Minhas bochechas coraram enquanto a vergonha borbulhava no meu estômago. Antes que eu conseguisse dizer qualquer coisa, o elevador parou no andar de Alex, e ele saiu sem dizer mais nada. Fazia sentido que o pior ser humano do mundo se comportasse assim — que lançasse bombas e fosse embora com uma expressão presunçosa no rosto.

O elevador se fechou, me deixando sozinha com Josh. Eu, ele, Cacau e os milhões de pensamentos que corriam pela minha mente. E é claro que nenhum deles merecia sair da minha boca.

Quando a porta abriu no décimo sexto andar, ele se afastou para me deixar sair primeiro, como um cavalheiro.

— Obrigada — falei, apertando o máximo possível a pobre Cacau contra mim para esconder meu peito.

— De nada. Tenha um bom dia — disse ele.

— Você também. — Comecei a seguir na direção do meu apartamento e parei. — Josh?

— Oi?

— Eu não me caguei.

Ele soltou uma gargalhada, que soou como trombetas mágicas de alegria.

— Eu já imaginava, Yara. Tenho quase certeza de que o seu cocô teria cheiro de rosas — disse ele, piscando. — Ah, Yara?

— Sim?

— Tem um negócio branco na sua boca — disse ele, apontando para meu rosto antes de abrir sua porta e entrar.

Meu peito foi preenchido pelo pânico enquanto eu entrava correndo no apartamento. Fui para o espelho do banheiro e encontrei lindos resquícios do meu porre de piña colada. Mas a espuma no meu rosto parecia algo *muito* diferente de piña colada.

Ah, a vida não era incrível?



CAPÍTULO 5
Yara

Depois de um dos piores dias da minha vida, eu me esforcei para deixar o mau humor de lado. Não era fácil fazer isso tendo que ver as meninas da Noite da Fofoca pela cidade, que pareciam fazer questão de me evitar. Paciência. Eu não tinha nada a dizer para nenhuma delas. Além do mais, ainda tinha minhas irmãs. Elas jamais me expulsariam de grupo algum, tirando aquela vez quando éramos pequenas. Nós fingíamos que éramos o Destiny's Child, e elas me expulsaram porque queriam que eu fosse a Michelle, mas eu estava convencida de que era a Beyoncé, então tinha feito birra.

Fora isso, minhas melhores amigas jamais me abandonariam.

Nada de postiça. Nada de meia. Só irmãs.

Esse era o lema de papai quando se tratava de nós três.

Eu e minhas irmãs éramos surpreendentemente parecidas, apesar de não termos os mesmos pais biológicos. Tecnicamente, Avery era minha irmã postiça, e Willow, minha meia-irmã, mas nós não acreditávamos nesses conceitos. *Nada de postiça, nada de meia, só irmãs.* Nós não éramos nada menos que irmãs. Desde o instante em que entraram na minha vida, elas eram meu coração. Papai sempre nos chamava de caldeirão de amor, e mamãe costumava dizer que nossos corações eram da mesma raça. Eu tinha crescido em um lar onde o amor era o centro de tudo. Meus pais eram a definição de almas gêmeas. Eu não tinha certeza se acreditaria em amor verdadeiro se não fosse por eles e seu romance.

Avery era a primogênita de mamãe, e, depois que ela nasceu, mamãe achou que não poderia ter outros filhos por causa de seus problemas de saúde. O pai biológico de Avery não era presente, então ela não sabia muito sobre ele. As duas nos conheceram, papai e eu, quando eu tinha apenas 2 anos, e Avery, 4 anos. Fomos ao evento anual de piquenique, o Snack em Hillstack, onde papai tinha comprado a cesta de mamãe. Foi paixão à primeira vista, enquanto eu e Avery dividíamos um sanduíche de pasta de amendoim e geleia. Para ser sincera, eu nem me lembrava da época antes de mamãe entrar na minha vida. Eu odiava

que precisasse saber como era a vida sem ela.

Apesar de não termos parentesco de sangue, era inegável que estávamos destinadas a ser mãe e filha. Quando eu era mais nova, as pessoas diziam que tínhamos os mesmos olhos, e, por algum motivo, isso sempre me fazia chorar de alegria, porque os olhos castanhos de mamãe eram muito alegres. Era uma honra ser comparada a uma mulher como ela.

Além da nossa aparência, nosso coração batia da mesma forma. Famílias não dependiam de sangue, mas do coração. Desde o primeiro dia, nossos corações batiam em sintonia. Papai dizia que estávamos destinadas a nos amar. E sempre gostei dessa ideia — de que pessoas estavam destinadas a cruzar o caminho umas das outras apenas para se amarem.

Fora isso que tinha acontecido no piquenique. Um dia, éramos desconhecidas dividindo um sanduíche, e aí, bum! — já éramos uma família. No dia em que mamãe me adotou e papai adotou Avery, os dois se agacharam diante de nós e disseram “Para sempre”, entrelaçando seus dedos mindinhos aos nossos. Uma promessa.

Willow fora uma surpresa para todo mundo. Quando eu tinha 8 anos, ouvi mamãe chorando porque tinha descoberto que estava grávida. Papai havia ficado muito preocupado com a saúde de mamãe, mas ela jurava que Willow era um presente dos céus. Seria impossível argumentar contra isso. Minha irmãzinha era especial – mesmo que não percebesse.

Eu adorava que todas nós tínhamos partes diferentes de nossos pais. Avery era linda e tinha o cabelo castanho cheio e liso de mamãe, e sardas pelas bochechas. Sua pele tinha um tom quente de marrom, e, quando ela se permitia, seu sorriso era largo, apesar de preferir manter os lábios em uma careta eterna.

Meu cabelo, em seu estado natural, era completamente diferente do de Avery. Os cachos apertados batiam pouco abaixo dos meus ombros. Minha pele marrom-escura era igual à de papai, e minha risada ecoava a dele. Eu sempre achei que Willow havia herdado o melhor dos dois mundos quando se tratava da sua aparência. Ela era a mistura perfeita de nossos pais. Seus cachos, de um castanho dourado, passavam da cintura, sua pele macia era bronzeada, e seu nariz era coberto de sardas. Tinha os olhos de mamãe e o nariz de papai.

Eu a chamava de minha foto favorita, porque ver os olhos dela era como ver os de mamãe. Era sempre um presente.

— A Avery vai ter um ataque de pânico — declarou Willow quando abri a porta do meu prédio. Ela entrou, e quando digo “entrou”, quero dizer que flutuou na ponta dos pés. Willow sempre andava como se estivesse dançando. Ela se

movia como jazz, com ritmos delicados e únicos, que eram só dela. Suas pernas compridas só tornavam os movimentos mais místicos. — Você ficou sabendo que o Nathan voltou para a cidade? — perguntou ela.

— Ah, fiquei, junto com a Avery. Duvido que ela esteja bem.

— Quase consigo sentir a energia caótica dela no meu próprio corpo. — Willow estremeceu no vestido que ela mesma havia feito. Minha irmã era a definição de estilo sem esforço. Quando ela chegou, usando um vestido longo de alcinha cor de lavanda, estampado com tartaruguinhas verdes, era de se esperar que essa seria a escolha fashion mais esquisita do mundo, mas nela, por algum motivo, a peça parecia caríssima e elegante. Ela estava usando uma corda marrom fina como cinto, e finalizara o look prendendo o cabelo cacheado com o mesmo tecido do vestido. — Achei que ela já teria chegado. Normalmente, eu que sou a atrasada — continuou Willow. — Será que ela está hiperventilando em um saco de papel por aí?

— Não estou — respondeu Avery, entrando no prédio. Ela parecia um pouco agitada e ruborizada. — E antes de começarmos a noite das irmãs, quero avisar que o nome Nathan Pierce está proibido de sair da boca de vocês, ou vou ter que partir para a violência.

— Pode deixar — dissemos eu e Willow ao mesmo tempo.

Depois de nos acomodarmos no apartamento, pedi algumas pizzas. Quando elas chegaram, desci para pegá-las e dei de cara com meu mais novo inimigo.

O Sr. Alto, Bonito e Pedra no Meu Sapato.

Ao me aproximar do entregador, vi que era Jason Evans, um dos meus clientes.

— Oi, Yara. Tudo bem?

— Tudo bem, e você?

— Bem, bem. — Ele me entregou as pizzas. — Escuta, sei que estou devendo à creche, mas já vou te pagar. Eu ia fazer isso na semana passada, mas a venda dos ingressos da Taylor Swift começou, e eu tinha que ir, sabe? É a Taylor Swift. Gastei dois mil para ir com a minha namorada, mas vai valer a pena.

Sorri, apesar de querer mandar Jason pagar e parar de me encher o saco.

— Ah, tudo bem. Você me paga quando puder. Boa noite.

Ele foi embora, e eu segui para o elevador, torcendo para um dia conseguir ter um pingo de coragem.

Alex estava parado diante do elevador em um terno azul-marinho e uma gravata creme e parecia ter acabado de sair de um country clube em Beverly Hills ou coisa parecida. Embora eu o detestasse, ele estava incrível de terno. E eu apostava que tinha sido feito sob medida. Um terno que vestia tão bem só

podia ter sido feito especialmente para ele.

Quando parei ao lado de Alex, meu corpo estremeceu todo.

Primeiro, ele não disse nada. O elevador chegou, e ele me seguiu. Apertei o botão do décimo sexto andar. Ele apertou o do décimo quinto.

Ficamos em lados opostos do elevador.

— Você sempre deixa os outros se aproveitarem de você, ou é só o entregador de pizza?

— Como é que é?

— Ele disse que está devendo dinheiro para sua empresa.

— Ah. — Balancei a cabeça. — Isso não é da sua conta.

— Eu sei. É da *sua* conta. Você vai acabar falindo se deixar as pessoas serem abusadas desse jeito.

Eu fiquei segurando as pizzas contra o peito, e arqueei uma sobrancelha.

— E que diferença isso faz para você?

— Nenhuma. As pessoas não estão saindo dos meus estabelecimentos sem pagar pelos meus serviços. Por outro lado, você parece mesmo fazer esse tipo. — Ele me fitou, me olhou de cima a baixo, então voltou a encarar a porta. — Sem querer ofender.

Hum, eu me ofendi. Eu me ofendi muito!

— O que isso quer dizer? Eu faço esse tipo?

— Sabe… — Ele gesticulou para mim. — Frouxa.

— Não sou frouxa — menti.

Afinal, esse era meu nome do meio.

— Aquele homem adulto acabou de te dizer que gastou dois mil dólares em ingressos para ver a Taylor Swift em vez de te pagar, e você nem cogitou se defender.

— Você não está entendendo — insisti. — É a Taylor Alison Swift. É compreensível.

Ele revirou os olhos. Droga, por que até revirando os olhos ele ficava bonito?

Ele continuou:

— Você é uma frouxa. Um capacho. Fraca…

— Já entendi — rebati com rispidez, interrompendo-o.

O tamanho do desconforto causado por suas palavras era preocupante.

Eu me sentia tonta.

E magoada.

Principalmente magoada, porque sabia que ele tinha razão. As pessoas viviam me fazendo de boba, e eu não tinha coragem de me impor. Talvez porque minha

reputação já estivesse na lama por causa de Cole. Eu não precisava que o entregador de pizza também falasse mal de mim.

O elevador abriu no andar dele. E, antes de sair, ele se virou para mim.

— As pessoas vão continuar te roubando se você deixar a porta do cofre aberta feito uma idiota.

— Não sou idiota.

— Eu não disse que você é idiota. Eu disse *feito* uma idiota.

— Por que você está sendo tão babaca?

— Só estou fazendo você encarar os fatos.

— Mas nada disso é verdade.

— É, sim. Tem coisas que a gente precisa aprender na marra.

Bufei.

— Eu não pedi para aprender nada.

Ele deu de ombros.

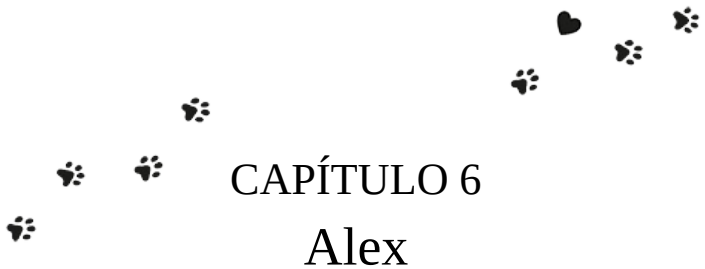
— É por isso que é na marra.

Calafrios percorreram meu corpo enquanto eu encarava a alma mais sinistra que tinha encontrado em muito tempo. A abordagem e a cara de babaca dele me confundiam. Ele parecia ser o tipo que sempre tinha uma nuvem cinza pairando sobre a cabeça, sem jamais sentir o calor do sol. Um vampiro. Fiquei me perguntando se ele sempre fora assim ou se algo o tornara daquele jeito. Quem era seu criador? Quem era a pessoa que o mordera e o transformara para sempre?

— Sinto muito — sussurrei, as palavras escapulindo da minha boca antes que eu conseguisse entender por que as dizia.

— Pelo quê?

— Sei lá. — Dei de ombros. — Por quem quer que tenha te ferido e te transformado num monstro.



CAPÍTULO 6

Alex

OITO ANOS DE IDADE

Os gritos preenchiam o pequeno apartamento de novo, fazendo as paredes finas tremerem. Eu odiava quando eles brigavam assim, ainda mais quando ficavam berrando de noite. A voz estrondosa do meu pai era poderosa o suficiente para balançar as paredes da casa.

— Não aguento mais você! Você ouviu o que disse? Ouviu? — trovejou a voz do meu pai para minha mãe.

— Eu sei muito bem o que eu disse! — berrou minha mãe de volta.

Encolhido no sofá da sala, tapei os ouvidos com as mãos para bloquear o barulho. Meus joelhos estavam pressionados contra o peito enquanto na televisão passava um desenho animado sem som. Eu devia estar na cama, mas não queria atravessar a tempestade furiosa deles para chegar ao meu quarto.

— Eu te odeio! — bradou minha mãe. — Você é um fracassado que não consegue nem sustentar a própria família. Você é uma vergonha. Você não tem nada de bom. Eu queria nunca ter te conhecido!

Apertei bem os olhos, sentindo as palavras arderem no meu peito. Como eles conseguiam ser tão cruéis um com o outro?

— Não quero mais nada disso. Não quero esta vida, e não quero você! — declarou minha mãe. — Eu queria nunca ter me casado com você.

De repente, um anel saiu voando, retinindo ao bater no sofá. Olhei para baixo e o peguei com os dedos trêmulos. A aliança da minha mãe parecia pesada em minha mão, meu estômago estava se revirando.

Ela estava falando sério? Ela realmente não queria mais ficar com meu pai?

Mas nós éramos uma família.

Famílias deveriam ficar juntas.

— Já vai tarde! — rebateu meu pai, sua voz falhando.

Ele não estava falando sério. Ele não podia estar falando sério.

— Vou embora! — berrou minha mãe antes de entrar na sala de estar batendo os pés. Ela ficou paralisada ao me ver, segurando a aliança. Seu olhar foi do anel

para meu rosto coberto de lágrimas, e algo dentro dela pareceu desmoronar. — Alex — sussurrou, os olhos marejados. — Eu… — Sua voz falhou, e ela balançou a cabeça, subitamente incapaz de me olhar nos olhos. — Vai dormir. Eu volto mais tarde.

Com isso, ela pegou as chaves, o casaco e os sapatos. Fui correndo até ela.

— Me leva com você — implorei. — Por favor.

Eu não queria ficar com meu pai. Ele não gostava de mim como minha mãe gostava. Ele vivia mal-humorado. Ela era feliz de vez em quando, pelo menos comigo.

— Não. Fica aqui. Eu já volto — prometeu ela.

E então saiu pela porta da frente, batendo-a com força, deixando um silêncio retumbante para trás.

Minha mandíbula tremia enquanto eu encarava a porta da frente, esperando que ela voltasse.

Meu pai entrou na sala com passos pesados. Seu olhar vidrado na porta era de raiva. Ele bufou quando olhou ao redor do cômodo, quase como se procurasse por minha mãe para que os dois pudessem começar outra rodada de gritaria. Seus movimentos eram intensos, como se a tempestade continuasse assolando-o por dentro. Suas narinas se dilatavam cada vez que ele inspirava. A sala ecoava sua raiva, os sofás puídos e as cadeiras a reverberavam.

Quando entendeu que ela havia ido embora, a expressão dele mudou. A raiva em seus olhos foi diminuindo enquanto ele piscava. Seus ombros baixaram, e a carranca desapareceu. A casa parecia imóvel enquanto meu pai processava a ausência de minha mãe. A compreensão repentina do que estava acontecendo fez meu estômago embrulhar conforme observávamos o espaço que agora me parecia desconhecido. A ausência de minha mãe era o silêncio mais alto que eu já tinha escutado na vida.

Ele se virou para mim, e coloquei as mãos atrás das costas, escondendo a aliança.

Ele relaxou as sobrancelhas, abriu a boca, e seus olhos castanhos ficaram vítreos como os de minha mãe. Ele parecia triste. Triste de um jeito que eu nunca tinha visto. Como se fosse ficar assim para sempre. Em vez do guerreiro intenso que tinha sido momentos atrás, ele agora era apenas… meu pai. Uma pessoa normal que sofria por amor. Eu não sabia que o amor podia doer tanto.

As narinas dele pararam de se dilatar enquanto ele puxava o ar devagar. As inspirações rápidas se tornaram mais demoradas conforme ele ia tentando se acalmar. Ele pressionou os lábios trêmulos, ainda me encarando.

Fiquei olhando para ele com um aperto no peito, com olhos arregalados, confuso. Meu pai quase conseguiu abrir um sorriso forçado, mas estava exausto demais para isso. O canto esquerdo da sua boca se ergueu um pouquinho antes de voltar a baixar. Mas ele também não franziu o cenho. Ficou imóvel, deixando todos os sinais de emoção desaparecerem do corpo. Conforme os ombros levemente caídos se ergueram, ele começou a se recompor, parecendo neutro. Ajeitou a postura, e sua armadura reapareceu. Eu nunca tinha visto meu pai chorar, mas ele parecia perto de derramar lágrimas antes de voltar a enrijecer. Eu queria que ele tivesse deixado isso acontecer, mas não éramos esse tipo de família. Lágrimas não faziam parte de quem éramos — só gritos. Sempre que eu tinha vontade de chorar, socava meu travesseiro. Eu tinha aprendido isso com meus pais.

Meu pai franziu as sobrancelhas e balançou de leve a cabeça.

— Vai dormir, Alex.

CAPÍTULO 7

Alex

PRESENTE

Não demorou muito para Nathan me convencer a fechar negócio com a fazenda da sua família. Fiz algumas visitas ao local para inspecionar os ingredientes e concluí que seria idiotice não usar os produtos deles no meu restaurante. A qualidade era impressionante, e a família se orgulhava da fazenda.

Além do mais, agora eu podia dizer que usava os tomates de Nathan Pierce, algo esquisito de se vangloriar, mas grandioso mesmo assim. O que eu não esperava era que vários pequenos produtores começassem a aparecer no restaurante nos dias seguintes, tentando me convencer a usar seus produtos.

Quando cheguei ao restaurante depois de um dia cheio resolvendo documentações, encontrei minha nova equipe ao redor do bar, com um senhor asiático servindo vinho para todos.

— Dá para notar a diferença, né? O toque de mel muda o sabor — explicou o homem, baixando a garrafa de vinho.

— O que é que está acontecendo aqui? — bradei, assustando os funcionários.

Fazia apenas poucos dias, mas já estava claro que eu havia instilado certo medo neles, algo que, na minha opinião, era uma vitória.

— Boa tarde, chef — responderam todos ao mesmo tempo, baixando as taças.

Arqueei uma sobrancelha.

— Vocês estão bebendo durante o expediente?

— Tecnicamente, estamos trabalhando — respondeu Eddie, o sommelier. — O Sammy quis repassar o cardápio com a gente, e estávamos provando as tapas com o vinho quando o Sr. Yang apareceu com amostras de seu produto, da vinícola local.

— Você deve ser o proprietário! Alex Ramírez. Já ouvi falar muito bem de você. — O Sr. Yang se virou para mim com um sorriso radiante. Notei que o cabelo grisalho combinava com a barba enquanto ele pegava uma taça e servia uma amostra. Ele veio até mim e a ofereceu. — Eu me chamo Lee Yang, sou dono da Vinícola Honey Bee, e gostaria de te apresentar alguns dos meus

melhores vinhos.

— Nós já selecionamos a carta — respondi com frieza. — Não sei por que o Eddie não te avisou.

— Ah, ele avisou — disse Lee, me forçando a segurar a taça. — Mas eu sou um pouco insistente. Além do mais, a Tatiana é uma grande amiga que apoia minha vinícola há séculos.

Tatiana abriu o mesmo sorriso que havia exibido durante sua entrevista. Parando para pensar, na verdade, parecia que tinha sido ela quem havia me entrevistado, e não o contrário.

— O Lee é ótimo. Você vai adorar os vinhos dele. Confia em mim.

Eu pigarreei.

— Nós já…

Antes de eu conseguir concluir a frase, Lee inclinou a taça sobre meu rosto, me obrigando a dar um gole, então pegou um dos aperitivos e o enfiou na minha boca. Depois de quase me fazer engasgar com a bebida e a comida, engoli e estava prestes a xingá-lo por praticamente me agredir, mas… não dava para ignorar como era boa a combinação. Estreitei os olhos e soltei um grunhido enquanto tomava outro gole do vinho.

O que havia dentro daquele negócio?

Gesticulei para a garrafa de merlot sobre a mesa.

— Aquele harmoniza com o quê? — perguntei.

— Com as empanadas de rabada, chef — respondeu Eddie, me servindo uma taça.

Meu chef-executivo, Sammy, colocou uma empanada em um prato. Os dois me passaram as amostras, que aceitei com relutância. Enquanto eu provava a combinação, minha alma pareceu alcançar um lugar muito, muito distante, cheio de fogos de artifício e felicidade.

Fiz uma careta e arqueei uma sobrancelha para Lee.

— Como você fez isso?

— O segredo do vinho da família Yang. Ele tem o toque especial de Honey Creek.

Minha irritação chegou ao auge, porque não dava para não oferecer os vinhos de Lee no meu restaurante. Eu sabia que ia querer que ele fornecesse garrafas para meus outros restaurantes.

— Deixe seu cartão — orientei. — E vocês todos, voltem ao trabalho. Faltam poucos dias para a inauguração.

Tatiana sorriu para Lee e o cutucou.

— Isso significa que ele vai dizer sim.

— Tatiana — reclamei.

Ela colocou uma das mãos na cintura e ergueu uma sobrancelha.

— Sim, meu rapaz?

A mão na cintura continha a força de todas as mães do mundo. Eu não tinha coragem de pedir que ela parasse de dizer às pessoas que oferecessem parceria com o restaurante.

— Uma palavrinha em particular.

Fui até uma mesa e me sentei. Ela puxou a cadeira diante de mim, sentou-se e prendeu o cabelo atrás das orelhas.

— Sim, chef? — perguntou ela.

— Você precisa parar com isso.

— Isso o quê?

— Isso de ficar falando para todos da cidade que vou contratá-los.

— Não estou fazendo isso. Eu só falo com as pessoas que sei que você vai contratar.

Eu resmunguei:

— Você não tem como ter certeza disso. E está dando falsas esperanças para essas pessoas.

— Parece que o Nathan e o Lee não tiveram falsas esperanças.

Ela deu de ombros, parecendo não se importar com a minha bronca.

— Tatiana.

— Alejandro.

Suspirei e apertei a ponte do nariz. Achei que ela me chamaria de chef ou de Alex, não pelo maldito do meu nome.

— Eu te contratei porque…

— Porque eu sou um grande recurso para sua equipe, pelas minhas conexões com a cidade. Verdade seja dita, Alex. Você não faz a linha cidade pequena. Você não tem esse clima.

— Não estou tentando fazer a linha cidade pequena.

— Bom, mas precisa tentar, pelo menos. Caso contrário, o restaurante não vai dar certo. E eu sou o ponto de interseção que vai facilitar as coisas. Se fizer o pessoal daqui gostar de você, o restaurante vai ser um sucesso.

— Não me importa se as pessoas vão gostar de mim. Vou receber clientes de fora da cidade.

— Vai, e esse pessoal depois vai voltar para casa, deixando você aqui com a gente. Você precisa de nós tanto quanto precisamos de você. E vai precisar de

amigos, porque é assim que se faz em cidades pequenas. Nós somos uma comunidade. É melhor você se integrar em vez de continuar sendo um forasteiro. Já percebi que tem gente criando problemas para você.

— Você quer que eu ceda ao bullying?

Soltei um grunhido só de pensar nisso.

— Não. É claro que não.

Ela balançou a cabeça e se inclinou para segurar minha mão. Então me deu tapinhas, oferecendo um reconforto que não pedi. Foi… irritante.

E… legal.

Que seja.

— Você não vai ceder ao bullying, Alex. Você vai se integrar à comunidade. E então a comunidade vai te apoiar para acabar com o bullying. Você não pode nem deveria querer fazer isso sozinho.

Eu suspirei e desvencilhei minha mão da mão dela. Era incômodo saber que o que ela dizia fazia sentido.

Apertei a ponte do nariz.

— Tatiana?

— Oi.

— Para de trazer gente talentosa para o meu restaurante, tá bom?

— Ah, mas a Carol da loja de chocolates aqui na…

— *Tatiana*.

Ela jogou as mãos para o alto, dando-se por vencida.

— Tudo bem, tudo bem. Sem mais fornecedores por enquanto.

— Sem mais, ponto-final.

— Nunca diga nunca. Isso fecha a porta para milagres. — Ela se levantou da cadeira. — Bem que eu queria continuar batendo papo, mas preciso trabalhar. A gente vai abrir daqui a alguns dias, sabia? Preciso garantir que esteja tudo nos conformes por aqui.

Ela pediu licença e fiquei sentado ali, meio confuso sobre quem estava no comando da conversa. Por algum motivo, parecia que Tatiana era minha chefe, não o contrário.

Enquanto todo mundo voltava ao trabalho, olhei pela janela do restaurante e vi a creche de cachorros. Cruzei os braços e fiquei observando a proprietária interagindo com os clientes e seus cães. Era difícil saber quem gostava mais de lidar com ela — os humanos ou os animais de estimação. De toda forma, risadas e sorrisos eram distribuídos pela mulher como se seu nome do meio fosse Risadinha.

Soltei um grunhido enquanto a analisava. Seu cabelo estava solto, e os cachos balançavam sempre que ela ria. Ela estava usando um vestido azul esvoaçante e exibia o sorriso mais largo do mundo. Era um sorriso lindo, oferecido a todos que cruzavam seu caminho. Para mim, isso parecia ridículo. Nem todo mundo merecia um sorriso tão verdadeiro, o que só me levou à conclusão de que ele era… artificial. Talvez. Eu não sabia.

Minha única certeza era que, às vezes, parar de olhar para ela era difícil. Seus traços me hipnotizavam. As covinhas fundas e os olhos escuros que quase pareciam sorrir mais que seus lábios. Curvas que faziam toda peça de roupa parecer ter sido feita sob medida para seu corpo. Lábios carnudos, fartos, e…

— Tatiana — chamei.

— Oi — respondeu ela, se aproximando.

— Quem é aquela? — perguntei, apontando com a cabeça para a mulher do outro lado da rua, que ria enquanto um vira-lata imenso pulava nela, lambendo seu rosto todo. Que nojo.

— É a Yara Kingsley. — Ela bateu palmas, parecendo animada com a minha pergunta. — Ah, vocês precisam se conhecer. Posso te apresentar se…

— Não quero conhecer ninguém — rebati, ríspido.

— Então por que você me perguntou sobre ela?

— As pessoas da cidade parecem gostar dela.

— Bom, é claro que gostam. Ela *é* a Yara. Por que não gostariam dela?

Por vários motivos, imagino eu.

— Ahhh! — Tatiana abriu um sorriso bobo e me cutucou no braço. — Alguém está a fim dela?

— Não seja ridícula. Eu fiquei curioso, só isso.

— Então por que você não ficou curioso sobre outras pessoas na rua? Tem um monte de gente passando por aqui.

Mas não eram ela.

Por que eu estava tão curioso sobre ela? Por que ela se destacava tanto entre todas as outras pessoas que, em comparação, pareciam sem graça ao seu lado? Era como se ela tivesse se enrolado em todas as cores do arco-íris enquanto o restante do mundo continuava preto e branco. Talvez esse fosse o motivo da minha curiosidade. Eu entendia coisas sem graça. Tinha familiaridade com o mundano e o desbotado. Yara parecia ser o completo oposto. Ela era uma luz, e isso me incomodava, porque eu estava acostumado com a escuridão.

Resmunguei e revirei os olhos.

— Pisei no cocô do cachorro dela no outro dia. Fiquei me perguntando por que

tanta gente gosta de uma mulher assim.

— Ah, pisar no cocô do cachorro dela com certeza foi azar. A Yara é uma grande defensora de limpar a sujeira de animais de estimação. Ela faz limpezas voluntárias no parcão três vezes por semana. Esse é o tipo de coisa que a Yara faz. Ela é muito querida. E está *solteira* — acrescentou ela, cantarolando a última palavra.

Arqueei uma sobrancelha.

— Por que você fez isso?

— O quê?

— Enfatizou a palavra solteira.

— Ah, eu fiz isso?

— Fez. Você disse *solteira*.

— Bem, achei que você gostaria de saber.

— Que diferença faz para mim o fato de ela estar solteira?

Não devia fazer diferença.

Não faz diferença.

Tatiana sorriu como se pensasse de outra forma.

— Só estou dizendo que eu entenderia se você estivesse a fim dela.

— Por que eu estaria a fim dela? Eu nem sabia o nome dela até alguns segundos atrás.

— Porque é muito fácil ficar a fim de Yara Kingsley. Se não fosse por aquele ex-marido irritante, provavelmente haveria uma fila de homens querendo sair com ela.

— Ex-marido irritante?

— O Cole, o delegado da cidade. Cá entre nós, não sou muito fã dele, principalmente depois de saber como tratava a Yara durante o casamento deles, mas sabe como é. Ele é o líder do clubinho dos homens da cidade.

— Como assim?

— Algumas pessoas parecem ficar presas na adolescência, sabe? Esse pessoal que acha que homens fazem coisas de homem? O Cole é assim, mas só foi piorando com o tempo. Não tenho como provar nada, mas tenho a impressão de que ele convenceu todos os caras da cidade a seguirem um código masculino esquisito para que não saíssem com a fofa da Yara depois que ela pediu o divórcio.

Então ela tinha sido casada com o delegado que conheci no início da semana. Fazia sentido. Se ela havia conseguido gostar dele o suficiente para se casar, seu gosto não era dos melhores. Eu sabia que havia um motivo pelo qual eu não

gostava dela.

Por outro lado, ela havia pedido o divórcio. Isso tinha que contar como um ponto positivo.

Não inventa desculpas por ela, Alex.

— Sabe, eu sou bem próxima da família Kingsley — comentou Tatiana.

— Parece que você é bem próxima de todo mundo.

— Fazer o quê? Eu sou sociável. Sabe de uma coisa? Posso ir lá dar seu número para a Yara se você…

— Tatiana.

— Oi.

— Vai trabalhar.

Ela sorriu e balançou a cabeça, então me cutucou na bochecha. *Aham. Isso mesmo*. Ela *cutucou* minha *bochecha.*

— Você está um pouco vermelho, Alex.

Fiz uma careta.

— Está quente aqui. Pede para alguém diminuir a temperatura do ar-condicionado.

— Se você diz, chef — cantarolou ela enquanto dançava ao se afastar, e me deixou olhando para Yara.

Yara.

A cara dela era mesmo de Yara.

Irritantemente linda.

CAPÍTULO 8
Yara

— Yara! Yara! — berrou alguém enquanto eu estava sentada no parcão, observando Cacau correr com os outros cachorros.

Eu me orgulhava em saber o nome de todos os cachorros da cidade. E, se eu não soubesse, me apresentava assim que possível.

Levantei o olhar e vi Tatiana se aproximando com uma prancheta e um sorriso imenso no rosto. Isso não me surpreendia. Tatiana devia ser uma das pessoas mais alegres da cidade — talvez do mundo.

Ela se sentou ao meu lado no banco e ficou cutucando meu braço.

— Tudo bem com você? — perguntou ela.

Eu ri da sua empolgação, parecida com a de uma criança.

— Estou bem. Torcendo para um dia ficar tão bem quanto você — brinquei.

— Ah, acho que você vai conseguir. Mas, primeiro… — Tatiana me passou a prancheta. — O festival Tom de Outono está chegando. Preciso que você inscreva sua cesta de piquenique para os encontros do Lanche em Hillstack.

Suspirei e balancei a cabeça.

— Não vou esse ano.

— O quê? De jeito nenhum! Essa tradição existe desde antes de você nascer, e você participa de todos há mais de uma década.

— Sim — concordei —, mas antes eu tinha alguém para comprar minha cesta. Agora que eu e o Cole terminamos, não vou ficar lá, passando vergonha, sem que ninguém dê um lance na minha cesta.

— É sério isso? Vão te escolher. Além do mais, é por uma boa causa esse ano.

— Que causa?

— A Cantinho Animal.

Meus olhos se encheram de emoção conforme eu me recostava no banco. A cada Lanche em Hillstack, a comunidade escolhia um empreendimento local para receber os fundos angariados. O evento acontecia em uma grande colina por causa da vista maravilhosa. De um dos lados, na linha do horizonte, dava para

ver Chicago, enquanto do outro ficava o lago. Para onde quer que você olhasse, a paisagem era incrível.

— O quê? — perguntei, chocada ao saber que minha creche receberia ajuda do evento. — De jeito nenhum. Vocês não podem…

— A comissão já decidiu. Não tem mais jeito. Então você precisa participar. — Ela apontou um dedo para mim, séria. — Não ouse chorar, Yara. Eu sempre choro quando vejo alguém chorando, e acabei de fazer meus cílios. Não posso chorar por quarenta e oito horas. Se segura!

Mordi meu lábio inferior trêmulo e tentei não abrir o berreiro. Ela nem imaginava como a creche estava indo mal. Nem imaginava o quanto aquilo me ajudaria. Ou talvez imaginasse, o que era bem possível, já que Tatiana sabia tudo sobre todo mundo.

Se bobear, ela sabia até a cor da calcinha que eu estava usando.

Estreitei os olhos.

— Por que tenho a sensação de que você tem alguma coisa a ver com essa escolha?

— Uma das vantagens de ser presidente da junta da comunidade — cantarolou ela. — Além do mais, a gente queria dar o dinheiro para alguém que merecesse. E você merece, Yara.

— Você nem imagina o quanto eu precisava disso.

— Ah, mas eu sei muito bem. Você não pode deixar as pessoas ficarem te devendo, Yara Kingsley. Sua mãe ficaria louca se soubesse que você está sendo enrolada por uma mulher como a Sra. Levels.

Ela estava certa.

Se havia alguém que sabia muito bem como minha mãe reagiria às coisas, era Tatiana. As duas eram melhores amigas, afinal. Depois da morte de mamãe, Tatiana havia assumido um papel para que eu e minhas irmãs tivéssemos a quem recorrer. Nós a procurávamos sempre que tínhamos um problema com o qual papai não sabia como ajudar. Eu sempre valorizei sua presença nas nossas vidas. Era impossível imaginar ter de passar pela perda de mamãe e pelas dores de crescer sendo uma mulher sem Tatiana ao nosso lado.

— Estou tentando reunir coragem — expliquei.

— Você não precisa de coragem para mandar alguém parar de palhaçada e pagar o que deve — respondeu ela. Era exatamente isso que Avery e Willow diriam. — Mas vamos lá — disse ela, batendo na folha de inscrições para o evento. — Coloca seu nome aí.

— Tatiana — gemi. — É sério. E se ninguém der um lance na minha cesta?

Isso seria muito humilhante. Eu não conseguia me imaginar em cima daquele palco sem que alguém me escolhesse.

Tatiana não parecia estar nada preocupada.

— Não seja ridícula. Alguém vai comprar sua cesta.

— Do jeito que o Cole anda espantando os homens de mim, não me surpreenderia se ninguém a comprasse.

— De toda forma, nós não queremos que o Cole nem os amiguinhos idiotas dele comprem sua cesta. Queremos que um homem de verdade faça isso. Aliás…

Ah, não.

Ela voltou a abrir um sorriso bobo enorme.

— Lembra que, na nossa última conversa, você mencionou que queria conhecer gente nova?

— Sei…

— E você disse que parecia que nenhum homem se interessava mais por você ou que eles tinham era medo do Cole?

— Sim. Eu me lembro da minha história triste — brinquei. — Aonde você quer chegar?

— Encontrei alguém para você.

Eu ri, incrédula.

— Desculpa, o quê?

— Encontrei alguém para você — repetiu ela. — E ele é bem bonito.

— Ele é britânico?

— Britânico? Não. Mas a voz dele é linda e intensa como um café forte. Ele é tão bonito, Yara…

Então o cara não era Josh.

Humm.

Ela me deixou curiosa.

— Quem é esse cara?

— Alex Ramírez. Meu novo chefe.

Quase me engasguei com o ar.

— O dono do Isla Iberia?

— Isso! Ele mesmo.

— O dono alto, bonito e inacessível?

Ela concordou com a cabeça.

— E você já reparou nele!

Reparar foi pouco.

— Pois é. E eu tenho certeza de que ele *não* é para mim.

— Como assim? Ele é um fofo.

Arqueei uma sobrancelha.

— Tudo bem, ele é meio difícil. — Ela mudou de estratégia.

Bufei.

— Meio?

— *Muito.* — Ela acenou com uma das mãos, despreocupada. — Mas não é culpa dele. Ele já passou por muita coisa.

— E não é assim com todo mundo?

— Sim, mas você nem imagina como essa cidade tem sido terrível com ele. Sabia que o restaurante já foi vandalizado quatro vezes desde que fui contratada? E isso com certeza não começou agora. As pessoas estão tornando quase impossível a adaptação dele à cidade. Eu também ficaria de mau humor.

Esse comentário me fez sentir um aperto no peito. Não conseguia imaginar como seria não ser bem-vindo na cidade. Ter um sonho e então ver pessoas tentando destruí-lo. Claro, ele não era o cara mais legal do mundo comigo, mas dava para entender. Ele havia pisado no cocô da minha cachorra no meio da madrugada, e sabe-se lá quantos babacas tinham cruzado seu caminho nos dias anteriores.

— Pensa no Max. Lembra quando o Max estava no abrigo de animais? — perguntou Tatiana, apontando para o poodle toy minúsculo que brincava de cabo de guerra com Cacau. — Ele rosnava e tinha medo de todo mundo porque não tinha sido bem tratado pelos antigos donos? Ele vivia em alerta. O Alex é assim. Ele só está em alerta. Precisamos tratá-lo com carinho para que ele consiga baixar a guarda, como aconteceu com o Max.

— Você está dizendo que o Alex é um poodle toy?

— Ah, caramba, não. Ele é um dobermann. Esperto e forte. Mas sabe o que eu acho?

— Tenho certeza de que você vai me contar.

— Todo cachorro grande é um filhotinho pequeno e assustado que deseja ser amado.

— Acho que faz sentido… — concordei, hesitante.

Meu coração e minha mente estavam em conflito, tentando entender se Alex era grosseiro de propósito ou apenas um produto das circunstâncias da cidade.

— Sim. Faz. Além do mais… — Tatiana tamborilou os dedos nas coxas. — Fiquei sabendo que ele está a fim de você.

Arregalei os olhos e dei uma gargalhada, jogando a cabeça para trás em uma

crise de riso.

— Aquele cara não está a fim de mim mesmo.

Se muito, ele estava o oposto de a fim de mim. Estava completamente desinteressado.

— Sim! Ele está! Tenho certeza disso.

— É mesmo?

— É. — Ela assentiu com a cabeça. — Ele me perguntou de você no outro dia. Falei que você estava solteiríssima, e ele pareceu interessado.

Isso não fazia sentido nenhum. Pelas nossas interações, parecia o completo oposto. Aquele homem não gostava de mim. Ele mal me suportava.

— Sem querer ofender, Tatiana, mas acho que você se enganou desta vez — falei, assinando meu nome na prancheta e a devolvendo para ela.

Ela deu de ombros.

— Só estou comentando. Fica de olho. O Alex é difícil, mas, se você prestar atenção, acho que vai ver nele um cara legal, que já sofreu demais na mão dos outros.

Talvez.

— Sabe o que você devia fazer? Como um presente de boas-vindas à cidade? — perguntou Tatiana. — Dar uma tigela de água para ele.

Fiz uma careta.

— Não. Acho que não.

— O quê?! Você precisa fazer. É uma tradição que a sua mãe começou, e seria uma pena se ela deixasse de existir. Você fez a tigela para todos os empreendimentos da cidade. Acho que seria uma boa forma de recepcioná-lo em Honey Creek, para mostrar que nem todo mundo aqui é horrível.

Desde que eu era pequena, todas as lojas na rua principal tinham uma tigela de água artesanal para os cachorros da comunidade que estivessem passeando por Honey Creek. Era minha mãe quem as fazia, e, depois que ela faleceu, eu tinha assumido a tarefa. Cada tigela era feita combinando com a loja em que ficaria.

Eu já tinha feito uma para Isla Iberia, mas havia me convencido a não a entregar para Alex depois de nossas interações desagradáveis.

Ainda assim, Tatiana tinha razão. Era uma tradição. Eu não podia deixar o comportamento dele ditar o meu. Eu havia feito tigelas para todo mundo. Alex não deveria ser a exceção.

Antes que eu conseguisse responder, notei Cole vindo na nossa direção. Tatiana ergueu a cabeça para ver para onde eu estava olhando e automaticamente revirou os olhos.

— Essa é a minha deixa — anunciou ela, se levantando do banco. — Mas pensa no que eu disse sobre o Alex. No mínimo, você devia ir lá jantar com as suas irmãs um dia desses, e experimentar o cardápio. É tudo muito gostoso. Nunca comi nada tão incrível quanto a comida dele, Yara. Você vai amar. Seu pai também.

— Parece ótimo. — Sorri. — Obrigada de novo por escolher a creche.

Ela apertou meu ombro.

— Se eu pudesse, te escolheria todo ano, Yara. Mas não quero ser acusada de praticar favoritismo. — Ela se inclinou e sussurrou: — Apesar de você ser a minha favorita.

Tatiana estava se ajeitando quando Cole parou na sua frente e abriu um sorrisinho.

— Boa noite, Tatiana.

— Estava boa mesmo antes de você aparecer — respondeu ela, seca, antes de lançar um olhar escaldante para ele. — Tchau, Yara. A gente se fala mais tarde.

Ela acenou para mim antes de ir embora.

Cole suspirou e resmungou baixinho, então se sentou ao meu lado. Perto *demais*. Cheguei um pouco para o lado, para evitar que seu braço encostasse no meu.

— Aquela mulher me odeia — comentou ele sobre Tatiana.

— E você pode culpá-la? Ela é como uma mãe para mim, e você não me tratou muito bem — respondi, pegando as coisas de Cacau para deixá-la com Cole pelos próximos dias.

Eu detestava ter que deixar minha doce Cacau com meu ex. Parecia que estava entregando meu coração para um desconhecido, apesar de Cole sempre ter feito parte da vida dela.

— Então é isso, foi tudo culpa minha, e você e a sua família nunca fizeram nada de errado, né?

Não respondi.

Eu não cairia na armadilha de rebater aquele comentário. Independentemente de qualquer coisa, parecia que Cole estava sempre armando para que eu reagisse, e eu não estava mais interessada em cair em suas ciladas. Eu não precisava mais pisar em ovos com ele, me perguntando o que provocaria sua raiva. Era por isso que eu tinha me divorciado — para me livrar dele.

Apesar de uma parte minha querer fazer um escândalo por causa das revelações de Lori. Eu queria exigir que ele limpasse meu nome e me defendesse. Mas isso só passaria a impressão de que eu ainda me importava com

nosso relacionamento. Ou que ele ainda exercia algum poder sobre mim.

Cole Parker estava acostumado a conseguir o que queria. Ele nunca tivera que se esforçar muito para conquistar nada na cidade — uma vantagem de fazer parte da família fundadora de Honey Creek. Quando seu pai se aposentou da polícia, não houve muita dúvida sobre quem seria o delegado sucessor. O cargo tinha sido entregue para Cole de bandeja. E, durante toda a sua vida, sua mãe, Lindsay, garantira que ele nunca teria que trabalhar demais. Cole era um filhinho de mamãe. Aquela mulher fazia de tudo e mais um pouco por ele.

Então ele devia estar se corroendo por não estar mais comigo. Eu era a única coisa que ele não podia ter. Na minha opinião, ele não me queria, só queria me controlar.

Eu me levantei do banco, e ele fez o mesmo, pegando a guia da minha mão.

— Você já vai?

— Por que eu ficaria aqui? Ela é sua pelos próximos dias.

Ele franziu a testa e pareceu pateticamente triste. Quase perguntei se estava bem, mas então lembrei que isso não era da minha conta.

— Pensei que a gente podia bater um papo — sugeriu ele. — Faz tempo que não conversamos.

— Porque nós não temos nada para conversar.

— Não temos? Fiquei sabendo que você se mudou para o prédio novo. A Avery finalmente te expulsou? Bem que eu achava que ela não deixaria você ficar lá por muito tempo.

E lá estava. O comentário sutil que mais parecia uma alfinetada.

Respirei fundo antes de responder.

— Eu me mudei porque quis. A Avery queria que eu continuasse lá.

— Isso não é do feitio dela. Ela sempre foi toda cheia de mer…

— Não ouse falar da minha irmã, Cole — rebati, com o sangue fervilhando.

Ele abriu um sorrisinho quando viu que tinha conseguido me irritar.

E lá estava — a armadilha. Cole queria me deixar nervosa, e o sorriso presunçoso mostrava que ele se sentia vitorioso.

— Sempre achei que nosso casamento não deu certo por causa do seu relacionamento com as suas irmãs. Elas se metem demais na sua vida. Viviam dando pitaco nas nossas coisas.

— Ah, é? Foi por isso que a gente não deu certo? E não foi porque você resolveu enfiar seu pau em outras mulheres?

Cole ficou tenso por um instante e então relaxou.

— É verdade. Foi por minha causa que deu tudo errado. Não por causa delas. E

isso me leva ao próximo assunto…

— O que você quer, Cole? — perguntei, percebendo que ele estava esquisito.

Ele esfregou a nuca.

— Estou fazendo terapia, Yara.

— Que bom para você.

E eu estava falando sério. Passei anos tentando convencê-lo a se consultar com alguém, mas ele se recusava.

— Para te reconquistar — concluiu ele.

Então não era tão bom assim.

— Cole — comecei.

— É sério, Yara. Aprendi muito no último ano, e sinto sua falta. Sinto falta de como você me reconforta. Sinto falta da sua companhia.

Estreitei os olhos.

— Você bebeu?

— Estou falando sério.

— Bom, então deixa disso. Você está sendo ridículo, Cole. Nós terminamos por um motivo, e não vejo como poderíamos voltar.

— Por que não?

— Por que você está fazendo isso? Por que temos que entrar nesse assunto?

O lábio inferior dele tremeu, mas ele balançou a cabeça e respirou fundo três vezes, como se tentasse conter a raiva.

— Beleza. Você tem razão. Peguei pesado. Podemos conversar de novo outro dia.

— Ou nunca. Por mim, nunca é a melhor opção.

Ele riu e balançou a cabeça.

— Eu sinto tanta falta dessa sua personalidade irritadinha.

Revirei os olhos.

— Para.

— Você também sente minha falta, né?

Nem um pouco.

Sabe como é se relacionar com alguém, então olhar para trás depois de tudo acabar e pensar: “Que porra foi essa?” Isso resumia meu casamento. Era como se eu tivesse ficado presa em um delírio e acordado dez anos depois, completamente atordoada.

— Cole. Não. Para com isso. Nós vamos seguir em frente. Eu vou conhecer pessoas novas. Você vai conhecer pessoas novas. Nós vamos recomeçar nossas vidas — expliquei.

— Você conheceu alguém? Quem?

— Até parece que eu te contaria.

Ele riu de novo. O som parecia o de unhas arranhando a lousa. Eu costumava amar a risada dele. Agora, ela parecia carregada de mentiras.

— Preciso ir, mas antes…

Esfreguei a nuca.

Eu não conseguia parar de pensar no que Tatiana tinha dito e nos ataques que Alex estava sofrendo. Embora isso também não fosse da minha conta, senti meu coração pedir para falar do assunto com Cole.

— Eu queria te pedir uma coisa — comecei.

Ele arqueou uma sobrancelha.

— Ah, é? O que houve?

— Fiquei sabendo que o restaurante novo, do Alex, tem sido vandalizado. Seu pessoal está investigando isso?

Ele estreitou os olhos.

— Por que você está interessada no Alex?

Quase dava para sentir o ciúme por trás das palavras dele.

— Não estou. Mas não acho certo uma pessoa da cidade ser atacada desse jeito. As pessoas não deviam fazer essas coisas e saírem impunes.

— São só crianças fazendo besteira.

— Cole, mesmo assim não é certo. Talvez você devesse descobrir quem está fazendo isso e mostrar que esse tipo de comportamento não é aceitável na nossa cidade.

— Ou talvez esse dono de restaurante metido devesse arrumar um lugar diferente para trabalhar. Meu avô ficaria fulo da vida se visse o que fizeram com o cinema.

— Aquele lugar estava caindo aos pedaços e não era usado havia anos.

— Ele era um marco na história da nossa cidade. Eu te levei lá no nosso primeiro encontro, lembra?

Sim, eu lembrava.

Ele também tinha derrubado toda a sua raspadinha no meu colo de tanto nervosismo. O que aconteceu com aquele garoto fofo? Eu ainda me impressionava com a capacidade de alguém mudar tanto ao longo dos anos.

— Cole, você não pode só prestar atenção e ajudar o Alex? Esse é literalmente o seu trabalho.

— Tudo bem. — Ele gemeu como costumava fazer quando eu pedia que não deixasse suas cuecas sujas em cima da bancada da cozinha. — Se você me

convidar para conhecer seu apartamento novo, eu o ajudo.

— *Cole* — briguei.

— Ou se aceitar sair comigo.

— Cole!

Ele sorriu.

— Você está sentindo, né? — Ele gesticulou entre nós. — O calor do fogo entre a gente?

— Isso não tem nada a ver com a gente. Está fazendo mais de trinta graus hoje.

— Yara, você pode escrever o que estou dizendo. Não vou desistir da gente.

Pode desistir, Cole.

Suspirei, exausta com aquela conversa.

— Quer saber? Essa é minha deixa para ir embora.

— Beleza. Se você quiser, posso deixar a Cacau na sua casa daqui a alguns dias.

— Não. — Se dependesse de mim, ele nunca nem pisaria no meu prédio. O fato de ele saber onde eu morava já me irritava. — Já avisei. Nosso ponto de encontro é aqui, Cole. Não quero ter mais contato do que isso.

— Mas…

— Na terapia você já aprendeu sobre limites? — perguntei.

Ele jogou as mãos para o alto, se rendendo.

— Tudo bem, tudo bem, eu entendi.

— Que bom. A gente se encontra daqui a alguns dias para você me devolver a Cacau. Boa noite.

Fui embora sem deixar que ele ocupasse mais do meu tempo. Ele já tinha tomado muito de mim ao longo dos anos.

Fui para casa torcendo para encontrar com Josh, mas não tive essa sorte. Por outro lado, acabei pegando o elevador com Alex. Nossos caminhos se cruzavam tanto que em breve eu começaria a achar que ele estava me seguindo. Ele me deixou entrar primeiro e veio logo depois. Apertou o botão dos nossos dois andares, claramente se lembrando do meu. Então parou do lado da outra parede do elevador. Silêncio. Ele nem olhou para mim. Como a falta de um olhar era capaz de fazer eu me sentir tão… vulnerável?

E ele estava a fim de mim?

Em que mundo, Tatiana? Eu precisaria de uma lupa para encontrar o interesse dele.

Depois que Alex saiu do elevador, virou de leve a cabeça para mim, e seus olhos escuros encontraram os meus por um milésimo de segundo. Isso bastou —

um encontro com aqueles olhos escuros e penetrantes fez minha mente se perder no mundo da fantasia. Onde nada fazia sentido.

Ele estava *muito* apaixonado por mim! Era quase vergonhoso. Tudo bem, talvez não fosse amor, mas ele com certeza gostava *muito* de mim. Antes, era difícil perceber, porque ele tinha aquela cara de babaca que parecia estar eternamente constipado. Mas, esse tempo todo, ele estava me dando mole. Não começava a balançar o rabo só de olhar para mim, mas *olhava* para mim. A forma como nossos olhares se encontraram só podia ser sinal de seu interesse.

Enquanto eu vestia o pijama, fiquei pensando em Alex, mesmo sem querer. Eu ainda estava tentando aceitar que ele estava a fim de mim. Ele não parecia fazer o tipo que gosta das pessoas, que dirá que fica interessado. Mas era impossível não cogitar a hipótese de Tatiana ter razão. Talvez eu precisasse prestar mais atenção em Alex antes de fechar essa janela de possibilidade, porque ele havia olhado para trás ao sair do elevador, quando podia ter continuado olhando para a frente.

Caramba.

O mínimo que eu aceitaria de um cara era *bem* perto de nada?

Mas a parte iludida do meu cérebro conseguia entender por que ele estava a fim de mim. Eu estava bem bonita naquela noite, com meu macacão e um cropped. Ele com certeza achava o fedor de cachorro molhado do meu dia de trabalho atraente.

Não me surpreenderia se Alex passasse o restante da semana tendo sonhos bem inapropriados comigo.

CAPÍTULO 9
Alex

Sempre que eu lia os diários de Teresa, Honey Creek firmava sua posição no topo do que eu mais odiava. A forma como minha tia-avó e sua família tinham sido tratadas ao se mudarem de Madri para a cidadezinha me deixava furioso.

Fui à casa dela para me encontrar com o corretor de imóveis que me ajudaria a vendê-la. Supostamente, Todd Graceson era um dos melhores profissionais de Chicago. E eu sabia que ele era bom, já que fora com ele que eu havia comprado a casa anos antes, quando minha carreira estava começando a decolar. Teresa, ao descobrir que eu estava me mudando de Madri para Chicago, tinha feito as malas na mesma noite. Ela dissera:

"A dónde vayas, yo voy."

Aonde você for, eu vou.

Fazia doze anos que isso tinha acontecido. Eu só saí da casa de Teresa em Chicago quando, por alguns anos, fui morar com Catie. Eu tinha crescido ali. Aqueles corredores tinham história. Aqueles armários guardavam o passado. Teresa adorava nossa casa, e eu adorava saber que pude comprá-la para ela. Levando em consideração que minha tia-avó havia me criado em um apartamento minúsculo de dois quartos em Madri, dar a ela um lar grande o suficiente para nós dois explorarmos e onde pudéssemos nos espalhar fazia com que eu me sentisse muito bem.

A cozinha era sua parte favorita. Ela havia me dito que, quando eu construísse a casa onde pretendia passar o restante da vida, precisaria de uma cozinha três vezes maior. E aquela já era bem grande.

Eu sentiria saudade das madrugadas em que tomávamos café sentados à ilha da cozinha, e dos uísques que compartilhávamos pela manhã.

Sem ela, eu não tinha motivos para manter a casa. O lugar que já tinha sido meu lar seria vendido. O aconchego gerado por Teresa tinha desaparecido das paredes no dia em que ela falecera. O espaço parecia vazio.

Meu telefone começou a tocar enquanto Todd andava pela casa. Era Noah de

novo. Já fazia algumas horas que ele estava me ligando, querendo falar sobre o velório que aconteceria no dia seguinte.

Eu não queria atender.

Não estava no clima de explicar que não iria. Ele poderia me dar uma bronca depois do evento.

— Bem, está tudo perfeito — disse Todd ao voltar para a cozinha. — E acredito que, com a reforma, podemos conseguir mais do que o triplo do valor que você pagou. Se assinarmos logo o contrato, podemos anunciá-la, e…

— Ainda não — eu o interrompi, sentindo um calafrio percorrer meu corpo.

Sempre que ele mencionava anunciar a casa, eu ficava incomodado. Aquela era a terceira vez que ele ia até a casa, e a terceira vez que eu pedia para ele esperar um pouco mais.

Ele franziu as sobrancelhas.

— Não entendi. Achei que…

— Eu me enganei — falei. — Não hoje, pelo menos. Achei que eu conseguiria resolver a papelada hoje, mas não estou pronto. Amanhã vai ser o… — Pigarreei e passei a mão pelo cabelo. — Podemos remarcar para a semana que vem?

A expressão desanimada de Todd fazia sentido. Eu conseguia ver que estava enchendo o saco dele e desperdiçando seu tempo. Mas tudo valeria a pena depois que eu assinasse o contrato. Quando eu me despedisse, ele receberia uma comissão muito generosa para compensar o fato de ter que aguentar minha mente confusa e meu comportamento complicado.

Eu ia conseguir.

Mas aquele não era o dia.

Ainda não era.

Depois que Todd foi embora, continuei na casa, sentado à ilha da cozinha, na escuridão total. Conforme a noite caía, minha ansiedade aumentava. Fiquei pensando se deveria ou não ir ao enterro. Como eu faria isso, de toda forma? Como diria adeus para a pessoa que tinha me salvado tantas vezes?

Fiquei encarando a escuridão por mais um tempo antes de calçar os sapatos, pegar as chaves e sair. Eu não conseguia mais ficar sentado. Precisava me mexer. Precisava cozinhar. Eu precisava ir para o Isla Iberia e preparar alguns dos pratos favoritos de Teresa.

Alguns acabaram sendo muitos, e muitos acabaram sendo demais.

Passei a noite toda cozinhando.

Quando o sol nasceu, eu tinha destruído a cozinha do Isla Iberia. Toda a louça disponível estava suja, e todos os pratos do cardápio estavam preparados.

Terminei o último por volta das onze da manhã. Meus olhos estavam cansados, e eu tinha catorze ligações perdidas de Noah.

Mandei uma mensagem para ele.

ALEX

Eu estou bem.

NOAH

Se você não aparecer hoje, eu vou te buscar.

Só mesmo seu melhor amigo para se preocupar quando você estava muitíssimo bem. Era supernormal passar a noite inteira cozinhando, sem fazer um intervalo para pensar ou sentir qualquer coisa. Eu não precisava sentir nem pensar. Eu precisava mergulhar ainda mais na culinária. Mas, infelizmente, Yara chamou minha atenção do outro lado da rua. Ela estava andando de um lado para o outro, segurando o que parecia ser um prato.

Era como se fosse impossível fugir dela. Ela estava em todo canto, e parecia falar com todo mundo.

Tatiana tinha comentado que Yara era como o golden retriever da cidade. Talvez fosse por isso que seus olhos pareciam os de um cachorrinho pidão. Ela olhava para mim toda feliz, como se soubesse um segredo, e eu não. E isso me deixava louco.

Ainda assim, eu não conseguia parar de olhar para ela. Não conseguia parar de acompanhar sua caminhada errática diante do meu restaurante. Olhei tanto para ela que acabei queimando minhas empanadas.

Eu. Queimei. Minhas. Empanadas.

Eu não queimava comida. Isso era um motivo de orgulho para mim. Nunca tinha queimado nada, mas lá estavam elas — empanadas torradas feito carvão —, tudo por causa da mulher esquisita do outro lado da rua.



CAPÍTULO 10
Yara

— Só deixa na porta e vai embora, Yara — falei para mim mesma, parada na frente da creche segurando a tigela de água para o restaurante de Alex. — Acaba logo com isso — murmurei.

Já estava atravessando a rua, mas parei e voltei para o meu lado da calçada. Por que a ideia de entregar a porcaria de uma tigela me deixava tão nervosa? Era só um pote. Nada mais, nada menos.

— Oi, Yara! — exclamou Milly, virando a esquina em sua caminhada matinal. — O que é isso aí? — perguntou ela bem alto.

Ela usava headphones grandes e vermelhos que combinavam com sua roupa.

Eu jurava que Milly tinha um headphone para combinar com cada look.

— Ah, não é nada. Eu só…

— Caramba, você vai dar uma tigelinha de água para aquele restaurante novo monstruoso? Não me diga que você apoia aquele lugar, Yara.

— É uma tradição, Milly. Todas as lojas na Main Street têm sua própria tigela.

Milly balançou a cabeça, decepcionada.

— Você só pode estar brincando. Isso não é uma simples tigela. É um sinal de que a nossa cidade aceita esse tipo de empreendimento. Essa é a última coisa que devíamos fazer!

O jeito como a voz de Milly reverberava me deixou arrepiada. Eu detestava o fato de ela estar chamando atenção, quando eu só queria acabar logo com aquilo.

— É melhor você voltar para sua caminhada, Milly. Não queremos que sua frequência cardíaca abaixe — comentei.

Ela olhou para o relógio e balançou a cabeça.

— É, você tem razão. Mas pense bem se vai deixar a tigela naquele restaurante. Nós precisamos permanecer unidos — falou ela e olhou para o edifício do outro lado da rua. — Seu paizinho está trabalhando hoje? Achei que talvez ele também fosse gostar desta roupa.

Forcei um sorriso.

— Hoje, não, Milly. Eles já terminaram esse projeto.

— Ah, é? Bem, talvez ele possa me ajudar com um probleminha de encanamento lá em casa.

— Ele não é encanador, mas talvez você possa falar com o Eric.

Ela me dispensou com um aceno de mão.

— Ah, a empresa do Eric cobra muito caro. Tenho certeza de que o querido do Matthew faria uma avaliação de graça. Apesar de não ser encanador, dizem por aí que ele sabe o que faz com as mãos. — Estremeci de nojo quando Milly se virou para ir embora. Ao se afastar, ela gritou: — Larga essa tigela, Yara!

Resmunguei para mim mesma antes de jogar os ombros para trás e seguir a passos largos para o Isla Iberia. Sem querer perder tempo, fui logo colocando a tigela no chão, mas uma voz ecoou atrás de mim enquanto eu me abaixava.

— O que você está fazendo?

Eu me virei e encontrei Alex me encarando com um olhar sério e cheio de crítica. Seus olhos castanhos me atravessaram com uma intensidade arrepiante, mas eu não sabia se isso era algo bom ou ruim. Aquele homem me causava sensações indecifráveis.

— Ah. Oi. — Eu me levantei e alisei meu vestido cor-de-rosa com saia evasê. — Eu só estava deixando sua tigela de água aqui na frente.

— Não quero comprar nada.

— Você não precisa comprar. É um presente.

— Eu não pedi uma tigela de água.

— Ah, claro que não. — Eu sorri. Ele, não. *Que grande surpresa.* — É que faço para todas as lojas. Não sei se você reparou, mas Honey Creek é uma cidade muito receptiva a cachorros… e ao Walter.

— Quem é Walter?

— Walter é o gato da cidade, ele está sempre por aí — expliquei, apontando para um gato laranja parado ali perto, bebendo água na tigela da sorveteria. — Então dou uma tigela personalizada para cada loja, para os bichinhos ficarem hidratados enquanto fazem seus passeios.

Ele resmungou e cruzou os braços por cima do avental sujo de farinha. Fiquei me perguntando se a sujeira era propositalmente artística ou algo que ele havia causado de verdade.

— Não vou pagar por isso.

Arqueei uma sobrancelha.

— Já falei que é de graça. Só um presente legal para dizer: “Seja bem-vindo à rua.”

— Não quero seu presente. Pode levar embora — bradou ele, seus olhos parecendo ainda mais frios do que nas ocasiões desagradáveis anteriores em que tínhamos nos encontrado.

Seu nível de rabugice estava bem elevado naquela manhã.

— É de graça — repeti. — Não vai fazer mal nenhum deixar ela aí.

— Vai prejudicar meus negócios, e eu não quero uma tigela.

— Por que você está sendo tão babaca? É só uma tigela de água!

— Que eu não pedi. Agora, se você não tirar ela daí, eu tiro.

Cruzei os braços e ajeitei minha postura. Mesmo com a coluna o mais esticada possível, eu ainda parecia minúscula ao lado do corpo largo dele.

— Não. Você nem vai notar que ela está aí.

— Eu te garanto que vou notar cachorros tomando água e babando do lado de fora do meu restaurante.

Revirei os olhos.

— Você está sendo dramático demais.

— E você está sendo grosseira. Não pedi nada disso, então tira logo essa tigela daí, ou eu mesmo tiro.

— Grosseira?! — exclamei, chocada com a palavra. Minhas mãos voaram para o peito. — Eu sou o oposto de grosseira. Eu me dou bem com todo mundo. As pessoas gostam de mim.

— Nem todas — resmungou ele, suas palavras carregadas de irritação. — Eu não gosto de você.

O ar entalou na minha garganta enquanto eu o encarava, chocada com sua declaração.

— Você nem me conhece!

— Conheço o suficiente para saber que você deixa seu cachorro cagar na rua, e que tenta deixar tigelas de água onde as pessoas não querem. Não tenta forçar sua obsessão por cachorros para cima de mim, Goldie.

— Goldie.

— É, um golden retriever irritante. Você é exatamente assim, Goldie.

— Você acabou de me dar um apelido maldoso?

— Pois é, Goldie.

— Não me chama de Goldie!

— Vou chamar, sim.

Qual era o problema daquela criatura?

— Por que você é tão maldoso?

— Porque eu posso.

— Só porque você pode não significa que deve. Você podia ser legal, sabia? Isso é uma opção.

— Legal como você?

— É. Legal como eu.

Ele bufou.

— Você não é legal.

— O quê? Sou, sim.

— Não é, não. Pessoas legais não dizem que são legais. Pessoas preocupadas demais com a opinião dos outros, que puxam o saco de todo mundo, dizem que são legais porque são obcecadas pela ideia de serem amadas.

— Eu não ligo para a opinião dos outros! — exclamei, o que era uma mentira deslavada.

Eu ligava demais. Ligava tanto que, se dissesse algo errado para alguém, passava horas remoendo a conversa. Mas eu não precisava que um rabugento que não gostava de tigelas de água jogasse meus defeitos e inseguranças na minha cara. Eu já os analisava demais para o meu próprio bem.

— Ah, então que ótimo, porque eu não gosto de você, e quero que pegue essa tigela idiota e saia do meu restaurante! — berrou ele.

As veias no pescoço de Alex se destacaram enquanto ele gesticulava para que eu saísse dali. Seus olhos estavam focados em mim, mas ele parecia distante. Dava para ver a raiva no seu interior, ou, espere… tristeza? Quando ele piscou, seus olhos pareceram bem tristes, como se ele estivesse se esforçando ao máximo para manter a compostura.

— Qual é o seu problema? — perguntei, confusa com seu tom grosseiro.

Claro, nós não tínhamos tido as melhores conversas do mundo, mas a intensidade daquela raiva parecia desproporcional. Ninguém ficaria nervoso daquele jeito só por causa de uma tigela.

— *Você!* — berrou ele. — Você é o meu problema! Essa cidade idiota inteira é o meu problema. Essa cidade idiota com essas tigelas de água idiotas para esses cachorros idiotas e para o idiota do gato Walter! Essa cidade idiota e esse monte de vândalos, fofoqueiros e tradições bestas! Essa cidade idiota e o quanto a maltrataram, mesmo sendo a melhor pessoa do mundo! — berrou ele, com os olhos marejados de raiva e tristeza.

Muita tristeza.

Ai, caramba. O que aconteceu com aquele homem?

— Quem era a melhor pessoa do mundo? — sussurrei, confusa com suas palavras.

Ele piscou enquanto a raiva borbulhava. Ele piscou enquanto lutava para não deixar as lágrimas rolarem. Ele piscou, e eu vi — quem ele realmente era. Como estava magoado.

Ele balançou rápido a cabeça, e a dureza voltou para seu olhar.

— Nada. Não é nada. Só vai embora, tá? — sibilou ele.

— Alex — chamou uma voz, interrompendo nossa briga.

Bem, estava mais para briga dele com toda Honey Creek. Eu desconfiava de que ele nem estava mais gritando comigo. Sua frustração parecia exaltada demais para ter sido causada por uma tigela de água.

— *O quê?* — questionou, ainda berrando ao se virar para o desconhecido na calçada. No instante em que o viu, a raiva de Alex passou. — O que você está fazendo aqui? — perguntou ele.

— Deixa de ser idiota — respondeu o outro.

Alex esfregou a nuca, mas não respondeu. Seus ombros murcharam. Era como se eu tivesse visto aquele cara furar o balão que continha a raiva dele.

O outro homem franziu a testa, foi até Alex e o abraçou. Alex não retribuiu o abraço. Seus braços permaneceram caídos ao lado do corpo, mas o cara não pareceu se importar. Ele o apertou com força, como se temesse soltá-lo. E então disse:

— Uísque?

Alex se soltou do abraço e passou a mão pelo cabelo preto bagunçado.

— Vou pegar os copos.

— E se limpa um pouco, hein! — ordenou o desconhecido. — Você está imundo.

Alex resmungou. Ele se virou para mim, e tudo que restava era a tristeza em seu olhar. Mas não disse mais nada. Apenas entrou no restaurante, me deixando ali na frente do desconhecido, segurando uma tigela de água.

— Parece que vocês dois tiveram uma conversa acalorada — disse ele.

— Eu só estava tentando dar boas-vindas a ele com uma tigela para os cachorros da cidade. — Ele sorriu. Era o oposto do que Alex faria. Inclinei a cabeça e estreitei os olhos. — Eu te conheço.

Ele estendeu a mão para mim.

— Noah Colton. É um prazer te conhecer.

Fiquei boquiaberta.

— Noah Colton, o chef jurado do programa *Mordidas*?

Ele sorriu e deu de ombros.

— O próprio.

— Ai, caramba. Eu adoro o seu programa. Sou muito fã mesmo. Você é amigo desse cara? Mas você parece tão legal, e ele é tão, tão, tão…

— Ranzinza?

— E mal-educado! E grosseiro! E esquentadinho.

Noah riu.

— Meu melhor amigo é assim mesmo.

— Melhor amigo? Com esse comportamento, me surpreende ele ter qualquer amigo.

Noah olhou para Alex, que pegava uma garrafa de uísque na prateleira do bar do restaurante parecendo estar com muita raiva. Noah enfiou as mãos nos bolsos.

— Ele às vezes é meio difícil.

— Às vezes?

O sorriso dele não desapareceu, mas diminuiu um pouco.

— Ele passou por uns meses difíceis. Além disso, hoje é o enterro de uma pessoa muito importante para ele.

— Ai, nossa! — Levei as mãos ao peito. — Eu não sabia!

— É claro que não. Como poderia? O Alex não é exatamente um livro aberto. Para ser sincero, se dependesse dele, acho que nem deixaria que olhassem suas páginas. — Noah suspirou e coçou a barba. — Sei que ele é meio babaca, mas faz parte do charme dele no mercado, por mais estranho que pareça. Quanto mais babaca, melhor o chef, mas ele também é um cara legal. Normalmente, só prefere ficar na dele, mas essa última semana foi bem complicada. Ele anda meio perdido ultimamente.

— Isso explica por que veio parar em Honey Creek. Deve ter perdido algum retorno na estrada.

Noah riu.

— Pode parecer estranho, mas acho que aqui é exatamente o lugar onde ele deveria estar. Você devia deixar a tigela aí. Ele vai se acostumar com ela.

Antes que eu conseguisse responder, a porta do restaurante foi escancarada.

— Você vai entrar ou quer me irritar e passar o dia inteiro aí fora? — grunhiu Alex para Noah.

Seu mau humor não abalou Noah.

— Como é mesmo o seu nome? — perguntou Noah para mim.

— Yara.

— Foi um prazer te conhecer, Yara — disse ele.

— É mentira — comentou Alex, frio. — Ele sempre mente — resmungou ele, acenando para Noah entrar.

— Você já assistiu ao meu programa, Yara. Sabe que eu sou um péssimo mentiroso, até quando quero mentir. Um bom dia para você.

— Para você também, Noah.

Meu olhar voltou a encontrar o de Alex, e senti que devia falar alguma coisa. Talvez oferecer meus sentimentos ou lhe dar um abraço. Não havia motivo para eu achar que devia fazer nada disso, mas era o que sentia.

CAPÍTULO 11
Alex

— Gostei da garota — disse Noah ao entrar no restaurante.

Revirei os olhos enquanto ia para o bar e, em seguida, servi duas doses de uísque.

— Ela ia adorar saber que você disse isso. Ela ama que gostem dela.

— Eu te daria uma bronca por ter sido rabugento com ela, mas nas circunstâncias atuais…

Ele se sentou ao bar, e eu me sentei ao seu lado.

— Você não precisava ter vindo aqui. Estou bem.

Noah olhou para a cozinha destruída e arqueou uma sobrancelha.

— Deu para perceber — comentou ele, sarcástico.

— O que você quer que eu faça, hein? Que eu fique triste? Que eu chore? Quer que eu fique um caco porque o enterro da Teresa é hoje?

— Bom… sim. Tudo isso faria sentido.

— Que pena. Eu vou limpar essa bagunça e continuar preparando o restaurante para a inauguração na semana que vem. Não tenho tempo para ficar me lamentando. Além do mais, a Teresa teve uma ótima vida. Não vou chorar por causa disso.

— O fato de ela ter tido uma ótima vida não torna a morte dela mais fácil.

— Na verdade, torna, sim. — Tomei minha dose e servi outra. — Então você pode me ajudar a limpar as coisas, ou…

Ele sentiu um cheiro no ar.

— Você queimou alguma coisa?

Grunhi, me lembrando das empanadas.

— Não quero falar sobre isso.

— Você nunca queima nada.

— Eu me distraí.

Noah franziu a testa e deu tapinhas no meu ombro.

— Com a sua tristeza?

— O quê? Não. Com a Yara.

Ele ergueu uma sobrancelha, curioso.

— Ah, então você está a fim da vizinha, né? Ou sua vizinha do outro lado da rua, pelo menos. Faz sentido. Ela é bonita. E legal.

Lá estava aquela palavra de novo — legal. Yara era legal à beça mesmo.

Por que isso me incomodava tanto? Por que ela me deixava tão irritado? Para mim, pessoas eram o que havia de mais desinteressante no mundo. Eu fazia questão de não me importar com elas, mas Yara, por algum motivo, não saía da minha cabeça. Era quase como se ela tivesse desfeito as malas nos meus pensamentos.

— Não estou a fim daquela mulher — resmunguei feito um velho. — Ela é uma chata e o estereótipo de pessoa de cidade pequena, com pensamentos de cidade pequena.

— Qual é o problema disso? Eu gosto de garotas de cidade pequena. Sou noivo de uma, lembra?

— Chicago não é uma cidade pequena.

— Quando comparamos a Nova York, é — explicou ele. — É tudo uma questão de perspectiva.

— A gente pode mudar de assunto? — pedi, querendo desviar a conversa de Mandy, porque isso sempre nos fazia chegar a Catie, e eu já estava cansado de falar dela.

A melhor coisa sobre o passado é deixá-lo para trás.

— Tudo bem. Talvez a gente possa falar sobre a sua última mensagem, na qual você falou que não vai ao enterro hoje à tarde.

— Não vou.

— Vai, sim.

— Não. Não vou.

— Alex…

— Estou ocupado demais com a inauguração do restaurante. Não posso tirar folga.

— Cara…

Suspirei.

— Não tenho tempo para isso, Noah. Ela morreu, e foi péssimo, e estou lidando com isso da melhor forma que consigo, tá?

— E como você está lidando com isso?

Não estou.

Ele suspirou e apertou a ponte do nariz.

— A cerimônia vai ser linda. A Teresa vai gostar.

— Ela iria detestar.

Ele arqueou uma sobrancelha.

— Como assim?

— A Teresa detestava velórios. Ela achava uma coisa ridícula. Além do mais, há alguns anos, passamos por uma igreja onde estava acontecendo um velório, e ela me disse exatamente o que achava deles.

— O que ela disse?

Respirei fundo.

Tentei não me engasgar ao puxar o ar.

— Ela disse: "*Alejandro, cuando muera, no me busques en las iglesias. Encuéntrame entre las ollas y sartenes.*"

— Nossa. — Ele assentiu lentamente com a cabeça. — Agora, para o seu melhor amigo aqui entender, fala na minha língua.

Eu sorri.

— "Alejandro, quando eu morrer, não procure por mim nas igrejas. Me encontre nas panelas e frigideiras."

Noah se recostou na cadeira, balançou a cabeça e soltou uma risadinha.

— Parece algo que a Teresa diria. — Ele gesticulou para a cozinha. — É por isso que está essa bagunça aqui? Estava procurando por ela?

— Estava.

— E a encontrou?

— Não — respondi. — Só achei empanadas queimadas.

Ele deu tapinhas no meu ombro.

— Não tem problema se você também tiver encontrado o luto, Alex.

— Não encontrei. Eu estou bem.

— O Henry me ligou hoje cedo. Ele perguntou como você estava.

— E o que você disse?

— Mandei ele ir se ferrar.

Esse é o meu melhor amigo.

Lealdade era o sobrenome de Noah.

— Valeu — murmurei, sem saber o que pensar sobre o fato de Henry ter perguntado sobre mim após a morte de Teresa.

Henry era um dos melhores chefs do mundo. Por um acaso, também era um dos piores seres humanos que eu conhecia. Eu costumava admirá-lo até ele roubar as ideias do meu restaurante e começar a dormir com Catie. Diziam as más línguas que os dois estavam morando juntos, como num conto de fadas. Eu

sempre me perguntava como traidores conseguiam ser infiéis juntos e então seguir felizes com suas vidas, deixando os outros com o trauma resultado de sua infidelidade. Era doloroso ser traído. Era ainda mais doloroso conhecer as duas partes envolvidas na situação.

Dizer que minha relação com Henry tinha sido totalmente destruída era pouco.

— Não foi problema algum — disse ele, falando sério.

— A gente pode falar sobre outra coisa? — perguntei.

— Tipo sobre a garota bonita do outro lado da rua?

Revirei os olhos. No fim das contas, eu não queria conversar sobre nada. Nem sobre Catie. Nem sobre Henry.

E com certeza nem sobre Yara Kingsley. Mas, para falar a verdade, ela era melhor do que as duas primeiras opções.

— Talvez a gente possa ficar em silêncio — resmunguei.

Noah assentiu com a cabeça e pegou seu copo.

— Por mim, tudo bem.

Noah me ajudou a arrumar a cozinha toda antes de ir para a cerimônia em Chicago.

Organizei alguns documentos e fechei o restaurante. Assim que tranquei a porta, olhei para a esquerda e vi a tigela de água.

Puta que…

Com o peito subindo e descendo de irritação, peguei a tigela e atravessei a rua em disparada até a creche de Yara.

— Qual é o seu problema, hein? — bradei para Yara, que estava terminando de falar com um cliente.

Eu teria me sentido mal se não fosse tão babaca.

— Com quem você pensa que está falando assim, rapaz? — questionou a cliente, apertando sua bolsa.

— Não é com você! — respondi, sentindo meu corpo inteiro esquentar de raiva.

Yara olhou para mim, depois para a mulher, e forçou um sorriso.

— Da próxima vez, a gente dá um jeito de quitar sua conta, Milly. Tenha uma boa noite.

Milly se inclinou para perto de Yara.

— Eu te avisei sobre as drogas da cidade grande.

Ela foi embora, se encolhendo para passar por mim enquanto saía da creche. Yara soltou um suspiro cansado e levou as mãos à cintura antes de se virar para

mim. Seus olhos castanhos lindos e idiotas encontraram os meus, e ela bradou:

— Qual é o seu problema?

— O meu problema? Eu te disse que não queria sua tigela idiota!

— Sim, pois é, mas o Noah falou…

— Não me importa o que o Noah falou! Eu fui bem direto quando avisei que não queria essa porcaria — falei, empurrando a tigela para ela.

— Não é uma porcaria — rebateu ela, séria, empurrando a tigela de volta para mim. — E, se você não estivesse tão mal-humorado, teria gostado do presente! E sinto muito, tá? Sinto muito por você estar mal-humorado, e entendo por quê.

— Você não entende nada sobre mim. Você não me conhece.

— Você tem razão. Eu não te conheço. Mas o Noah me contou sobre…

— Você não me conhece! — gritei, sentindo uma onda de emoções me percorrer diante da menção a Teresa.

Eu queria sentir essas emoções. Eu queria lamentar a morte dela. Eu queria desmoronar. Eu queria ser partido em mil pedacinhos. Eu queria estar onde Teresa havia estado. Eu queria escapar daquele mundo, porque um mundo sem ela era vazio.

Eu me sentia vazio.

Vazio de tudo que era importante.

Mas, em vez de encarar essas emoções e assimilar minha perda, gritei com Yara como se ela fosse a causa de todas as mágoas que eu já tivera na vida.

— Isso não tem nada a ver com a minha vida. Isso tem a ver com você, com a sua insistência e com essa tigela idiota. Eu só falei que não quero sua tigela idiota! — expliquei.

— Por que você está sendo tão babaca?

— Por que você está sendo tão irritante?

— Eu não sou irritante, seu escroto! — rebateu ela, a voz falhando. Então ela cobriu a boca com a mão e balançou a cabeça. — Desculpa. Me desculpa. Eu não quis dizer isso.

— Quis, sim. Só para variar, admite o que você pensa.

— Agora, quem está se comportando como se conhecesse alguém? — perguntou ela com as narinas dilatando-se.

Ela parecia na dúvida se devia tentar ser mais legal comigo ou expressar completamente sua irritação.

Briga comigo, Goldie.

Eu precisava disso. Precisava de um foco para minha raiva, alguém em quem descontar aquele turbilhão de emoções.

Por algum motivo, parecia que eu era a primeira pessoa com quem ela já havia gritado na vida, com base no rubor de seu rosto. Ela era linda até quando estava nervosa. E isso me incomodava ainda mais.

Yara empurrou a tigela de volta para mim.

— Só fica com ela!

— Não — bradei de novo, empurrando-a para ela.

— Vai ficar, sim — argumentou ela.

— Não.

Lá estávamos nós, irritadíssimos, empurrando aquela tigela idiota de um lado para o outro, de um lado para o outro, de um lado para o outro, até eu simplesmente desistir e dar um passo para trás, soltando a tigela.

Quando Yara empurrou a tigela de volta para mim, a soltou e a peça de cerâmica escorregou dos dedos dela e caiu, se espatifando em mil caquinhos.

Em uma questão de segundos, os olhos dela se encheram de lágrimas. Ela engoliu em seco, e suas mãos voaram para abafar o soluço que lhe escapou. Tudo por causa de uma porcaria de tigela. Ela se abaixou rápido, em frangalhos, com lágrimas escorrendo por suas bochechas. Com mãos trêmulas, começou a catar os cacos da tigela quebrada, e uma tonelada de culpa acertou meu peito.

Droga.

Tudo bem, eu não queria a tigela, mas não achei que ela teria um colapso nervoso por quebrá-la.

Resmunguei e me abaixei para ajudá-la com os cacos.

— Desculpa, eu…

— Vai embora! — bradou ela, secando as lágrimas. — Eu não devia ter te dado uma chance por causa de um interesse que nunca existiu!

— Do que é que você está falando?

— Não importa, tá? Está óbvio que nosso santo não bateu, então vamos parar de encher o saco um do outro. Você não entra na minha creche, eu não entro no seu restaurante — retrucou ela, em tom agressivo, seus olhos me cortando.

Foi nesse momento que eu devia ter pedido desculpa. Foi aí que eu devia ter colocado o rabo entre as pernas e dito que sentia muito por me comportar feito um monstro todas as vezes que nos encontramos. Mas, por algum motivo, eu não sabia ser gentil.

Admitir estar errado.

Ser humano.

Então estufei o peito e gritei:

— Pode acreditar, nunca mais vou colocar os pés nesse lugar, e eu nunca teria

feito isso se não fosse para te devolver esse negócio!

Ela se levantou, estufou o peito e gritou para mim.

— Pode acreditar, eu nunca vou colocar os pés no seu restaurante idiota! Não quero saber de você nem da porcaria da sua culinária *fusion*!

— Minha comida não é uma porcaria!

— Ela é a pior porcaria de todas! — insistiu ela. — E qualquer um que for comer lá é um palerma!

— Que mentira!

— Não é, não. Qualquer um que entre naquele lugar idiota é um palhaço! Você poderia muito bem pedir para a recepcionista colocar um nariz vermelho em todo mundo que aparecer lá.

— Você está sendo ridícula.

— E você é pior ainda!

— Você sempre precisa dar a última palavra?

— E você precisa?! — rebateu ela.

— Não, não preciso!

— Ótimo, então vai embora!

— Estou indo!

— Vai mais rápido!

— *Estou indo!* — gritei para ela, jogando as mãos para o alto de frustração.

— *Tipo agora!*

— *Já falei que estou indo!*

Mas eu não estava indo. Eu não tinha me mexido. Eu não tinha dado um passo na direção da porta, e não entendia por quê. Eu não conseguia parar de olhar para ela. Eu não conseguia parar de olhar para as lágrimas escorrendo pelas bochechas dela. Não conseguia fazer nada.

Então ela se mexeu. Foi batendo os pés até a porta, escancarou-a e apontou para a rua.

— E não volte mais! — ordenou.

Saí da creche batendo os pés como Yara, que bateu a porta atrás de mim, trancando-a imediatamente.

No instante em que o ar fresco bateu no meu rosto, voltei à realidade, me perguntando o que tinha acontecido.

Olhei pela vitrine para Yara, que ainda estava de costas para mim, e a vi secar as lágrimas. Cada gota de raiva que eu sentia se esvaiu, me deixando apenas com a culpa.

Bem, a culpa e o luto.

A pior mistura do mundo.

Teresa teria me dado uma bronca por eu ter me comportado feito um monstro. Ela me mandaria bater à porta de Yara e pedir desculpa por ter sido tão frio e maldoso. Ela teria me lembrado de ser um cavalheiro. Mas ela não estava mais aqui para ser a bússola que sempre me mostrava como ser uma pessoa melhor.

Sendo assim, tudo que Yara encontraria seria o homem rabugento em quem eu havia me transformado no último ano. Frio e desalmado. Triste e sozinho.

CAPÍTULO 12

Alex

DEZ ANOS DE IDADE

— Por favor, não me deixa aqui — implorei para meu pai quando paramos na frente da casa de uma desconhecida.

Nós tínhamos passado uma eternidade em um avião viajando para o outro lado do mundo, porque meu pai me dissera que não poderia cuidar de mim durante aquele verão. Ele teria que trabalhar muito, então eu precisaria passar as férias com minha tia Teresa.

Eu não sabia quem era Teresa, e a última coisa que queria era ficar com ela em um país desconhecido. Quando meu pai falava sobre ela, sempre dizia que a achava esquisita quando ele era garoto. Que ela comia alho cru feito uma vampira, e tentava fazer com que ele o comesse com mel sempre que a visitava.

Eu não queria comer alho com mel.

Eu queria ir para casa.

— Para de choramingar — brigou meu pai, apertando com força a alça da mala. — A maioria dos garotos adoraria passar o verão em Madri. Você está sendo ingrato.

Meu estômago doía enquanto eu lutava contra as lágrimas que ameaçavam cair.

— E se a mamãe voltar enquanto eu estiver aqui? E se eu não encontrar com ela?

Meu pai bufou e revirou os olhos.

— Faz dois anos que sua mãe foi embora. Duvido que ela resolva te procurar agora. Vê se cresce e esquece isso. Já está na hora de você virar homem.

Eu não sabia que ser homem significava não ter mãe. Eu tinha passado os últimos dois anos esperando a porta da sala do apartamento abrir e mamãe voltar como tinha prometido na última vez que nos vimos. Fazia dois anos que eu esperava, mas nada acontecera.

Mesmo assim.

E se acontecesse enquanto eu estava em Madri? E se minha mãe estivesse me

procurando e não conseguisse me encontrar?

Meu pai esmurrou a porta, e não demorou muito para uma mulher mais velha abri-la, usando roupas coloridas que não combinavam, um monte de cordões esquisitos com cruzes, brincos dourados imensos e óculos redondos engraçados. Havia um cigarro entre seus dedos, e olhava para meu pai.

Ela deu um tapinha leve na bochecha dele e o beijou no rosto.

— Você está atrasado.

— O voo demorou para sair — explicou meu pai, tirando o cigarro dos dedos dela e dando uma tragada.

Eu detestava o cheiro de fumaça. Ele só fazia minha dor de estômago piorar.

Teresa pegou o cigarro de volta e deu um tapa na nuca do meu pai.

— Que história é essa? Não fume. Isso faz mal. — Então ela se virou para mim e arqueou uma sobrancelha. — Você fuma?

Dei um passinho para trás, tentando me esconder atrás do meu pai.

— Eu sou criança.

Ela estreitou os olhos e me analisou, séria. Então soltou uma gargalhada que parecia a risada de uma bruxa e jogou a cabeça para trás.

— Quando eu tinha a sua idade, já fumava um maço inteiro. Mas nunca comece, entendeu? É por isso que eu tenho voz de caminhoneiro velho. Meus pulmões me odeiam, Alejandro.

Ela disse meu nome inteiro. Que esquisito.

— Eu me chamo Alex — sussurrei.

Ela inclinou a cabeça.

— Como é? Quem disse para você sussurrar? Nessa casa ninguém sussurra. Nós falamos alto. Se você não gritar, ninguém vai te escutar. E pode sair de trás do seu pai. Não precisa se esconder.

Devagar, saí de trás dele e parei diante dela.

— Muito bem — elogiou Teresa, assentindo com a cabeça para mim. — Agora, repita o que você disse.

— Eu me chamo Alex — falei, um pouquinho mais alto.

Ela ergueu as duas sobrancelhas.

— Você o chama de Alex? — perguntou ela para meu pai.

— Aham.

Ela se virou para mim e se agachou para ficar da minha altura. Isso não era muito difícil, levando em conta que ela era uma pessoa baixinha com uma personalidade enorme.

— Sabe de onde veio o seu nome, Alejandro?

— Dos meus pais — respondi.

— Ah, sim, mas você sabe de quem era esse nome antes?

Balancei a cabeça.

Ela lançou um olhar feroz para meu pai antes de se virar para mim.

— Você foi batizado em homenagem ao meu irmão, seu avô, Alejandro Ramírez. Sabe o que o seu nome significa?

Balancei a cabeça.

— Não.

Ela apertou minha bochecha, me dando um tapinha leve.

— Significa defensor do povo. E Ramírez quer dizer sábio e famoso. Sabe, você recebeu esse nome porque ele é poderoso. Nomes são importantes. Você é um defensor forte, Alejandro. E é uma honra para mim chamá-lo assim.

Dei um sorriso.

Eu nunca tinha me sentido forte, mas comecei a gostar mais do meu nome.

— Eu sou sua tia-avó Teresa, a irmã caçula do seu finado avô, mas você pode me chamar de tia Teresa. Essa coisa de "avó" faz eu me sentir velha, apesar de eu ser bem conservada — disse ela, piscando para mim. Ela tinha cheiro de algodão-doce e cigarros, e seu sotaque era forte, mas seus sorrisos eram bonitos. Ela sorria como se quisesse que eu me sentisse bem e acolhido. — Já arrumei seu quarto, Alejandro — disse Teresa, apontando para o corredor. — Pode levar a sua mala para lá.

— Preciso voltar para o aeroporto — comentou meu pai.

Arregalei os olhos.

— Você já vai embora?

— Já expliquei. Só vim te deixar aqui. Tenho reuniões na Califórnia que não posso perder. Volto no fim do verão para te buscar. — Ele bagunçou meu cabelo e abraçou tia Teresa. — Obrigado de novo por cuidar dele no verão.

— Eu estava precisando de um pouco de juventude na minha casa. Pode ir. Quero conhecer melhor o Alejandro — disse ela, acenando para meu pai.

Ele não me deu um abraço de despedida nem disse que me amava. Apenas saiu apressado pela porta.

No primeiro mês, Teresa me fazia ajudá-la pela cidade. Nós íamos a feiras, e ela cozinhava para mim toda noite. Ela era esquisita, mas cozinhava bem. No segundo mês, ela começou a me pedir que picasse legumes. Eu fiz um corte feio em um dos dedos, e ela me ensinou uma técnica melhor. No terceiro, eu já estava preparando tapas enquanto ela me ensinava espanhol.

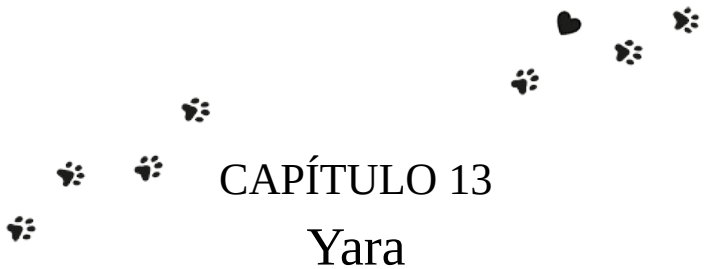
O quarto mês chegou, e meu pai não voltou.

Ele ligava para dizer que os negócios estavam indo bem.

Ele ligava para dizer que precisava de mais tempo.

Ele ligava cada vez menos.

Eu fiquei esperando por ele. Eu também esperava pela minha mãe. Ficava sentado na sala de Teresa, esperando os dois voltarem. Esperando por uma ligação avisando que eles estavam indo me buscar.



CAPÍTULO 13

Yara

PRESENTE

Eu odiava meu vizinho rabugento.

Eu não gostava de usar a palavra ódio com frequência, mas era o que eu sentia, e era intenso. Infelizmente, parecia impossível evitar a presença dele.

A quantidade de vezes que eu tinha saído do prédio para evitá-lo era ridícula. Ainda assim, eu sempre esbarrava com ele no saguão, em frente aos escaninhos de correio ou no elevador.

No fim de um dia, quando eu estava voltando de um jantar com minhas irmãs, ele entrou no elevador junto comigo, e um grupo grande de pessoas se juntou a nós, nos empurrando para um canto, lado a lado. Alex falou seu andar para alguém do grupo apertar o botão, e fiz o mesmo. Seu braço roçou de leve o meu, e resmunguei baixinho ao sentir seu toque. Ele resmungou em resposta porque eu tinha quase certeza de que esse era o único som que saía de sua boca idiota.

Resmunga, resmunga, homem rabugento irritantemente bonito, resmunga, resmunga.

E eu detestava saber que ele estava sempre cheiroso. Pessoas ruins tinham que ter cheiro de esgoto e de fralda suja, mas o aroma dele lembrava manteiga de cacau, mel e carvalho. Eu adorava manteiga de cacau. Adorava mel. Adorava, adorava, adorava carvalho. *Essas são algumas das minhas coisas favoritas.* Se eu fosse doida — e eu não era —,
ia querer me aconchegar a ele no elevador para sentir seu cheiro. Eu ia querer pressionar o nariz contra seu pescoço e fungar de um jeito ridículo, gemer contra sua pele bem hidratada e perguntar que sabonete ele usava. Eu ia querer me enrolar no tecido de suas roupas e perguntar sobre seu amaciante, marcá-lo do mesmo jeito que Cacau marcava todas as minhas roupas como seu território.

Se eu fosse doida.

Mas eu não era.

Eu era um poço de sanidade. Não havia nada de esquisito em mim. *Totalmente*

normal. Eu só tinha uns pensamentos bizarros de vez em quando.

A parte sã da minha mente não queria sentir o cheiro dele. Sempre que eu me deparava com a carranca permanente dele, queria lhe dar um soco na barriga.

Naquela barriga dura feito pedra.

Eu notei o tanquinho dele outro dia, enquanto ele corria sem camisa pela vizinhança. Uma pessoa má não devia estar tão em forma. A beleza daquele homem era uma pedra no meu sapato. Eu podia apostar que o abdome dele também tinha cheiro de manteiga de cacau. Eu podia apostar que ele se besuntava de hidratante de manhã e à noite. Sua pele era brilhosa demais para que ele não seguisse uma rotina de beleza.

O idiota do Alex com seu corpo idiota.

Enquanto ele estava pressionado contra mim no elevador, seu bíceps roçou minha pele, fazendo meu corpo se arrepiar em lugares que não deviam ficar arrepiados pelo toque dele.

— Para de encostar em mim, Goldie — sibilou ele entre os dentes.

— Não estou encostando em você — rebati. Alex olhou para meu braço apoiado no dele, depois voltou a me encarar. Revirei os olhos. — *Você está encostando em mim!* — gritei, meio que sussurrando.

— É você quem está se esfregando no meu braço — argumentou ele.

Eu me afastei dele no mesmo instante e me virei levemente para me encaixar ainda mais no canto do elevador.

— Eu jamais me esfregaria num braço feito o seu braço idiota! — respondi, enojada com essa ideia. — Seu antebraço é horrível.

— Não tem nada de errado com meu antebraço.

— Seus braços são peludos! E feios. E idiotas.

— Braços não podem ser idiotas.

— Era o que eu achava até ver os seus.

Ele arqueou uma sobrancelha.

— Você é muito imatura.

— Só com as pessoas que eu odeio. E eu te odeio, Alex Ramírez.

— Isso não é muito legal da sua parte — rebateu ele, sarcástico.

Ah, aquele homem fazia meu sangue ferver.

— Pois é, eu deixo de ser legal quando quebram minha tigela em mil pedacinhos.

— Era só uma tigela d…

— *Não era só uma tigela!* — gritei, fazendo todo mundo olhar para mim.

Pigarreei, sentindo o nervosismo revirar meu estômago. Alisei o tecido da

camiseta com as duas mãos enquanto o elevador abria no décimo quarto andar. Todo mundo saiu correndo, me deixando com Alex.

Ele passou para o lado esquerdo do elevador. Continuei do lado direito.

O elevador abriu no décimo sexto andar.

Meu andar.

Arqueei uma sobrancelha.

— Você não mora no décimo quinto? Sai do meu andar!

Ele murmurou um palavrão.

— Eles não apertaram o botão do meu andar. Pularam o meu. — Ele saiu do elevador e começou a me seguir pelo corredor. — E o andar não é seu. Você só mora nele.

— Pois é. Mas agora ele é meu. Sai do meu andar!

— Estou saindo. Vou descer de escada — explicou Alex, apontando para a saída na frente do meu apartamento.

— Vai mais rápido.

E aí ele começou a andar bem devagar.

Agora quem está sendo imaturo, Sr. Manteiga de Cacau?

— Argh. Você é um pé no…

— Cuidado, Goldie — declarou ele. Ele olhou para o fim do corredor, então chegou mais perto para sussurrar. Tão perto que senti sua respiração quente em minha bochecha. Tão perto que meu coração acelerou com sua proximidade. — Você não quer que o pessoal da cidade te escute sendo maldosa. Isso vai acabar com sua fama de boazinha.

— Eu te odeio — rebati, me sentindo minúscula ao lado do seu corpo largo.

— Você já disse isso.

— Algumas coisas merecem ser repetidas.

— E essa é uma delas?

— Essa é uma delas — concordei.

Ele esfregou a boca com uma das mãos antes de deixá-la cair na lateral do corpo. Fiquei encarando seus lábios como se estivesse hipnotizada. Eu o odiava. Eu sabia disso. Eu precisava odiá-lo. Ele era maldoso, ranzinza e… nossa. O que era aquilo nos olhos dele? De vez em quando, seus olhos brilhavam com um vislumbre de gentileza que eu queria desvendar. Por que eu queria conhecer a história escrita nas páginas dele? Por que eu me importava com a tinta usada para escrever em sua alma?

— Você está bem? — perguntei sem pensar.

Meu peito doía só por aquele vislumbre em seus olhos. Eu me sentia sem ar

pela expressão sofrida que ele nem percebia exibir.

Por que eu sentia vontade de abraçá-lo? Por que eu queria chorar?

— O quê? — perguntou ele.

— Nada — respondi, afastando a vontade estranha que tinha me dominado. — Você pode ir embora?

— Estou indo.

— Não vejo a hora de nunca mais te ver.

Eu sorri, sarcástica.

Ele não sorriu para mim.

Claro que não.

Ele esfregou o nariz com o polegar.

— Só para deixar registrado, eu não te odeio, Goldie.

— Por que não? — perguntei, enquanto meu coração dava cambalhotas e golpes de caratê dentro do peito. — Se você quiser, posso me esforçar mais para te irritar e fazer seu ódio se equiparar ao meu.

— Não precisa. Odiar os outros exige energia, e não quero desperdiçar a minha com isso.

— Você está dizendo que eu não mereço sua energia? — Ajeitei minha postura e coloquei as mãos na cintura. — Você está dizendo que eu não valho nada?

— Não — respondeu ele, rápido. — Estou dizendo que ninguém merece esse tipo de energia. As pessoas vivem decepcionando umas às outras. E elas não podem te decepcionar se você não esperar nada delas. Prefiro guardar minha energia para outras coisas.

— Tipo?

— Não é da sua conta — respondeu ele.

Lá estava de novo — nos seus olhos. Ele dizia uma coisa, mas seu rosto transmitia outra. Era como se ele tivesse passado a vida inteira gastando energia com os outros e agora estivesse drenado. Ele não odiava ninguém porque queria poupar energia. Não. Ele não odiava ninguém porque já não tinha mais energia. Ele era como um carro quebrado, sem combustível.

Senti de novo. A vontade de dar um abraço nele.

Dei um passo na sua direção.

— Alex…

Ele balançou a cabeça.

— Não — sussurrou, como se conseguisse ouvir e sentir meus pensamentos.

Algo nele me fazia querer partir para a briga, mas também tê-lo em meus braços. Eu queria gritar com ele e me atirar em seu peito e dizer que tudo ficaria

bem.

Será que ele também sentia isso? Será que ele… me sentia?

— *Para* — implorou ele, a voz baixa e angustiada.

— Para com o quê?

— Não sei. — Ele baixou a cabeça e encarou o chão, abrindo e fechando as mãos. — Só para, Goldie — sussurrou ele.

Ele acelerou o passo e desceu correndo a escada para seu andar antes mesmo de eu conseguir entender a sensação que ele tinha causado.

Fiquei parada ali por um instante, encarando a escada, torcendo para ele voltar, mas isso não aconteceu. Eu não sabia se queria que ele estivesse perto de mim, mas, quando ele foi embora, algo em mim saiu flutuando junto com sua alma. Resquícios do meu espírito estavam, de algum jeito, emaranhados ao dele.

Abri a porta do apartamento, meio embasbacada com a partida rápida de Alex. Às vezes, parecia que nossas conversas eram uma partida de tênis. Uma batalha divertida, ainda que intensa, da bola sendo arremessada de um lado para o outro, cada um tentando marcar um ponto primeiro. No fim delas, eu sempre acabava com uma sensação intensa, que agora eu percebia ir além das nossas interações. Eu não entendia o que significava aquilo, mas era algo que sentia no fundo da minha alma.

Ele tinha sido a primeira pessoa de quem eu havia conseguido me defender e a quem conseguira enfrentar durante nossas brigas. Por quê? Por que meu cérebro não ficava paralisado quando eu precisava rebater os comentários dele do jeito que acontecia quando eu conversava com as outras pessoas? Por que era tão fácil me impor com ele quando todo mundo fazia isso ser quase impossível?

Aquela sensação parecia tão estranha. Não era um frio na barriga. Era um furacão. Forte, intenso, poderoso. Eu nunca tinha sentido algo parecido com ninguém. Fiquei me perguntando se ele sentia a mesma coisa. Ele tinha ido embora com parte de mim enroscada na alma.

Alguns minutos depois, alguém bateu à porta. Eu me apressei para abrir, e, quando vi quem era, engoli em seco e forcei um sorriso.

— Josh, oi. Tudo bem? O que houve?

O cara de quem eu estava a fim! Batendo à minha porta. Que incrível. Isso, sim, afastaria meus pensamentos de Alex e das nossas conversas esquisitas. Josh me deixava com um frio na barriga. Não era um furacão, só um friozinho gostoso.

O sorriso dele se alargou.

— Oi, desculpa aparecer do nada.

— Não tem problema. — Esfreguei as mãos na lateral do corpo, sem saber o que fazer com elas. — O que houve?

Ele exibiu um pote.

— Andei meio ocupado com o trabalho, e, quando estou estressado, cozinho. Então eu tinha uns cookies sobrando. Pensei em perguntar se você queria.

— Ah. Nossa. Obrigada. É claro que quero.

— Tenho poucos talentos na vida, mas fazer cookies é um deles. Me acalma. Sem querer parecer muito convencido, mas você vai ficar impressionada.

Ah, ótimo. A gente pode casar quando você quiser, Josh. Que tal Paris no outono?

Eu sorri.

— Isso é muito legal da sua parte, e eu me ofereço como tributo para quaisquer doces que você queira descartar.

— Faz sentido um doce gostar de doces — disse ele.

Foi brega? Foi. Mas fiquei encantada? Fiquei.

— E eu queria perguntar outra coisa — comentou ele.

— Ah, é?

— É. Queria perguntar se você topa sair comigo. Num encontro.

Meu coração perdeu o compasso.

Eu me sentia como aquele GIF do Steve Carell correndo e gritando “Está acontecendo! Está acontecendo!”.

— Um encontro? — repeti.

— É.

— Comigo?

Ele riu e esfregou a nuca.

— A ideia é essa.

— Eu adoraria.

Ele suspirou e apertou as mãos contra o peito.

— Ah, que ótimo. Fiquei nervoso. Você está livre sexta à noite? Sei que está em cima da hora, mas, se topar, já tenho a reserva.

Tomar a iniciativa de fazer a reserva. Para mim, isso era um ponto positivo.

— Eu adoraria.

— Ótimo! Estou empolgado. Foi muita sorte conseguir a reserva nesse lugar. Parece que a fila de espera vai durar meses. Minha colega de trabalho tinha reservado, mas precisou ir para uma reunião em Nova York, então me ofereceu.

— Ah? Qual é o restaurante?

— O Isla Iberia. Ele fica bem na frente da sua creche na Main Street.

Aparentemente, é um dos melhores. Você sabia que o Alex tem um restaurante com estrela Michelin? Esbarrei com ele outro dia, e ele me explicou como funciona. Que cara legal.

Engasgando.

Eu estava engasgando com minha própria língua.

Alex? Um cara legal?!

Meu pobre futuro marido britânico era tão ingênuo. Se ele soubesse a verdade sobre Alex, teria outra opinião. Eu quase cogitei explicar que Alex Ramírez gostava de quebrar tigelas de água, mas me contive. Eu não queria partir seu doce coração britânico.

— A reserva é lá? — perguntei.

— É. Tudo bem?

— Ah, sim. Tudo *ótimo*. Não tem problema nenhum. Que legal. Que legal. Muito legal. Maneiro. Beleza. Bom, preciso descansar um pouco. Tenho um longo dia amanhã.

Ele sorriu.

— Perfeito. A gente se encontra no Isla Iberia às sete da noite na sexta. Boa noite, Yara.

— Para você também.

Ele saiu andando rápido, e fechei a porta, quase desmoronando no chão quando me dei conta de que teria que pisar no restaurante de Alex. Tentando me livrar daquela sensação, abri o pote de cookies, peguei um e dei uma mordida.

O pedaço instantaneamente saiu voando da minha boca e voltou para o pote.

— Que comida de cachorro é essa?! — gritei, chocada, horrorizada, ofendida.

Josh me odiava? Por que é que ele me daria algo tão ruim? Era impossível ele gostar daqueles cookies. Ou, infelizmente, lhe faltavam papilas gustativas. Josh tinha muitas coisas boas na vida. Um sorriso deslumbrante, um sotaque muitíssimo atraente…

Mas cozinhar?

Uma de cinco estrelas.

Eu não recomendaria.

Se pudesse, eu não daria estrela nenhuma.

CAPÍTULO 14
Alex

— Você devia ter vergonha, Alejandro Ramírez! — falou Tatiana, brigando comigo quando chegou ao restaurante no dia seguinte ao meu embate estranho com Yara no décimo sexto andar.

Tatiana deve ter ficado sabendo das conversas pouco agradáveis que tive com Yara. Eu nunca tinha visto Tatiana nervosa, mas tinha quase certeza de que, se fosse possível, haveria fumaça saindo por suas orelhas.

O restaurante só abriria dali a algumas horas. Não havia motivo para ela já ter chegado batendo os pés.

Pigarreei, parado atrás do bar.

— Tatiana, não podemos…

— Ah, mas podemos! — gritou ela, vindo rápido na minha direção.

Ela acertou meu braço com a bolsa. Para uma senhora, ela batia bem forte.

— Ai! — reclamei. — Você sabe que não pode bater no seu chefe, né? Isso é totalmente antiético.

— Estou pouco me lixando para ética. Por que você fez aquilo com a Yara?

— Não sei do que você está falando — menti.

Séria, ela apontou um dedo na minha direção e então gesticulou para a mesa estilo cabine.

— Senta. Aí.

— Tatiana. Você está sendo ridícula. Eu não sou criança, e você não pode…

— Agora! — ordenou ela com um berro.

Um berro que fez calafrios percorrerem minha espinha. Como um frouxo, fui logo para a mesa e me sentei.

Ela se aproximou com as mãos na cintura e estreitou o olhar para mim.

— Desembucha. Por que você foi mal-educado com ela?

Fiz uma careta.

— Você vai se sentar, ou vai ficar me passando sermão de pé?

— Vou te passar um sermão porque o seu comportamento com a Yara foi

péssimo. Desembucha. Você quebrou a tigela dela.

— Eu tive um dia difícil.

— Não. Resposta errada. A Yara estava sendo legal com você, Alex. Ela te deu uma tigela. Sabe quanto tempo ela levou para fazer aquilo?

— Eu não pedi nada para ela.

— *A questão não é essa!* — berrou Tatiana, gesticulando. — A questão é que ela fez algo legal para você. Algo que não precisava ter feito. Você não tinha o direito de ser tão grosseiro com ela.

— Eu sei — confessei com um sussurro.

Fazia mais de trinta horas que eu não dormia. Não conseguia pensar em nada além de Teresa. E, quando eu não estava pensando em Teresa, pensava em Yara. Meu cérebro ficava jogando pingue-pongue com as duas. Eu nem sabia por que Yara vinha assombrando tanto meus pensamentos. Eu não sabia como tirá-la da minha cabeça. Muito menos por que ela estava lá, para começo de conversa.

Tatiana arqueou uma sobrancelha.

— Você sabe?

— Sim. Eu sei. Foi um gatilho. O momento não foi dos melhores, e eu devia ter pedido desculpa.

— Você ainda precisa pedir desculpa. — A voz dela não estava mais carregada de raiva. Seu olhar também se suavizou. Ela franziu de leve a testa ao deslizar no banco à minha frente. A indignação da bronca começou a se dissipar conforme ela me encarava. — Eu entendo. Essa cidade tem sido ruim com você, Alex. As pessoas te atacam, te julgam e fazem você se sentir tão indesejado quanto um alienígena.

— Você não sabe da missa a metade… — murmurei.

— Você tem razão, não sei. Não sou eu quem está sendo atacada. É você. Mas você não pode deixar essas pessoas mudarem sua essência. Não pode deixar que elas te tornem frio.

— E se eu já fosse frio? — perguntei. — E se eu simplesmente for assim? Um monstro?

Tatiana sorriu, estendeu o braço para o outro lado da mesa e deu uns tapinhas na minha mão. Igualzinho. A. Teresa.

Meu coração monstruoso se partiu um pouco.

— Você não é um monstro, Alex. Um monstro jamais faria essas perguntas. Sabe o que eu vejo quando olho para você?

— O quê?

— Um garotinho triste e assustado que já foi muito magoado pela vida.

Como ela fazia isso? Como enxergava partes de mim que eu me esforçava tanto para esconder de todos? Eu tinha sentido a mesma coisa ontem, com Yara. Ela havia enxergado. Havia escapulido. Eu sabia por que ela havia perguntado se eu estava bem — minha armadura tinha rachado, e minha tristeza acabou transparecendo. Por um milésimo de segundo, Yara vira minha confusão e, em vez de torcer a faca, havia oferecido compaixão.

Mas por quê? Por que ela era tão… legal?

— Posso dar uma dica de amiga? — ofereceu Tatiana.

— Pode falar.

— Não afasta as pessoas que nunca foram cruéis. É assim que a solidão de verdade acontece. Quando descartamos as pessoas boas por causa de todas as ruins que cruzaram nosso caminho. A Yara é das boas. Ela é uma das poucas que estão tentando fazer você se sentir em casa nessa cidade besta.

Fiz uma careta, porque sabia que ela estava certa. Odiava que Tatiana estivesse certa, porque isso significava que meu coração ainda conseguia sentir alguma coisa e não estava completamente duro feito pedra. Eu não queria que isso acontecesse, porque sentimentos me faziam desconfiar do restante do mundo. Se eu não sentisse nada, não me magoaria. Se eu não me magoasse, não ficaria arrasado.

Havia um limite de rasteiras que uma pessoa podia tomar até não se levantar mais.

Tatiana se recostou no banco e cruzou os braços.

— O que aconteceu essa semana, Alex?

— Não quero falar sobre isso.

— Quer, sim.

Eu queria, sim.

Resmunguei.

— Não quero desperdiçar o seu tempo.

— Meu tempo não está sendo desperdiçado. Fala. Agora.

Até suas exigências pareciam gentis. Cheias de carinho. Por que aquela mulher parecia se importar de verdade comigo sem nem me conhecer direito? Por que ela era tão legal? Ela me lembrava…

Teresa.

E…

Yara.

Droga.

Eu era um babaca.

Yara merecia um pedido de desculpa.

Eu merecia levar uma surra.

— Minha tia-avó faleceu. O enterro dela foi naquele dia. Ela era a única pessoa da família com quem eu ainda tinha contato. Só estou tentando assimilar tudo.

Os olhos de Tatiana se arregalaram, como se ela tentasse absorver o peso da informação que eu tinha acabado de fornecer. Suas sobrancelhas se franziram, sua boca se abriu de leve, e seu lábio inferior começou a tremer.

Tudo pareceu parar por um instante enquanto ela processava a notícia. Lágrimas inundaram seus olhos com uma tristeza profunda misturada à descrença. Ela estava arrasada por causa de uma mulher que nem conhecia.

Espere, não.

Ela estava arrasada por mim.

Sua tristeza me deixou ainda mais triste.

— Ela morreu? — perguntou, a voz trêmula. — Eu não sabia… Achei… Eu, hum, sinto muito, Alex — chorou ela.

— Não tem problema — respondi, me sentindo estranho por vê-la tão emocionada por causa de uma desconhecida.

Ela balançou a cabeça e secou as lágrimas que escorriam por seu rosto.

— Não. Tem, sim. Eu sinto muito, Alex. Sei como é enfrentar uma perda como essa.

Estreitei os olhos.

— Você não tem família?

Ela sorriu, mas era um sorriso desolado. Do tipo que mais parecia uma careta. Ela balançou a cabeça.

— A gente faz nossa própria família, e essa cidade é a minha. Mas já perdi muita gente. Sou a última pessoa da minha família. Tive uma… — Suas palavras foram sumindo, e ela balançou a cabeça. — Em resumo, sei como isso é difícil. Talvez seja por isso que me sinto próxima de você. Porque vejo minha versão mais jovem nos seus olhos.

— Ela era como você, sabia? — contei. — Minha tia-avó.

Ela se empertigou, secando as lágrimas.

— Loucamente carismática e linda?

Eu ri.

— Escandalosa, esquisita, mandona. Enxerida também, e adorava se meter na vida dos outros. — Respirei fundo. — E loucamente carismática e linda.

— Viu só? — sussurrou ela, ao se inclinar na minha direção. — Um monstro jamais diria algo tão fofo.

O conforto que ela oferecia parecia avassalador demais para mim. Eu não sabia como lidar com aquilo, então me levantei.

— É melhor eu voltar ao trabalho.

— Sim, tudo bem. E vou guardar meus gritos para mais tarde — brincou ela, se levantando.

Então ela me abraçou, e deixei que fizesse isso. Eu quase tinha me esquecido de como era ser abraçado até Tatiana e Noah me lembrarem.

Quando se afastou, ela deu um tapinha na minha bochecha.

— Bom menino.

Era como se ela ficasse repetindo o tempo todo que eu era bom para que as palavras ficassem marcadas no meu subconsciente. Teresa fazia a mesma coisa. Meus pais não foram os melhores do mundo. Minha mãe havia ido embora logo no começo, quando eu ainda morava em Chicago, e meu pai me deixara com Teresa em Madri quando eu tinha 10 anos, para se dedicar à carreira. Ninguém tão jovem deveria se acostumar com a partida de tantas pessoas. Teresa tinha se certificado de ser a pessoa que permanecia do meu lado.

Esfreguei a nuca.

— O que eu faço com a Yara?

— Peça desculpa. Ela vai aceitar.

— E se ela não aceitar?

— Ela vai.

— Como você pode ter tanta certeza disso?

— Porque nós estamos falando da Yara. Ela não costuma guardar mágoa. Agora preciso ir. Tenho trabalho a fazer antes de vir trabalhar mais.

— Tatiana?

— O quê?

— Como você descobriu meu nome todo? — perguntei.

— Bem. Eu sou a mãe dessa cidade. E mães sempre descobrem tudo que precisam saber.

— Certo. É claro.

— Sabe do que a Yara gosta, Alex?

— Do quê?

— De cookies. De cookies com gotas de chocolate.

Logo depois que Tatiana foi embora, comecei a preparar meu pedido de desculpa. Eu tinha passado os últimos dias pensando em como pedir desculpa para Yara pela minha crueldade nas semanas anteriores. Eu estava soterrado de

emoções e tinha descontado em uma das únicas pessoas da cidade que haviam sido legais comigo.

O que mais me incomodava era que minha mente e meu corpo não sabiam se comportar perto dela. Eu era atingido por um turbilhão de sentimentos contraditórios quando ela estava perto de mim. Ficava dividido entre a aversão e a vontade de beijá-la loucamente. E odiava esse conflito de pensamentos. Isso me dava dor de cabeça, e não dava para ficar com a cabeça doendo quando meu coração já estava em frangalhos.

De qualquer forma.

Não era culpa dela.

Na noite de sexta, o Isla Iberia estava cheio e eu já fazia planos de ir ao apartamento de Yara para me desculpar depois que fechasse o restaurante. Ou talvez fosse melhor esperar para me desculpar pela manhã, já que eu não sabia o número do apartamento dela. Mas eu podia sair batendo em todas as portas até encontrá-la, e…

— Chef? O que é isto? Posso jogar fora? — perguntou Sammy, exibindo uma bandeja com sobremesas. — Está no cardápio?

— O quê? Não. Não joga fora. Coloca num prato e leva para a minha sala.

Sammy abriu um sorrisinho e olhou para a bandeja.

— Parecem deliciosos.

Ele tentou pegar um pedaço.

— *Não!* — falei com um leve grunhido. — Vai trabalhar!

Ele afastou a mão da bandeja e saiu apressado.

Depois que Sammy foi embora, resolvi que era melhor tentar falar logo com Yara antes de ela fechar a creche. Claro, eu tinha jurado nunca mais pisar lá, mas havia falado isso num péssimo momento. Agora eu conseguia ver que estava errado.

Só que, antes de conseguir sair do restaurante, fiquei chocado ao entrar no salão e me deparar com ela sentada à mesa mais próxima da janela.

Yara estava no meu restaurante.

Sentada a uma das minhas mesas.

De vestido preto justo e saltos pretos.

Seu cabelo estava preso em um rabo de cavalo elegante, alto.

Seus lábios estavam pintados de vermelho.

Ela estava incrível. Linda de um jeito que eu nem sabia ser possível.

Mas o que ela estava fazendo ali? Sentada à minha mesa? Parecendo mais nervosa do que nunca.

Minha curiosidade foi suficiente para me levar até a mesa. Aquilo era ótimo para mim, porque me daria a oportunidade de pedir desculpa pelas últimas semanas de completa babaquice.

Eu sabia que era rabugento, mas eu não era tão escroto assim.

Ao me aproximar dela, meu nervosismo disparou. Por que eu me sentia como um garotinho indo até a mesa dela? Por que minhas mãos estavam suadas e meu peito, apertado? O que raios aquela mulher estava fazendo comigo?

Quando cheguei à mesa, ela estava encarando o celular com tanta intensidade que quase me senti mal por interromper. Tentei pensar em um jeito simpático de chamar sua atenção. Tentei encontrar a melhor maneira de entrar no mundo dela. Mas a única coisa em que consegui pensar foi:

— Pelo visto, você é o Bozo.

CAPÍTULO 15
Yara

Rapidamente, baixei o celular ao ouvir a voz de Alex.

— Bozo? — perguntei, erguendo o olhar para ele, tentando segurar as lágrimas.

Ele abriu um sorriso discreto e deu de ombros.

— O palhaço. Porque você disse que só palhaços viriam…

— *Eu sei o que eu disse* — rebati com rispidez, sentindo a vergonha dominar meu corpo. Esfreguei as mãos úmidas no vestido e tentei dissipar meu desconforto. — Escuta, não estou no clima para nossas briguinhas hoje.

Os olhos dele exibiram uma compaixão inédita para mim. Ele pigarreou.

— Desculpa. Eu só quis fazer uma piada sobre…

— E desde quando a gente faz piadas um para o outro, Alex? — eu o interrompi.

Talvez, se ele tivesse brincado comigo antes. Talvez, se ele tivesse demonstrado qualquer tipo de leveza anteriormente, eu não estivesse tão fechada. Porém, naquele momento, parecia que ele estava zombando de mim. Era como se ele soubesse o que tinha acontecido e tivesse vindo até a mesa para colocar o dedo na ferida.

Do jeito que as fofocas corriam por Honey Creek, não me surpreenderia se ele tivesse ficado sabendo antes mesmo de eu descobrir.

Primeiro, Josh havia marcado comigo no Isla Iberia. Falou que era para eu entrar porque já estava chegando. Mas depois ele mandou uma mensagem contando que tinha encontrado Cole e que não sabia que eu ainda estava envolvida com meu ex. Disse que não se sentia confortável em sair comigo. Que não iria mais.

Eu tinha levado um bolo.

Um bolo no único lugar do mundo onde eu dissera que jamais pisaria, com o homem com quem eu adorava brigar pairando sobre mim.

Que humilhação.

Alex chegou mais perto e baixou a voz.

— Você está bem?

Soltei uma risada sarcástica e sequei as lágrimas idiotas que tinham resolvido começar a escorrer dos meus olhos.

— Para de fingir que se importa. — Funguei e dei de ombros. — Você venceu, tá? Eu sou a palhaça boba no seu restaurante. Eu sou a palhaça boba da cidade, com um ex-marido idiota que espanta qualquer cara que olha para mim. Eu sou a palhaça boba que acabou de levar um bolo de um cara que achei que gostasse de mim.

— O britânico?

— Josh — eu o corrigi. — O nome dele é Josh.

Alex resmungou e esfregou a nuca.

— Ele é um babaca.

— É, vocês se reconhecem — falei sem pensar e me arrependi na mesma hora. — Argh. Desculpa. Não falei sério. Ou talvez tenha falado. Sei lá. Só não me sinto… como eu mesma agora. E não posso sair daqui, porque, se eu for embora, as pessoas vão ver, e as pessoas vão saber que levei um bolo, e, bom, para ser sincera, a última coisa que quero é conversar com o cara que me detesta sobre outro cara que me deu um bolo, tá?

Ele ficou parado feito uma estátua, me encarando de um jeito bem intenso. Eu me perdi em seus olhos castanho-escuros, sem saber o que dizer, então falei a única coisa que surgiu na minha cabeça.

— Por que você está me olhando desse jeito?

— De que jeito?

— Como se quisesse dizer alguma coisa, mas sem falar nada? Olha, estou com fome e cansada. Você venceu. Eu sou a palhaça. E seria ótimo se a palhaça aqui ganhasse um pãozinho de cortesia que nem todas as outras mesas.

Ele abriu a boca e assentiu com a cabeça.

— Claro, pode deixar.

Ele saiu andando rápido e, pouco depois, voltou com um pão fresco, ainda saindo fumaça, uma manteiga chique, uma taça e uma garrafa de merlot.

— Não pedi isso — falei, apontando para o vinho.

Ele colocou o pão, a manteiga e a taça sobre a mesa. Então enfiou uma das mãos no bolso de trás e pegou um saca-rolhas. Enquanto tirava a rolha, ele continuou em silêncio e serviu uma taça *muito* cheia.

— Não vou pagar por isso — avisei. — Quer dizer, vou beber, mas não vou pagar.

— É por conta da casa. O jantar todo.

Arqueei a sobrancelha.

— O jantar todo?

— Aham.

— Quer dizer que eu posso pedir qualquer coisa?

— O que você quiser.

— Você sabe que não é barato, né? Para ser sincera, se alguém me perguntasse, eu diria que você se acha um pouco.

— Ainda bem que eu não perguntei.

Eu me inclinei na direção dele e sussurrei, indicando o cardápio:

— É sério isso? Vinte dólares por dois bolovos?

— Sai bem barato, se levarmos tudo em consideração.

— Por dois ovos? Nenhum ovo vale isso tudo.

— Você ainda não provou os meus ovos.

Fiquei um pouco corada ao ouvir aquilo.

— Boa resposta, chef.

— Meus bolovos, quero dizer — corrigiu ele, meio desconcertado.

Suas bochechas ficaram levemente vermelhas. Que bom. Já estava na hora de alguém além de mim passar vergonha.

— Só estou dizendo que vinte pratas por bolovo é um roubo. Imaginei que você fosse querer esse retorno sobre seus preços.

— Eu estou ciente dos meus preços.

Estreitei os olhos.

— Voltando ao assunto… Vou pedir tudo do cardápio.

Ele deu de ombros.

— O cardápio todo é bom. Eu faria a mesma coisa.

— Você vai cuspir na minha comida?

Ele abriu um sorriso discreto.

Meu coração deu um saltinho.

— Não, não vou cuspir na sua comida — respondeu ele.

Eu tinha minhas dúvidas se deveria acreditar nele. Nem era preciso dizer que, depois de levar um bolo, eu não estava confiando muito nos outros.

Estiquei o dedo mindinho.

— Jura de dedinho?

— Não vou fazer promessa de mindinho.

— Jura? — insisti.

— Escuta, já estou te dando mais do que daria a qualquer outra pessoa. É pegar

ou largar. Sem o mindinho.

Justo.

— Por que você está sendo legal comigo?

— Sou legal com todos os meus clientes.

— Você estava gritando feito um maluco comigo outro dia.

Ele fez uma careta.

— Sim. Eu sei. Eu estava fora de mim naquele dia. Minha… — Ele respirou fundo e pigarreou. — Não vou tentar me justificar. Eu só queria pedir desculpa pelo meu comportamento.

Meu coração confuso amoleceu enquanto eu o fitava. Ele parecia tão sincero, tão arrependido…

— A Tatiana te obrigou a pedir desculpa?

— Não — respondeu ele, rápido. — Mas talvez ela tenha me convencido de que fui um idiota.

Ele admitiu estar errado.

Gostei, Alex.

— Eu fui muito grosseiro. Desculpa, Yara. Você sempre foi legal comigo, e sinto muito por ter quebrado sua tigela. — Ele continuou: — Pode pedir o que quiser do cardápio. Esse vinho é o melhor da casa, e é da Vinícola Honey Bee. Ele harmoniza perfeitamente com o pão.

Eu sorri.

Ele, não.

Senti saudade do sorrisinho que ele havia aberto minutos antes.

— Obrigada — falei, sem saber o que mais dizer.

— Disponha. — Ao se virar para ir embora, ele parou de costas para mim. Então voltou a me olhar. — Yara?

— O quê?

— Eu não te odeio.

— Eu sei. Aquele negócio todo de energia, blá, blá, blá. Mas bem que você parece me odiar às vezes.

— Pois é, bem… — Ele cruzou os braços. — De vez em quando, o ódio por mim mesmo transborda e acerta os outros sem querer. Desculpa por isso. Estou tentando melhorar. E você devia experimentar a sangria. É uma combinação perfeita para os meus ovos — brincou ele, piscando para mim.

Ele tinha feito piada e piscado para mim!

Caramba. Ele estava flertando comigo!

Bom, acho que ele estava flertando. Talvez. Sei lá.

Afinal, eu era a encantadora de cães. Não a encantadora de homens.

Mas ele *tinha* piscado. Piscar parecia um flerte.

Ou tinha só piscado normalmente? Uma mosca havia batido no olho dele? Argh! Aquilo era demais para digerir. Mas eu sabia que o homem que tinha acabado de falar comigo *não* era o mesmo das noites anteriores.

Talvez o Alex verdadeiro tivesse sido sequestrado, e eu estava ali falando com seu clone. Se fosse assim, eu torcia para o clone continuar por ali e a outra versão estar bem longe, pisando em montanhas de cocô de cachorro.

O frio na minha barriga me deixava confusa e em estado de alerta. Como um homem capaz de fazer minha pressão chegar às alturas num dia agora estava me deixando com as bochechas coradas?

Depois disso, ele desapareceu na cozinha. Quando a garçonete que estava me atendendo voltou, deixei a conversa estranha com Alex para lá. Era impossível não me perguntar qual versão do homem era a verdadeira. Ele era uma abelha-cachorro ou iria me picar?

— Oi, você já quer pedir? — perguntou a garçonete. — Ou prefere que eu explique o cardápio? As tapas saem bastante.

Eu me inclinei na direção dela, cruzando os braços sobre a mesa.

— Vou querer todas as tapas.

— *Todas?* — perguntou ela, um pouco chocada.

Não gostei muito do seu tom, mas não fazia diferença, eu não ia ter vergonha de jantar de graça. *Quem tem boca vai a Roma.* Ou a Madri, no caso.

— Todas. Ah! E quero a paella de rabada. Diz aqui que preciso fazer o pedido logo, porque demora para ficar pronta.

— Tudo bem… — A garçonete me encarou como se eu tivesse três cabeças. — Você é, tipo… uma crítica gastronômica disfarçada?

Ela devia ser uma das funcionárias de Chicago que Alex tinha contratado. Todo mundo por ali sabia que eu era a encantadora de cães.

Mas não adiantava nadar contra a maré.

— Sou, sim — menti. — Se você conseguir trazer tudo perfeitamente preparado e sem cuspe, vou deixar uma crítica muito positiva. — Ela assentiu com a cabeça, compreensiva, e começou a se afastar. — Ah! E sangria, por favor! Quero uma sangria.

— Também quero uma sangria — disse uma voz às minhas costas, fazendo uma onda de raiva inundar meu corpo, porque eu conhecia muito bem aquela voz.

Cole se sentou na cadeira à minha frente com um sorrisinho. Ah, como eu

queria arrancar aquele sorrisinho da cara dele!

— O que você está fazendo aqui? — gritei, meio que sussurrando, minha raiva indo de zero a dez em segundos.

— Ouvi falar que você tinha levado um bolo, e…

— Você só pode estar de brincadeira, né? Cole, é muita cara de pau você aparecer aqui depois de estragar meu encontro.

— Era um encontro? — perguntou ele, puxando um pedaço do pão. Do meu pão. Do meu pão de cortesia! O ódio que eu sentia por ele roubar meu pão agora estava no topo da minha lista de motivos para detestar meu ex-marido. — Não achei que ele fizesse seu tipo.

Arranquei o pão da mão dele e o enfiei na minha boca.

— Você não sabe nada sobre quem faz meu tipo — murmurei com a boca cheia.

Cole arqueou uma sobrancelha.

— Acho que eu te conheço melhor do que você conhece a si mesma, Yara.

— Talvez isso já tenha sido verdade, mas não é mais.

— Yara.

— O que é, Cole? — perguntei com rispidez, irritada com a cara idiota dele.

— Volta para casa.

Soltei uma risada.

— O quê?

— Você já me ensinou uma lição, tá? O Billy me disse que você foi ao cartório para tirar Parker do seu nome hoje.

— Fui. Sou uma Kingsley.

A mão dele se fechou em um punho quando falei isso, mas eu não estava nem aí para ele. Cole havia se intrometido no meu encontro. Tinha espantado Josh e ainda teve a cara de pau de tentar comer meu pão. Tudo porque estava chateado por eu estar seguindo com a minha vida.

Mudar de nome era outro passo rumo à minha independência. E o Billy do cartório devia ter vergonha de fazer fofoca para Cole sobre um assunto meu.

— O que você quer, Cole? — perguntei.

— Está tudo bem por aqui? — perguntou alguém acima de mim.

Quando olhei para cima, me deparei com Alex segurando dois pratos. Ele arqueou uma sobrancelha para mim.

Balancei a cabeça.

— Eu queria jantar sozinha hoje, só isso.

Alex se virou para Cole.

— Você ouviu a moça. Ela quer ficar sozinha.

Cole levou uma das mãos ao seu coldre e ergueu uma sobrancelha.

— Escuta, novato. Estou tendo uma conversa particular com a minha mulher.

— Ela não é sua mulher — disse Alex, sério. O jeito como as palavras saíram de sua boca fez calafrios de prazer percorrerem minha espinha. Sua voz grave, sensual, carregava tanta autoridade que quase o aplaudi por enfrentar Cole. — E ela disse que quer jantar sozinha. Além do mais — continuou Alex —, nós temos um código de vestimenta aqui.

— Ah, é? — Cole se empertigou. — E que código é esse? Fardas são proibidas?

— Babacas são proibidos — respondeu ele sem pestanejar.

Ah, que fora! Toma essa, Cole Parker. Seu bosta!

Fiquei boquiaberta enquanto mentalmente parabenizava Alex por não se intimidar com a aparente ameaça de Cole com a mão no coldre.

— Como é que é? — bradou Cole, se levantando e peitando Alex.

Mas Alex não hesitou. Não recuou. E chegou ainda mais perto de Cole.

— Vá embora — ordenou ele.

— Você tem muita coragem… — começou Cole, mas me levantei com um pulo e me enfiei entre os dois homens.

O corpo de Alex pressionou minhas costas enquanto eu encarava Cole. Seu calor roçando em mim deixou meu corpo eletrizado enquanto eu olhava para meu ex-marido.

— Está na hora de você ir embora — declarei.

Cole me fitou do alto. Seus olhos estavam cheios de raiva. De uma raiva que eu conhecia muito bem. De uma raiva que eu tinha me esforçado para ignorar durante anos de casamento. De uma raiva que antes me mantinha em silêncio. Só que ele não era mais capaz de me calar, porque eu estava livre dele, tinha me libertado até do seu sobrenome.

E eu também me sentia um pouquinho mais confiante por ter um homem grandão como aqueles, tipo um dobermann, parado atrás de mim, pronto para atacar caso fosse necessário. A mera existência de Alex naquele momento me dava a força que eu não tinha quando se tratava de Cole. Ele me dava coragem.

— *Agora* — ordenei.

Não gaguejei. Eu me sentia enorme. Eu me sentia poderosa. Eu me sentia segura. Eu sentia Alex. Eu o sentia *todo*, pressionado contra mim. *Ai, ai, ai.* Eu estava entre a cruz e a espada.

Naquele instante, me senti eternamente grata pela proteção de Alex Ramírez.

Cole murmurou alguma coisa e deu um passo para trás.

— Eu não queria mesmo comer essa comida de merda — disse ele antes de sair do restaurante batendo os pés.

Soltei o ar que só naquele momento percebi que estava prendendo. Quando me virei para encarar Alex, dei de cara com seu peito duro feito pedra. Fiquei me perguntando se seria estranho acariciar seu abdome só um *pouquinho*, para agradecer. Só uma passada de mão leve.

Dei um passo para trás e balancei a cabeça.

— Desculpa por isso. Ele só…

Eu não conseguia nem encontrar palavras para o que Cole era. Cruel. Controlador. Maluco.

— Você está bem? — perguntou Alex.

Sua voz era baixa e carinhosa. Eu nem imaginava que aquele homem soubesse o que era carinho, muito menos que fosse capaz de ser carinhoso.

— Aham. Estou bem — menti.

Ele fez uma careta e colocou os pratos na mesa.

— Você está bem? — repetiu ele. Sua voz estava carregada de sinceridade. — Sem mentir desta vez, Goldie.

— Não — sussurrei. — Não estou.

— Como posso ajudar?

Voltei para minha cadeira e tentei afastar a ansiedade que tomava conta do meu corpo.

— Traz mais sangria.

— Pode deixar.

Ele se virou para ir buscar mais bebida, e eu o chamei.

— Alex?

— Oi.

— Você sempre serve as mesas?

— Não. Só a sua.

Só a minha.

Eu não sabia por quê, mas isso fez meus pensamentos entrarem em parafuso.

Enquanto ele se afastava, ataquei minhas tapas, sem deixar que Cole estragasse completamente minha vida como parecia querer fazer. Se muito, eu ficaria mal, mas comeria bem.

No fim das contas, os ovos de Alex estavam no ponto. Do jeito que eu gostava.

CAPÍTULO 16
Alex

Naquela noite, Yara foi a última pessoa a sair do restaurante, e a mais bêbada. Depois que a penúltima mesa pediu a conta, encontrei Yara ainda sentada à dela, cheia de tapas e sangria, cantarolando uma música sobre ratos. Por que ratos? Vai saber. Ela estava mamada. Bêbados faziam muitas coisas esquisitas e sem sentido.

— Coitadinha — disse Tatiana enquanto ajeitava o balcão da recepção. — É melhor eu dar um jeito de levá-la para casa.

— Posso ir com ela — respondi. — A gente mora no mesmo prédio. Você pode esperar todo mundo terminar de limpar as coisas e fechar o restaurante?

— Claro, Alex, e obrigada — disse ela, tocando meu braço. — Por levá-la para casa em segurança.

— Não tem problema.

Tatiana continuou com a mão no meu braço enquanto olhava para Yara.

— Apesar de ter bebido um pouquinho além da conta, ela está radiante, né?

— Está — respondi sem pensar.

As palavras escapuliram da minha boca como se tivessem sido automaticamente produzidas pela ideia de Yara ser maravilhosa. Mas era verdade. Ela era bonita até o último fio de cabelo, e, por algum motivo, eu estava cativado por cada um deles. Era difícil não olhar para Yara Kingsley. Mesmo quando eu me esforçava para não gostar dela.

Quando parei de encarar Yara, me deparei com Tatiana exibindo o sorriso mais bobo do mundo.

— Para com isso — ordenei, fechando a cara.

Eu sabia exatamente o que aquele olhar significava.

— *Você gosta dela!* — sussurrou Tatiana, batendo no meu braço.

— Você é irritante, Tatiana.

— Irritantemente certa — rebateu ela.

— Boa noite.

Ela continuou sorrindo feito uma boba enquanto segurava minha mão e me dava um tapinha. Igualzinho. À. Teresa. Tatiana fazia muito isso — tinha umas manias que me lembravam de minha tia-avó. Ela nem desconfiava do que estava fazendo, mas era impressionante como aquilo me reconfortava. Sempre que ela fazia algo assim, eu agradecia em silêncio por todas as lembranças incríveis sendo despertadas.

Quem imaginaria que um tapinha na mão podia ser tão importante?

"Você é um ótimo menino, *mi amor*", dizia Teresa toda noite, quando entrava no meu quarto para me dar um beijo. Era meio esquisito receber um beijo de boa-noite da minha tia-avó até o fim da adolescência. Uma vez, quando comentei que já estava velho demais para aquilo, ela respondeu: "Mas não está velho demais para ser amado. O amor transparece de muitas formas, e receber um beijo de boa-noite é só uma delas." Ela segurou minha mão e me deu um tapinha, como fazia toda noite, beijou minha testa e me disse que dormisse bem.

Senti um aperto no peito com a lembrança de Teresa. Era engraçado o fato de uma lembrança ser capaz de oferecer conforto e tristeza ao mesmo tempo. As complexidades da experiência humana.

Tatiana seguiu seu rumo e fui ao escritório buscar minhas chaves. Depois de juntar minhas coisas, fui até a mesa de Yara e abri um meio-sorriso.

— Sua carona chegou.

Ela ergueu os olhos vítreos e perguntou:

— Você é Uber?

— Aham.

— Não pedi Uber.

— É seu dia de sorte. Mas vamos andando para casa.

Estendi a mão, e ela franziu a testa.

— Andando? Só vou te dar quatro estrelas. — Ela segurou minha mão e deixou que eu a levantasse. — Eita — murmurou, quase caindo no mesmo instante. Meu peito impediu sua queda, e ela se equilibrou. — Alex?

— O quê?

— Eu vi que você tem um tanquinho. — As mãos dela subiram e desceram pelo meu peito. — Gosto do seu tanquinho.

Dei uma risada baixa.

— Você está bêbada.

— E triste. Uma menina bêbada e triste. Mas aquela sangria? — Ela gemeu de satisfação. — Aquela é das boas.

— Boa demais, pelo visto.

— Não, boa na medida certa. — Ela arriscou andar, mas quase torceu os tornozelos com aqueles saltos. A caminhada seria mais demorada se a mulher acabasse machucando os pés, então precisei dar um jeito na situação.

— Aqui — ofereci, tirando meus sapatos sociais. — Troca.

Ela arqueou uma das sobrancelhas.

— Você gosta de usar salto, Sr. Ramírez?

— Não, gosto da ideia de você não se machucar.

— Para um cara que não se importa com as pessoas, você parece se importar bastante com as pessoas.

— Só quando elas estão bêbadas.

Ela jogou as mãos para o alto.

— Bom, de agora em diante, sempre vou ficar bêbada perto de você.

— Tira os sapatos, Goldie.

Ela obedeceu e calçou meus sapatos.

— Sabe, eu até posso ter sido a palhaça hoje, mas é você quem tem pés de palhaço, Bozo.

Eu ri. Ela era uma bêbada piadista.

— Justo. — Peguei os sapatos dela na calçada, e ela entrelaçou o braço ao meu para manter o equilíbrio. — Mas você sabe o que dizem sobre homens com pés grandes.

— Eles têm dedos do pé compridos — respondeu ela, séria.

— Você é ridícula.

— Você gosta.

Gosto.

Mas não podia dizer isso a ela.

Eu mal conseguia dizer a mim mesmo.

— Você não devia deixar eu me apoiar muito em você — comentou Yara. — O Cole deve estar monitorando a cidade com um drone, vigiando onde estou. Se ele descobrir que você me levou para casa, e ainda me emprestou seus sapatos, talvez te prenda.

— Não tenho medo daquele cara.

— Eu tenho. Às vezes.

— Por quê?

— Porque acho que ele nunca vai desistir de mim.

— Mas e o divórcio? Você já se livrou dele.

— Explica isso para o psicopata que estragou meu encontro hoje.

Realmente.

— É irritante, porque, se ele tivesse me dado tanta atenção enquanto éramos casados, eu não teria me separado. Mas o problema era que ele dava essa mesma atenção para todo mundo também.

Arqueei uma sobrancelha.

— Ele te traiu?

— Traiu… e traiu e traiu.

Fiz uma careta.

— Sei como é.

Ela me fitou com um olhar mais gentil.

— Você também foi traído?

— Aham.

— É por isso que você é tão duro?

— Você me acha duro, Goldie?

— Que nem um diamante.

Dei de ombros.

— É um dos motivos.

— Quantos motivos você tem?

— Já perdi a conta.

Ela franziu a testa e, por algum motivo, vê-la triste fez com que respirar se tornasse difícil.

— Sinto muito que a vida tenha te endurecido, Alex.

— Está tudo bem.

— Não — discordou ela. — Não está.

Ela estava certa. Não estava. Mesmo assim, não dava para mudar minha realidade.

Ela parou e inclinou a cabeça para me analisar.

— Qual era o nome dela?

— O nome dela?

— De quem te traiu.

Hesitei por um instante enquanto continuava andando. Ela seguiu flutuando comigo, com o braço ainda entrelaçado ao meu.

— Você está bêbada demais para essa conversa.

— Vou ficar sóbria para ela.

— Por que você se importa?

— Porque a Tatiana está convencida de que nós devíamos ser amigos.

— Amigos?

— Aham. Quando eu estava na terceira taça de sangria, ela veio falar comigo e

disse que você queria ser meu amigo.

Arqueei uma sobrancelha.

— É mesmo?

— Aham. — Ela assentiu com a cabeça. — É verdade.

— Mas você quer ser minha amiga?

— É claro que eu quero ser sua amiga.

Balancei a cabeça.

— Não quer, não.

— Por que você acha isso?

— Eu te tratei mal.

Ela deu de ombros.

— Você pediu desculpa, e, depois de ter feito isso, passou a ser bem legal comigo.

Eu me inclinei para perto dela e sussurrei:

— É a sangria.

Ela se inclinou para mais perto.

— Não. É você de verdade escapulindo. Se a Tatiana diz que você é legal, então você é legal.

— Você confia tanto assim nela?

— Confio. Ela era a melhor amiga da minha mãe. Eu confiaria na Tatiana em qualquer circunstância. Apesar de ela ter me falado um negócio esquisito.

— O quê?

Ela oscilou de um lado para o outro enquanto andava, e eu ainda a segurava.

— Que você estava a fim de mim.

— O quê? — engasguei, chocado.

— Pois é. — Ela concordou com a cabeça. — Também achei que ela estava forçando a barra. — Yara olhou para mim. — Mas não é um absurdo. Se eu fosse você, também ficaria a fim de mim.

— Ah, é?

— Eu sou um bom partido, Alex.

Por que eu achava que isso não era mentira? Nos dez minutos seguintes, Yara falou sem parar. Tagarelou sobre uma infinidade de coisas. Falou sobre cachorros, flores, o jeito de andar dos pinguins, a crueldade de Cole, aquecimento global e biscoitos de água e sal com cream cheese.

— Só estou dizendo que você devia colocá-los na sua lista de tapas. Combinariam muito com seus ovos — disse ela.

— Vou pensar — respondi enquanto nos aproximávamos do prédio.

Quando entramos, segurei a porta para ela e a acompanhei até o elevador. Fomos direto para o andar dela, apesar de Yara ter dito que conseguiria chegar sozinha ao apartamento. Mas não havia a possibilidade de eu não garantir que ela chegasse inteira. Eu tinha dito a Tatiana que a levaria para casa em segurança, o que significava vê-la fechar a porta na minha cara e ouvir o trinco fechar.

Infelizmente, assim que chegamos à porta de Yara, ela parou. Ela começou a bater na lateral do corpo. No peito. Na bunda. Então se virou para mim e fez beicinho.

— Chaves.

Arqueei uma sobrancelha.

— Você não está com as chaves?

Ela foi batendo de novo pelo corpo, então balançou a cabeça.

— Não estou com as chaves.

— Cadê a sua bolsa?

Ela deu de ombros.

— Sei lá. — Um bocejo demorado e exausto escapou dos seus lábios. — Devo ter deixado no restaurante. Vou buscar.

Ela se virou nos meus sapatos de palhaço e foi em direção ao elevador. Eu estendi a mão e segurei seu braço.

— Não. Podemos buscar de manhã. Você vai dormir na minha casa hoje.

Yara ficou toda corada e colocou as mãos na cintura com um ar dramático.

— Você está tentando se dar bem hoje à noite, Alex? Porque eu não sou fácil.

— Não se preocupa. Essa é a última coisa em que estou pensando.

Ela fez beicinho de novo.

— A *última* coisa?

Abri um sorriso discreto.

— Talvez não a última, Goldie.

As maçãs do rosto dela se curvaram um pouco, ela tinha ficado envergonhada. Eu gostava disso em Yara. Gostava quando ela ficava tímida. Era uma das coisas mais fofas que ela fazia. E ela fazia um monte de idiotices fofas.

Puta merda. Por que eu estava prestando atenção nas coisas fofas que ela fazia?

— Além do mais — disse, enquanto chegava mais perto e sorri ao me inclinar em direção à sua orelha —, eu não gosto de mulheres fáceis. Eu gosto das complicadas.

— Ai, nossa — sussurrou ela, os lábios carnudos levemente abertos. Ela deu um empurrãozinho de brincadeira no meu peito. — Você está mesmo a fim de

mim!

Eu ajeitei minha postura e passei as duas mãos no peito.

— Não sei do que você está falando.

Ela continuou batendo no meu peito.

— Sabe, sim! Você quer me pegar. — Ela fez uma pose. — É por causa do meu charme? Do meu senso de humor incrível? Da minha beleza incomparável?

Sim.

E sim.

E com certeza sim.

— Está na hora de você ir para a cama — falei, novamente entrelaçando meu braço ao dela. — Você está bêbada e cansada.

— Você gosta mesmo de mim. — Ela riu feito uma adolescente, satisfeita por ter chegado sozinha a essa conclusão. Enquanto andávamos, ela dançava de leve para os lados, cantarolando para si mesma antes de dizer: — E só de pensar que, há menos de vinte e quatro horas, eu achava que você me odiava.

Apertei o botão do elevador, e ele abriu na mesma hora. Quando isso aconteceu, demos de cara com o britânico, que arregalou os olhos ao se deparar com a gente.

— Yara. Oi — disse ele, parecendo sofrer para pronunciar aquelas duas palavras.

Eu e Yara inclinamos a cabeça para ele e arqueamos uma sobrancelha. Juntos, dissemos:

— Vai se foder.

Então passamos direto e entramos no elevador enquanto ele saía. Ouvir a palavra “foder” saindo da boca de Yara afetou meu corpo inteiro. Especialmente a região inferior.

Quando as portas se fecharam, Yara se apoiou na barra e eu apertei o botão do décimo quinto andar. Parei ao lado dela.

— Dá para acreditar nisso? — perguntou ela como se estivesse enojada, mas vi a mágoa em seu olhar. — Ainda bem que escapei dessa furada. Aposto que nem o sotaque dele é de verdade. Estou muito feliz.

Suas palavras diziam uma coisa, mas seus olhos mostravam outra. Ela fingia que estava bem. Minha mulher doce e complicada.

Minha?

Mas que porra era aquela?

Cala a boca, Alex.

Pelo caminhar dos meus pensamentos nos últimos minutos, quase era de se

esperar que eu também tivesse bebido a sangria.

Quando entramos no meu apartamento, Yara tirou os sapatos e passou a andar com mais facilidade, indo direto para o bar na cozinha. Ela pegou a garrafa de uísque e a balançou no ar.

— Quero fazer um comentário, se eu puder — declarou ela.

— Fique à vontade.

— Eu entendi qual é o problema de conhecer pessoas novas. Você quer saber qual é? — perguntou ela.

— Qual é?

— Os *homens* — disse ela. — Só isso. O problema é ter pênis!

Dei uma risadinha e balancei a cabeça.

— As mulheres também não facilitam as coisas.

Ela fez beicinho ao olhar para mim. Fiquei imaginando quantas cabeças ela estava vendo em mim, pela quantidade de álcool que tinha bebido. Então ela desmoronou no sofá ao lado da lareira e ficou me olhando.

— É verdade. Mulheres também traem e desaparecem sem dar satisfação.

— Infelizmente, sim.

Eu me sentei ao lado dela.

— Você disse que alguém te traiu?

Meu estômago embrulhou. Como tínhamos voltado a esse assunto?

— Traiu.

— Você a amava?

— Amava.

— Quanto tempo demorou para superar?

Eu ri e levantei o ombro esquerdo.

— Foi bem rápido. Ela me traiu com um cara que eu conhecia. É fácil esquecer uma pessoa depois que ela faz uma coisa dessas.

Os olhos de Yara ficaram marejados, e ela parecia prestes a chorar.

— Não faz isso, Goldie.

— O quê?

— Chorar porque está se sentindo mal por mim.

— Mas… isso é muito triste.

— Coisas tristes acontecem. A vida é assim mesmo.

— As pessoas são horríveis — disse ela antes de soltar um soluço e tomar um gole da garrafa. Ela ofereceu a garrafa para mim. — Pode beber.

Balancei a cabeça.

— Talvez seja melhor um de nós continuar sóbrio.

Ela franziu a testa.

— Mas… se você ficar sóbrio, eu vou ficar bêbada e triste sozinha. Não quero ficar bêbada e triste sozinha.

— Você pode ficar bêbada e triste, mas não vai estar sozinha.

As lágrimas escorreram por suas bochechas, e tive vontade de abraçá-la. Eu queria segurá-la. Queria acordar com ela em meus braços, e… *o quê?!*

Cala a boca, Alex!

Ela secou as lágrimas.

— Promete, Alex?

— Prometo, Goldie.

Ela abriu um sorrisinho, e até seus sorrisos bêbados e tristes eram belos.

— Eu gosto, sabe? Gosto que você me chame de Goldie. No começo, achei ofensivo, mas até que é fofo.

Sorri.

— Que bom. Combina com você. — Antes que ela conseguisse responder, eu me inclinei na sua direção e peguei um cílio em sua bochecha. Segurei-o em frente aos seus lábios. — Minha tia dizia que, quando alguém pega um cílio do seu rosto, você precisa fazer um pedido e soprá-lo para longe. Faz um pedido, Goldie.

— Centelha — sussurrou ela, seu sorriso aumentando e revelando as covinhas.

Nossa, como ela era linda! Linda de todas as formas. Do jeito escandaloso e do jeito discreto. Do jeito tranquilo e do jeito extremo. Do jeito bobo e do jeito sério. Todo tipo de beleza habitava aquela garota, e por pouco eu não deixara de notar isso, porque andava coberto pela minha nuvem pesada.

— O que é uma centelha? — perguntei.

Ela se recostou e bateu as palmas.

— Centelha é o oposto de gatilho. São os micromomentos da vida que são lindos e tranquilos de um jeito inesperado. Eles nos fascinam em vez de nos causar ansiedade e medo.

— Quando pedi para você fazer um pedido com o cílio, foi uma centelha?

Ela assentiu com a cabeça.

— Sem dúvida. Você sorrindo também. Seus sorrisos são raros, mas, nossa, como eu gosto deles.

Quem era aquela mulher, e por que ela estava virando meu mundo de cabeça para baixo com cada sílaba que saía da sua boca?

Ela pressionou os lábios, fechou os olhos e soprou o cílio, fazendo um pedido.

Quando seus olhos castanhos se abriram, eles sorriam mais que seus lábios.

Meu corpo inteiro foi acalentado só de olhar no fundo de seus olhos.

— Você vai me contar o que foi que pediu? — perguntei.

— Aí o pedido não acontece. Não podemos contar nossos desejos para os outros.

Eu me inclinei para a frente e sussurrei:

— Não se preocupa. Eu meio que não sou uma pessoa.

Ela se aproximou.

— Para mim, você é bem parecido com uma pessoa.

— Isso é efeito da sangria. A verdade é que eu sou um monstro.

Yara mordeu o lábio inferior, e eu só queria poder fazer o mesmo. Eu tinha que parar de ficar olhando para a boca dela. Quanto mais eu olhava, mais confusos meus pensamentos se tornavam. O que ela estava fazendo comigo?

— Se eu te contar meu desejo — disse ela baixinho, estreitando os olhos ao encontrar os meus —, você precisa prometer que não vai contar para mais ninguém.

— Isso é fácil. Eu não converso com ninguém.

— Você conversa com a Tatiana.

— Ela não conta. A Tatiana é tipo…

— Uma fada-madrinha. — Yara riu. — Ela é estranha e perfeita, e está sempre certa.

Até onde eu sabia, não dava para discordar disso.

Yara tomou outro gole, cantarolando.

Por um instante, fiquei sentado ali, olhando para ela. Ela estava de coração partido e bêbada e linda e bêbada e triste e bêbada e perfeitamente imperfeita. Eu detestava todas as coisas ruins que podiam acontecer com pessoas boas, porque elas nunca mereciam. E Yara Kingsley era uma boa pessoa. Ela era o tipo de pessoa que me fazia desejar ser bom também.

— Não tenho um para você — disse ela, do nada.

— Um o quê?

— Um apelido. Você me chama de Goldie, e eu te chamo de Alex. — Ela inclinou a cabeça para me observar. — Você precisa de um apelido.

— Para ser justo, Alex é meu apelido.

— De Alexander?

Balancei a cabeça.

— Alejandro. Era o nome do meu avô.

— Que nome lindo.

— Goldie?

— Oi.

— Por que você está chorando?

Ela riu enquanto as lágrimas escorriam por suas bochechas.

— Sei lá. Só gostei muito do seu nome. Posso ignorar seu apelido e te chamar de Alejandro?

Eu ri.

— Você está bêbada. É bem capaz de nem se lembrar disso amanhã.

— Juro que vou lembrar se você deixar. Alguém te chama assim?

Balancei a cabeça.

— Minha tia-avó Teresa era a única que me chamava assim.

— Ah. — Ela fez uma pausa e se empertigou. — Então era uma coisa dela. Não quero roubar nada dela.

Eu sorri.

— Você pode roubar isso. Mas só você. Mais ninguém.

— Porque você me acha legal? — disse ela, fazendo beicinho, esperançosa.

— Eu te acho péssima.

Ela jogou as pernas por cima dos braços do sofá e chegou mais perto de mim.

— Acho que você está mentindo.

— Também acho que estou mentindo.

Ela sorriu, e eu queria fazer de tudo para manter esse sorriso no seu rosto. Que idiotice do Alex do passado achar que Yara era uma mentirosa por ser legal com todo mundo. No fim das contas, ela realmente era… legal. Mais do que legal. Ela tinha o tipo de bondade sobre a qual poetas escreviam sonetos. O tipo de bondade que as pessoas sonhavam encontrar por aí. O tipo de bondade que as pessoas mais feriam.

— Miau? — perguntou ela, arqueando uma sobrancelha.

— O quê?

— Posso te chamar de Miau?

Eu a encarei como se ela tivesse cinco cabeças.

— Como é que é?

— É outra opção de apelido. Se eu sou um golden retriever, você é um gato preto. Achei que faria sentido te chamar de Miau.

— De jeito nenhum você vai me chamar de Miau.

Ela fez beicinho e cruzou os braços, bufando.

— Você não é nada divertido.

— Quem te disse que eu era divertido?

— Minha imaginação. — Ela pensou por um instante antes de apontar para

mim. — Ah! Já sei. Vou te chamar de Sr. Gato.

— Sr. Gato?

— Sabe… gato preto. E é misterioso. Como você.

Eu sorri.

— É melhor do que Miau.

— Ainda gosto de Miau, Sr. Gato.

— Claro que gosta, Goldie.

— Ei.

— O quê?

— Lembra quando o psicopata do meu ex falou para o cara de quem eu gostava para não sair comigo?

— Aham, Goldie. Eu lembro.

— E aí o psicopata do meu ex apareceu no jantar?

— Aham.

— Foi meio bosta.

— Ele meio que é um bosta.

— Aham — concordou ela, então bufou. — Ainda não sei o que fazer sobre ele. Antes, eu só ouvia fofocas sobre ele estar impedindo as pessoas de sair comigo, mas, agora, tive uma prova real com o Jake.

— Josh.

— Que seja. — Ela fez um aceno com a mão. — Eu sabia que o Cole era controlador, mas não achei que ele continuaria assim depois do divórcio. Foi por isso que me afastei dele.

— Veja pelo lado bom, você está escapando das roubadas. Um homem de verdade não teria medo do seu ex.

— Mas é difícil, porque sei que o Cole me amava do jeito dele. Claro, ele me traiu, mas acho que ele falava sério quando dizia que me amava.

Isso me deixou muito incomodado.

— Sinto muito, Goldie.

— Pelo quê?

— Por você achar que isso é amor.

— Então o que é amor?

— Não sei o que é — confessei. — Mas sei o que não é.

Ela bocejou de novo.

Estava exausta.

Tirei a garrafa das suas mãos e me levantei.

— Hora de ir para a cama.

Ela continuou bocejando.

— Tudo bem, Sr. Gato.

Ela estendeu a mão para mim e a segurei, puxando-a para ajudá-la a se levantar. Eu a levei até meu quarto.

— Você quer um pijama?

Ela assentiu com a cabeça.

— Por favor.

Peguei uma calça de moletom e uma camiseta larga que a engoliriam. Ela foi se trocar no banheiro enquanto eu tirava a colcha da cama para ela se deitar. Quando Yara saiu do banheiro, quase arfei ao vê-la usando minhas roupas. Pensei inclusive em como seria tirá-las dela.

Esses pensamentos precisavam parar.

Ela foi para a cama e se deitou.

— Obrigada, Alex.

— De nada — falei, cobrindo-a com a colcha.

Eu a coloquei para dormir.

Eu. A. Coloquei. Para. Dormir.

O que eu estava fazendo?

Ela sorriu ao se aconchegar no travesseiro, passando os braços ao redor dele e o abraçando.

— Meu desejo foi que você continue sendo tão legal comigo amanhã quanto foi hoje — sussurrou ela.

— Seu desejo é uma ordem.

Os olhos dela brilharam conforme algumas lágrimas voltavam a escorrer. Dessa vez, elas pareciam mais alegres. Aquela garota sentia tudo. Coisas que eu não sentia havia anos. Ela sentia emoções profundas enquanto eu me sentia vazio. Era algo incrível de ver — alguém que conseguia chorar de alegria e de tristeza, e ser completamente complicada e real. Fazia muito tempo que eu não via tanta verdade em uma pessoa.

— Boa noite, Goldie.

— Boa noite, Sr. Gato.

CAPÍTULO 17
Yara

Eu me remexi um pouco na cama ainda de olhos fechados, sentindo uma dor de cabeça latejante. Nossa. Eu me sentia péssima. Conforme as memórias da noite anterior iam retornando aos poucos, a sensação desagradável só aumentava. Até eu chegar às lembranças de Alex.

Eu me sentei de repente na cama.

Alex!

Abri os olhos e me dei conta de que estava no quarto dele, nos lençóis dele, sentada na vida dele. Ai, nossa. Eu devia ter passado muita vergonha na noite anterior. Ele provavelmente mal podia esperar para se ver livre de mim.

Eu me levantei da cama e entrei no banheiro da suíte. Assim que me olhei no espelho, quase arfei diante da visão. Olhos de panda, batom borrado, meus cachos completamente embaraçados.

Coloquei a mão em concha na boca, soprei e quase vomitei com o cheiro do meu próprio hálito.

— Ai, nossa — murmurei, abrindo a torneira.

Lavei as mãos, depois coloquei um pouco da pasta de dente de Alex em um dedo, que usei para limpar os dentes de forma quase agressiva. Fiz gargarejo com o enxaguante bucal dele, cuspi, depois lavei o rosto, limpando toda a evidência do resto da minha maquiagem da noite passada.

Mas eu temia que Alex já tivesse visto o pior de mim nas últimas horas.

Quando saí do banheiro, levantei a cabeça e encontrei Alex na porta do quarto com uma garrafa de água e um frasco de ibuprofeno. Ele arqueou uma sobrancelha.

— Oi, bom dia. Ou melhor, boa tarde.

— Já é de tarde? — arfei.

— Meio-dia e meia, sim.

Eu tinha dormido tanto assim?

Fui até ele e peguei o remédio e a garrafa de água das suas mãos.

— Obrigada. — Joguei os comprimidos na boca, tomei um gole de água e engoli. — Por… tudo.

Ele sorriu.

Ele sorriu! Tipo, de propósito. Para mim.

— Sem problema — respondeu ele. — Fui ao restaurante mais cedo e busquei sua bolsa. Também deixei algumas coisas prontas para você, se estiver com fome. Está tudo no forno para não esfriar.

Ergui uma sobrancelha.

— Você cozinhou para mim?

— Eu cozinhei para você.

— Por quê?

Ele ficou meio tímido e levantou o ombro esquerdo enquanto se recostava no batente. Sua voz ficou um pouco mais baixa, e seus lábios voltaram a se curvar para cima.

— Seu desejo é uma ordem.

Meu desejo do cílio. Ele estava sendo legal comigo por causa do desejo que eu tinha feito bêbada.

Centelha.

Ele me levou até a sala de jantar e serviu-me um prato de comida. Tanta comida… Batata rosti, cinnamon rolls caseiros, bacon, ovos mexidos. *Scones*! Ele tinha feito *scones* para mim.

— Quer suco de laranja? — perguntou ele.

— Hum, sim. Eu sempre quero suco de laranja. E água, por favor — pedi, me sentando confortavelmente na cabeceira da mesa dele.

Depois de pegar as bebidas, ele serviu um prato para si mesmo e se sentou à minha frente. Passamos um tempo comendo em silêncio. Eu não sabia se era o nervosismo dele ou o meu que tornava as palavras quase impossíveis. Eu sentia um frio na barriga sempre que as palavras dele ecoavam na minha mente.

Seu desejo é uma ordem.

Se eu soubesse que seria assim, teria desejado mais coisas de Alex. Como seus sorrisos. E sua risada. Sua amizade. Claro, nós tínhamos começado de um jeito no mínimo complicado, mas eu apostava que ele seria um amigo incrível. Noah era prova disso.

— Acho que passei vergonha ontem — falei, dando uma mordida no bacon.

— Não passou, mas, se tivesse passado, também não teria problema.

Eu sorri, me inclinei na direção dele e sussurrei:

— Eu passei vergonha ontem, né?

Ele se inclinou para a frente e sussurrou para mim:

— Demais.

Eu ri.

— Eu sou assim mesmo, fazer o quê?

— Prefiro você desse jeito mesmo.

— Caramba, você está mesmo levando a sério esse negócio de ser legal. Eu devia ter desejado que isso fosse para sempre, e não só por mais um dia.

— É por isso que você devia pensar bem no que pede com cílios. Agora vou ter que voltar a ser babaca com você amanhã.

— Que pena — comentei, me recostando na cadeira de novo. — Só de pensar que quase viramos amigos.

Ele exibia um sorriso que estreitava o canto dos seus olhos. Seus sorrisos faziam meus próprios lábios se curvarem, porque mandavam faíscas por todo o meu corpo.

— É melhor eu ir — falei, depois do café da manhã tardio. — Preciso tomar um banho. Estou horrorosa.

— Você está ótima.

Eu ri e gesticulei para meu rosto cansado sem maquiagem.

— Você acha isso bonito?

— Como um diamante — respondeu ele.

Meu coração acelerou e diminuiu o ritmo ao mesmo tempo. De algum jeito, eu me sentia tonta e completamente estável ao mesmo tempo. Como ele conseguia despertar sensações tão conflitantes?

Minhas bochechas esquentaram quando eu me levantei.

— Eu tinha combinado de encontrar o Cole mais cedo para buscar minha cadela Cacau, e imagino que ele deve estar dando um ataque.

— Odeio aquele cara — declarou ele.

— Odeia?

— Odeio.

— Por quê?

— Por… — As palavras pareceram lhe fugir. — Sua causa.

Meu coração. Ele pulou. Ele dançou. Ele disparou. E ficou confuso. Alex parecia me confundir bastante ultimamente.

— Por minha causa?

Ele deu uma mordida no bacon.

— É.

— Achei que odiar os outros exigisse energia demais.

— Estou usando minhas reservas de energia.

Mordi o lábio inferior e fiz uma dancinha.

— Você sabe o que isso significa, né?

— O quê?

— Que você *gosta* de mim.

Ele revirou os olhos e se recostou na cadeira.

— Não começa a inventar histórias nessa cabecinha, Goldie.

— Só estou interpretando a história que você está me contando, Sr. Gato.

— Uma história fictícia.

— Não — discordei. — Uma autobiografia. A história do gato preto mal-humorado que ficou amigo da golden retriever.

— Uma história tão antiga quanto o próprio tempo.

— Um best-seller instantâneo.

— Na imprensa o descreveram como um conto triunfante de opostos que se atraem.

— A crítica diz que é o destaque do ano. Dizem que no fim da história…

— Não — interrompeu-me ele. — Não vai me dizer que você é o tipo de pessoa que gosta de dar spoilers. Quero, a cada dia, ver o que acontece no próximo capítulo.

Ele se levantou da mesa e veio até mim, puxou minha cadeira e me ofereceu sua mão.

Eu a segurei e me levantei, minha mente rodando com pensamentos que eu ainda não sabia como digerir, causados apenas pelo contato com a mão dele. Talvez eu não precisasse digerir nada por enquanto. Talvez nosso capítulo atual pudesse ficar fermentando um pouco na minha mente.

— Obrigada por tudo — falei enquanto ele me acompanhava até a porta. — Pelas roupas e tal — continuei, gesticulando para o pijama que ele tinha me emprestado.

— Sempre que você precisar.

— Você vai se arrepender de dizer isso — brinquei. — Vou roubar todos os seus moletons.

— Bem. — Lentamente, ele me observou de baixo para cima, seu olhar indo dos meus pés até meus olhos. Ele abriu a porta e curvou os lábios. — Eles ficam melhor em você de toda forma.

Alex, Alex, Alex, assim vou ficar vermelha.

Suspirei.

— Podemos fingir que tenho outro cílio para eu fazer mais um pedido?

Ele passou um dedo pela minha bochecha e o posicionou na frente da minha boca, exibindo um cílio invisível.

— Pode desejar.

Fechei os olhos e murmurei baixinho.

— Eu queria que eu e o Sr. Gato pudéssemos ser amigos um dia.

Soprei o dedo dele.

Minhas pálpebras abriram e encontrei os olhos castanhos dele. Ele se inclinou para a frente, roçando o polegar contra meu lábio inferior. Estava tão próximo que nossos rostos se encontraram em um toque macio, o hálito dele acariciando a curva da minha orelha. Seu sorriso íntimo me deixou toda arrepiada.

— Seu desejo é uma ordem.

Segui para o elevador, saindo do apartamento de Alex, e, quando me virei, o peguei olhando para mim. Ele fechou rápido a porta, quase parecendo envergonhado por ter sido pego no flagra. Gostei disso. Eu gostei de como ele tinha olhado para mim quando pensou que eu não notaria. Havia um carinho em seu olhar. Uma suavidade que ele revelava lentamente para mim.

Durante todo o caminho até meu apartamento, me senti nas nuvens — até encontrar Cole e Cacau sentados na frente da minha porta.

Meu estômago embrulhou.

— Cole. O que você está fazendo aqui? — perguntei.

Ele se levantou, pegando Cacau no colo, e estreitou os olhos.

— Vim atrás de você. Você não foi ao parcão para fazermos a troca.

— Eu sei. Eu perdi a hora, e… espera. Há quanto tempo você está aqui? E como você sabe onde eu moro?

— Fiquei preocupado, então procurei seu endereço.

— Cole!

— *O quê?!* — bradou ele. — Sinto muito. Eu não sabia que me preocupar com o seu bem-estar era errado. Mas, pela sua roupa, estava tudo bem, você só estava sendo irresponsável com a Cacau.

Olhei para o moletom de Alex e suspirei.

— Desculpa por eu ter me atrasado.

— É bom você se desculpar mesmo. Não dá para brincar com os horários da Cacau.

Revirei os olhos.

— Tenho certeza de que a Cacau não vai ter problema nenhum com isso. Né, menina? — perguntei enquanto a pegava em meus braços. Braços nos quais ela

pulou toda feliz, balançando o rabo. — Tchau, Cole.

— Quem é ele? — questionou ele.

— O quê?

— Não se faça de boba, Yara. Você chega com essa cara de merda, usando as roupas largas de um cara. Quem é ele?

Eu ri para não dar uma resposta mal-educada.

— A gente não vai ter essa conversa, Cole.

— Foi o britânico? Então é assim, o cara te dá um bolo, e você acaba trepando com ele? Muito bonito, Yar.

— Como você ousa? — exclamei. — Duas coisas. Primeiro, o que faço com meu tempo e como uso meu corpo não é da sua conta. E a segunda: o que faço com meu tempo e como uso meu corpo não é da sua conta — repeti.

— Então você acha legal ficar se oferecendo para qualquer cara que olhe para você?

— Cole. Sabe aquele limite? Você está ultrapassando.

— Só porque eu me importo. Alguém precisa se importar com você. Todo mundo só fica falando mal de você pelas suas costas.

— Ninguém faz isso.

Meu corpo ficou tenso quando ele abordou minhas inseguranças.

— Faz, sim. Todo mundo comenta que você parece desesperada, tentando arrumar um namorado. E as pessoas acham que é por sua causa que nos separamos.

— E imagino que você não faça questão de corrigi-las.

— Mas a verdade é essa. Você me largou.

— Porque você me traiu várias vezes! *Você* fez isso. Não eu. Você me largou muito antes de eu cogitar o divórcio. Quem sabe por quem ou com quantas mulheres você me traiu.

— Então o problema é esse? Você ainda está querendo descobrir com quem eu fiquei?

Suspirei.

— Não, Cole. Não quero, porque isso não importa. Talvez importasse quando eu ainda queria ficar com você. Eu era uma idiota que achava que talvez fosse melhor saber, mas isso não faz diferença nenhuma agora. Você não significa nada para mim.

Cole parou por um instante, pensando no que eu disse. Com sorte, minhas palavras causariam algum impacto naquele cérebro de minhoca.

Ele apontou um dedo para mim e balançou a cabeça.

— Não. Você ainda me quer. Eu sinto isso.

Elas não causaram impacto *nenhum*.

Ele esfregou as sobrancelhas grossas com uma das mãos e deu de ombros.

— Quer saber? Fica à vontade. Faz o que você tiver que fazer para se vingar de mim por ter te magoado, Yara. Vai para a cama com quantos homens você quiser. Eu não ligo, porque sei o que vai acabar acontecendo. Você vai voltar para mim, e vamos seguir com a nossa vida.

— Isso *nunca* vai acontecer.

— É, bom, só vou acreditar nisso quando você estiver andando por aí com outro cara. Mas, até lá, vou ficar esperando.

Ele se aproximou e fez carinho na cabeça de Cacau. Sua proximidade fez arrepios de nojo percorrerem meu corpo. O oposto da sensação que Alex causava em mim.

Naquele momento, me dei conta de algo muito importante.

Eu precisava de um namorado.

Urgentemente.

Entrei no apartamento, tentando afastar minha irritação com Cole, e então alguém bateu à porta. Resmunguei antes de escancará-la, pensando que ele tinha voltado para roubar mais da minha alegria.

— *O que você quer?!* — gritei.

Alex estava parado na minha frente com os olhos arregalados, segurando uma sacola de presente.

— Você sempre abre a porta desse jeito?

Suspirei.

— Desculpa. Achei que fosse outra pessoa. O que houve?

— Eu não queria te incomodar de novo, mas esqueci que eu tinha feito tigelas e ossos para você.

Ergui as sobrancelhas.

— O quê?

Ele ergueu a sacola.

— Fiz tigelas e ossos para você. Cookies com gotas de chocolate no formato de ossos, quer dizer. E duas tigelas de água na loja de cerâmica, para substituir a que eu quebrei.

Tirei as tigelas da sacola e elas estavam cheias de cookies. A sensação de sangue fervendo pela angústia que Cole havia causado? Alex rapidamente a abrandara e a dissipara.

Quando olhei os detalhes das tigelas, notei as palavras que circulavam a base.

A primeira dizia “sinto muito por”, e a segunda, “ser um babaca”. Soltei uma risada baixa. A autoconsciência sobre a situação toda era uma graça.

— Uma tigela para água, outra para comida — explicou ele. — Imaginei que fosse melhor ter um par.

— Você que fez?

— Bem, eu tentei. Cerâmica é complicado. A Pat fez a maior parte do trabalho, mas fui *eu* que escrevi.

— Por que você fez isso?

Ele esfregou a nuca, meio sem jeito.

— Não sou que nem você — confessou ele. — É como você disse, eu sou o gato preto, e você é a golden retriever. Você acha que as pessoas são inocentes até que se prove o contrário. Eu acho que elas são culpadas até que se prove o contrário. Você enxerga a luz. Eu só vejo escuridão. Nós somos diferentes.

— Sim — concordei, me apoiando no batente. — Nós somos.

— Mas isso não significa que o meu jeito seja certo. Você nunca foi culpada de nada, e eu te tratei como se fosse. Ando um pouco mais cínico do que o normal, e você merecia um pedido de desculpa de verdade.

— Obrigada, Alex. — Minha voz era quase inaudível, enquanto o furacão que eu sentia antes se dissipava. — Isso é bem fofo da sua parte.

Ele concordou de leve com a cabeça.

— E me desculpa também — falei. — Por todas as coisas horríveis que falei antes de ontem à noite.

— Não precisa se desculpar por isso. Eu gosto do fato de você ter me enfrentado. Isso mostra que até goldens podem atacar. Eu só queria que você também enfrentasse outros babacas na cidade.

Depois de dizer isso, ele desapareceu pelo corredor, descendo a escada de volta para seu apartamento. Fiquei parada ali por um instante, olhando na direção que ele havia seguido antes de fechar a porta e dar uma mordida no cookie com gotas de chocolate.

— *Aimeudeus!* — gemi, impressionada com a mais pura alegria que o sabor dos biscoitos causou.

O que era aquela explosão de sabores na minha boca?

Cinco de cinco estrelas.

Recomendaria demais.

Se eu pudesse, daria um milhão de estrelas.

CAPÍTULO 18
Alex

TODD

Alex, você decidiu alguma coisa sobre a casa?

Todos os dias antes de ir para o trabalho, eu acabava lendo mais e mais trechos dos diários de Teresa.

Eu andava pelas ruas de Honey Creek com um diário em mãos, lendo sobre os lugares que ela mencionava. Via os lugares dos quais ela havia falado. Eu me sentava nos bancos em que ela havia se sentado. Comia os pratos que ela escolhera anos antes.

Era como se eu estivesse na cápsula do tempo dela. Eu a imaginava caminhando ao meu lado na rua, me contando em detalhes as histórias da sua juventude. Ela dançava por essas ruas com Peter. Também chorava com ele nos becos. Os dois passavam horas na biblioteca, lendo um para o outro, sussurrando, em idiomas diferentes.

Eles se beijaram pela segunda vez sob a torre do relógio. Eles seguraram a mão um do outro pela primeira vez em frente à sorveteria. Ele disse que a amava no meio do campo de futebol americano da escola. O pai contara a ela que eles voltariam para Madri nas arquibancadas desse mesmo campo.

Essa notícia a havia feito chorar por duas semanas inteiras.

Ela era babá de uma garota de 10 anos chamada Ana, que tinha uma personalidade impetuosa. Essas eram as duas pessoas sobre quem Teresa mais falava — Ana e Peter. Dava para ver que eles eram os pontos de luz da sua vida na época. As duas pessoas que lhe davam forças.

Ela odiava os pais de Peter, porque eles não achavam que ela era boa o suficiente para o filho.

Babacas.

— A leitura deve estar boa — comentou alguém enquanto eu passava pela feira de rua com a cara enfiada no diário.

Levantei a cabeça e dei de cara com Yara parada com uma bolsa cheia de

legumes. Seu sorriso me fez sentir como se eu tivesse dado um passo em falso, me deixando completamente desequilibrado. Seus sorrisos costumavam me tirar do prumo.

— A leitura deve estar boa? — repeti, meu cérebro ainda tentando entender como existir perto dela desde que as nossas interações mudaram.

Ela apontou para o diário na minha mão.

— Você parecia estar em outro mundo, só isso.

Ela havia alisado o cabelo naquele dia.

Gostei.

Mas eu também gostava dos cachos dela.

— Ah. — Fechei o diário e o enfiei embaixo do braço. — Sim.

Ela olhou para minha outra mão e viu o buquê de flores que eu tinha comprado. Teresa tinha escrito que Peter comprava suas flores favoritas na Floricultura da Ruth toda manhã de domingo. Desde que eu lera isso, havia começado a comprar um buquê de tulipas todo domingo.

— Para alguém especial? — perguntou ela, olhando para as flores.

— O quê? Não. Eu, hum… — Balancei a cabeça. — São para mim.

— Ah, legal. Também gosto de comprar flores aos domingos. Prefiro dálias e peônias, mas tulipas são uma boa escolha.

Ficamos parados por um instante em silêncio. Fiz uma careta, sem saber o que falar.

— Não sou muito bom com essas coisas.

— Com o quê?

— Com amizades novas.

— Ah. Tudo bem. — Ela chegou mais perto e sussurrou: — Eu tenho doutorado em fazer amizades. Mas ele vem acompanhado de tendências patológicas de puxar o saco dos outros, então não sei se sou de muita ajuda.

Eu ri.

— É, já te vi zanzando pela cidade e falando com pessoas aleatórias.

— Espera. — Ela levantou uma sobrancelha. — Isso foi uma risada?

Pigarreei.

— Não. Eu me engasguei com o ar.

Ela balançou um dedo.

— Não, não. Foi uma risada. De risada eu entendo.

— Alergia — menti.

Ela abriu um sorriso largo.

Puta merda. Eu gostava daquele sorriso enorme dela.

— Com que frequência você fica olhando para mim pela cidade? — perguntou ela, fazendo círculos no chão de concreto com seu sapato.

Bufei e esfreguei o nariz com o polegar.

— É raro. Quase nunca.

Muito. Sempre. *Porra, o tempo todo, Yara.*

— Ah, aham, tudo bem — respondeu ela, sarcástica, piscando para mim. — Não se preocupa, Sr. Gato. Eu também sempre olho para você.

Ela me deixou um pouco confuso com aquela conversa. Parecia que não tinha guardado rancor depois do meu pedido de desculpa. Que ela me daria mesmo uma segunda chance. Tatiana tinha razão — Yara era o tipo de pessoa que perdoava os outros.

Jurei para mim mesmo que não daria a ela nenhum motivo para ter que me perdoar de novo.

TODD

Você viu minha mensagem, Alex?

ALEX

Ainda não estou pronto. Mas não vai demorar muito.

Não vai demorar muito.

O tempo era uma coisa esquisita. Havia dias que duravam uma eternidade, enquanto outros passavam voando. O restaurante era oficialmente um sucesso, e a equipe oficialmente morria de medo de mim. Isso era tudo de que eu precisava — boas críticas e funcionários apavorados. Teresa ficaria empolgadíssima.

Enquanto eu me apressava pela cozinha durante outra noite agitada, os cozinheiros trabalhavam o mais rápido possível para dar conta dos pedidos. Eu sabia que era rabugento com eles, mas, no fundo, ficava impressionado com a capacidade que tinham de trabalhar sob condições tão intensas.

— Desculpa, Alex, posso falar com você por um instante? — perguntou Tatiana, ao entrar na cozinha, segurando as mãos sobre o peito, se esquivando dos outros para não atrapalhar ninguém. — Vai ser rapidinho. Só um segundo.

Olhei por cima do ombro para Tatiana antes de me virar de novo para a paella de frango defumado no fogão diante de mim, que Sammy preparava.

— Tatiana, se você não está na recepção, não está trabalhando — reclamei. — E isso quer dizer que não está fazendo o que eu mandei.

O burburinho da cozinha era meu som favorito de todas as noites. As panelas batendo, as pessoas gritando pedidos, eu gritando quando via algum erro. Para a

minha sorte, depois de abrir meu quinto restaurante e ter duas estrelas Michelin, poucos erros aconteciam nas minhas cozinhas. Eu me certificava disso ao contratar os melhores entre os melhores.

Naquela noite no Isla Iberia, todas as mesas estavam ocupadas, e a cozinha fervilhava de intensidade. Os cozinheiros dançavam uns com os outros, pegando ingredientes, empratando os pedidos, adicionando o equilíbrio perfeito de temperos em cada prato. Eu verificava todas as entradas duas ou três vezes antes que saíssem para as mesas.

Fazia apenas algumas semanas que o restaurante estava aberto, e já havia reservas para um ano inteiro. Nem era preciso dizer que o Isla Iberia era um sucesso.

Tatiana pigarreou, me seguindo de bancada em bancada enquanto eu inspecionava os pratos.

— Sim, Alex, eu entendo. É só que preciso de um minuto para falar com você, e…

— Primeiro era um instante, agora é um minuto. O que vai ser, Tatiana? — respondi com rispidez, me virando para ela.

— Ah, hum, um instantinho do seu tempo? — respondeu ela, mas soou como uma pergunta.

Ela parecia nervosa, o que não combinava nada com sua personalidade. Normalmente, ela não perderia tempo em me colocar no meu lugar por falar daquele jeito.

— O que houve? — perguntei. — Você está bem?

— Sim. Estou bem.

— Então por que você parece prestes a chorar? O que foi? — Segurei o braço dela e a puxei para o canto da cozinha, em busca de privacidade. — Você se machucou?

Ela balançou a cabeça.

— Não, não. Eu estou bem. É só que… tem um probleminha lá na frente.

Arqueei uma sobrancelha.

— Você vai explicar?

— Bom, parece… parece que… hum…

Antes que ela conseguisse terminar a frase, um som veio da frente do restaurante. Um som muito parecido com o latido de um cachorro. Por que um cachorro estaria latindo no meu restaurante?

— O que foi isso? — perguntei com irritação, me empertigando ao olhar por cima do corpo pequeno de Tatiana.

— É o probleminha.

A cozinha inteira parou, todos virando a cabeça para olhar na direção do barulho. Lancei um olhar firme para todos eles.

— O que vocês acham que estão fazendo? Voltem ao trabalho!

— Sim, chef! — responderam todos ao mesmo tempo, voltando a trabalhar.

Eu suspirei.

— Tatiana.

— Sim?

Cruzei os braços e me aproximei mais dela enquanto um sussurro grave e brusco escapava da minha boca.

— Tem um cachorro no meu restaurante?

A pele dela empalideceu como a de um fantasma, e seus lábios tremeram conforme seus olhos se enchiam de lágrimas.

— Tem.

— Tatiana.

— Sim, Alex…

— *Tira o cachorro do meu restaurante!* — gritei, jogando as mãos para o alto, frustrado.

— Tá, tudo bem! — gritou ela, seu corpo inteiro tremendo de pânico. Se eu tivesse um segundo para entender o que estava acontecendo, teria me sentido mal por fazer minha voz ecoar assim. Não conseguia entender por que ela havia achado aceitável permitir a entrada de um animal no meu estabelecimento. — É só que… — começou ela, as palavras tropeçando em sua língua. — O cachorro é seu.

Estreitei os olhos e coloquei as mãos na cintura.

— Como é?

— O cachorro no restaurante. É seu.

— Eu te ouvi na primeira vez, mas isso não quer dizer nada, porque é ridículo. Eu saberia se tivesse um cachorro. Então, se você puder parar com esse jogo de adivinhações…

— Sua tia-avó Teresa o mandou.

Bufei e esfreguei a testa com o cenho franzido.

— Mentira. Minha tia Teresa… — Fiz uma pausa. — Teresa o mandou?

Tatiana assentiu com a cabeça.

— Mandou.

— Tatiana.

— O quê?

— Para de chorar.

Ela estava se debulhando em lágrimas, como se fosse a tia dela quem tivesse morrido.

— Não consigo, mas vou tentar. — Ela secou as lágrimas. — Sua tia-avó Teresa deixou um cachorro para você no testamento dela. Ele está aqui. Para você. O cara do transporte está esperando no saguão.

Cada centímetro do meu corpo estava preenchido por irritação, confusão e nervosismo.

Teresa não podia ter deixado um cachorro para mim. Por que raios ela faria uma coisa dessas?

Desisti de tentar arrancar informações de Tatiana, que estava tendo um colapso nervoso, e atravessei o restaurante, marchando até o saguão, onde um homem me esperava com um cachorro minúsculo usando focinheira. Aquela coisinha estava causando toda essa comoção?

— Lá fora — ordenei ao homem com um olhar sério.

Ele arregalou os olhos com a intensidade da minha ordem e puxou o cachorro com força para fora do restaurante. Eu os segui enquanto o cachorro rosnava agressivamente para mim, latindo sem parar.

— Você não pode mais entrar no meu restaurante com essa coisa. Pode levar ele de volta para o lugar de onde veio — falei para o homem.

— Sr. Ramírez…

Acenei com uma das mãos de um jeito desdenhoso.

— Me poupe do discurso. Se eu não ouvir o discurso, posso fingir que nada disso aconteceu.

— Só que está acontecendo, e sua tia-avó Teresa deixou para o senhor este lulu-da-pomerânia. O nome dele é Feliz.

Ele me ofereceu a guia.

Quando ele disse aquela palavra, revirei os olhos. Era óbvio que minha tia batizaria o cachorro mais agressivo do mundo de Feliz. Só de olhar aquelas presas enquanto ele latia sem parar, mesmo com a focinheira, dava para perceber que feliz era a última coisa que ele era.

Empurrei a guia de volta para ele.

— Eu não quero.

— Acho que o senhor não tem opção.

— Este é um país livre. Não preciso ter um cachorro se eu não quiser.

— Precisa. E, se o senhor não quiser ficar com ele, vai ter que levá-lo para um abrigo. Mas, infelizmente, quase todos os abrigos ficam cheios no outono, e

Feliz pode acabar sendo sacrificado.

— Não tenta me fazer ter pena dele. Você se surpreenderia com a minha capacidade de estar pouco me lixando — resmunguei.

— Escuta, cara. Só estou tentando fazer meu trabalho, beleza? — O sujeito enfiou a mão no bolso de trás e pegou um envelope. — Isto é da Teresa. Eu preciso entregar a carta e o Feliz. Então, se você puder pegar os dois e me deixar seguir com a minha noite, seria ótimo. Preciso estar no Kansas amanhã para entregar outro bichinho.

Arranquei o envelope da mão dele e o rasguei para abrir.

Meu querido sobrinho teimoso que não foi ao meu enterro,

Só mesmo Teresa para ser tão direta e onisciente.

Entre todos os seres humanos, não é segredo que você é meu favorito, então arrumei um amigo para lhe fazer companhia. Esse é o Feliz. Ele será o que você era para mim — seu tudo. À primeira vista, você pode se achar muito parecido com Feliz: Teimoso. Cabeça-dura. Rabugento. Difícil. Mas tenho certeza de que ele também é como você depois que as pessoas o conhecem melhor. Bom. Gentil. Generoso. Carinhoso. Um melhor amigo.

Eu não poderia pensar em uma dupla melhor. Talvez vocês consigam amansar um ao outro.

Cuide bem dele, e ele cuidará bem de você.

Eu te amo, meu sobrinho favorito.

Siempre,
Teresa.

Depois que terminei de ler a carta, dobrei o papel e resmunguei baixinho.

— Escuta, eu entendo que minha doce tia-avó era meio iludida sobre quem eu era, mas… — Quando levantei o olhar, percebi que o cara tinha largado Feliz e saído correndo para o carro depois de deixar um balde com os pertences do cachorro em cima da guia para mantê-lo no lugar. — Ei! — gritei, jogando as mãos para cima de frustração. — Você está de sacanagem?!

— Boa sorte! — berrou o cara da sua janela aberta ao passar de carro por mim. — E meus sentimentos, cara!

Como se meu dia não pudesse piorar. Amassei o papel, enfiei-o no bolso da calça e encarei o cachorro. Cheguei mais perto. O cachorro rosnou e pulou em

cima de mim como se quisesse arrancar minha mão.

— Eita! — exclamei, vendo a agressão nos olhos do cachorro. — Tatiana! — gritei.

Segundos depois, ela estava na calçada.

— Oi, Alex.

— Pede para o Sammy cuidar da cozinha hoje. Preciso resolver umas coisas.

— É claro. — Ela sorriu para mim e depois para Feliz. — Ele é fofo, né?

— Feito um rato peludo — resmunguei.

Era impossível não me perguntar se Teresa na verdade não queria dizer que eu era o ser humano que mais detestava, e não seu favorito. Aquela criatura feia e peluda transmitia mais uma energia de ódio do que de amor. Fiquei dando voltas no cachorro, tentando encontrar um jeito de pegá-lo para colocá-lo no carro, enquanto ele rosnava para mim. Era uma dança linda a nossa. Eu só queria que ela acabasse.

CAPÍTULO 19
Yara

Meia hora antes, eu tinha recebido uma mensagem de socorro de Avery no grupo das irmãs.

AVERY

Reunião de emergência. No Peter's, AGORA!

WILLOW

Eu já ia colocar uma máscara no rosto.

AVERY

Dane-se. Anda logo. É importante.

YARA

É importante o suficiente para eu ter que colocar sutiã de novo?

AVERY

Sim. Importante nesse nível.

WILLOW

Você finalmente deu de cara com o Nathan? Eu colocaria sutiã para ouvir essa história ao vivo.

YARA

Você nunca usa sutiã.

WILLOW

Mamilos livres!

AVERY

Meninas. No Peter's Café. AGORA!

Demorei uns quinze minutos para me arrumar e chegar ao café. Não me surpreendi ao ver que Willow ainda não tinha chegado. Essa garota provavelmente se atrasou para nascer e com certeza chegaria atrasada ao próprio

enterro.

Avery se recusou a me contar o problema antes que Willow aparecesse, então ficamos sentadas à nossa mesa perto da entrada do café, observando a comoção acontecendo na frente do restaurante de Alex.

— Alguém está tendo um dia mais esquisito que o meu — murmurou Avery. — Deve ser o carma dele por ter te tratado mal.

— Ah. — Balancei a cabeça. — Esqueci de contar. Nós somos amigos agora. Eu acho. Mais ou menos. Bom, meio que.

Avery arqueou uma sobrancelha.

— Desculpa, como é que é?

— É uma longa história, e aconteceu há quase uma semana.

— *Há uma semana?!* — arfou ela, com os olhos arregalados. — Como você não me contou isso?

— A gente não conta tudo uma para a outra, Avery. Eu esqueci.

Ela bufou.

— Que mentira descarada. Você nunca esquece nada. Você já me contou umas cinquenta vezes que aquele britânico disse que seu cocô cheira a rosas.

— Isso foi diferente.

— Como?

Eu não sabia bem como. Minha irmã tinha razão. Eu contava tudo para ela e Willow, mas não havia mencionado a noite que tinha passado no apartamento de Alex. Parecia que, se eu falasse sobre aquilo, de alguma forma acabaria estragando a conexão especial entre nós. Eu queria manter isso guardado no meu coração. Queria que aquele fosse nosso segredinho por mais um tempo.

— Yara…

— Um segundo — falei, erguendo a mão.

Meu coração disparou quando vi Alex interagindo com o cachorro à sua frente. Ele não estava indo muito bem, e o coitado do cachorro parecia extremamente estressado.

Meu coração apertou enquanto eu assistia à cena.

— Vou lá — anunciei, colocando meu guardanapo de papel sobre a mesa.

Avery me lançou um olhar irritado e apontou um dedo para mim.

— Yara, não ouse. Você não tem nada com isso.

— Eu literalmente vivo disso — insisti, olhando pela janela do café. Alex estava tendo uma conversa agressiva com um filhotinho de lulu-da-pomerânia. Eu não sabia quem estava mais nervoso, o homem ou o cachorro. De toda forma, intervenção divina era necessária, e, por um acaso, eu estava me sentindo bem

divina naquela noite. Se eu não fosse lá intervir, o cachorrinho acabaria tendo um ataque de pânico. E o mesmo valia para Alex. — Só um minutinho — falei para Avery. Ela me lançou seu olhar descrente que dizia “Tá bom, sei”. — Cinco minutos, no máximo.

Ela se inclinou para mim, colocou uma das mãos sobre a minha e suspirou.

— Yara, nem todo cachorro é sua responsabilidade. Você está fora do seu expediente.

— Uma encantadora de cães profissional jamais está fora do expediente. Com grandes poderes, vêm grandes alguma coisa, ou seja lá o que foi que o Homem-Aranha disse. — Dei um tapinha na mão da minha irmã e sorri. — Já volto.

Eu me levantei da mesa e segui para a porta.

— Cinco minutos! — gritou Avery.

— Tá! Cinco minutos! Dez, no máximo.

Eu quase conseguia senti-la revirar os olhos enquanto eu corria até o outro lado da rua. Alex, vestido todo de preto, tentava se aproximar do cachorro pelo lado, o que só fez o coitadinho do filhote ficar mais nervoso.

— Isso não é uma boa ideia — avisei.

As rugas fundas em sua testa e sua carranca quase me fizeram bater em retirada. Talvez nós não fôssemos amigos.

— Não me lembro de ter pedido a sua opinião — rebateu ele com grosseria, mas então se virou para mim. Quando viu que era eu, seus olhos castanhos sérios se tornaram menos agressivos, e ele endireitou a postura. — Yara. Desculpa. Eu… não sabia que era você.

Dei uma risada, sem saber o que achar dessa mudança de comportamento. Eu fazia isso com ele? Acalmava a agitação em seu olhar?

— Você briga com todo mundo nessa cidade, exceto comigo? — brinquei.

— Sim — respondeu ele, rápido. — Mas é só porque todo mundo me trata mal.

Justo.

— É, bom, vim ajudar.

— Não precisa. Está tudo sob controle.

— Tá, é só que… — Olhei para o pobre do cachorro. — Ele está com medo.

— Ele está com medo? Não sou eu quem está tentando mordê-lo. Se alguém deveria estar com medo, sou eu.

— Imagina que você seja do tamanho de uma almofada e um homem de um metro e oitenta e cinco vem para cima de você. Isso é assustador. Ele só está em alerta.

Alex murmurou:

— Um metro e noventa e três.

Arqueei uma sobrancelha.

— É sério isso? Essa é sua preocupação?

— Só estou dizendo que não tenho um metro e oitenta e cinco.

Ergui as mãos, em rendição.

— Beleza. Me enganei. Eu não queria ferir sua masculinidade preciosa.

— Só estou dizendo. Oito centímetros fazem diferença.

— É exatamente isso que eu digo para todos os homens, mas eles se recusam a acreditar em mim.

Ele sorriu.

Ah! Amigos. Claro que nós éramos amigos.

Fique de boa, Yara.

Cruzei os braços.

— De onde saiu esse cachorro?

Ele parou, então suspirou e passou a mão pelo cabelo bagunçado escuro como a noite.

— Minha tia-avó o deixou para mim. Ela faleceu há algumas semanas e, por algum motivo, achou que eu precisava de um cachorro para me fazer companhia e não me sentir sozinho.

— Ela faleceu no dia em que você quebrou a minha tigela?

— Não. Ela faleceu um dia antes de eu pisar no cocô da sua cachorra. E o enterro dela foi no dia da tigela.

E isso bastou para que a rabugice dele nas semanas anteriores fizesse mais sentido.

Levei as mãos ao peito e balancei a cabeça.

— Sinto muito pela sua perda.

— Por que você está assim? — perguntou ele.

— Assim como?

— Emocionada.

— Bem, você acabou de me dizer que perdeu sua tia-avó. Isso se chama compaixão. Eu me sinto mal por você.

— Não pedi para você se sentir mal por mim.

— A compaixão não funciona só quando se pede.

— Eu nem falei se gostava da minha tia. Até onde você sabe, eu podia detestá-la.

— É verdade. Eu não devia ter chegado a conclusões precipitadas. Mesmo

assim, sou conhecida como encantadora de cães. Você só precisa colocar esse fofo na caixinha dele, né? E depois no seu carro.

— Sim. Meu carro está nos fundos. Preciso trazê-lo para cá.

Assenti com a cabeça.

— Você pode fazer isso e, quando voltar, já vou ter colocado o cachorro na caixa de transporte, e posso te ajudar a botá-lo no carro.

Ele hesitou por um instante, mas então concordou.

— Já volto.

— Pode ir com calma. Vou ficar aqui conhecendo melhor o…

— Feliz.

— *Feliz*.

Eu sorri.

— Ele é o completo oposto disso — alertou Alex.

— Então talvez vocês tenham algo em comum — brinquei.

— Rá-rá-rá — murmurou ele. — Você é tão engraçada, Yara.

Abri um sorrisinho, satisfeita por conseguir irritá-lo de um jeito divertido.

— Pode ir buscar o carro. Vamos estar prontos quando você chegar.

Foi bem baixinho, mas eu jurava que o escutei murmurar um "obrigado" antes de ir buscar o carro. Para minha surpresa, eu e Feliz nos demos muito bem. Quando o cachorro entendeu que eu não iria machucá-lo, deixou que eu o colocasse na caixa de transporte. Eu já estava juntando as coisas dele quando Alex virou a esquina.

Ele parou o carro e saltou com uma expressão um tanto chocada.

— Como você fez isso?

— Eu te disse. Encantadora de cães.

Ele abriu a porta de trás do carro. Quando foi pegar a caixa comigo, Feliz voltou a latir, todo agressivo. Alex jogou as mãos para o alto, se rendendo, e murmurou:

— Cachorro idiota.

— Ele está com medo de você. Do mesmo jeito que você está com medo dele. Vai com calma. Vocês dois vão se acostumar um com o outro. Aqui. Pega as coisas que eu coloco o Feliz no carro.

Alex fez o que eu falei e foi para o outro lado do carro. Ele abriu a porta e colocou as coisas do filhote lá dentro, então a fechou.

Botei a caixa transportadora no carro e sorri para o cachorro, que abanava o rabo para mim.

— Pega leve com o Alex. É o primeiro dia dele como pai. — Feliz lambeu

minha mão uma última vez para se despedir, e eu fiz carinho em sua orelha pela porta da caixa, depois ajeitei a postura e fechei a porta. Eu me virei para Alex. — Dá um tempo para o Feliz se acostumar. Ele está num lugar novo, só está assustado. Se eu fosse você, arrumaria um adestrador.

— Por que ele gostou de você tão rápido?

— Eu disse, todo mundo gosta de mim.

Ele esfregou o polegar no lábio inferior.

— A pequena Srta. Goldie.

Eu sorri.

— O grande Sr. Gato.

Ele sorriu também, e eu queria que minha mente pudesse tirar uma foto daqueles lábios se curvando para cima.

— Obrigado, Goldie — disse ele, agora mais alto. Mais sincero. — E me desculpa por ter sido grosso quando você chegou. Foi… — Ele soltou um suspiro pesado. — Obrigado.

Concordei com a cabeça.

— Tudo bem. Boa sorte. Me avisa se precisar de mais alguma coisa. E sinto muito pela sua perda.

Ele abriu a porta do motorista e hesitou, apoiando-se nela.

— Eu não a detestava — disse ele, baixinho. — Ela era o sal.

Ergui as sobrancelhas.

— O sal?

— Teresa era o sal do mundo… ela dava sabor a tudo. Ela era eclética, esquisita, e única dos jeitos mais bizarros. Ela bebia vinho de manhã e café à noite. Ela não acreditava em religiões, mas tinha muita fé em Deus, algo que ainda não entendo. Xingava muito e rezava como uma santa. Quando não estava usando um colar com uma cruz, era porque o dera para alguém na rua que parecia precisar mais dele.

“Ela era bagunceira. Sua casa era lotada de livros, porque ela era cheia de conhecimento. Ela não terminou o ensino médio, mas era a mulher mais inteligente do mundo. Ela cresceu sem nada, mas deu um jeito de ter tudo. Ela seguia o ritmo da própria música e não se conformava com nada. Ela era o oposto de mim, mas isso era bom. Porque, para toda minha escuridão, ela trazia luz. Ela era a única pessoa que enxergava quem eu era e ainda assim me amava por completo. Ela me ensinou tudo que eu sei sobre estar numa cozinha, e devo minha vida a ela.”

A voz dele falhou. E eu senti — seu coração partido.

— Ela foi minha melhor amiga quando eu não tinha mais ninguém, e parte de mim também foi embora quando ela partiu. O mundo perdeu um pouco da cor sem ela aqui, e toda comida parece meio sem sal.

Lá estava ele. O Alex gentil e verdadeiro que ele escondia do restante do mundo.

Ele nem me deu uma oportunidade de responder antes de entrar no carro e ir embora.

Mesmo assim, suas palavras ficaram na minha cabeça enquanto eu atravessava a rua secando as lágrimas que tinham dado um jeito de escorrer por minhas bochechas por causa do meu vizinho rabugento que amava tanto a tia e sentia sua falta de forma tão profunda.

Quando entrei no café, deixei de lado minhas emoções e voltei para Avery, que exibiu o relógio em seu celular para mostrar que eu tinha passado quinze minutos inteiros lá fora.

— Comi seu aperitivo porque estava esfriando — disse ela, enfiando o último dumpling na boca.

Eu ri.

— Tudo bem. A gente pede mais.

— Desculpa, desculpa! — gritou Willow, entrando esbaforida no restaurante.

Seu cabelo cacheado estava preso em um coque no topo da cabeça com um enfeite de flores — flores que ela mesma devia ter colhido durante uma trilha mais cedo. Ela usava um de seus vestidos longos e esvoaçantes com estampa de girafa. Uma certeza sobre minha irmã caçula era que ela sempre teria flores no cabelo e um sorriso no rosto.

Ela se sentou ao lado de Avery e se esparramou na cadeira como um balão murcho.

— Estou atrasada? — perguntou ela.

— Como sempre — respondeu Avery com um olhar decepcionado.

O sorriso de Willow só aumentou enquanto ela segurava as bochechas de Avery e dava um beijo em cada uma.

— O tempo só é real se você permitir.

Avery fitou Willow com um olhar inexpressivo e balançou a cabeça.

— Você é muito esquisita.

— É por isso que você me ama — rebateu Willow. — Então, qual era a emergência? Por que você chamou a gente aqui?

Avery respirou fundo e enfiou uma das mãos na bolsa. Enquanto a revirava, foi tirando três caixas de anel e colocando-as uma do lado da outra sobre a mesa.

Então abriu cada uma delas, revelando três anéis lindos de diamante — um em formato de gota, outro com lapidação princess e o terceiro com lapidação esmeralda.

— Nossa — arfei, cobrindo a boca.

— Você roubou uma joalheria? — perguntou Willow, pegando uma das alianças e analisando-a de perto. — Está fugindo da polícia?

— O Wesley me pediu em casamento — explicou Avery. — Bom, mais ou menos.

— Como se pede alguém mais ou menos em casamento? — perguntei.

— Ele me chamou para conversar, colocou essas três caixas na minha frente e disse "Escolhe um". Eu, é claro, entrei em pânico, enfiei os anéis na bolsa e mandei o aviso de emergência para vocês duas.

— Calma aí. O Wesley te pediu em casamento e você pegou os anéis sem responder?

Ela assentiu com a cabeça.

— Aham. Ele está em casa, esperando por uma resposta.

— Avery! — dissemos eu e Willow ao mesmo tempo.

— O quê? Isso é importante. Não posso tomar uma decisão importante sem minhas irmãs. — Ela mordeu o lábio inferior, e seus olhos brilharam de emoção. — Quer dizer, e seu eu não for uma esposa?

— O que isso quer dizer? — perguntou Willow.

— E se eu não tiver nascido para casar? Para falar a verdade, nunca pensei que eu me casaria. E aí, nas últimas semanas, fiquei tão nervosa com a volta do Nathan que me distanciei do Wesley. E isso só faz eu me sentir pior, já que ele me pediu em casamento com três anéis. Quem pede alguém em casamento com três anéis? Eu tenho me sentido uma péssima namorada. Seria uma péssima esposa!

— Provavelmente uma péssima noiva também — brincou Willow.

— Não brinca com isso — choramingou Avery. — É sério. Não sou boa o suficiente para ele. O Wesley merece alguém melhor.

— Você está exagerando. Tudo bem, a volta do Nathan te pegou de surpresa, mas não é culpa sua. Foi um gatilho. Todo mundo sai do eixo com gatilhos. Mas você ama o Wesley, e ele te ama — explicou Willow.

— É óbvio — concordei, gesticulando para os anéis. — Além do mais, ele continua querendo casar com você mesmo depois de você sequestrar as alianças e sair correndo para pedir a opinião das suas irmãs antes de dizer sim.

Avery soltou uma risada nervosa enquanto secava as poucas lágrimas que

escorriam de seus olhos. Ela era tão durona que raramente chorava. Suas emoções deviam estar à flor da pele.

— Ai, nossa, eu roubei as alianças! — engasgou ela. — E vocês sabem o que ele fez depois que saí feito uma louca? Ele me mandou uma mensagem dizendo: "Eu te amo. Vamos conversar depois que você falar com as suas irmãs. Podemos tomar sorvete mais tarde." Dá para acreditar? Ele namora uma psicopata e ainda quer se casar comigo!

— Então casa com ele! — incentivei. — Você o ama, certo?

Ela concordou lentamente com a cabeça.

— Amo.

— E ele te ama. Agora, é só dar o próximo passo — concordou Willow.

Avery se virou para mim.

— E se a gente acabar que nem você e o Cole? — perguntou ela. — Quer dizer, vocês dois foram felizes por um tempo, e aí deu tudo errado.

Eu não sabia que aquelas palavras podiam me machucar tanto. Achei que eu tivesse me recuperado da decepção amorosa, mas era exatamente o que Willow tinha dito — gatilhos. Eles surgiam do nada. Eu não culpava Avery por achar que eu e Cole tínhamos sido felizes por mais tempo do que de fato fomos. Eu sentia que precisava proteger a imagem dele de todo mundo — especialmente das minhas irmãs. Se elas soubessem o quanto ele realmente fora cruel, ele já estaria enterrado a sete palmos a essa altura do campeonato. Se meu pai soubesse, seriam catorze palmos.

Tentei não pensar muito nisso, mas, infelizmente, eu não era o tipo de mulher capaz de esconder a mágoa que sentia. Ela transbordava dos meus olhos.

— Desculpa, Yara. Eu não quis soar insensível. Só queria dizer… qual é a garantia do casamento? — perguntou Avery. — Quais são as estatísticas? Por que deveríamos fazer isso? A maioria dos casamentos termina em divórcio, então que sentido faz?

— Ainda acredito em casamento — falei para ela com toda a sinceridade do mundo. — Acredito no amor e no compromisso do casamento, mesmo que o meu tenha dado errado.

— Como?

— Por causa da mamãe e do papai. Os dois terminaram casamentos e se encontraram. Não vale a pena lutar por algo parecido com o que eles tiveram? Mesmo com tudo que aconteceu e que ainda está acontecendo entre mim e o Cole, ainda acredito em finais felizes de todas as formas e para sempre.

Avery secou as lágrimas e se recostou na cadeira.

— De todas as formas e para sempre. Tudo bem. Tudo bem. Então, acho que eu estou noiva.

— Depois que ele pedir oficialmente e você aceitar oficialmente — acrescentei.

— E eu vou fazer isso. Depois do jantar. Já pedi comida para nós três e um prato para levar para o Wesley — explicou Avery.

— Se vale de alguma coisa, eu também adorei ser casada — disse Willow.

Revirei os olhos.

— Você foi casada com aquele pescador por uns dois dias e terminou. Eu tive que tirar uma licença para poder casar vocês dois, inclusive.

— Sabe qual é a parte mais estranha de tudo? Nem me lembro do nome dele — comentou Willow.

— Você nunca se lembra do nome deles — rebateu Avery.

— Tem razão, futura noiva. — O sorriso de Willow só aumentou enquanto ela segurava as bochechas de Avery e beijava as duas. — Olá, futura noiva. — Avery ficou um pouco tímida com o comentário. — Qual aliança você vai escolher?

— Esta.

Avery apontou para a que tinha formato de gota — a escolha perfeita para minha irmã.

Willow fingiu desmaiar.

— Nossa! Olha só para esse anel! Aposto que alimentaria um vilarejo inteiro.

Avery riu e afastou as alianças de Willow.

— Não começa. A gente sabe o que você acha de diamantes.

Willow sorriu e voltou a se recostar na cadeira.

— Contanto que todo mundo saiba.

— Nós sabemos — garanti. — E, ainda assim, quero um princess, por favor e obrigada.

Avery riu, e Willow pegou a garrafa de vinho, serviu sua taça e depois completou as nossas.

Willow ergueu a taça e ajeitou a postura.

— Um brinde à mais velha de nós. Uma mulher que merece ser tratada da melhor maneira possível. Não consigo pensar em ninguém que mereça mais um final feliz, ainda mais com um cientista espacial que pode impedir o aquecimento global — brincou ela.

Se alguém faria aquilo, seria Wesley.

Ergui minha taça.

— Um brinde ao seu final feliz com o Wesley. Que vocês nunca parem de se apaixonar.

— Saúde! — acrescentou Avery.

Nós brindamos, então tomamos um gole.

Willow sorriu.

— Se eu não fosse tão desapegada e avessa a compromissos, iria querer que alguém olhasse para mim do mesmo jeito que o Wesley olha para você, Avery.

— Um dia, irmãzinha, talvez você conheça alguém que te faça ter vontade de colocar esses pés no chão — comentei.

— Mas ser livre é bem divertido. Falando nisso… vou para o Chile amanhã, para uma corrida. Um cara me convidou, e comprei a passagem ontem.

Avery arqueou uma sobrancelha.

— Você vai para o Chile com um cara aleatório que acabou de conhecer?

Ela sorriu.

— Você fala como se fosse uma ideia maluca.

— Ou a primeira vez que ela faz uma coisa dessas — falei e ri.

Se havia uma certeza nesta vida era que nossa irmãzinha faria tudo que lhe desse na telha. Eu e Avery vivíamos ansiosas com as aventuras de Willow, mas ela sempre voltava para casa em segurança, e isso era o bastante para mim. Além do mais, se a gente mandasse Willow fazer qualquer coisa, era quase certo que ela faria o oposto. Ela não gostava de receber ordens.

— O papai sabe? — perguntou Avery com uma sobrancelha arqueada.

— Não, e só vai saber quando eu contar que fiz um bom voo e que cheguei bem. — Ela apontou um dedo com seriedade, alternando-o entre mim e Avery. — Não ousem contar para ele.

— Juro de pés juntos — falei, erguendo a mão.

Cutuquei Avery embaixo da mesa, e ela resmungou.

— Tá, tá, beleza. Mas só se você me mandar sua localização e o itinerário da viagem.

— Você sabe que não gosto de itinerários — disse Willow, bebendo seu vinho.

— É, mas você devia abrir uma exceção dessa vez. E preciso do nome e dos dados desse cara antes de você entrar no avião.

— Ele é conhecido como Cobra.

Isso foi o suficiente para acionar o alerta de Avery, que esbugalhou os olhos.

— Você está saindo com um cara que se chama Cobra?!

Willow ficou encabulada e se remexeu na cadeira.

— É porque ele vai se esgueirando no coração das pessoas. Não se preocupa.

Ele é um iogue profissional.

— Por que isso me deixa ainda mais preocupada? — murmurou Avery.

— Avery, para de querer ser minha mãe e seja minha irmã, tá? Vai dar tudo certo. Sempre dá — alertou Willow.

Avery tinha mania de querer ser uma figura materna para mim e Willow, mas era compreensível. No mínimo, eu era grata por nossa irmã mais velha. Mamãe faleceu durante o parto da nossa irmã caçula. Avery tinha só uns 10 anos quando tudo aconteceu, mas ela se certificou de que Willow e eu sempre tivéssemos tudo de que precisávamos. Obviamente, papai era nosso porto seguro. Nós não podíamos ter pedido um pai melhor, mas, quando se tratava de coisas de garotas sobre as quais ele não sabia muito, Avery assumia a responsabilidade. Desde pentear nossos cabelos até nos explicar sobre absorventes, ela estava sempre do nosso lado.

Às vezes, ela e Willow se estranhavam por causa dos hábitos maternais de Avery, mas eu sabia que ela tinha boas intenções. Além disso, pelo menos para mim, sempre que Avery fazia essas coisas, eu via mamãe no seu olhar. Era como um presente infinito.

Antes que minhas irmãs continuassem brigando, pigarreei.

— Ei, vocês se lembram de quando a Avery quase ficou noiva? — exclamei.

As duas instantaneamente pararam de reclamar e se viraram juntas para dizer:

— Lembro.

Avery me cutucou.

— Ótimo jeito de mudar de assunto. Falando em mudar de assunto… Willow, você sabia que a Yara e o Alex agora são amiguinhos?

Willow arqueou uma sobrancelha.

— O cara do sapato de cocô?

— O próprio. — Avery concordou com a cabeça. — Ainda estou esperando para saber como isso aconteceu. Então, Yara, agora é sua vez.

— Bom. Tudo começou com os sapatos de palhaço dele.

CAPÍTULO 20
Alex

Acordei com um cheiro terrível entranhando em minhas narinas. Quando me levantei da cama, fui dominado por uma vontade de vomitar. Quando cheguei ao quarto de hóspedes, o fedor se intensificou, e cobri a boca para não colocar tudo para fora.

Ao olhar dentro da caixa de transporte, encontrei Feliz deitado de barriga para cima, roncando, coberto pelo próprio cocô. A caixa estava toda suja, e ele parecia um anjo descansando ali, depois do inferno que me fez passar durante a noite.

— Pelo amor de… — murmurei, me aproximando.

No instante em que dei um passo à frente, ele acordou e se virou para ficar de pé. Ao me ver, ele voltou à rotina de latir e rosnar sem parar. Aquele era o som que havia embalado meu sono na noite anterior, e digamos apenas que ele não era o mais agradável aos ouvidos — ainda mais antes de tomar um café.

Feliz olhava para mim como se quisesse voar no meu pescoço. Seu olhar era pura fúria.

— Sabe, é muita cara de pau da sua parte ser tão agressivo estando aí, coberto da sua própria bosta — falei.

Au, au, au, você é um escroto, respondeu ele.

Ou pelo menos era isso que eu achava que ele teria respondido se conseguisse falar. Na verdade, eram só latidos intermitentes que soavam como unhas arranhando uma lousa.

Passei alguns segundos encarando aquele saco de pulgas enlouquecido, então dei as costas para ele e segui para minha cozinha. Minha paciência estava sendo testada, e eu não conseguia entender por que Teresa acharia uma boa ideia fazer isso. Nada em mim ou no meu estilo de vida sinalizava que eu conseguiria cuidar de um cachorro. Parte de mim estava muito irritada com minha tia-avó por me deixar um presente tão ruim. E uma parte maior estava ainda mais irritada comigo por estar irritado com ela. Ela estava morta. A melhor coisa que

eu podia fazer era deixá-la descansar em paz.

Mesmo assim, eu estava irritado.

E mal-humorado.

E sem cafeína.

Fui me arrastando para a cozinha, liguei a cafeteira e resmunguei sozinho enquanto pegava o celular e começava a ler as mensagens da noite anterior com atualizações sobre o restaurante. Então passei para os e-mails e resmunguei mais um pouco.

Não havia nada de bom em ficar lendo e-mails e mensagens antes de tomar café. Eu sabia disso, e mesmo assim não parei de ler.

Depois que meu corpo foi abastecido de café, fui para o banheiro, lavei o rosto, escovei os dentes e fiquei pensando em como ia lidar com o cachorro coberto de cocô no meu quarto de hóspedes. Então caiu a ficha de que havia alguém no andar de cima que poderia me ajudar.

Yara.

Talvez ela fosse a resposta para as minhas orações desacreditadas.

Primeiro, eu precisava engolir o orgulho, colocar o rabo entre as pernas e implorar por ajuda.

Calcei meus tênis e subi para o décimo sexto andar. Depois de bater à porta de Yara — bem, *esmurrar* —, fiquei aliviado quando ela atendeu.

Ela abriu a porta com um olhar confuso.

— Alex. O que houve?

— Oi. Preciso da sua ajuda.

— Está tudo bem? — Ela tocou meu braço. — O Feliz está bem?

O calor de seu toque me pegou desprevenido. Por que meu corpo sentia a necessidade de se inclinar para a frente e recuperar o contato?

— Ele está bem. Hum, eu acho. — Pigarreei e resmunguei: — Preciso da sua ajuda.

— Com o quê?

— O cachorro.

Um sorriso malicioso surgiu no rosto dela. Ela cruzou os braços e se apoiou no batente.

— Você precisa da minha ajuda.

— Foi isso que eu disse.

— Não. — Ela me cutucou no peito com um sorriso grande e bobo que quase arrancou um sorriso de mim. Mas por quê? Por que aquela mulher me fazia querer sorrir quando eu passava a maioria dos meus dias com a cara fechada? —

Você. — *Cutucada.* — Precisa. — *Cutucada.* — Da. — *Cutucada.* — Minha. — *Cutucada, cutucada.* — Ajuda!

Gemi enquanto passava a mão pelo cabelo bagunçado.

— Você vai ficar irritante com isso, né?

— Irritante demais, sim. — Ela se balançou nos calcanhares, estreitando os olhos para mim. — Me dá um bom motivo para eu te ajudar.

— Porque eu… — resmunguei, sabendo que as próximas palavras a deixariam muito feliz. — Eu preciso de você.

O sorriso dela se alargou.

Detestei adorar ver aquilo.

— Você *precisa* de mim — cantarolou ela.

— Para.

— Não consigo, porque você *precisa* de mim.

Fiz uma careta e me virei para ir embora.

— Quer saber? Esquece que eu pedi ajuda.

— Não, não, espera.

Ela se esticou e segurou meu braço, me puxando na sua direção. A sensação estranha retornou com seu toque.

Para de encostar em mim, Goldie.

— O quê? Eu pedi a sua ajuda, e você está zombando de mim. Não vou perder meu tempo aqui.

— Só estou brincando com você, Alex. Você precisa ser tão sério?

— É assim que eu funciono.

— Pode acreditar, eu sei. — Ela sorriu de novo, e eu não conseguia tirar os olhos dos seus lábios. Ela estava usando algum tipo de gloss, e era impossível não me perguntar que gosto ele teria. — Estou me divertindo — declarou ela. — Com o fato de você precisar de mim.

— Eu não preciso de ninguém — rebati.

— Não é isso que estou vendo agora — falou ela. — Seria demais pedir para você implorar um pouquinho?

— O que você quer de mim, Goldie? Que eu ajoelhe e chore?

— Com uma coleira no pescoço, talvez, sim. Então talvez eu pudesse te levar para passear por aí — brincou ela. — Também não seria ruim se você latisse.

Achei graça do quanto ela estava sendo ridícula.

Os olhos dela brilharam.

— Essas alergias chatas estão te incomodando de novo, né?

— É o pelo do cachorro — brinquei.

— Se você diz, Alex. Se você diz. Como posso ajudar?

— Tem um problema no meu apartamento com o cachorro.

— Um problema?

Gemi e apertei a ponte do nariz.

— O cachorro se cagou todo na caixa ontem, e agora está tudo sujo, e não sei como limpá-lo, porque, se eu me aproximar meio metro de distância, ele começa a latir e tentar me morder.

Ela riu.

Sim.

Ela riu de mim!

— Não tem graça! — ladrei, sentindo meu peito apertar.

Lá estava eu. Ladrando. Que maravilha. Ela jogou a cabeça para trás em uma gargalhada. Eu odiava amar o jeito como ela ria.

— Tem um pouco de graça, porque… — Ela continuou balançando a cabeça, rindo. — Parece que você está sendo perseguido por cocô. Primeiro minha Cacau, e agora o Feliz.

— Que bom que você está se divertindo com isso tudo.

— Fazer o quê? Eu me divirto fácil.

— Você vai me ajudar ou não?

— É claro. Eu te ajudo a limpá-lo.

— Preciso que você fique com ele o dia todo.

Ela franziu o rosto.

— O quê? Alex, eu tenho um emprego.

— Sim. Você precisa tirar o dia de folga. Não posso passar o dia todo com ele, e me sinto mal em deixá-lo sozinho.

— Você pode deixá-lo comigo na creche, se precisar.

— Não. Demorei uma eternidade para conseguir tirá-lo do carro ontem à noite, e me recuso a passar por isso de novo hoje. Preciso que você fique de babá com ele no meu apartamento.

— Posso levá-lo para a creche depois de limpá-lo.

— Ótimo. E se você puder ficar cuidando dele aqui depois, me ajudaria.

Ela mordeu o lábio inferior.

— E o que eu vou ganhar com isso?

— Pago quatro vezes o que você cobra por dia.

— Não quero seu dinheiro. Na verdade, tenho uma ideia melhor. Posso te ajudar com o Feliz todos os dias, pelo tempo que você precisar.

Arqueei uma sobrancelha.

— Você pode?

— Posso. Só preciso pedir um favorzinho.

— Que seria?

Comecei a seguir na direção da escada, e, por sorte, Yara rapidamente calçou os chinelos e me seguiu até o meu apartamento.

Quando abri a porta, o cheiro nos acertou como um tapa.

— Caramba, está bem ruim mesmo — comentou Yara, cobrindo o nariz.

— Pois é. — Deixei que ela entrasse no apartamento. — Qual é o favor?

— Ah, é. Sabe, você vai precisar de mais ajuda com o Feliz. Eu posso convencê-lo não apenas a te aturar, mas a te amar em poucas semanas. É isso que eu faço. Posso te oferecer o pacote VIP da encantadora de cães. Quando você menos esperar, esse cachorro será seu melhor amigo, garanto.

— Acho que você não pode garantir esse tipo de coisa.

— Eu garanto — insistiu ela. — Mas, para que eu te ajude, você precisa fazer uma coisinha por mim.

— Que seria?

— Fingir ser meu namorado.

Engasguei com uma risada.

— O quê?

— Preciso que você finja ser meu namorado durante o outono. Pelo menos pelos próximos dois meses, mais ou menos. De setembro a novembro, no máximo. A gente pode terminar logo antes do Dia de Ação de Graças, para evitar problemas nas festas de fim de ano. Mas o outono é a melhor estação. A gente pode fazer um montão de coisas para ostentar nosso namoro de mentira. O festival Tom de Outono. Os piqueniques do Lanche em Hillstack na colina. Colher maçãs no Pomar de Macieiras da Amy! Ah, ah, e boliche de abóbora! Sabia que essa época do ano se chama temporada do romance, o que significa…

— Eu sei o que significa temporada do romance, Yara.

— Ah, que bom. Vamos ter um romance. Juntos. Eu e você. O romance de mentira do Alex e da Yara. A melhor dupla de todas as duplas. Vai ser ótimo.

— Mas por que você precisa de um namorado de mentira?

— Para o Cole parar de me encher o saco. Ele disse que não vai acreditar que estou seguindo em frente até me ver com um homem aqui na cidade. E esse homem será você. Por dois meses, pelo menos. Você está liberado depois disso.

Estreitei os olhos.

— Você quer que eu finja ser seu namorado para espantar seu ex, e, em troca, você vai adestrar meu cachorro?

— Aham. Posso até levá-lo comigo para o trabalho. Mas você vai precisar fazer os passeios da manhã e da tarde comigo, e passeios no parcão para conseguir se conectar com o Feliz.

— Não.

Ela fez beicinho.

— Não?

— Não posso. O Cole já está em cima de mim. Ainda mais depois que eu o expulsei do restaurante. Acabei de receber um e-mail falando que o restaurante foi coberto de serpentina e papel higiênico ontem à noite. Duvido que ele vá fazer alguma coisa. Não posso irritá-lo ainda mais se as pessoas vão continuar vandalizando meu restaurante.

O beicinho dela aumentou.

— Faz sentido. Detesto que isso faça sentido.

— Mas posso pagar — ofereci. — E participar dos passeios e dos treinos.

Yara franziu as sobrancelhas por um momento.

— Na verdade, seria bom ganhar um dinheiro extra, porque as coisas na creche andam meio difíceis.

Estreitei os olhos.

— Como? A creche vive cheia de gente e de cachorros. Parece que você está ganhando rios de dinheiro.

— Se as pessoas pagassem — murmurou ela. Antes que eu conseguisse responder, ela estendeu a mão para mim. — Eu, Yara Kingsley, a encantadora de cães, concordo em adestrar o Feliz por um valor a ser combinado no futuro. Vamos ver como está o elemento.

Ela riu sozinha.

Arqueei uma sobrancelha.

— Qual é a graça?

— Vamos ver como está o elemento… tipo excremento… tipo a questão do cocô na sua casa. É engraçado.

— Nada nessa situação é engraçado.

— É, sim. Você só não está vendo a graça.

Antes que eu conseguisse dizer qualquer coisa, Feliz começou a latir e ganir do quarto de hóspedes. Os olhos de Yara foram na direção do barulho, e seus ombros murcharam. Ela suspirou conforme seus olhos eram tomados por compaixão.

— Tadinho. Pode deixar que eu cuido do Feliz. Vou limpá-lo no banheiro de hóspedes mesmo.

— Fica no fim do corredor, à esquerda. Bem na frente do quarto de hóspedes, onde ele está.

Ela assentiu com a cabeça e seguiu nessa direção.

Fui atrás dela, mas Yara logo se virou e ergueu uma das mãos para mim.

— Ah, não, não, não. Você não pode participar agora. O Feliz já está estressado, e ele não precisa — disse e indicou o meu redor com um olhar de nojo — disso.

— Como assim — falei, estreitando os olhos e acenando dramaticamente ao meu redor — "isso"?

— Você. Sua energia. Não sei se você sabe, mas, às vezes, sua energia é péssima. Se quiser, pode sair para fazer suas coisas.

Franzi as sobrancelhas. A ideia de ir ao restaurante e ver como estavam as coisas era tentadora. Junto com a de sair da casa fedida.

— Também vou precisar trabalhar até mais tarde do que o normal hoje. Preciso me atualizar sobre os outros restaurantes e dar um pulo em Chicago. Tudo bem?

— Eu cobro por hora — respondeu ela, meio de brincadeira. — Além do mais, seria bom para o pobrezinho do Feliz ter um dia de spa depois de tanto viajar. Pode ir. Ele pode passar o dia comigo no trabalho, e então, se você me der uma chave, voltaremos para cá. Estaremos aqui quando você voltar para casa.

— Combinado. Só vou tomar um banho rápido antes de sair. Você pode usar o que quiser. A televisão, qualquer coisa na cozinha… fique à vontade.

Então ela sorriu, e foi lindo. Tudo nela era meio lindo, até seus comentários abusados. Eu não conseguia parar de observá-la sempre que nossos caminhos se cruzavam.

Naquela manhã, ela usava uma blusa cropped com uma calça de moletom preta larga que abraçava seu quadril. Foi um pouco difícil afastar o olhar daquele quadril. Infelizmente, quando consegui fazer isso, meus olhos encontraram os lábios dela.

Eles eram carnudos e fartos, e, quando se curvavam em um sorriso, eu quase sentia um impulso de beijá-la.

Se eu tivesse aceitado um namoro de mentira, haveria beijos de mentira?

Não fazia diferença.

Não faríamos aquilo.

Mesmo assim.

Fiquei pensando nisso.

Deixei-a em paz para levar Feliz para o banheiro e limpá-lo. Eu não sabia como Yara conseguiria convencê-lo a confiar nela o suficiente para lhe dar um

banho, mas isso era entre eles dois. Afinal de contas, ela era a encantadora de cães, não eu.

Fui para o banheiro no meu quarto e fechei a porta. Com sorte, um banho me acordaria e me deixaria menos mal-humorado pelo restante do dia.

CAPÍTULO 21
Yara

Eu era oficialmente a encantadora de cães de Alex Ramírez.

Sabe, a pessoa que eu alegava odiar fazia alguns dias.

Era engraçado como a vida era capaz de mudar de um jeito tão drástico em tão pouco tempo.

Alex tinha algumas qualidades que eram difíceis de ignorar. A primeira era que ele era um chef incrível. E os cookies em formato de osso que ele havia feito também estavam incríveis. Josh *jamais* conseguiria fazer cookies tão gostosos. No quesito pedido de desculpa, seria difícil melhorar.

A segunda era que ele era bonito. Eu não detestava ficar olhando para ele, apesar de tentar me convencer do contrário. A beleza de Alex era desmedida, ainda mais quando ele não estava sendo grosseiro.

E por fim, a terceira, ele tinha um cachorro. Era um fato científico que homens com cachorros eram melhores que homens sem cachorros. Isso era um bônus a tudo que eles faziam. Alex queria um cachorro? Não. Provavelmente não. Mas tinha ficado com Feliz quando poderia tê-lo levado para um abrigo. Em vez disso, ele me pediu ajuda.

No fundo, uma parte dele não detestava a ideia de ter a companhia de Feliz. Eu me sentia solitária quando Cacau estava com Cole. Não dava para imaginar a solidão que Alex sentia por sempre estar sozinho.

Além do mais, Feliz era muito bonzinho. Ele simplesmente tinha passado por uns dias difíceis.

Eu também estaria me cagando e latindo sem parar se tivesse que morar com um desconhecido. Muitas vezes, humanos esquecem que não somos as únicas criaturas que sentem medo e tristeza.

Pelo menos nós, humanos, conseguimos comunicar nossos sentimentos com palavras. Feliz só conseguia ganir e chorar, como começou a fazer depois que ficou menos agressivo e eu o coloquei na banheira.

Dez minutos depois, ele estava novinho em folha e pronto para o secador de

cabelo.

— Não foi tão ruim assim, né? — perguntei ao cachorrinho enquanto terminava de enxaguá-lo na banheira.

Eu precisei de um pouco de paciência e das minhas luvas protetoras contra mordidas para colocar Feliz no banho, mas, depois que ele entendeu que eu estava ali para ajudá-lo, e não o machucar, meio que se rendeu à ideia de ser limpo.

Foi isso, ou estava tão apavorado que tinha ficado quieto. Eu sabia como era passar por isso — sentir medo a ponto de permitir que as pessoas fizessem o que quisessem comigo e com meu coração.

Sempre que Feliz gania de medo, meu coração se partia um pouco mais por ele. Ele era um menino tão bonzinho, e tão incompreendido…

Quando peguei a toalha para secar Feliz, ouvi uma batida à porta.

— Oi? — gritei.

Alex pigarreou.

— Tudo bem aí?

No instante em que ouviu a voz dele, Feliz começou a rosnar. Eu o enrolei na toalha e comecei a secá-lo.

— Tudo ótimo — respondi. — Mas, se você puder evitar falar, vai ser incrível. Acho que sua voz o deixa irritado.

Ouvi Alex resmungar um pouco.

Feliz rosnou para esse som também, e resmungou junto com Alex.

Eu ri.

No fim das contas, os dois tinham algo em comum — eram dois rabugentos.

— A gente se vê mais tarde — falei para Alex. — Deixa o número do seu telefone e a chave na bancada da cozinha, e aviso se tiver algum problema, mas acho que vai ficar tudo bem. Te vejo mais tarde!

— T…

— Não fala! — gritei.

Mais resmungos do outro lado da porta, acompanhados por passos duros e a porta da frente batendo com força.

Sorri para Feliz, que ainda me encarava com aqueles olhos perfeitos.

— Não se preocupa, amiguinho. O chatonildo foi embora. Agora somos só nós dois pelo restante do dia. Mas você vai ver que ele não é tão ruim assim se lhe der uma chance.

Feliz balançou o rabo como se me entendesse, então comecei a secar o pelo dele com o secador, pegando a escova de pelos na minha mochila para que não

ficasse emaranhado. Depois que limpei a sujeira na caixa de transporte para deixá-lo mais confortável e melhorar o cheiro de bosta na casa de Alex, servi a comida de Feliz, que ele devorou em questão de minutos.

Levá-lo até o Cantinho Animal também foi fácil. Feliz conseguia entender que eu não o machucaria. Mesmo assim, às vezes, quando alguém cruzava nosso caminho, ele tentava morder o tornozelo das pessoas. Por outro lado, eu também queria morder o tornozelo de algumas pessoas de vez em quando.

— Ah, quem é essa fofura? — perguntou Keri quando entrei na creche. Ela sorriu para Feliz, e ele foi para cima dela com o latido mais forte que eu já vira sair dele. — Eita! — arfou Keri, pulando para trás. — Nervosinho, né?

Tentei acalmá-lo, mas ele não parava de tentar atacá-la, como se não quisesse apenas morder os tornozelos, mas também o pescoço dela. O comportamento dele era ainda pior do que o de quando Alex o conhecera.

— Feliz, está tudo bem. É só a Keri — expliquei, puxando-o para perto de mim e pegando-o no colo.

— Cachorros gostam de mim! — falou Keri com seu sorriso animado. — Está tudo bem, cara. — Ela deu um passo na nossa direção, e Feliz quase escapuliu do meu colo para atacar Keri. — Talvez ele precise de um tempinho para se aclimatar. Vou chamar a Lucy lá atrás. Ela se dá melhor com cachorros pequenos.

Eu concordei. No instante em que Keri foi embora, Feliz se acalmou. Lucy veio e não teve dificuldade nenhuma em levá-lo para os fundos para receber mais amor e carinho. Enquanto isso, fui para minha sala resolver questões burocráticas.

Ah, como eu detesto burocracia.

As contas não estavam fechando, os clientes não pagavam as dívidas, e eu só conseguia pensar que o Sr. Parker devia estar se revirando no túmulo com a minha incompetência para os negócios. Eu sentia com todas as forças que o decepcionava, mas não tinha a menor ideia de como reverter a situação. Eu não podia diminuir salários, porque sabia que minhas funcionárias trabalhavam mais do que deveriam. Na verdade, elas mereciam aumento.

Eu também já tinha diminuído meus lucros o máximo possível. Se eu cortasse mais alguma coisa do meu salário, não conseguiria bancar o apartamento.

Eu queria poder ignorar as partes difíceis da vida. Enfiá-las bem fundo em uma gaveta e nunca mais pensar nelas de novo. Mas o problema de fazer isso com essas questões era que elas iam se acumulando mais e mais, até transbordarem, obrigando você a lidar com a bagunça.

Eu estava quase chegando a essa parte de ter que lidar com as questões.

Quase.

Eu também estava rezando para o festival Tom de Outono ajudar a angariar fundos suficientes para a Cantinho Animal. Era minha última esperança. Se conseguíssemos juntar cinco mil dólares, eu já ficaria grata.

— Se você continuar fazendo careta, vai ficar cheia de rugas — disse uma voz. Levantei o olhar e vi meu pai parado na porta da minha sala. Ele cutucou a própria testa. — Estou falando por experiência própria.

Enfiei toda a papelada dentro da gaveta.

— Não se preocupa, eu uso creme antirrugas — brinquei, forçando um sorriso para controlar minha ansiedade. — O que houve, papai?

Ele fez uma careta e baixou as sobrancelhas.

— Você que tem que me dizer. No que você está pensando?

— Nada. Só coisas de trabalho. Estou bem.

— Mentirosa.

Mentirosa.

Abri um sorriso maior ainda.

— Está tudo bem. Vai dar tudo certo.

— Às vezes, não faz mal pedir ajuda, filha. Às vezes, é pedindo ajuda que as coisas dão certo. Então, se você deixar seu pai passar um cheque…

— Papai — eu o interrompi. — Estou bem. Juro.

Que juramento mentiroso. E ele também sabia disso, mas não insistiu. Eu sabia o quanto meu pai trabalhava duro por cada centavo. Um construtor trabalhador, que tinha montado seu negócio do zero. Eu e minhas irmãs tentávamos convencê-lo a parar de trabalhar tanto, mas ele sempre dizia: “E se minhas meninas precisarem de alguma coisa? Preciso ter certeza de que terei com o que contribuir.”

Era impossível convencer um homem bom a não prover sua família, independentemente do que acontecesse.

— Qual o motivo da visita hoje? — perguntei, gesticulando para a cesta que ele trazia.

— Ah, sim. Um encontro. Antes do leilão anual do piquenique. Tive meu encontro com a Avery ontem, e o seu é hoje. Preciso de pelo menos trinta minutos do seu tempo para que você possa comer com o primeiro homem que te amou.

Meu peito se encheu de amor com a fofura do meu pai. Todo ano, ele fazia um piquenique com cada uma de nós. Era um lembrete exatamente do que ele tinha

dito — um dos maiores amores que já havíamos testemunhado.

Eu sabia que tinha sorte de ter um pai que se importava comigo como ele. Algumas pessoas sonhavam com isso; eu vivia isso.

— Ah, que divertido — falei.

Abri espaço na escrivaninha, e ele começou a tirar as mesmas coisas que colocava na cesta todo ano. As mesmas coisas que mamãe tinha colocado quando ele comprara sua cesta em Hillstack tantos anos antes — sanduíches de pasta de amendoim e geleia, batata chips sabor churrasco, suco de maçã e fatias de laranja.

— Eu faria a mesma coisa com a Willow, mas você sabia que minha garotinha foi se meter no Chile com um homem que atende pelo nome de Cobra? — perguntou papai ao se sentar na minha frente.

Mordi o lábio inferior.

— Posso não me meter nisso?

Ele resmungou e enfiou um punhado de batata na boca.

— Parece até que vocês estão tentando fazer seu pai ter um ataque cardíaco. Está vendo isso? — perguntou ele, apontando para o cabelo. — Cada cabelo branco veio de uma de vocês. Já estou parecendo o Papai Noel negro.

Eu ri.

— Você fica bonito grisalho.

— Bem, nisso você tem razão. — Ele abriu a vasilha de sanduíches, cortados em formato de estrelas igual a quando éramos pequenas, e me entregou um. — Que história é essa de você ter saído do Isla Iberia com aquele Alex Ramírez numa noite dessas?

— A fofoca corre depressa, hein?

— Nós estamos em Honey Creek. Você esperaria outra coisa? — Ele assentiu com a cabeça para mim. — Vocês dois estão se envolvendo?

Meu estômago se revirou com a pergunta.

— Nós somos amigos, acho. — Mais ou menos. Sei lá. Quem sabe? — É difícil explicar. Meio que estamos nos conhecendo. Ele me ajudou naquela noite.

— Mas você gosta dele — afirmou meu pai, apontando um dedo para mim. — Sabe como eu sei? Seus olhos brilham quando você fala dele.

Bufei e fiz que não com um aceno de mão.

— Não, é só a luz daqui que dá essa impressão. Não gosto do Alex. Quer dizer, não *des*gosto do Alex. Quer dizer…

Espera. Eu gostava do Alex? O quê? Não. De jeito nenhum. Era impossível eu gostar dele, se um dia desses eu o odiava. No máximo, nós éramos conhecidos.

Vizinhos de loja. Nada mais, nada menos, tirando a amizade que estávamos tentando cultivar, e… — *aimeudeus*, por que eu estava sentindo um frio na barriga me perguntando se gostava do Alex? O que tinha acontecido com os furacões?

Vai embora, frio! Você não devia estar aqui.

— É complicado — concluí, engasgando.

— *Complicado?* — repetiu ele. — O pessoal da sua geração pensa demais nas coisas. Sabe, no meu tempo, era muito mais fácil conhecer gente nova. A gente não ficava saltando de galho em galho, saindo com cinquenta pretendentes ao mesmo tempo, como se fôssemos malabaristas. Não. A gente batia o olho em uma pessoa, deixava bem claro que queria sair com ela, e o homem cortejava a moça. Homens não fazem mais isso, de cortejar as mulheres?

Eu ri.

— Tem muita coisa que homens e mulheres não fazem mais quando estão se conhecendo.

Ele resmungou e balançou a cabeça.

— Que pena. Escuta, sei que é bom mudar e que devíamos evoluir como sociedade. Não sou um desses velhos que gostam de ficar lamentando que as coisas não eram assim antigamente, mas conhecer alguém novo era divertido. Hoje, parece que vocês todos vivem morrendo de ansiedade, dando like ou não pelo celular, sem dar chance para os outros por tempo suficiente porque sempre existe a possibilidade de estar com outra pessoa. E aí, quando ficam juntos, discutem sobre o que deveriam ou não fazer. Depois, tem, tipo, umas cinquenta coisas antes de começarem a namorar de fato. Como se chama aquele negócio? Ouvi falar no rádio outro dia.

Ele estalou os dedos, tentando se lembrar da palavra.

— Ficar?

— Sim! Isso! O que é isso? Alguém ligou para lá pedindo conselhos, porque disse que estava ficando com alguém havia dois anos. Dois anos, Yara! Dá para acreditar numa coisa dessas? Ela disse que o cara não estava pronto para se comprometer com um namoro. Eu achava que compromisso era casamento. Não achei que compromisso era simplesmente declarar que alguém é seu.

— Acho que as pessoas criaram todos esses conceitos para relacionamentos porque têm medo de se magoar.

Papai bufou.

— Isso é um erro. As pessoas criam barreiras, ficam desconfiadas e esperam o pior em vez de criarem portões, que ainda são seguros, mas que podem ser

abertos para alguém entrar. Esse é o problema da sua geração. Barreiras demais, portões de menos.

— Faz sentido.

— E não me leve a mal, algumas pessoas são um problema. Algumas pessoas, como um certo ex-marido que não será nomeado, não se incomodam em magoar os outros. É aí que entra o discernimento. É aí que você fecha e tranca seu portão. Mas prefiro acreditar que a maioria das pessoas está apenas buscando um amor e querendo ser amada em um mundo que se esqueceu do que é amor verdadeiro.

Matthew Kingsley e suas palavras de sabedoria. Willow com certeza aprendeu com ele.

— Mas dá medo — contrapus. — Expor seus sentimentos desse jeito.

— Dá, sim. Ainda mais quando você já sofreu — concordou ele. — Mas sabe o que é ainda mais assustador?

— O quê?

— Perder o acalento que um novo amor pode trazer. Se eu tivesse parado de acreditar no amor depois que sua mãe biológica foi embora, jamais teria conhecido sua mãe. Nós não teríamos a Avery nem a Willow. Dá para imaginar um mundo sem o coração delas?

— Nem por um segundo.

— Pois é. Então é por isso que, mesmo depois da mágoa, nós continuamos tentando. Porque o amor faz milagres inimagináveis.

Meu pai. O romântico inveterado. Mesmo depois de passar por tantas dificuldades…

— Sabe, aquele que não deve ser nomeado apareceu lá em casa outro dia — comentou ele.

— Ah, é? Por quê?

— Ele queria que eu conversasse com você e tentasse te convencer a lhe dar outra chance. Ele sabe que somos próximos e achou que você me escutaria. O que é engraçado, porque aquele bocó nunca nem pediu minha permissão para se casar com você.

Eu ri. Papai nunca tinha superado o fato de Cole não ter falado com ele antes de me pedir em casamento.

— O que você falou para ele? — perguntei.

— Que conversaria com você. E como sou um homem de palavra, estou fazendo exatamente isso agora. Estou conversando com você. Agora, me escuta, Yara, e presta bem atenção no que vou dizer. — Ele se inclinou para a frente e

continuou: — Nunca volte para as coisas que te fizeram mal. Elas nunca se esquecem de como se faz para te magoar. Mesmo que sorriam e finjam ter mudado. Às vezes, elas só mudaram para pior.

Eu sorri.

— Nós não andamos para trás.

— Nós andamos para a frente. — Ele se ajeitou na cadeira e pegou algumas fatias de laranja. — Mas esse seu negócio *complicado* com o Alex…

Minhas bochechas esquentaram quando o assunto voltou para Alex.

Ele continuou:

— Gosto dele para você.

Eu ri.

— O quê? Não seja ridículo. Você não gosta de homem nenhum para a gente.

— É verdade, mas gosto do Alex. Ele tem uma base boa.

— Como assim?

— Passei meses trabalhando com ele no restaurante. Vi como ele foi atacado e atazanado pelas pessoas que queriam convencê-lo a sair da cidade. Mesmo assim, seguiu firme. Ele insistiu. Se isso não mostra o caráter de uma pessoa, não sei o que mostraria. Você precisa de alguém assim. De uma pessoa que não desista quando as coisas ficarem difíceis. De uma pessoa que não comece a procurar por outras em momentos complicados. De uma pessoa que construa uma base sólida quando o mundo espera que ela desmorone.

— Papai…

— Todo relacionamento tem altos e baixos, Yara. Bons e maus momentos. Nem sempre estamos no auge, na fase da lua de mel. Às vezes, estamos nas trincheiras. É por isso que você precisa de alguém com uma base forte. Alguém que te ame o suficiente para chegar ao amanhã sem te magoar, mesmo que não goste do hoje.

Eu queria esse sentimento.

Queria conseguir confiar assim em outra pessoa, mas, às vezes, eu me perguntava se o amor verdadeiro de fato existia. Porque, com Cole, eu o amara durante todas as tempestades. Mas demorei um pouco para entender que esse amor precisava ser recíproco. Eu também entendia que a pessoa que criava essas tempestades era a mesma que eu tentava proteger da chuva.

— Só quero deixar claro que gosto dele, Yara. Gosto mesmo. Mas não me entenda mal. Se ele não for o homem para você, ele não é o homem para você. Só estou dizendo que você não deve ter medo de tentar algo novo. A gente nunca sabe aonde o novo pode nos levar.

— Eu te amo — falei.

— Eu te amo — respondeu ele.

Depois que terminamos de almoçar, ele arrumou as coisas e foi embora. Mas deu um jeito de deixar algumas notas de cem dólares na mesa, que só percebi depois de sua partida. Ele as dobrou em alguns guardanapos, onde escreveu: “Para minha menina.”

Eu amava aquele homem mais do que seria possível expressar em palavras.

Deu tudo certo no restante do dia. Eu e Feliz voltamos para o apartamento de Alex depois do expediente. Pedi pizza, e Feliz quis petiscos. Então ele encontrou um cantinho confortável no sofá da sala de Alex, deu quatro voltas e se deitou para uma soneca. Aquele fofo merecia descansar, mas eu estava empolgada para levá-lo para passear mais tarde. A verdade era que Feliz era um cachorro muito tranquilo. Ele só tinha passado uma primeira, segunda e terceira impressão erradas.

Como certo homem que eu tinha conhecido recentemente.

CAPÍTULO 22
Alex

Depois de um longo dia de trabalho e mais algumas páginas dos diários, abri a porta do apartamento e entrei em um lar que cheirava… bem. Que cheirava a pêssego, um grande progresso do aroma que impregnava o espaço quando eu havia saído mais cedo.

Não havia nenhum cachorro irritado tentando voar no meu pescoço.

Tirei os sapatos antes de arregaçar as mangas da minha camisa branca de botões. Fui para a sala de estar na ponta dos pés, em direção ao som de duas criaturas roncando, e encontrei Yara deitada no sofá com Feliz em cima dela. Os braços de Yara abraçavam de leve o filhote, que parecia sorrir em seus sonhos. Eu nem sabia que cachorros sorriam.

Naquele momento, ele não se parecia tanto com Cujo, o personagem de Stephen King. Na verdade, ele parecia… fofo.

O que foi que você fez com esse cachorro hoje, Yara Kingsley?

Pigarreei, e Feliz acordou se sacudindo. No instante em que seu olhar encontrou o meu, ele trincou os dentes e voltou a rosnar e latir para mim. Agora, sim. Lá estava ele. O monstrinho que eu estava começando a conhecer muito bem.

— Ah! O que houve?! — exclamou Yara, tomando um susto e acordando com os latidos de Feliz.

Ela esfregou o sono dos olhos e, sem hesitar nem por um instante, se esticou para pegar Feliz antes que ele me atacasse.

— Acho que não preciso me preocupar com ladrões — comentei, dando alguns passos para trás.

— Espera um pouco — respondeu Yara. Ela se levantou e seguiu apressada para o quarto de hóspedes, abrindo a porta e deixando Feliz lá dentro antes de fechá-la novamente. Ela voltou até mim e bocejou. — Você chegou tarde.

— Não falei a que horas eu voltaria.

— Mesmo assim, você chegou tarde. Ninguém devia trabalhar até depois de

meia-noite.

— Essa é a vida de donos de restaurante. Você parece ter tido um dia bom.

— O Feliz é um fofo. Não foi problema nenhum passar o dia com ele.

— Já que vocês se dão tão bem, talvez ele devesse ficar com você — meio que brinquei.

Ela riu, e era um som brilhante. Animado e alerta, embora tivesse acabado de acordar.

— Minha Cacau não está pronta para um novo colega de quarto.

— Faz sentido.

Esfreguei o nariz com o polegar.

— Você devia dormir um pouco, ou pelo menos pelo tempo que o Feliz deixar — disse Yara. — Volto de manhã para levá-lo para o trabalho.

— Beleza. Ah, Yara?

— Hum?

— Obrigado.

— De nada.

— Yara?

— Oi.

— Obrigado — repeti.

Ela arqueou uma sobrancelha.

— Pelo que você está agradecendo?

— Só por você ser você.



Meu corpo e minha mente queriam dormir, mas Feliz tinha outros planos para mim.

— Para de latir, por favor.

Sentado diante do quarto de hóspedes, suspirei. Eu mal tinha conseguido dormir na noite anterior, já que ele tinha resolvido passar a noite toda uivando. Mais cedo, eu havia tentado espiar o quarto para ver se ele tinha comida suficiente, e tinha sido aí que ele avançou na porta. Eu a fechei antes que ele tivesse tempo de me atacar.

Como Yara tinha conseguido domá-lo?

Já que eu era o responsável por mantê-lo vivo, era muita cara de pau daquele cachorro me tratar mal daquele jeito.

— Que ideia foi essa, Teresa? — resmunguei, apoiando a cabeça na parede do

corredor.

Bem naquele momento, alguém bateu à porta. Eu me endireitei, fui abri-la e encontrei Yara. Ela parecia alerta e bem descansada.

— Bom dia! — exclamou ela.

— O que tem de bom hoje? — resmunguei.

— Ele não deixou você dormir a noite toda, né? — perguntou ela, entrando no apartamento.

— A. Noite. Toda.

— Bom, podemos fazer o seguinte. Vou levar o Feliz para o trabalho, e você aproveita para dormir um pouco. Enquanto isso, posso te passar uma lista de coisas para comprar. Seria bom instalar um portão no quarto de hóspedes. Aí o Feliz vai poder se acostumar a ver você, e não vai precisar ficar trancado no quarto.

— Para ele ficar latindo para mim sem parar? — resmunguei.

— Sei que parece que ele não vai parar, mas isso tudo vai se tornar uma memória distante em algum momento. Vocês dois vão ser melhores amigos.

— Acho difícil — falei, bocejando. — Mas vou aceitar a sugestão de tirar uma soneca.

Parecia que eu não dormia bem havia séculos. Comecei a me arrastar para o quarto, e Yara me chamou.

— Espera!

Eu me virei para encará-la, e Feliz já estava aconchegado em seus braços, lutando para conseguir lamber o rosto dela. Que feitiço ela havia lançado naquele cachorro? Por outro lado, eu entendia Feliz. Em alguns momentos nos últimos dias, eu também tinha cogitado lamber Yara Kingsley.

— Oi — perguntei.

— Vem fazer carinho na cabeça dele.

— O quê? Não.

Ela assentiu com a cabeça enquanto vinha na minha direção. Quanto mais perto eles chegavam, mais tenso Feliz ficava, rosnando baixinho. Mas Yara permanecia determinada.

— Faz. Carinho. Na. Cabeça. Dele, Alex.

— Ele vai me morder.

— Ele não vai te morder.

— Como você sabe?

— Porque você vai enfiar a mão no bolso de trás da minha calça jeans e pegar o petisco que eu trouxe para dar para ele.

Arqueei uma sobrancelha.

— Ainda assim ele pode me morder.

— Não — discordou ela —, não vai.

Os dentes afiados de Feliz não diziam a mesma coisa.

— Mas…

— Alejandro — cantarolou ela, e foi incrível ouvir meu nome inteiro saindo de sua boca. — Enfia a mão no meu bolso e pega o petisco.

Resmunguei por um segundo, mas obedeci. Quando coloquei a mão no bolso de trás da calça jeans justa dela, precisei me lembrar de não demorar muito para tentar sentir sua bunda, que eu me pegava observando ultimamente quando ela se afastava de mim.

Peguei o petisco, então voltei a encará-la. Feliz latia como um louco para mim, parecendo querer sugar cada gota de sangue do meu corpo.

— Bom menino — disse ela.

Eu não sabia se ela estava falando comigo ou com o cachorro, mas, por mais estranho que parecesse, fiquei com tesão.

— E agora? — perguntei.

— Segura o petisco na frente do focinho dele.

Arqueei uma sobrancelha.

— Você quer dizer na frente dos dentes que ele está mostrando para mim?

— Aham — respondeu ela e assentiu com a cabeça —, aí mesmo. Deixa ele cheirar.

— Mas…

— Você confia em mim? — perguntou ela.

Por mais estranho que parecesse, mesmo sem qualquer motivo para isso, eu confiava.

Balancei o petisco na frente do focinho de Feliz. Ele parou por um instante antes de voltar a latir. Então parou de novo, farejou o petisco, e pulou em cima de mim. Tudo bem, talvez ele não tivesse pulado em cima de mim, mas pegou o petisco e comeu.

— Pronto! Agora, faz carinho nele — instruiu Yara.

Rápido, dei três batidinhas na cabeça do cachorro.

Uma, duas, três.

Feliz estava tão deliciado com o petisco que nem percebeu o que tinha acontecido.

Então o jeito de ganhar o coração dele seria pela comida?

Isso era interessante.

— Ontem, percebi que ele gosta de petiscos. Na creche, ele deixou a gente fazer o que quisesse se tivesse comida no meio.

— Talvez nós dois sejamos mais parecidos do que eu pensava — murmurei. Bem na mesma hora, ele terminou o petisco e tentou se jogar em cima de mim. Pulei para trás. — Caramba!

Yara riu.

— Você está achando graça nisso? — questionei depois de quase me tornar uma vítima do Cujo.

— Um pouco. Você é tão grande, ele é tão pequeno, e você está com tanto… medo.

— Não estou com medo — afirmei.

Yara estreitou os olhos.

— Jura?

— Juro.

Ela estendeu Feliz na minha direção, e pulei para trás, quase batendo na parede.

Tudo bem, talvez eu estivesse um pouco com medo.

— Eu vou dormir — anunciei, resmungando baixinho.

Curiosamente, Yara também apareceu nos meus sonhos.

Os dias seguintes foram do mesmo jeito com Feliz. A única diferença foi que instalei o portão no quarto de hóspedes, então aquele rato era obrigado a olhar para mim em vez de ficar trancado no quarto. Ele podia até não ir com a minha cara, mas teria que se acostumar com a minha presença.

Também comecei a pesquisar na internet receitas para petiscos de cachorro. Os ingredientes dos petiscos industrializados eram péssimos. Eu jamais os daria para um ser humano, então por que os daria para meu cachorro? Meu cachorro. Eu tinha um cachorro, e estava preparando petiscos caseiros para aquele pentelho mimado. E comida também.

— Aqui — falei, me sentando na frente do portão enquanto ele latia e pulava feito uma bolinha de pingue-pongue. — Cala a boca e experimenta, tá?

Ofereci o petisco para ele. Batata-doce ensopada em caldo de carne e enrolada em carne defumada caseira.

Feliz latiu, mas foi se aproximando mais e mais até arrancar o petisco da minha mão e sair correndo para o canto oposto do quarto para comer em paz.

— De nada — respondi.

Ele latiu mais uma vez antes de voltar a comer. Um movimento leve no seu

rabo me mostrou que ele tinha gostado. Então o babaca rabugento voltou, latindo para mim, mas pedindo mais. Que merdinha.

Passei outra batata por baixo do portão. Ele a arrancou de mim e foi embora correndo.

— Você podia pelo menos me agradecer.

Ele latiu e rosnou.

Mas adorou o petisco. Isso parecia uma vitória.

Yara aparecia todas as manhãs para levá-lo para passear e depois os dois iam para a creche. Quando eu abria a porta, ela exibia o mesmo sorriso de sempre. O mesmo sorriso que despertava sentimentos em mim que eu achava que não deveria sentir.

— Bom dia. Trouxe um café para você — anunciou ela, oferecendo-o para mim. — Achei que você gostaria dele bem amargo, feito sua personalidade.

Eu ri.

— Nem posso discutir com isso, porque é assim que gosto de tomar café. Vou adivinhar, você é do tipo que bebe chai com espuma de leite levemente misturada, e latte com cinco doses do veneno que é chocolate branco, regado de caramelo?

Ela colocou uma das mãos na cintura e arfou.

— Como você adivinhou?

— Eu aprendo rápido.

— Bom saber — comentou ela. — Porque hoje é o dia.

— De…?

— Do nosso primeiro passeio no parcão com o Feliz.

— Hoje?

— Agora. Anda logo, Sr. Gato — disse ela. — Vamos lá.

Yara não estava brincando quando disse que era uma encantadora de cães. Parecia até que Feliz era substituído por outro cachorro sempre que ela estava perto da gente.

Quando chegamos ao parcão, Feliz imediatamente saiu correndo com Yara. Ela estava convencida de que ele dormiria à noite se estivesse cansado. Ele continuava acordando depois de meia-noite para dar uma voltinha. E isso estava afetando meu sono.

Fiquei assistindo aos dois correndo com os outros cachorros e com as pessoas no parcão, bebendo meu café. Tudo estava correndo bem até alguém falar às minhas costas.

— Alex?

A voz fez todos os pelos do meu corpo se arrepiarem. Por um instante, cogitei fugir, mas então me lembrei de que Feliz estava ali perto com uma mulher que era como um golden retriever.

Suspirando fundo, me virei para encarar a pessoa que tinha me chamado. No instante em que a vi, uma raiva antiga, porém familiar, começou a fervilhar.

Catie.

Ergui uma sobrancelha e a analisei. Ela estava bonita, e eu detestava que ela estivesse tão bonita. Seus lábios exibiam um vermelho forte, e todos os seus acessórios eram prateados. Ela estava toda de preto, sombria como sua alma, e teve a cara de pau de sorrir para mim.

— Catie — respondi, seco. — O que você está fazendo aqui?

— Vim te ver, e fiquei sabendo que talvez você estivesse aqui. Mas a pergunta que não quer calar é: por que você está em um parcão? Você detesta cachorros.

— Eu nunca disse que detestava cachorros.

— Bem, você também nunca disse que gostava deles. Nós nunca nem debatemos ter um animal de estimação quando estávamos juntos.

— Provavelmente porque nosso relacionamento era baseado em mentiras. — Eu me remexi. — Por que você veio me ver?

— Vim porque o casamento da Mandy e do Noah está chegando. Achei que seria bom a gente conversar depois de tudo que aconteceu no ano passado. E fiquei sabendo da morte da Teresa. Sinto muito.

O jeito como ela mencionou Teresa me incomodou mais do que deveria. Talvez porque minha tia-avó detestava Catie, pois sempre achou que ela não era a mulher certa para mim. Obviamente, Teresa tinha razão.

— Você desperdiçou seu tempo. Não temos nada o que conversar. Não vou ter problema nenhum em te ver no casamento. Não sou criança.

— O Henry vai comigo — disse ela.

Isso foi como uma punhalada no peito.

— O Noah disse que ele não ia.

Ela balançou a cabeça.

— Ele não ia. Mas já faz um tempo que estamos juntos, e, quando eu olhar para as fotos do casamento da minha irmã, quero que ele esteja nelas. Mas achei melhor te avisar, para não ser uma surpresa.

— Você escondeu seu caso com ele por um bom tempo, então não tem necessidade nenhuma de ser sincera comigo agora — rebati, amargurado.

— Eu entendo que você esteja magoado por causa do que aconteceu entre mim

e o Henry, mas…

— Você me traiu com ele. Foi isso que aconteceu. Esse foi o fim da história, então não precisamos ficar voltando a esse assunto.

— Está bem claro que você não superou nada.

A irritação e a raiva cresceram dentro de mim, mas eu sabia que não poderia demonstrá-las. A última coisa que Catie precisava saber era que ela ainda era capaz de me abalar.

— Escuta, Alex. Entendo que você ainda esteja chateado com o que aconteceu, e que você ainda sinta alguma coisa por mim enquanto tenta lidar com suas emoções sobre a situação, mas…

— Não sinto nada por você — rebati. E estava falando sério. — Já faz mais de um ano. Eu segui em frente.

O olhar condescendente com que ela me encarou me fez sair de mim.

— Sei que isso não é verdade.

— Por que você conseguiria seguir em frente e eu, não? Claro, você teve uma vantagem para começar seu relacionamento, já que estava transando com ele durante o nosso, mas já superei.

— Fala sério, Alex. Minha irmã me contou que você ainda não se envolveu com ninguém. Sei que isso não é…

Antes que ela conseguisse concluir, Feliz e Yara vieram correndo. Feliz desabou aos meus pés, completamente exausto. Tão exausto que nem percebeu que era no meu sapato que estava deitado, e por isso que não tentou destruí-lo.

Yara sorriu e deu uma risada, porque era isso que ela fazia. Se eu pudesse gravar aquele som e torná-lo meu despertador matinal, provavelmente acordaria mais bem-disposto. Quer dizer, se Feliz me deixasse dormir.

Yara parou ao meu lado, ofegante.

— É sério, se esse cachorro não dormir a noite toda depois de tanto exercício, não sei mais o que fazer.

Catie arqueou uma sobrancelha e cruzou os braços.

— Desculpa, quem é você? — perguntou ela.

— Esta é a Yara — falei, passando um braço ao redor da cintura dela e a puxando para meu lado. — Minha namorada. — Yara me encarou como se eu tivesse três cabeças. Então pigarreei. — Yara, essa é minha ex, Catie.

Para minha sorte, Yara entendeu rapidinho o que estava acontecendo. E, para minha surpresa, ela chegou ainda mais perto de mim, pressionando o corpo contra o meu como se tivéssemos nascido para ficarmos assim. Era quase ridículo como ela se encaixava bem em mim.

— Que prazer te conhecer, Catie. Sou a Yara. A namorada do Alex — repetiu ela, estendendo a mão para Catie.

— Namorada — ecoou Catie antes de apertar a mão dela com relutância. — É um prazer.

Ela estava mentindo. Sua cara fechada mostrava que a existência de Yara a incomodava.

Ótimo.

— Então você também vai levar alguém para o casamento? — perguntou Catie, desconfiada.

— Vou. Nós dois estamos muito animados — respondi, piorando ainda mais minha situação.

— Estou muito animada — repetiu Yara, embarcando em minha loucura. — Vai ser incrível.

— Nós temos que ir — falei enquanto olhava para Yara, e, por um instante, não consegui nem entender como eu tinha a sorte de tê-la ao meu lado.

Claro, talvez a situação naquele momento não fosse de verdade, mas seu toque, seu calor, seu comprometimento com a minha mentira… Isso tudo parecia real para mim.

Enquanto me afastava, com Yara de um lado e Feliz do outro, meu coração não sentiu a mínima vontade de voltar para Catie. Por mais estranho que parecesse, senti estar colocando um ponto-final naquela história. Eu estava começando algo novo.

— Vocês não terminaram bem, né? — perguntou Yara.

— Não. Foi ela que me traiu com um cara que eu conhecia.

— Odeio ela — respondeu Yara, prática.

Dei uma risada.

— Você não sabe odiar os outros, Goldie.

— Posso aprender com você. Além disso, até golden retrievers mordem — disse ela.

— Eu mereci essa. — Esfreguei a nuca. — Mas você sabe o que isso significa, né?

— O quê?

— Se você vai fingir ser minha namorada, é justo que eu faça o mesmo aqui na cidade. É a coisa certa a fazer.

Os olhos dela se iluminaram como se eu tivesse acabado de contar quais seriam os números vencedores da loteria.

— Você vai me ajudar?

— Estou te devendo.

Ela se aconchegou mais um pouco ao meu lado.

— Acho que então eu sou sua — disse ela com o sorriso que lentamente derretia o mesmo coração que Catie tinha transformado em uma pedra de gelo mais de um ano antes.

— Aham — concordei. — Você é minha.

CAPÍTULO 23

Alex

UM ANO ANTES

Havia uma pequena caixa em cima da minha mesa de cabeceira. Ela era feita de couro preto sofisticado e macio ao toque. Aquele era o primeiro dia em que ela estava em cima da mesa de cabeceira em vez de escondida em uma das gavetas. Suas bordas eram arredondadas, e a caixa era texturizada. Dentro dela havia um diamante com lapidação esmeralda que eu jamais pensara que conseguiria comprar quinze anos antes. Dentro de poucos instantes, o anel sairia da caixa que o abrigava havia seis meses e enfeitaria o dedo da mulher que tinha meu coração.

Eu não era um homem emotivo. A única pessoa que já tinha me visto chorar provavelmente foi minha mãe no dia em que eu nasci. Isso não queria dizer que eu não tinha emoções. Eu só era um cara mais analítico do que sentimental. Algumas pessoas diziam que eu era difícil. Outras me achavam um ermitão fechado. Alguns poucos me chamavam de babaca — e com razão. Para ser justo, eu também não costumava me referir a esses indivíduos com palavras gentis. Mas, mesmo assim, apesar de todos os meus defeitos, alguém tinha conseguido conquistar meu coração rabugento.

Eu não sabia muito sobre a vida, mas sabia que a amava.

Isso parecia ser suficiente para levarmos nosso relacionamento ao próximo patamar. Fazia cinco anos que eu estava com Catie, e ela estivera ao meu lado durante todos os altos e baixos da minha vida nesse período.

Nós nos conhecemos em um dos meus restaurantes. Ela estava jantando com quatro amigas, comemorando a defesa do mestrado, e eu estava na cozinha, inspecionando a comida. Eu nunca me esqueceria de que Catie havia pedido ao garçom que me levasse até a mesa delas porque queria falar com o dono.

Conforme eu me aproximava, a primeira coisa que notei foi seu sorriso. Os lábios carnudos de uma delicadeza verdadeira. Quando seus olhos verdes encontraram os meus, eu soube imediatamente que aquela mulher me transformaria. Eu me lembrava de tudo daquela noite. Ela havia pedido o salmão

com molho havaiano, uma salada Caesar e batata frita como acompanhamento. Bebeu um cosmopolitan e estava usando um vestido branco justo com um cinto dourado fino e brincos dourados grossos. Suas unhas estavam pintadas de um azul--claro, e ela tamborilava na toalha de mesa sem parar.

— Você é o chef? — perguntou ela.

— Sou.

Ela se inclinou em minha direção e balançou a cabeça.

— Tenho uma reclamação.

Arqueei uma sobrancelha e cruzei os braços.

— Vai ser a primeira.

— Sim, pois é, acho que as pessoas devem ser legais demais para mencionar problemas, mas não é meu caso, então é o seguinte. — Ela se recostou na cadeira e jogou as mãos para cima, em rendição. — Você acabou de fazer para mim o salmão mais perfeito do mundo, e acho que não tenho como me recuperar disso. O que é um problema.

— Como isso é um problema?

— Porque agora, sempre que eu pedir salmão em outro restaurante, serei obrigada a compará-lo com o seu.

Deixei escapar um sorriso. Eu não os oferecia com facilidade.

— Que bom que você gostou, mas não me sinto mal por estragar todos os outros salmões para você. Acho que você vai ter que voltar para continuar comendo seu favorito.

— Então nos vemos na próxima sexta.

E nos vimos mesmo.

Depois disso, ela passou a ir ao restaurante toda sexta-feira. Às vezes sentava-se sozinha no bar, às vezes ia com amigas, e aquilo foi se tornando uma tradição. Toda semana, eu perguntava se ela havia encontrado um salmão melhor. Toda semana, ela me dizia que tinha fracassado em sua busca.

Então ela me deu seu número. E eu liguei para ela. E continuava ligando para ela desde então.

O timer no forno tocou, me despertando da lembrança enquanto eu observava a caixinha na mesa de cabeceira. Eu a peguei e enfiei no bolso do blazer. Segui rápido para a cozinha, coloquei luvas e tirei o salmão do forno.

Estava perfeito, é claro. Eu nunca havia queimado uma refeição.

Rapidamente fritei a batata, preparei a salada e arrumei a mesa de jantar com velas e flores. Servi duas taças de vinho branco e verifiquei o relógio antes de diminuir a intensidade das luzes.

A mesa estava pronta com o mesmo jantar da noite em que nos conhecemos, e a onda de ansiedade que eu sentia enquanto a esperava entrar em casa era enlouquecedora. Eu ficava verificando o celular para ver a hora e se ela havia respondido minhas mensagens, que já tinham sido lidas. Antes que eu conseguisse mandar outra, veio o tinido da chave encaixando na porta, e Catie surgiu no meu campo de visão assim que entrou.

Ajoelhei, me apoiando sobre um joelho, e abri a caixinha.

Ela arfou.

— O que está acontecendo, Alex?

Sorri enquanto estendia a aliança para ela.

— Estou perguntando se você quer ficar comigo para sempre.

Lágrimas escorriam por seus olhos, e seu corpo começou a tremer. No começo, achei que fosse de empolgação, mas então o choro dela se tornou mais intenso, até doloroso.

— Levanta, Alex — sussurrou ela, balançando a cabeça.

Eu ri um pouco.

— Acho que você devia responder primeiro.

Ela veio até mim e agarrou meu braço.

— Não, levanta. Levanta. Você não pode fazer isso.

— Tem alguma coisa que eu não sei? O que foi que…

— Estou apaixonada pelo Henry — declarou ela, cobrindo a boca com as mãos.

Suas lágrimas escorriam como se fosse ela quem estivesse com o coração partido. Como se fosse o coração dela sendo estraçalhado.

— Que Henry? — perguntei, engasgado.

Ela se engasgou com as lágrimas e balançou a cabeça.

— O Henry. O seu Henry.

— O meu Henry? — repeti, confuso com suas palavras, porque aquilo era impossível…

Não havia como ela estar apaixonada pelo babaca que tinha me dado uma punhalada nas costas anos antes. Ela estava apaixonada pelo homem que tinha tentado acabar com a minha carreira?

— Eu ia te contar hoje que vou me mudar, Alex… Eu vou embora.

Meu coração não foi estraçalhado. Ele congelou.

Ela continuou falando, suas palavras pareciam vazias enquanto penetravam meus ouvidos. Então ela fez as malas enquanto eu fiquei ali no vestíbulo do apartamento, completamente imóvel. Ela passou por mim e me deixou sozinho,

acabando com qualquer vestígio de luz que ainda restava no meu interior.

CAPÍTULO 24

Yara

PRESENTE

— O Henry me treinou quando voltei para os Estados Unidos com minha tia. Eu era um garoto idiota, tinha acabado de me formar em gastronomia e, de alguma forma, consegui um emprego no restaurante dele. Passei anos lá. Por muito tempo, pensei nele como uma figura paterna, já que meu pai tinha ido embora — explicou Alex enquanto voltávamos para casa depois que encontramos Catie. — Realmente, o Henry era arrogante e metido a sabe-tudo, mas era bom demais no que fazia. Ele tinha prêmios suficientes que justificavam aquela marra. Todo mundo sabia que ele era mulherengo e tinha uma vida doida, mas nunca achei que ele se voltaria contra mim. Ele sempre me tratou bem, até o dia em que parou de fazer isso.

— Por que ele mudou?

— Quando minha carreira começou a decolar, o Henry ficou muito curioso em relação aos meus objetivos. Como eu era um garoto idiota, contei a ele sobre meus sonhos. Compartilhei minhas receitas. Contei sobre meu restaurante. Basicamente entreguei todos os meus planos de bandeja, e ele roubou meu trabalho. Ele abriu um restaurante usando o meu cardápio, sem me contar.

Arfei e minha mão voou até minha boca para abafar o som de espanto.

— Ele roubou o seu cardápio?

— Pior. Ele roubou até o nome do restaurante.

— Você está de sacanagem!

O sorriso dele foi um reflexo silencioso de seus arrependimentos do passado.

— Quem dera. Naquele ano, esse restaurante foi classificado como um dos cinco melhores do país, e o cardápio ficou entre os três melhores.

— Mas era seu! Ele sofreu alguma consequência?

— Não. Eu não tinha como provar que ele havia roubado minhas ideias. Depois disso, paramos de nos falar. Mas, infelizmente, ainda nos encontrávamos em eventos. Foi assim que Catie o conheceu. Depois que ganhei mais prêmios que ele, seu ressentimento por mim aumentou. Deveria ter sido ao contrário.

Parecia até que ele não conseguia aceitar o fato de que eu estava ganhando. Não conseguia aceitar que eu não precisava mais dele.

— Então ele foi para a cama com a sua namorada.

— Pois é. Sabe o que é engraçado? Quando fui tirar satisfação, ele me disse que ela praticamente se jogou em cima dele e que ele nem tinha como dizer não. Imagina só uma coisa dessas. Aquele escroto de 50 anos precisou ir para a cama com a mulher que estava comigo.

— Que monstro.

— Você nem imagina.

— Foi mais fácil esquecer a Catie sabendo com quem ela havia te traído? Você acha que teria sido pior não saber?

— Talvez sim. É difícil dizer.

Fiquei encarando a calçada enquanto Feliz andava ao meu lado.

— Teve uma época em que eu queria saber, porque achava que isso me ajudaria a deixar as traições para trás, mas agora vejo que não teria ajudado. Que eu só ficaria mais… magoada.

— Exatamente. Às vezes, deixar as coisas para trás só significa parar de se importar. — Ele mordeu o lábio inferior por um instante. — Hoje, acho que essa foi a melhor coisa que podia ter acontecido. A Catie não era a mulher da minha vida. Eu só achava que era por ela ter ficado comigo por todo aquele tempo. Depois que meus pais me abandonaram, infelizmente fiquei meio obcecado com qualquer pessoa que não fosse embora. E você? — perguntou ele, me cutucando. — Como diabos você foi se envolver com alguém como o Cole?

Bufei uma nuvem de vapor quente.

— Você quer a verdade? Acho que eu sentia falta da minha mãe.

— O que isso tem a ver com o Cole?

— Quando eu era pequena, o Cole morava na casa em frente à nossa. Depois que minha mãe faleceu, eu ficava sentada na janela, vendo-o brincar no quintal com a mãe dele, Lindsay. Ela era uma mãe muito presente. Fazia bonecos de neve no inverno e arrumava os fogos de artifício no verão para o Dia da Independência. Comecei a ir para lá participar das brincadeiras, e, um dia, quando vi, eu e o Cole estávamos juntos. Mas não acho que eu estivesse procurando por ele. Eu estava procurando por uma mãe que fizesse eu me sentir incluída como minha mãe sempre tinha feito.

— Por mais estranho que pareça, faz sentido.

— Pois é. Quando eu e o Cole entramos no ensino médio, eu já sabia que ele não era para mim. No fundo, percebi que ele tinha deixado de ser um pré-

adolescente fofo e se transformado em alguém diferente. Ele começou a ficar popular, começou a ficar metido que nem o pai. E passou a desmerecer tudo que eu amava só para arrancar risada dos outros.

— Por que você continuou com ele?

Dei uma risada melancólica.

— Porque perder o Cole era perder a Lindsay. Parece idiotice, mas foram anos de abuso até entender que eu também precisava me desapegar dela. Sempre que eu e o Cole brigávamos, sempre que eu pensava em ir embora, ela me puxava para um canto e me convencia de que ele me amava. No fim das contas, ela sempre ficaria do lado dele, porque é a mãe dele, não minha. Ela sempre defenderia o filho. Depois que terminamos, tentei manter contato com ela, mas foi difícil demais. Ela insistia muito para que a gente fizesse as pazes. Já faz um tempo que não nos falamos.

— Isso te deixa triste?

Um sorriso apareceu em meus lábios por alguns instantes, antes que o vento frio que roçava meu rosto o fizesse sumir.

— Sim, deixa.

— Eu tive dificuldade em me distanciar da família da Catie. Os pais dela eram incríveis. Imagino que ainda sejam, e, bom, a Mandy é fantástica. Abrir mão dos pais da Catie pareceu uma crueldade, porque eles sempre me trataram superbem. Eu sentia mais falta deles do que dela.

— Exatamente.

— Goldie, sabe o que você acabou de me fazer perceber?

— O quê?

— Às vezes deixar alguém é tão difícil quanto ser deixado.

Seguimos andando e passamos por baixo de um bordo, então uma lufada de vento soprou, fazendo um punhado de folhas caírem sobre nós. Sorri para o céu enquanto as folhas acertavam minha pele.

— Nossa, como eu adoro o outono! — Suspirei, feliz. — Quando eu era pequena, minha mãe juntava o máximo possível de folhas em uma pilha enorme no quintal enquanto eu estava tendo aula. Quando o ônibus da escola parava na frente da casa, eu saía correndo e me jogava nas folhas. Ela pulava comigo e fazia disso um evento todo santo dia, até que não restassem mais folhas.

— Ela parecia ser incrível.

— Você nem imagina. Só a tive por alguns anos, mas eu daria minha vida inteira por um tempinho a mais.

— Posso perguntar o que aconteceu com ela?

Minha boca ficou um pouco seca enquanto eu esfregava a nuca.

— Ela teve complicações no parto da minha irmã Willow, e infelizmente não sobreviveu.

Os olhos de Alex se encheram de uma tristeza profunda.

— Sinto muito.

— É. Eu também. Ela era uma mulher incrível. Se eu puder ser metade do que minha mãe foi, vou ficar feliz.

— Você quer ter filhos?

— Quero. — Concordei com a cabeça. — Uma matilhazinha — brinquei, mais ou menos.

Ele abriu um sorriso discreto.

— Você vai ser uma boa mãe.

— Você acha?

— Acho. Você tem uma paciência infinita. Não só você atura o Feliz, como também atura minhas idiotices.

— É verdade, eu sou uma santa — brinquei. — Você quer ter filhos?

Ele franziu a testa enquanto pensava.

— Quero. Mas às vezes me pergunto se um dia isso vai acontecer mesmo. Só porque você quer uma coisa não significa que vai acontecer.

— Sim. — Cutuquei o braço dele. — Mas nós sempre devemos esperar o inesperado. Coisas boas também podem acontecer. Só precisamos acreditar que sempre há uma luz no fim do túnel.

Ele riu.

— Você parece minha tia-avó Teresa falando. Sempre tão otimista…

— Se eu aprendi uma coisa com a vida, é que torcer por um futuro melhor não tira pedaço. Eu me sinto melhor sabendo que meus melhores dias ainda estão por vir. A ideia de um futuro melhor me deixa animada.

— Yara?

— O quê?

— Espero um dia conseguir ver como você.

— Ver o quê?

— O mundo.

CAPÍTULO 25
Alex

Depois que eu e Yara decidimos fingir estar namorando, ela imediatamente começou os preparativos para anunciar a Honey Creek que nós dois estávamos juntos. Ela parou na ilha da minha cozinha com um copo de água e anunciou:

— Vamos tornar nosso namoro público no festival Tom de Outono.

— Isso devia significar alguma coisa para mim?

— Sim, devia. Daqui a mais ou menos uma semana, acontece o festival de abertura do outono da cidade. Também é o dia do leilão anual de piqueniques para angariar fundos para pequenas empresas. Este ano, a escolhida foi a minha creche, Cantinho Animal. O evento do piquenique se chama Lanche em Hillstack. Em resumo, as pessoas fazem lances para ter um encontro na colina com quem preparou a cesta. É um evento divertido. Preciso que você esteja lá e compre a minha cesta.

— Quanto isso vai custar?

— Hum, o necessário para dar um lance maior do que o do Cole. Sei que ele vai aparecer e me encher o saco. Então, se você der um lance maior do que o dele, a cidade toda nos verá juntos. Será nosso primeiro evento juntos. Não precisa se preocupar, o Cole é pão-duro. Ele nunca deu mais de cinquenta dólares pelas minhas cestas. E isso porque era eu quem dava os cinquenta dólares para ele.

— Você pagava pela sua própria cesta?

— Falando assim, parece deprimente.

— Porque é deprimente.

O sorriso dela desapareceu, e um reflexo de desespero surgiu em seu olhar. Eu tinha encontrado um gatilho.

Pigarreei.

— Eu não quis dizer desse…

— Não — interrompeu-me ela. — Você tem razão. É deprimente. Eu fazia muitas coisas deprimentes quando estava com ele. Todos os presentes de

aniversário, de festas de fim de ano, viagens. Eu comprava e planejava tudo sozinha. O Cole só precisava aparecer, e, mesmo assim, ele criticava tudo.

— Já ouvi as pessoas comentando sobre vocês dois na cidade e dizem que você é cruel por não dar outra chance a ele.

— Porque as pessoas na cidade não sabem quem ele é de verdade. Para elas, ele é só um cara legal que foi abandonado pela esposa.

— Por que você não conta o que aconteceu?

Ela franziu as sobrancelhas e refletiu antes de dar de ombros.

— Acho que uma parte de mim pensava que ele me defenderia quando as pessoas falassem esse tipo de coisa. Que ele contaria a verdade e diria que foi ele quem me abandonou muito antes de eu pedir o divórcio. Talvez não no sentido físico, mas o Cole parou de me dar atenção anos antes de eu acabar com nosso casamento.

— Sinto muito por você ter passado por isso, Goldie.

Ela abriu um sorriso tímido, e percebi que aquele não era seu sorriso verdadeiro. Era o que ela usava para disfarçar seu sofrimento. Eu queria fazer mais perguntas, mas ela logo mudou de assunto.

— Podemos já começar a dar indícios do nosso namoro enquanto fizermos o passeio de hoje — explicou ela. — Se as pessoas nos virem juntos, vão começar a fofocar. Especialmente se forem a Milly e a Mary Sue West.

Resmunguei:

— As gêmeas do mal.

— Aham. A Milly deve estar se preparando para começar sua caminhada matinal daqui a pouco. Se encontrarmos com ela, quando for meio-dia, a cidade inteira já vai estar sabendo que estamos mais próximos.

— A Gossip Girl da cidade.

Yara levou uma das mãos ao peito.

— Você conhece *Gossip Girl*?

Eu ri.

— Não me orgulho disso. A Teresa era obcecada, e eu assistia com ela.

— Quanto mais você fala da Teresa, mais eu gosto dela.

— Você teria amado minha tia. E ela teria te amado também.

O sorriso de Yara começou em seus olhos antes de descer para os lábios.

— Você acha?

— Eu sei. Vamos logo. Mas vou andar um pouco atrás de você. Tenho a impressão de que o Feliz vai tentar atacar meus tornozelos.

— Beleza, mas o segredo para isso dar certo é convencer as irmãs West a

ficarem do nosso lado. Para elas falarem que estarmos juntos é uma coisa boa — explicou Yara.

— Como eu faço isso?

— É fácil. Se você elogiar as duas, elas vão cair de amores.

— Como você sabe? Essas duas estão me enchendo o saco há meses.

— Confia em mim — insistiu Yara. — Vai dar certo. Elas fazem de tudo por um elogio. Se elas ficarem deslumbradas, vai ser fácil controlá-las.

A caminhada começou comigo mantendo uma boa distância de Feliz e Yara. Quanto mais nos aproximamos da Main Street, mais exausto Feliz foi ficando, me dando mais confiança para andar mais perto de Yara. E, como previsto, quando passamos em frente à creche, Milly veio andando rápido pela calçada.

Seus passos pararam no instante em que seus olhos bateram em mim e em Yara.

Ela tirou os fones de ouvido e arqueou uma sobrancelha.

— Ora, olá — disse ela com um olhar confuso.

— Oi, Milly. Bom dia. — Yara abriu um sorriso animado. — O dia está lindo hoje, né? Dá para sentir o cheiro do outono nas folh…

— O que é isso? — perguntou ela, gesticulando para mim e para Yara. — O que está acontecendo?

— Ah. — Yara tocou meu peito e sorriu para Milly. Ela não estava poupando esforços com sua mão no meu peito. Parecia um gesto muitíssimo ousado. Que também parecia causar um movimento dentro da minha calça. — Você conhece o Alex? Ele é dono do restaurante novo. Alex, essa é a Milly West.

Assenti com a cabeça e estendi a mão para Milly.

— É um prazer conhecer você.

Ela me olhou de cima a baixo, depois encarou minha mão, fechando as suas em punho na lateral do corpo, sem apertá-la. Ela se virou de volta para Yara.

— Você está ajudando com o cachorro dele? — perguntou ela.

— Sim, e, bom… — Yara riu feito uma adolescente, e, de algum jeito, conseguiu parecer tímida enquanto dava de ombros. — Eu e o Alex estamos virando ótimos amigos.

— Quem sabe até mais do que isso, se eu fizer tudo certo — acrescentei com uma piscadela.

Milly arfou.

— Você? — questionou ela, apontando para mim. — E você? — perguntou ela, com os olhos esbugalhados. — Juntos?

Yara sorriu e deu de ombros de novo.

— Quem sabe? E é como ele disse, ele precisa fazer tudo certo. — Ela se inclinou para Milly e sussurrou: — Mas ele faz bem demais, se é que você me entende.

— Não, eu não te entendo, Yara Kingsley! — bufou Milly, chocada. — Eu sou uma dama e jamais entenderia uma coisa dessas.

Comecei a fungar o ar ao meu redor e então estreitei os olhos para Milly.

— É você?

— Sou eu o quê?

— Que está com esse cheiro bom? — Cheguei mais perto e abanei a mão da direção dela para meu nariz. — Nossa. Que aroma delicioso. É o seu perfume?

Milly mudou completamente de postura. Ela ficou um pouco envergonhada, e suas bochechas coraram.

— Ah, não. É só meu cheiro natural.

— Nunca senti um cheiro tão gostoso. Ele combina bem com seu sorriso deslumbrante.

Ela piscou rápido, surpresa com o elogio. Seus dedos apertaram a gola da camiseta enquanto seus joelhos começaram a ceder.

Sério? Ela era fácil assim?

— Ah, Alex. — Ela corou, gesticulando como se não fosse nada. — Deixa disso. — Então ela olhou para Yara, já toda vermelha. — Sabe, ouvi falar muito bem do restaurante dele.

— Sim, é incrível. Na verdade, jantei lá há alguns dias — comentou Yara.

— Ah, querida, eu sei. No dia em que o rapaz te deu um bolo. Você deve ter ficado com tanta vergonha — disse Milly.

Meu peito apertou, e senti que estava prestes a entrar no modo superprotetor.

— Escuta aqui, sua f… — comecei, minha voz grave e irritada. Yara rapidamente me deu um cutucão na lateral do corpo. Encontrei seu olhar e suspirei. Quase dava para ler seus pensamentos. *Seja legal, Alex.* — Sua fascinante mulher… Eu adoraria que você viesse jantar no Isla Iberia um dia desses, como cortesia. Vou reservar a melhor mesa da casa para você.

— Sim, nossa. Eu adoraria. E seria ótimo se eu pudesse levar minha irmã, Mary Sue. Você sabia que somos gêmeas?

— Sabia. Encrenca em dobro — comentei, querendo me arrastar no asfalto por ser legal com as gêmeas do inferno. — Ela está convidada também.

— Ah, mas que docinho! Ele é um docinho, Yara — cantarolou Milly.

— Como um cinnamon roll em uma manhã de domingo — concordou Yara.

Milly estreitou os olhos enquanto nos observava, analisando a situação. Então

acenou com a mão.

— Preciso continuar meu exercício. Não posso deixar minha frequência cardíaca diminuir muito. Não posso perder esse corpinho.

— E que corpinho lindo — falei, assobiando baixo.

Ela riu feito uma menina, e seu rosto ficou da cor de um tomate.

— Ah, Alex. Você é tão charmoso. Tenham um bom dia, crianças. E obrigada de novo, Alex, pelo elogio. Sua mãe te educou muito bem.

Se ela soubesse o quanto estava enganada.

Ela seguiu com sua caminhada, e a vimos tirar o celular do bolso e dar um telefonema.

— Oi, Mary, é a Milly. Você não vai acreditar em quem eu encontrei. A Yara Kingsley está andando por aí com o Alex Ramírez. Sabe aquele homem que você disse que era um merda? Sim, esse mesmo! E os dois estão juntos! Eu também não acreditei. Enfim, nós temos uma reserva no restaurante dele. Na verdade, ele é bem legal. Você devia pedir desculpa pelo que falou. Que vergonha, Mary. E ele é bem bonito.

— É assim que a Gossip Girl funciona nessa cidade — disse Yara, animada com a vitória.

— Vistos em frente à Cantinho Animal. Será que opostos se atraem? Vocês sabem o que dizem: todo gato preto precisa de um golden retriever. Será que esses dois vão desabrochar em algo mais, ou suas folhas cairão e serão levadas pelo vento? Só o tempo dirá. Beijinho.

Yara ficou boquiaberta.

— Você acabou de criar uma postagem de Gossip Girl para o nosso namoro de mentira?

— Talvez eu tenha criado uma postagem de Gossip Girl para o nosso namoro de mentira.

— Ai, nossa! — Ela empurrou meu braço. — Esse tempo todo, eu achando que você era soturno, descolado e misterioso, mas, no fundo, você era cafona.

— Não sou cafona — resmunguei, forçando uma careta. — Sou mau, forte e durão.

— Você é cafona demais.

— Que seja. Vou para o trabalho. A gente se vê mais tarde, na volta para casa.

— Tudo bem, meu gatinho cafona.

Ela disse “meu” como se eu fosse dela.

Eu não odiava essa ideia. Por que eu não odiava essa ideia?

— Não enche, Yara — falei, cheio de marra.

— Impossível. — Ela continuou sorrindo, e continuei me deixando encantar. Ela precisava parar em algum momento. De ser tão… perfeita. — Do que você ia chamar a Milly? Quando ela falou sobre eu ter levado um bolo? Feia?

— Eu estava pensando em umas palavras mais fortes.

CAPÍTULO 26
Yara

Os boatos sobre mim e Alex se espalharam tão rápido quanto eu imaginava.

Infelizmente, pessoas do passado também ficaram sabendo desses boatos, o que significava que eu teria que encarar alguns fantasmas da minha vida anterior.

A parte mais difícil de sempre querer agradar os outros é que às vezes você acaba se esquecendo de agradar a si mesmo. Todo mundo passa na sua frente na lista de prioridades. Se alguém tiver um carrinho lotado de compras, você deixa essa pessoa furar a fila, mesmo que só tenha que pagar por um cacho de bananas. Você se encolhe para ocupar o mínimo de espaço possível, porque não quer que ninguém se incomode com sua presença.

Você se desdobra tanto, tentando alcançar todas as pessoas ao redor, tentando ajudar os outros, que se esquece de se ajudar. E aí, quando faz algo para si mesma, acaba decepcionando alguém, e a boa e velha culpa bate à porta.

A culpa é um sentimento esquisito. Ela aparece nos momentos mais inesperados. Outro dia estava no mercado à tarde quando ouvi alguém chamar meu nome e, ao me virar, encontrei Lindsay Parker segurando uma sacola cheia de compras.

Forcei um sorriso e fui abraçá-la.

— Oi, Lindsay. Como você está?

Seus olhos ficaram marejados enquanto ela me envolvia em seus braços.

— Ah, querida. Faz tanto tempo que não te vejo.

E lá estava — o soco no coração. A culpa.

Alternei o peso entre os pés.

— Eu sei. As coisas andam agitadas na creche. Eu ia ligar, mas…

Ela franziu o cenho ao se afastar, secando as lágrimas.

— Mas, agora que você se divorciou do meu filho, não precisa mais. Eu entendo.

— Não é isso, Lindsay — insisti.

— Sabe, fiquei de coração partido quando descobri que você e o Cole iam se

separar. Fiquei triste pelo meu filho, mas também fiquei com medo de que isso fosse acontecer. De que também perderia minha filha. Você faz parte da minha vida há décadas, Yara, e como agora não pode nem me ligar?

— Eu…

— Não quero ouvir suas desculpas — alertou ela. — Só quero que você saiba que fiquei muito magoada. Sempre pensei em você como parte da família, e achei que fosse recíproco. Mas dá para ver que você não pensa da mesma forma. Nem seus sentimentos em relação ao Cole eram verdadeiros. Era tudo mentira.

Meu peito parecia prestes a explodir com a velocidade dos batimentos do meu coração.

— Você não está sendo justa comigo, Lindsay.

— Talvez não, mas é justo você nem dar outra chance a ele?

— Eu dei mais chances para aquele homem do que ele merecia.

Ela assentiu com a cabeça.

— Deu, sim. Sei bem disso. Eu conheço o meu filho, Yara. Sei como ele pode ser difícil. Ele é igual ao pai. Difícil e complicado. Mas sei que ele nunca encostou um dedo em você. Isso não conta nada?

Estreitei os olhos.

— Eu não devia ficar com ele só porque ele nunca me bateu, Lindsay. Ele me machucou de todas as outras formas possíveis.

Ela ficou me encarando como se eu fosse louca. E eu entendia bem o motivo disso. Lindsay estava certa sobre o marido — ele era igual a Cole. Frio. Distante. Maldoso. Só que, ao contrário de mim, Lindsay tinha ficado.

Ao longo dos anos, eu a ouvira chorar diversas vezes, contando como as coisas em casa eram difíceis. Eu a vira sofrer nas mãos de um homem que não a amava como ela merecia. Eu havia testemunhado sua luz ir diminuindo enquanto ele ia destruindo seu espírito pouco a pouco. Ela havia se tornado um resquício da mulher vibrante que tinha sido.

Ela não sabia, mas esse tinha sido um dos motivos para eu ter conseguido juntar forças para ir embora. Quando vi Cole se tornar cada vez mais parecido com o pai, encarei isso como um sinal de alerta. Eu via a placa de perigo bem diante dos meus olhos. Eu não queria acabar como Lindsay Parker. Eu não queria que meus próximos trinta anos fossem como os dela. Eu não queria aceitar que um homem seria bom para mim contanto que ele não me batesse.

Não.

Eu queria amor.

Eu queria carinho.

Eu não queria pisar em ovos dentro da minha casa porque não sabia qual versão do meu marido entraria pela porta à noite.

Eu queria me libertar das amarras que começaram a me prender sem que eu percebesse. Eu queria voltar a respirar.

Mesmo assim, Cole ainda tentava me sufocar. Até falar com Lindsay me passava a sensação de ter um travesseiro pressionando minha boca, me mandando voltar aos lugares que antes me destruíam.

— Ele está fazendo terapia — contou ela. — Ele está tentando melhorar, Yara.

— Que bom, Lindsay. Fico feliz.

— Você acha que tem alguma chance de…

— Não. — Balancei a cabeça. — Não tem. Já encerrei esse capítulo da minha vida.

O corpo pequeno e cansado dela estremeceu de leve.

— Tudo bem, eu entendo. Você não fechou a porta só para ele, mas para mim também. E lá estou eu, cuidando da Cacau para você toda semana, porque é isso que família faz. Nós nos ajudamos.

Arqueei a sobrancelha.

— Como assim você está tomando conta da Cacau? O Cole é o responsável por ela, não você.

— Você sabe que, com a rotina que tem, ele se esqueceria de dar comida para ela ou de levá-la para passear. Então ele a deixa comigo toda vez. Não me importo. É meu trabalho cuidar dele, e a Cacau faz parte disso.

— Não — declarei, balançando a cabeça. — Esse não é seu trabalho. E eu prefiro que a Cacau passe o tempo todo comigo a deixá-la com você. A gente só compartilha a guarda porque eu achava que o Cole sentia falta dela.

— Nem tenta tirar isso de mim também, Yara — alertou Lindsay. — Aquela cadela é o mais próximo que eu tenho de uma neta, já que você parecia ocupada demais para me dar um neto de verdade.

Mais culpa. Um peso incrível que eu não devia carregar.

Mordi a língua para não dar uma resposta cruel, apesar de muitas palavras passarem pela minha cabeça.

Lindsay ajeitou a sacola nos braços e endireitou a postura.

— Espero que você consiga viver com suas escolhas, Yara. Espero que você saiba que não partiu só o coração do meu filho, mas o meu também.

Esse soco de culpa foi diretamente no meu coração, e feriu minha alma. Fiquei me perguntando quantas pessoas tinham a alma machucada por coisas que não eram responsabilidade delas.

Parecia injusto que eu me sentisse culpada pelos erros de outra pessoa. Não era certo eu estar sendo sufocada quando era Cole quem quase tinha estrangulado a minha vida.



— Você e o Alex Ramírez? — perguntou Cole quando estávamos no parcão para fazer a troca do responsável pela Cacau, na noite depois que eu e Alex começamos a exibir nosso relacionamento. Depois do meu encontro péssimo com a mãe de Cole. — Você está de sacanagem, Yara?

— A gente não devia entrar nesse assunto, Cole — respondi, secretamente feliz por ele ter descoberto.

Eu queria que ele entendesse que eu estava seguindo em frente, para finalmente se afastar de mim. Eu precisava que ele soubesse que não voltaríamos. Depois da conversa com Lindsay, eu sabia que era extremamente importante deixar claro que o capítulo da minha vida com os Parker estava encerrado. Parte de mim até queria brigar com ele sobre a questão de Cacau, mas eu sabia que, depois de uma tarde um pouco pesada, não estava com cabeça para lidar com o ataque que ele daria.

— Era o moletom dele que você estava usando? — questionou ele.

— Cole…

— Ele não me intimida, Yar. Se você estiver fazendo isso só para se vingar de mim…

— Não estou — rebati, pegando a guia de Cacau das mãos dele. — E a minha situação com o Alex não é da conta de ninguém além da nossa. Você não tem que se meter na nossa vida.

— “Nossa vida”? É assim? Vocês agora têm um “nossa”? Desde quando?

— Há tempo suficiente para ser importante.

— Como? Você ia sair com o Josh outro dia. Como essa história com o Alex é séria?

Eu sabia que não haveria uma forma convincente de explicar, então fiz a única coisa em que consegui pensar. Menti, menti, menti.

— As coisas com o Alex começaram como uma amizade colorida que acabou evoluindo, tá, Cole? Era isso que você queria escutar? Sentimentos surgiram, e só fomos perceber isso depois que a situação com o Josh aconteceu. — Abri um sorriso doce para ele. — Então acho que eu devia te agradecer por isso, porque, se você não tivesse falado para o Josh não sair comigo, eu não teria percebido o

que sentia pelo Alex.

O rosto de Cole ganhou um tom vermelho forte conforme a raiva foi aumentando dentro dele. Suas narinas se dilataram e as mãos se fecharam em punhos.

— De todas as pessoas, você foi escolher logo alguém como ele? É um babaca metido que acha que pode fazer o que bem entender.

— Você não sabe nada sobre ele. E só me envolvi com um babaca na minha vida. Já deixei essa fase para trás. Agora, se você me der licença, eu tenho um encontro hoje à noite.

— Um encontro? Você vai deixar a Cacau sozinha em casa? Que grande mãe você é.

A voz dele parecia arranhar minha pele.

— Diz o cara que a deixa com a mãe toda vez que fazemos a troca.

O choque no olhar dele transmitiu sua culpa.

— Escuta…

— Não quero saber. Estou pouco me lixando para as suas mentiras e suas desculpas. Adeus, Cole.

Fui embora antes que ele conseguisse responder, mas senti sua agressividade a cada passo que eu dava. Senti que era como se um leve peso tivesse sido retirado dos meus ombros conforme eu andava para casa.

CAPÍTULO 27
Yara

Do meu ponto de vista, meu relacionamento de mentira com Alex estava indo de vento em popa. Durante nossas caminhadas com Feliz, cada vez mais gente da cidade nos parava. As pessoas nos cumprimentavam, e eu fazia questão de tagarelar. No geral, era só conversa fiada. Nada de mais. Apenas conversas bobas.

Mas, aos poucos, fui notando a mudança no comportamento de Alex sempre que essas interrupções aconteciam. Sua cara fechava sempre que alguém perguntava como ele estava ou comentava sobre clima e esportes. As rugas em sua testa se aprofundavam conforme seus olhos se estreitavam de irritação.

Quando Tim, do banco, perguntou a Alex se ele iria abrir uma conta logo e começou a apresentar propostas, Alex olhou no fundo dos olhos dele e disse:

— Não aguento mais essa merda.

Ele seguiu andando, batendo os pés até virar a esquina, deixando Tim e eu sem entendermos nada.

— Ele é meio ranzinza, né? — perguntou Tim, chocado com a saída repentina do meu namorado de mentira.

Forcei um sorriso.

— Desculpa, Tim. A gente conversa mais tarde, tá?

Andei rápido com Feliz até a esquina, onde encontrei um Alex mal-humorado, passando as mãos pelo cabelo.

— Mas o que foi aquilo? — perguntei.

Ele me encarou com um olhar derrotado.

— Não consigo fazer isso.

— O quê?

— Essa história de namoro de mentira. Não nasci para isso, Yara.

Franzi o cenho, surpresa.

— Desculpa… aconteceu alguma coisa? Tem algo errado?

— Sim! — exclamou ele, jogando as mãos para cima, frustrado. — Tem algo

errado pra caralho.

— Com o quê?

— *Com você!* — exclamou ele.

Senti um aperto no peito e ajeitei minha postura.

— Tem algo errado comigo?

— Não. — Ele balançou a cabeça e suspirou. Ele gesticulou para mim. — Não tem nada de errado com você.

— Ah. Tudo bem. Beleza.

Soltei um suspiro, um pouco aliviada. Até ele voltar a falar.

— O problema é *namorar* com você — disse ele.

— Hum, não sei se devo ficar ofendida com isso, ou…

— Não precisa ficar ofendida. Estou explicando errado. — Ele resmungou um pouco e apertou a ponte do nariz enquanto tentava raciocinar. — O problema é namorar *você*.

— Beleza. Agora estou ofendida mesmo.

— Não. — Ele chegou mais perto e cruzou os braços. — O problema de namorar *você* é que você está namorando *comigo*.

— Se seu objetivo é me confundir, Alex, está dando certo.

— Você não entende. Você é uma boa pessoa, Yara.

Isso me deixou menos incomodada.

— Tá bom? — questionei, ainda muito confusa.

— Você é tão boa que consegue fazer esse negócio com as pessoas que eu não consigo fazer nem por um caralho.

— Mas que negócio?

— Ficar de conversa fiada — gemeu ele. — Odeio ficar batendo papo, e as pessoas dessa cidade adoram bater papo com você. Agora que estamos juntos nesse relacionamento de mentira, as pessoas esperam que eu converse com elas do mesmo jeito que você faria! Até quando não estou com você!

Dei uma risadinha, sentindo minha ansiedade diminuir. No fim das contas, meu gato preto estava apenas sendo um gato preto.

— Você detesta conversa fiada — falei, entendendo um pouco mais.

— Odeio. Com todas as minhas forças. E, agora, as pessoas passam por mim na rua e sorriem. Elas me falam da vida delas, só que eu não me importo com a vida delas, Yara! Você sabia que o Harrison da padaria arrancou um dente do neto com um alicate? Bom, eu sei! Porque ele encontrou comigo na rua outro dia e me contou em detalhes a história do pequeno Ryan e a porra do dente dele! *Eu quero mais é que o pequeno Ryan e a porra do dente dele se fodam!*

Era impossível não ter uma crise de riso ao assistir ao ataque de Alex.

— Para de rir — resmungou ele, batendo os pés. — Não tem graça.

— É meio engraçado.

— Yara — insistiu ele. — Não vou conseguir fingir ser seu namorado se eu precisar ser como você.

— Tudo bem — concordei. — Então não faz isso.

Ele arqueou uma sobrancelha.

— O quê?

— Não seja como eu. Seja exatamente quem você é. Não fica de papo. Vai embora quando alguém começar a te incomodar. Não dá trela. Por mim, você pode até rosnar para as pessoas.

— Mas todo mundo vai falar que o seu namorado é um babaca.

Dei de ombros.

— As pessoas já estavam mesmo falando sobre mim desde o divórcio. Pelo menos agora elas vão ter uma fofoca interessante. Além do mais, a ideia do namoro de mentira era fazer o Cole parar de me encher o saco. Você não precisa fazer amigos por minha causa.

Ele resmungou mais um pouco.

— Não preciso?

— Não, seu bobo. Só precisa ser o fofo emburrado que já é. Combina com você. Além do mais, com essa sua rabugice, talvez as pessoas parem de me contar tanto sobre as próprias vidas.

Ele estreitou os olhos e sussurrou:

— Você também odeia conversa fiada?

— Ah, sim. Odeio — sussurrei para ele, chegando mais perto. — Então seja exatamente quem você é, Alex. Eu gosto de você assim.

Ele bufou e fez uma careta, já mais tranquilo.

— Ótimo. Então nos entendemos. Agora, vamos voltar para o prédio antes que alguém mais nos veja.

Na véspera do festival Tom de Outono, resolvi apresentar Cacau e Feliz. Seria a primeira vez que os dois se encontrariam. Eu estava nervosa, mas, ao contrário do primeiro contato nem tão agradável assim entre mim e Alex, Feliz e Cacau ficaram correndo pelo meu apartamento como se sempre tivessem sido amigos.

Quase chorei ao ver os dois interagindo, porque Feliz se transformava em um cachorro completamente diferente bem diante dos meus olhos. No primeiro dia na creche, ele não queria nem chegar perto dos outros cachorros. Mas, aos poucos, tinha começado a se abrir. Um passo de cada vez.

Parecia que seu dono estava fazendo a mesma coisa comigo. Que se aproximava um pouquinho mais a cada dia. Um passo de cada vez.

À meia-noite, os dois se aninharam, dormindo juntos como se fossem irmãos.

Por volta de uma da manhã, alguém bateu à porta. Eu me levantei para atender e encontrei Alex, parecendo exausto e segurando alguns potes.

— Oi, Goldie.

— Olá.

Dei um passo para o lado para deixá-lo entrar.

Alex olhou para os dois cachorros dormindo.

— Meu Cujo fez amizade?

— Amizade é pouco. Pelo visto, eles foram separados no berço.

— Desculpa pelo atraso. Acabei parando para cozinhar depois que o restaurante fechou. — Ele seguiu para a mesa de jantar e colocou os potes em cima dela. — Fiz um jantar para você. Com base no seu amor por biscoitos de água e sal com cream cheese, imaginei que você comeria mac and cheese ou miojo.

— Você fez um jantar para mim?

— Fiz. E não vai dizer que você não está com fome, porque, se ficou acordada até depois de meia-noite, merece jantar duas vezes.

— Eu falei para o Cole que eu tinha um encontro com você hoje. Quer dizer, eu menti para ele parar de me encher o saco, mas não achei que você… — Meu coração batia cada vez mais rápido. Meu Cujo tinha feito um jantar para mim. — Isso é muito legal da sua parte, Alex.

— Não precisa chorar, Goldie. Só pega dois pratos, tá?

Ele já me conhecia tão bem que sabia quando eu estava prestes a chorar. Obedeci e fui pegar os pratos.

— Quer vinho? Tenho uns baratos no armário.

— Eu também trouxe uma garrafa do trabalho. Senta. Vou te servir.

Vou te servir.

Acho que ele não pretendia me deixar com tesão com essas palavras, mas, pois é. Fiquei com tesão.

Eu me sentei, e meu estômago roncou no instante em que ele destampou os potes. Jantar duas vezes *com certeza* era válido quando se tratava da comida de Alex. Eu queria que isso pudesse se tornar uma tradição a partir desse momento.

Ele fez meu prato e o colocou à minha frente.

— Frango com molho de mel e uma salada de couve-de-folhas e couve-de-bruxelas. De sobremesa, bolo de aniversário — explicou ele.

Dei uma risada.

— Bolo de aniversário? Que aleatório.

— Não é nada aleatório, já que é meu aniversário. Bom, pelo menos era até uma hora atrás.

Bati com as mãos na mesa.

— Espera, o quê?! É seu aniversário?!

— Era — corrigiu ele. — Até uma hora atrás.

— Alex! Por que você não me disse?! Eu teria feito um bolo para você. Teria comprado bolas. Teria…

— Exagerado, sim. Foi por isso que não contei. Você parece o tipo de pessoa que adora aniversários.

— Hum, sim. Porque são aniversários. Aniversários são importantes.

— São dias normais.

— São dias especiais.

Ele deu de ombros.

— Para mim, não. Minha tia-avó também gostava de fazer estardalhaço. Ela sempre exagerava.

— Quantos anos você fez?

— Trinta e cinco.

— *Trinta e cinco?* — exclamei, quase berrando enquanto jogava as mãos para o alto de tanto choque. Os cachorros se remexeram com meu grito, mas logo voltaram a dormir. Aquela conchinha devia estar ótima. — Hoje é seu aniversário de 35 anos, Alex, e você não me contou?!

— Tecnicamente, foi ontem.

— Tecnicamente não faz diferença. Caramba, é seu aniversário! É seu aniversário, e você fez um jantar para mim. Está tudo errado aqui. Era eu quem devia estar fazendo mac and cheese ou miojo para você.

Ele sorriu, fez o próprio prato e sentou-se ao meu lado.

— Eu não comeria o seu miojo, Yara.

— Aposto que você comeria. Sabe, o truque é não tirar a água toda, acrescentar uma fatia de queijo e… ai, caramba, você fez 35 anos! É uma data importante, Alex.

Ele riu.

— Para quem?

— Para mim! Todo aniversário é importante. Até um meio aniversário é importante para mim.

— Come — insistiu ele. Não comi. Ele pegou meu garfo, cortou meu frango e

o enfiou na minha boca. — Come — ordenou ele.

Mastiguei. Gemi. Engoli.

— Está… — Gemi mais um pouco enquanto colocava mais comida na boca. — Quero fazer amor com isso aqui — falei com a boca cheia.

Como ele conseguia fazer aquilo? Como cozinhava daquele jeito?

Alex se recostou na cadeira, satisfeito.

— E esse é o melhor presente de aniversário que você poderia me dar.

Fiz beicinho.

— Agora estou triste por não ter um presente para te dar.

— Estou triste por isso te deixar triste. Não é nada de mais.

Passamos as horas seguintes falando sobre nosso namoro de mentira, bebendo vinho e comendo bolo. O melhor bolo que já comi na vida, inclusive.

— Minha cesta no festival vai parecer bem sem graça em comparação ao seu jantar — comentei enquanto me levantava para limpar a bagunça. Alex segurou minha mão e me interrompeu.

— Eu limpo tudo. Você pode ficar descansando. — Tentei reclamar, mas ele não deixou. — É meu desejo de aniversário.

Eu ri.

— Lavar a louça?

— Cuidar de você.

Ele ainda estava segurando minha mão, e o frio no meu estômago aumentou.

— Alex?

— Oi.

— Acho que você é um namorado de mentira melhor que a maioria dos namorados de verdade.

— Eu vivo para agradar — brincou ele, pegando meu prato. Ele se inclinou para perto, roçando de leve o rosto no meu enquanto sussurrava ao meu ouvido. — E, só para você saber, não vejo a hora de comer tudo da sua cesta de piquenique amanhã.

E, com isso, percebi que era verdade.

Eu estava a fim de Alex Ramírez.

Droga.

CAPÍTULO 28
Yara

Na tarde seguinte, a Main Street estava frenética de empolgação por causa do festival. O cheiro de milho assado tomava o ar enquanto as barraquinhas eram montadas.

Keri me ajudou a fechar a creche mais cedo, para irmos comemorar o início do outono na nossa cidade. Um clima diferente pairava por tudo, e era impossível não pensar que, assim como a nova estação, eu estava começando uma fase diferente da minha vida.

— Então é verdade o que andam dizendo sobre você e o Alex? — perguntou Keri quando saí com minha cesta de piquenique em mãos.

Ela também participaria do leilão com uma cesta menor.

— Pelo visto, nós temos… alguma coisa — respondi.

E eu nem achava que isso era mentira. Independentemente de qualquer coisa, eu sentia uma conexão estranha com Alex. Nos últimos tempos, algo nele fazia com que eu quisesse descobrir mais. Qual era seu feriado favorito? Ele gostava de viajar de carro? Se ele pudesse ir para qualquer lugar no mundo, aonde iria? Ele tinha por mim os mesmos sentimentos que eu tinha por ele?

Essa última pergunta era a que mais me interessava.

— Que ótimo, Yara! Sei que seu relacionamento anterior foi difícil, e você merece um final feliz. As coisas com o Cole não pareciam muito boas.

— E não eram — concordei. — Estou feliz por minha vida ter melhorado.

— Pois é. E ele também parece estar seguindo em frente, né? — perguntou ela.

Bufei uma risada.

— O Cole? Ele está estranhamente convencido de que nós vamos reatar.

— Sério? Fiquei sabendo que ele estava saindo com alguém… — As palavras foram sumindo, e ela balançou a cabeça. — Mas era só fofoca. Você sabe como essa cidade é. Boatos e rumores.

— Sei, sim. Mas, se ele estiver com alguém, vou rezar por ela. Porque ele estava tentando voltar comigo há menos de um dia. E ficou bem claro que ele

estava morrendo de ciúme da situação com o Alex.

— Homens — disse Keri, revirando os olhos. — É impossível viver com eles, mas é *possível* viver sem eles.

— Eu prefiro pensar que nem todos são tão ruins quanto o Cole. Alguns até parecem… — Olhei para Alex do outro lado da rua, saindo do restaurante. — Fofos.

Keri cutucou meu braço.

— Ai, nossa, você está apaixonada por ele, né?

— O quê? Não. Só estou… ele só… — Sorri para Keri e suspirei. — Divirta-se no leilão, tá?

Ela ergueu a cesta.

— Meu primeiro Lanche em Hillstack. Espero conseguir arrecadar algum dinheiro para a creche com salada de macarrão do mercado e sanduíches de presunto — brincou ela.

— Fala sério. Os homens vão fazer fila para comprar sua cesta.

E eu tinha certeza disso. Keri era uma mulher bonita, jovem. Fazia pouco tempo que ela havia completado 23 anos, e não era segredo que fazia sucesso entre os homens. Eles passavam na creche sem nem ter cachorro só para conversar com ela. O fato de que ela era uma das garotas mais legais da cidade também contava bastante. Sempre que havia um problema, Keri se oferecia para ajudar, não importava o que fosse.

— Tomara — disse ela. — Agora vou parar de te encher o saco para você ir falar com seu bofe.

Ela se despediu com um aceno de mão e foi se juntar aos outros se preparando para o leilão do piquenique. Mas, antes que eu conseguisse alcançar Alex, outro braço se entrelaçou ao meu e me puxou na direção oposta.

— Mas o que é que está acontecendo?! — bradou Avery, quase deslocando meu ombro. — Por que estou ouvindo fofocas dizendo que você está com o Alex Ramírez?

Ah, é.

Eu tinha me esquecido de contar para minhas irmãs.

Se Willow não estivesse por aí com Mordida de Cobra, ou seja lá qual for o nome dele, eu tinha certeza de que ela também me diria poucas e boas.

— Esqueci de… — comecei, mas ela me interrompeu.

— Yara Zuri Kingsley, nem tente me dizer que você se esqueceu de contar que estava saindo com aquele cara. Se você me disser isso, vou te deserdar como minha irmã.

— Tudo bem, tudo bem. Não vou dizer isso. Mas tudo aconteceu rápido demais, e não tive oportunidade de te contar que estou namorando o Alex.

— Porcaria nenhuma. Você não está namorando nada.

— Estou. Nós dois estamos *super*juntos.

Ela estreitou os olhos e apontou um dedo para mim, séria.

— Você está mentindo!

— O quê? — Eu ri e balancei a cabeça. — Não estou.

— Está. Você franze o nariz quando mente.

— Eu não faço isso — falei, me esforçando para manter o nariz imóvel.

— Aí! Você fez de novo! Desembucha. Conta a verdade.

Gemi, sabendo que não conseguiria enganar Avery. O restante da cidade? Claro. Minha irmã mais velha? Nem tanto.

— O Cole estava me enchendo o saco, aí convenci o Alex a fingir ser meu namorado para despistar o Cole em troca dos meus serviços.

— Ai, nossa — choramingou Avery, boquiaberta. — Minha irmã virou prostituta.

— O quê?! Claro que não!

— Você disse que ofereceu seus serviços! Se isso não for um esquema tipo chamar na chincha e abrir as pernas, não sei o que seria.

— Meus serviços para cachorro, sua maluca.

Avery arqueou uma sobrancelha.

— Isso é algum tipo de tara? Tipo usar coleira?

— Não! Estou tentando ajudá-lo a treinar o Feliz…

— Esse é o nome do pênis dele?

— Avery!

— Tudo bem, tudo bem, você não é prostituta. Continua.

— Estou treinando o cachorro que ele adotou há pouco tempo, o Feliz, e ele está fingindo ser meu namorado.

Avery franziu o cenho.

— Então não é de verdade?

Balancei a cabeça.

— Uma mentira deslavada.

Eu acho. Talvez.

Um suspiro ressoou por seus lábios.

— Que bom. Porque, se você estivesse namorando de verdade e eu ficasse sabendo pela fofoqueira da Mary Sue West, nós teríamos um problema sério, minha irmã. Mas ainda estou meio irritada por você não ter me contado do

relacionamento de mentira.

— Não se preocupa. Da próxima vez que eu arrumar um namorado de mentira, você será a primeira a saber. — Apontei para a cesta dela. — Você vai participar do leilão esse ano? Você nunca participa.

— Hum, sim, porque é degradante fazer mulheres subirem num palco e serem leiloadas para homens.

— Cuidado, você está falando que nem a Willow — brinquei.

— Às vezes, nossa irmã sabe o que diz. Ela é doida, mas sabe o que diz. Enfim, por algum motivo, o Wesley me pediu que participasse esse ano. Então, paciência. E é algo que me faz lembrar da mamãe, e tenho sentido saudade dela ultimamente, com toda essa história de noivado. Ir a Hillstack com o Wesley até que é meio fofo, já que foi lá que nossos pais se conheceram.

— É fofo mesmo.

Ela revirou os olhos.

— Que seja. É uma idiotice.

— Não é nenhuma idiotice. Eu acho bonitinho, e o anel é lindo. A mamãe teria adorado.

— Escuta, não quero chorar, então vou embora. Além do mais, seu namorado de mentira está vindo, e, pelo jeito como ele está olhando para você, talvez seja bom lembrá-lo de que vocês estão fingindo.

Olhei para trás e vi Alex se aproximando. Ele usava uma camiseta branca e calça jeans, lindo como sempre. Quanto mais se aproximava, mais aquele cheiro de mel, manteiga de cacau e carvalho se revelava. Nossa, eu adorava o cheiro dele.

— Me apresenta — sussurrou Avery.

— O quê? — perguntei, um pouco distraída com Alex se aproximando.

Avery resmungou, entrou na minha frente e lançou um olhar frio para Alex.

— Eu sou a Avery, a irmã mais velha da Yara.

Alex abriu um sorriso tenso e estendeu a mão para ela.

— Sou o Alex, o…

— Namorado de mentira, eu sei. — Ela apertou a mão dele com força demais. — Mas ainda quero deixar uma coisa bem explicada. Se você partir o coração da minha irmã, de verdade ou de mentira, vou arrebentar seus joelhos.

Alex começou a rir, mas rapidamente viu a seriedade no olhar dela. Então ele se virou para mim.

— Ela está brincando, né?

Dei de ombros.

— Ela é bem habilidosa com tacos de beisebol.

Alex engoliu em seco e se virou de novo para Avery.

— Prometo que vou cuidar dela.

Avery soltou a mão dele e bufou.

— Quase acredito em você. — Ela olhou para os bíceps de Alex e fechou as mãos ao redor deles. — Ótima forma. Quanto você pega de carga no agachamento?

— Avery — reclamei.

— O quê? Só estou tentando avaliar se eu sou mais forte do que ele — explicou ela. Eu a fitei com um olhar que pedia a ela que se comportasse, então minha irmã largou os braços de Alex. — Tudo bem, tudo bem. Vou embora. Mas não esquece, estou de olho em você — avisou ela.

— Eu não esperaria nada menos que isso — respondeu ele.

Ela começou a se afastar, então gesticulou para nós dois.

— Preciso admitir. Para um namoro de mentira, vocês ficam fofos juntos.

— É tudo por conta dela — disse Alex. — E a beleza parece ser de família.

— Só as irmãs West caem nesses elogios, Ramírez — respondeu Avery. — Se você quiser me impressionar, é só me dizer quanto peso levanta.

— Tchau, Avery! — gritei, rindo para mim mesma, porque sabia que ela estava falando a verdade.

Um dos passatempos favoritos de Avery era levantar mais peso que homens.

No instante em que ela saiu de vista, Alex balançou o corpo todo.

— Ela sabe como deixar um homem nervoso.

— Ela adoraria saber disso.

— Sua outra irmã também é assustadora assim? — perguntou ele.

— Ah, não, mas talvez ela tente te convencer a comer insetos ou alguma outra coisa esquisita. Ou entrar para uma seita. Com ela, nunca se sabe.

— Por que estou com a impressão de que as irmãs Kingsley dão trabalho?

— Nós somos no mínimo complexas. — Ergui minha cesta de piquenique. — Você está pronto para me escolher?

— Nasci para isso. Vamos? — perguntou ele, estendendo a mão para mim. — Achei que, se chegássemos ao festival de mãos dadas, chamaríamos atenção.

Minha mente entrou em parafuso quando segurei a mão dele. De algum jeito, seu toque esquentou meu corpo inteiro enquanto o ar de setembro arrepiava minha pele. Eu tinha sentido falta disso. Sentia falta de segurar a mão de alguém. Eu nem conseguia me lembrar da última vez que isso havia acontecido. Cole não gostava de andar de mãos dadas nem de qualquer demonstração pública de afeto.

Eu não me importava, principalmente porque não via problema em nada do que ele fazia. As coisas sempre tinham que ser como ele queria, e, com isso, deixei de lado muitas coisas de que gostava.

Como andar de mãos dadas.

Eu gostava dessa sensação.

Não.

Eu *adorava* essa sensação.

Adorava me sentir conectada com alguém, como se eu não soubesse onde meu toque terminava e o dele começava. Como se estivéssemos ligados, nos movendo em sincronia.

Antes de seguirmos, Alex soltou minha mão para ir para meu outro lado, pegou a cesta e segurou minha mão de novo. Ele queria se certificar de que eu andaria do lado de dentro da calçada.

E, naquele momento, antes da barulheira do festival preencher meus ouvidos, em silêncio, com leveza, sem hesitar, comecei a me apaixonar pelo homem que só deveria ser de faz de conta.

Faz de conta.

Espera.

E se ele só estivesse fingindo? E se os atos dele não fossem dele, mas de um roteiro que ele tinha inventado na própria cabeça para que nosso acordo parecesse verdadeiro para todo mundo ao nosso redor?

Pare de se apaixonar, coração, ordenei para mim mesma. *Isso não é real.*

O príncipe encantado que eu estava imaginando em Alex era exatamente isso — um conto de fadas. Uma história inventada, cheia de fábulas. Ainda assim, uma parte de mim se perguntava como seria se aquilo fosse de verdade. O toque dele ainda me aqueceria? Ele ainda iria querer segurar minha mão? Ele compraria minha cesta, mesmo sem eu pedir?

Ele faria tudo isso, disse meu coração.

Coração idiota e seus sentimentos.

Coração lindo e seus sentimentos.

— Goldie — sussurrou Alex, se aninhando mais a mim conforme nos aproximávamos da multidão.

Ele estava tão perto que, se nos aproximássemos um centímetro a mais, nosso peito se encostaria. Sua proximidade parecia errada do jeito mais certo do mundo.

— Oi — arfei, quase me esquecendo de que estávamos em público.

Sua boca roçou minha bochecha, e ele me deu um beijo leve, deixando seus

lábios se demorarem em minha pele, sensação que fez meu corpo inteiro se perder em sentimentos. Era um beijo tão delicado, tão íntimo, que quase virei a cabeça de leve para encostar minha boca na dele.

— Isso vai ser moleza — disse ele baixinho, sua voz grave e autoritária enquanto sua boca se movia na beira da minha orelha. — Se ele já se arrependia de ter perdido você, juro que ele vai se arrepender ainda mais depois que me vir te idolatrando — sussurrou Alex, sua boca agora na beira do lóbulo da minha orelha, que ele beijou e chupou antes de se afastar.

Fiquei paralisada, minha cabeça dando uma cambalhota enquanto meu corpo tentava decifrar as palavras que tinham saído da boca de Alex. Fiquei tentando entender o fato de ele ter chupado a minha orelha.

Nós estávamos fingindo. Não havia como negar isso, mas aquele momento? O carinho que ele tinha demonstrado? Aquilo parecia de verdade. Precisava ser de verdade. Precisava ser…

Alguém pigarreou.

Levantei o olhar e vi Cole parado na nossa frente.

Meu coração se apertou um pouco conforme voltei para a realidade.

Mentira. Os beijos, a intimidade, a proximidade. Era tudo de mentira. Uma encenação para Cole, que Alex devia ter visto se aproximando. Estava tudo bem, porque era exatamente isso que eu queria de Alex — um teatrinho. Eu só não esperava que ele fosse tão bom ator. *Esse escroto merecia um Oscar.*

Coração burro e seus sentimentos.

Coração emotivo e seus sentimentos.

Cole ignorou completamente Alex e olhou direto para mim enquanto estufava o peito. Ele deu um passo para a frente e segurou meu braço.

— Nós precisamos conversar, Yara — exigiu ele.

Desvencilhei meu braço dele.

— Não precisamos, não. E estou atrasada. Preciso ir para o leilão. — Fui pegar a cesta com Alex. Forcei um sorriso, apesar de minha cabeça continuar girando. — Obrigada por vir comigo. Eu te vejo na plateia.

Alex assentiu com a cabeça e me encarou com um olhar intenso, como se me perguntasse se eu estava bem.

Assenti também.

Estou bem, Alex. Foram só você e sua boca que me deixaram meio tonta.

— Eu disse que nós temos que conversar agora — insistiu Cole, me segurando de novo, agora com mais força.

— Ai! — gritei.

O som foi o suficiente para fazer Alex se colocar entre mim e Cole. Ele o empurrou, e Cole quase caiu.

— Presta atenção — rosnou Alex, o tom grave da sua voz ressoando entre os dentes.

— Quem você pensa que é? — rebateu Cole, sem recuar, apesar de ter vários centímetros a menos que Alex.

Como já tinha sido mencionado, oito centímetros faziam bastante diferença.

— Eu sou o cara que está te avisando para ir embora — declarou Alex, sério. — Se você encostar de novo na minha mulher, vou quebrar a sua cara.

Minha mulher.

Ah, eu estava ferrada.

— Você está mesmo ameaçando um policial? — brigou Cole, suas narinas dilatando-se conforme ele se aproximava de Alex.

Os dois pareciam gorilas prestes a bater no próprio peito.

— Não estou ameaçando, estou prometendo — respondeu Alex.

— Tudo bem, acho que já chega de testosterona. Alex, está tudo bem. Obrigada, mas está tudo bem. — Segurei seu braço para puxá-lo. Mas ele não cedeu. Permaneceu firme, encarando Cole com ódio no olhar. Aquilo também era mentira? Puxei seu braço de novo. — Você pode ir — falei.

Mesmo assim, nada. Cole também permaneceu imóvel.

— Alex — implorei, ficando na ponta dos pés. Rocei os lábios em sua orelha e sussurrei: — Por favor.

Seus olhos se fecharam quando toquei sua pele. Senti seu corpo inteiro relaxar quando ele encostou em mim, e, quando abriu os olhos, eles estavam calmos. A agressividade que ele demonstrara a Cole desapareceu quando se virou para me encarar.

Toquei sua bochecha e sorri.

— Aí está ele — sussurrei. Ele pareceu desorientado, mas esfregou o queixo com uma das mãos. — A gente se vê no leilão.

— Tudo bem — concordou ele.

Quando ele estava prestes a se afastar de mim, Cole disse:

— Isso, seja um bom menino e vai embora com o rabo entre as pernas.

Alex não se virou para encarar Cole. Em vez disso, ele passou um braço ao redor da minha cintura e me puxou para mais perto. Seu peito pressionou o meu, e ele levantou meu queixo com a mão livre. Seus olhos encontraram os meus em um misto de antecipação e desejo e tesão e… ele me beijou.

Fechei os olhos quando seus lábios encontraram os meus. Pressionei o corpo

na palma da mão que me segurava, sabendo que, se ele se afastasse, eu me derreteria em uma poça. Ele me beijou com tudo. Cada centímetro da sua existência encontrou aconchego nos meus lábios. Fiquei embriagada dele, do seu beijo, dos seus toques, de cada pedacinho dele. Ele podia ser o veneno da cidade, mas era meu remédio. Meu gato preto favorito.

Eu retribuí, lentamente abrindo sua boca com minha língua. Ele intensificou o beijo, sem deixar espaço para respirarmos, mas, de algum jeito, sua boca me mantinha viva. Meu corpo entrou no cio quando sua mão massageou minha lombar. Eu queria Alex. Eu queria o gosto dele pelo restante do dia, e pelo restante da noite também. Eu me sentia tonta e completa ao mesmo tempo. Alex mordiscou de leve meu lábio inferior antes de se afastar. E deu um último selinho na minha boca.

Eita.

Beijar também podia ser assim?

Caramba.

Era incrível perceber com 30 anos que ninguém nunca tinha me beijado. Aquela troca não tinha sido apenas a boca de Alex tocando a minha. Não. Tinha sido fogos de artifício explodindo por todo o meu corpo. Eu sentia aquele beijo vibrar até a ponta dos meus dedos do pé.

— Até logo — disse ele antes de me dar um tapa na bunda e passar direto por Cole.

Se aquela não fosse a melhor forma de pôr um ponto-final naquela conversa, eu não sabia o que seria.

CAPÍTULO 29
Alex

Yara Kingsley e seus lábios.

Eu estaria mentindo se dissesse que não fazia um tempo que sonhava com qual seria o gosto daquela mulher. Cole me deu a oportunidade perfeita de descobrir. Minha mente permaneceu capturada por aquele momento enquanto eu estava ali, parado no meio da multidão que se formava ao redor da torre do relógio na Main Street, onde o leilão acontecia.

Eu estava pronto para gastar o que fosse necessário para comprar a cesta de Yara. Assisti ao processo inteiro acontecer com algumas das mulheres que se apresentaram antes dela. Tatiana, obviamente, apresentava muito bem, falando com a multidão e leiloando cada cesta.

As mulheres posavam no palco com suas criações, e as pessoas começavam o leilão com lances baixos. Cinquenta dólares ali, cem acolá. Umas quinze cestas foram vendidas, então chegou a vez de Avery. Eu precisava admitir que a ideia de fazer um piquenique com ela me dava medo, porque haveria uma grande chance de eu sair dele com um olho roxo. Nada em Avery Kingsley parecia delicado, ao contrário de Yara. Ela era dura, firme, séria. Parecia um pouco comigo, na verdade. Ela devia ser o gato preto da família Kingsley.

Avery se sentou no banco no meio do palco, apoiando a cesta no colo. Quando Tatiana a apresentou, Avery pegou o microfone e disse:

— Só para deixar claro, acho que essa história toda é antiquada e meio degradante, mas feliz outono. Apoiem a creche de cachorros local e comecem a pagar suas dívidas com minha irmã, seus escr…

— Ceeerto, obrigada, Avery. — Tatiana sorriu ao puxar o microfone de volta e gesticulou para Avery. — Uma salva de palmas para Avery! Ela tem uma cesta linda, com uma fita amarela, esperando a companhia perfeita para dividi-la na colina hoje à noite, assistindo aos fogos. Vamos começar os lances com cinquenta dólares.

— Quinhentos — anunciou um cara, recebendo aplausos da multidão.

Ele piscou para Avery, e ela ficou meio tímida, o que não parecia ser normal para ela. Esse devia ser o cara que lhe dera aquela aliança imensa.

Confiante, ele já estava seguindo para buscar a cesta no palco quando uma outra voz ecoou de repente pela multidão.

— Mil.

Quando me virei, me deparei com Nathan Pierce de pé, com os braços cruzados sobre o peito largo. Ele usava um boné para trás e exibia um sorrisinho que fez os olhos de Avery se arregalarem.

O primeiro candidato pigarreou e se empertigou.

— Mil e quinhentos.

— Mil e setecentos — rebateu Nathan.

Suor começou a escorrer pela testa do cara enquanto ele esfregava a nuca com uma das mãos. Então ele levantou a mão.

— Dois mil.

Antes de Nathan responder, como parecia prestes a fazer, Avery arrancou o microfone de Tatiana e berrou:

— Vendido para Wesley por dois mil dólares!

Então ela saiu correndo do palco e se jogou nos braços do noivo.

O olhar no rosto de Nathan parecia intenso. Dava para perceber que ele e Avery tinham alguma conexão, apesar de eu não saber qual. Com certeza perguntaria a Yara sobre o assunto mais tarde — depois que eu ganhasse sua cesta.

Yara entrou no palco, era a última cesta da tarde a ser leiloada. Tatiana a apresentou e falou sobre a Cantinho Animal, fazendo um discurso sobre a história da creche e contando que Yara tinha assumido o comando depois da morte do dono anterior. Yara não devia gostar de ser o centro das atenções, porque notei que ela ficava cutucando as unhas enquanto Tatiana a enchia de elogios.

De canto de olho, notei Cole parando ao meu lado, determinado a me vencer. Ele me lançou um olhar frio, mas o ignorei. Não tirei os olhos do prêmio. Não tirei os olhos dela.

Quando ela analisou a plateia, seus olhos castanhos encontraram os meus. Abri um sorriso discreto. Eu vinha dando muitos desses perto dela — sorrisos.

— Acho que, para uma moça tão especial, com uma cesta tão especial, deveríamos começar os lances com duzentos dólares, certo? — sugeriu Tatiana.

Cole ameaçou se levantar para dar o primeiro lance, mas eu falei em alto e bom som antes de ele conseguir abrir a boca.

— Vinte mil.

Todo mundo arfou de choque, e eu tinha quase certeza de que ouvi Yara murmurar seu primeiro palavrão.

Ela agarrou o microfone de Tatiana.

— Ele não está falando sério, pessoal, não se preocupem.

— Eu estou falando sério, sim — corrigi. A mão de Cole baixou no mesmo instante, um sinal claro de que ele não iria me enfrentar. — Vinte mil dólares.

Antes que Yara pudesse se meter de novo, Tatiana agarrou o microfone e disse:

— Vendido para o moço bonito que faz as melhores empanadas da cidade.

— Ai, nossa, qual é o seu problema? — gritou Yara com os olhos arregalados.

Seu choque era mais do que o suficiente para compensar cada centavo. Mal sabia ela que eu estava pronto para gastar cinquenta mil dólares. Todo ano, eu fazia uma doação para uma boa causa, e não conseguia pensar em nenhuma melhor do que a de Yara. Além do mais, o olhar de derrota na cara de Cole era suficiente para fazer tudo valer a pena.

— Você acabou de jogar dinheiro fora — declarou Cole, rabugento, ao passar por mim. — Passei anos comendo a cesta dela. Não vale a pena.

— Imagino que ela tenha se tornado cara demais para você conseguir bancar — falei.

Ele saiu batendo os pés, o rosto vermelho como um tomate.

— Obrigada a todos pelas doações! E, por favor, continuem na festa. Todas as barracas do festival vão doar dez por cento do lucro para a Cantinho Animal, então gastem seu dinheiro por uma boa causa — disse Tatiana. — E para todas as moças do piquenique, podem ir escolher um lugar para assistir aos fogos sob as estrelas. Hillstack está aberta para as toalhas de piquenique.

Yara saiu do palco e veio rápido na minha direção. No instante em que me viu, deu um empurrão no meu ombro.

— Você está maluco?

— Estou bem são, na verdade, obrigado por perguntar.

— É sério, Alex. É dinheiro demais.

— Você merece. Não tem problema.

— Tem, sim. Não posso deixar você fazer isso.

Enfiei as mãos nos bolsos da calça e dei de ombros.

— Azar o seu, Goldie. Agora já era.

Seus olhos brilharam de emoção, e ela mordeu o lábio inferior.

— Você nem imagina o quanto isso vai me ajudar. Não tenho palavras… mas…

— Não chora — sussurrei, chegando mais perto. — Odeio quando você chora.

— Azar o seu, cara. Eu choro por tudo. Dia desses, assisti a um comercial em que um passarinho morria e chorei de soluçar. Depois assisti ao clipe de "Wish You the Best", do Lewis Capaldi, e me debulhei tanto em lágrimas que fiquei com medo de perder um pulmão de tão irregular que ficou minha respiração. Aí assisti ao clipe de novo. Eu. Sou. Chorona — arfou ela, com lágrimas escorrendo pelos olhos.

— Tudo bem. Mas, se você chorar — falei, passando o polegar por sua bochecha —, vai ter que me aguentar secando suas lágrimas.

— Justo.

Eu queria beijá-la de novo. Eu não parava de querer beijá-la. Eu queria que sua boca encontrasse a minha, e que sua língua encontrasse a minha também. Eu queria sentir o gosto dela, envolvê-la em meus braços, e…

— Tá, tudo bem, preciso arrumar nosso piquenique — disse ela, interrompendo meus pensamentos, que não deviam existir. — Me encontra em Hillstack às sete.

— Como vou te encontrar?

— Confia em mim. — Ela sorriu. Balançando o quadril de um lado para o outro, ela estava feliz da vida. — Vai ser fácil. Até logo. — Ela começou a se afastar, e meus olhos seguiram diretamente para sua metade inferior. — Ah, e, Alex?

Ela se virou rápido e me flagrou. Fui pego.

Pigarreei e redirecionei meu olhar para seu rosto.

— Oi.

— Aquele beijo. — Suas covinhas se aprofundaram, e ela articulou "*Ai, meu Deus*" com a boca, colocando a mão sobre o peito antes de voltar a se afastar. — E para de olhar para minha bunda — disse ela.

Eu não iria parar.

Eu não conseguiria parar.

Mas ela estava certa sobre uma coisa.

Aquele beijo.

Quando Yara disse que seria fácil encontrá-la, não estava mentindo. Enquanto eu subia a colina para encontrá-la, vi um letreiro de balões que dizia: "Feliz aniversário de 35 anos!" Na frente dos balões, havia dois presentes embrulhados, e Yara estava sorridente dentro da cesta, usando um vestido rosa-claro.

— Feliz aniversário! — exclamou ela, jogando as mãos para o alto enquanto se levantava com um salto. Ela veio correndo e me deu um abraço. — Isso é, com

um dia de atraso.

Seu abraço parecia tão familiar que era como se eu tivesse passado a vida inteira a abraçando. Quando ela começou a se afastar, puxei-a para mais perto. Eu só precisava de mais alguns minutos dela nos meus braços. Ela cheirava a rosas. Seu cabelo, seu pescoço. Eu queria inalá-la pelo tempo que fosse possível.

— Você não precisava fazer nada disso — sussurrei, apoiando o queixo no topo da sua cabeça. — Mas obrigado.

— Aniversários são importantes. A gente precisa comemorar cada um. Agora, vem, senta. Preparei um cardápio bem impressionante para vinte mil dólares, na minha opinião.

Eu me sentei na toalha.

Ela se sentou ao meu lado e bateu palmas.

— Na verdade, quero te dar os presentes primeiro.

— Você não precisava me dar presentes.

— Aniversários são sinônimo de presentes, Alex. — Ela pegou a primeira caixa e a estendeu na minha direção. — Feliz aniversário — repetiu ela.

Eu sorri.

— Você é ridícula.

— Acho que você gosta um pouquinho disso.

Um pouquinho.

Talvez.

Comecei a desembrulhar o presente, e sorri quando vi o que havia lá dentro.

— Tênis, hein?

— Achei que seria bom eu substituir aqueles da nossa primeira conversa. Descobri seu tamanho enquanto cuidava do Feliz.

— Que sorrateira, Goldie!

— Sou ótima para escolher presentes, o que me leva ao próximo.

Ela me deu a caixa menor.

Peguei e encontrei uma corrente de ouro com um pequeno pingente com algo dentro.

Arqueei uma sobrancelha.

— O que é isso?

— Sal — respondeu ela. — Para você se lembrar da sua tia-avó Teresa. Você disse que ela era o sal da sua vida, então achei que seria legal você ter um lembrete desse sal pendurado no pescoço.

Fiquei em silêncio. Minha mente pareceu desligar enquanto eu encarava o pingente.

Yara tocou meu antebraço.

— Ah, desculpa. Eu não queria te deixar chateado. Se você detestou, não precisa…

— Obrigado — falei com a voz embargada, segurando as lágrimas que queriam inundar meus olhos. — Esse é o presente mais incrível que já me deram.

— Achei que seria legal.

— É mais do que legal. É tudo. Obrigado, Yara.

— De nada.

Eu queria beijá-la de novo.

E de novo.

E de novo.

Nosso momento foi interrompido quando um fotógrafo se aproximou e levantou a câmera.

— Oi, desculpa! Eu queria tirar uma foto do casal para a matéria do jornal sobre o festival.

— É claro — concordou Yara.

Sem pensar, eu a puxei para meu colo, passei os braços ao seu redor. Ela parecia meio surpresa com minhas ações, mas sussurrei em seu ouvido:

— Para o namoro de mentira.

— Ah…

Ela assentiu devagar com a cabeça, se aninhando no meu colo.

Mas me esqueci de contar para ela a parte que era verdade. A parte em que eu secretamente só queria segurá-la em meus braços. Em que eu ansiava pelo seu toque. Em que eu queria que ela ficasse comigo até o sol se pôr e nascer de novo.

Tiramos a foto, e beijei sua bochecha quando o flash disparou.

O fotógrafo sorriu.

— É legal ver um casal tão feliz. Vocês ficam ótimos juntos. Valeu!

Ele saiu apressado, e Yara virou o corpo de leve para me encarar.

— Você ouviu? Nós ficamos ótimos juntos.

Rocei o nariz contra o dela e sussurrei:

— Só por sua causa.

Ela franziu o nariz e sorriu, seus lábios tão perto dos meus.

— Só por sua causa — respondeu ela.

Nós.

Mesmo que fosse um faz de conta, nós éramos nós.

Sua boca roçou na minha por um instante, mas ela subitamente balançou a cabeça e saiu do meu colo.

— Desculpa. É faz de conta. — Ela deu uma risada nervosa. — Quase esqueci.

Ah, como eu queria que ela tivesse esquecido.

Ela foi até a cesta de piquenique e pegou os quitutes que tinha preparado.

— É uma tábua de frios, à la Yara.

Eu ri ao observar a seleção. Biscoitos de água e sal e cream cheese. Só isso. Mais nada.

Vinte mil dólares muito bem gastos.

Eles também vinham com o sorriso bobo dela, cheio de alegria.

Só por isso, eu pagaria o dobro.

Passamos o restante da noite sob as estrelas. Ela me contou histórias da sua vida, e contei algumas das minhas.

— Minha mãe começou a tradição das tigelas de água para as lojas — explicou ela, deitando-se de costas com as mãos atrás da cabeça, olhando para as estrelas. — Ela as fazia na Cerâmica da Pat. Depois que ela faleceu, quando eu tinha 8 anos, continuei fazendo as tigelas para as novas lojas da cidade.

Eu me sentei.

— Você fez aquela que eu quebrei por causa de uma tradição que sua mãe começou?

Ela assentiu.

— Aham. Foi por isso que eu disse que não era só uma tigela.

Eu me remexi e virei o corpo na direção dela.

— Yara, eu…

— Não precisa pedir desculpa — insistiu ela. — Você já pediu.

— Isso foi antes de eu saber a história por trás de tudo. Aquilo era importante, e eu estraguei tudo. Sinto muito, de verdade.

— Alex, vou dizer isso pela última vez, só para você acreditar em mim no fundo da sua alma. Eu te perdoei. Por todos os problemas que tivemos. Nós estamos bem. — Ela se levantou. — Quase me esqueci da sobremesa. Fica aqui. Vi que a Hadley está vendendo tortas de pêssego no festival, e acho que você precisa provar a melhor torta do mundo. Já volto.

Ela saiu correndo, e fiquei olhando enquanto ela desaparecia nas luzes do festival.



CAPÍTULO 30
Yara

Depois de comprar a torta de pêssego, peguei dois garfos de plástico e já estava voltando, toda feliz. Meu coração não tinha parado de bater acelerado desde que nos sentamos lado a lado na toalha. Tudo que eu descobria sobre ele parecia um agrado. Um homem antes tão duro agora se abria para mim. Passo a passo, ele vinha me mostrando sua alma, e eu adorava o que encontrava.

— Yara.

Eu me virei e dei de cara com Cole.

Isso bastou para a sensação de estar flutuando desaparecer. Lá veio Cole — o destruidor da alegria.

— Não tenho tempo para conversar, Cole — falei, dando um passo para a frente.

Ele correu para o meu lado e balançou a cabeça.

— Não, espera. Eu só… preciso falar com você.

Suspirei e me virei para ele.

— Você não está cansado disso, Cole? Dessa perseguição. Não quero mais estar com você. Não sinto mais nada por você, e…

— Na primeira vez, foi com uma desconhecida. Ela estava passando pela cidade no fim de uma noite, e parei o carro dela. Ela não queria receber uma multa, e, bom, o resumo da ópera foi que transamos no banco de trás do carro.

Estreitei os olhos.

— O que você está fazendo?

— Na segunda vez, foi com a Lori, mas foi um erro. Nós estávamos bêbados e fomos idiotas. Só aconteceu uma vez.

— Cole. Para de falar — insisti, me sentindo enojada com as informações que ele revelava. — Não quero saber…

— Mas era principalmente com a Keri — continuou ele, me fazendo engolir as palavras.

Inclinei a cabeça, confusa.

— A Keri?

Ele assentiu com a cabeça.

— Foi com ela que eu tive um caso. Por anos, na verdade. Passei muito tempo achando que você ficaria magoada se soubesse a verdade, mas então caiu a ficha de que você me perguntou várias vezes quem era a outra mulher, e eu menti. Não queria te magoar. Mas ver você fazendo isso tudo com o Alex só para chamar minha atenção, só para me incomodar, entendi que você ainda se importa. Então achei melhor ser sincero e te contar. Era a Keri.

— Não — falei com a voz embargada, meus olhos ardendo com as lágrimas que se formavam. — Não era.

— Era. — Ele fez que sim com a cabeça. — Era. Quer dizer, ela ainda quer ficar comigo, mas falei que não estava interessado. Só quero você. E…

Saí andando, desnorteada. Confusa. Magoada. Com raiva. Traída. E me sentindo meio suja. Como se Cole tivesse acabado de esfregar seus pecados na minha cara, tentando arrancar um pouquinho mais de sofrimento do meu coração. Tentando me apunhalar com as mesmas facas que estava afiando havia meses. E eu odiava que estivesse doendo tanto. Eu odiava o fato de ele ter me ferido. Eu odiava que minha mente tinha entrado em parafuso, pensando no fato de Keri ter feito parte da minha vida nos últimos anos, fingindo ser minha amiga. Fingindo se importar. Fingindo não ser uma mulher cruel a quem eu dava emprego.

— Yar — chamou Cole, segurando meu ombro.

— Não — bradei entre os dentes, me afastando rápido do seu toque. Apontei um dedo para ele. — Nunca mais encosta em mim, Cole. É sério. Nunca mais fala comigo — alertei.

Lágrimas escorriam pelo meu rosto, e detestei que ele as visse. Eu sentia como se estivesse dando algum prazer a ele, demonstrando meu sofrimento. Ele provavelmente sentia prazer em saber que ainda conseguia me magoar, mesmo depois de eu ter ido embora. Que ainda era capaz de me apunhalar tão fundo e torcer a faca.

Mas não era por causa dele que eu estava sofrendo.

Era por causa dela.

Subi a colina de novo, com lágrimas escorrendo pelas minhas bochechas. Antes de alcançar Alex, parei na frente do piquenique de Keri. Ela estava rindo, despreocupada, jogando a cabeça para trás, linda como nunca.

Quando olhou para mim, exibia um sorriso no rosto. Até encontrar meu olhar. Sua expressão mudou quando ela se levantou.

— Yara, eu… eu posso explicar — começou ela.

— Você está demitida — anunciei em meio às lágrimas. Meu coração parecia ter sido arrancado do peito, martelando enquanto eu olhava dentro dos olhos dela que antes pareciam tão amigáveis. — Some da creche e da minha vida — falei.

Ela começou a chorar, e eu queria que ela se afogasse em suas lágrimas, porque como alguém era capaz de ser tão egoísta? Como alguém era capaz de ser tão diabólico a ponto de estar todo dia com outra pessoa fingindo que não estava fazendo a pior coisa do mundo?

— Desculpa — choramingou ela. — Desculpa mesmo.

Mas eu sabia que era um pedido de desculpa vazio, porque ela só o oferecera depois de ser descoberta.

Segui para minha toalha com Alex. Meu corpo começou a desligar, e tudo ficou embaçado. Quando parei diante dele, meus joelhos pareciam fracos. Assim que me viu, ele se levantou.

— Yara, o que houve? — perguntou ele, alerta.

Eu me sentia tonta. Eu me sentia enjoada. Parecia que eu estava prestes a desmaiar.

Todo mundo estava olhando para mim. Dava para sentir os olhares. Todo mundo me encarava e me julgava. Não tinha como fugir. Minha mente estava perdida demais para que eu conseguisse me mover.

— Eu, eu, eu acho que, que estou, que estou tendo… — tentei forçar as palavras, e a torta caiu das minhas mãos trêmulas.

Minha voz soava falha e trêmula, como meu coração.

— Um ataque de pânico — disse Alex, segurando minhas mãos. — Você está tendo um ataque de pânico.

Sim, pensei. *Isso mesmo.*

Minhas pernas estavam prestes a ceder, mas Alex me segurou. Assumiu as rédeas da situação e me carregou até o pé da colina. Ele atravessou o festival enquanto as pessoas me encaravam. Enquanto me julgavam. Enquanto sussurravam sobre o que estava acontecendo.

Ele me levou para o restaurante, para a cozinha. Quando chegamos, ele abriu a câmara frigorífica imensa e nos levou lá para dentro.

— Eu… eu não consigo respirar — sussurrei, ainda tremendo.

Ainda desmoronando. Ainda me partindo em mil pedaços.

— Consegue, e vai. Só vai devagar, Goldie. Estou aqui — disse ele, me envolvendo em seus braços. — Vai devagar.

Desabei sobre seu peito enquanto ele me abraçava.

A câmara frigorífica gelada relaxou meu corpo superaquecido enquanto eu permanecia apoiada em Alex. Ele me abraçava tão forte que, mesmo se eu quisesse cair no chão, seria impossível. Eu me sentia envergonhada e humilhada por ele me ver naquele estado de pânico.

Eu não mostrava meus piores momentos para os outros.

Eu exibia um sorriso para o mundo. Eu tinha ataques de pânico na intimidade do meu lar e da minha sala na creche quando as portas estavam fechadas. Nunca na frente dos outros. Sempre sozinha. Eu tinha passado tanto tempo enfrentando meus momentos de pânico sozinha que nem sabia que poderia haver um lugar seguro fora de mim para desmoronar. Eu não sabia que poderia me despedaçar na frente dos outros. Não sabia que outras pessoas podiam me segurar enquanto eu caía.

Eu queria pedir desculpa a Alex. Queria dizer a ele que aquela não era eu, que eu não era a mulher destruída que desabava, mas, em vez disso, chorei no ombro que ele me ofereceu.

— Des-desculpa — falei, engasgada.

— Shh, você está bem. Só vai devagar — repetiu ele. — Está tudo bem. Você pode desmoronar aqui. Vou juntar seus caquinhos.

Isso acabou comigo.

Quando ele disse que eu podia me soltar, parei de me segurar.

Ele me apoiou o tempo todo.

A cada lágrima, a cada lamento, a cada rachadura, ele permaneceu ali.

Após minutos de choro, nós nos sentamos no chão da câmara frigorífica. Fiquei brincando com as mãos, ainda um pouco envergonhada enquanto contava o que tinha acontecido entre Cole e Keri.

— Eu detesto a grande maioria dos seres humanos — disse Alex. — Mas, agora, eles estão no topo da minha lista.

— Pois é — concordei. — Da minha também. Não me entenda mal, eu já detestava o Cole. Mas a Keri… ela sorria para mim todos os dias enquanto estava tendo um caso com ele, e todos os dias depois. Chorei nos braços dela por causa disso. Ela me consolou. Isso é de uma crueldade enorme.

Por muito tempo, eu achei que era Lori. No meu cérebro, fazia sentido que fosse com ela que Cole me traía. Era uma teoria que parecia lógica para mim. Mas Keri, não.

— Nunca vou entender pessoas assim.

— Nem eu. — Sequei os olhos e ri baixinho. — Eu nunca tinha chorado na

frente de outra pessoa desse jeito. Costumo esconder minhas mágoas.

— Preciso admitir que, por um tempo, achei que você não fosse capaz de ficar arrasada desse jeito. Você se mostra sempre tão plena…

— Bom, pois é. Pessoas que gostam de agradar os outros aprendem a não mostrar quando estão mal. A gente fica com medo de isso afastar as pessoas. Agora, por exemplo, estou com medo de você ter visto demais e querer se afastar.

Ele segurou minha mão.

— Eu estou aqui, Goldie. Você não me assustou.

Tentei forçar um sorriso, mas ele falou que eu não precisava fingir nada. Eu não precisava usar uma máscara com ele naquela noite. Eu podia ser apenas eu — o bom, o ruim e o falho.

Olhei ao meu redor para a câmara frigorífica.

— Preciso admitir que esse lugar é bem útil para ataques de pânico. Meu corpo estava quente demais e esfriou rapidinho.

— É, ele tem esse efeito.

Ergui as sobrancelhas.

— Quantos ataques de pânico você já teve aqui?

Alex franziu a testa e deu de ombros.

— O suficiente para saber que o ar frio ajuda.

Meu pobre gato preto…

Esfreguei as mãos.

— Olha só para nós. Duas pessoas magoadas, sentadas num frigorífico, lidando com seus traumas.

Ele riu.

— Quem diria que estaríamos aqui um dia? Mas achei legal ver esse lado seu.

Eu ri e revirei os olhos.

— Que lado? O magoado?

— Não — explicou ele. — O lado real.

CAPÍTULO 31
Alex

Minha foto com Yara estampou a capa do jornal de Honey Creek, e nos tornamos inseparáveis depois do Lanche em Hillstack. Vê-la se abrir para mim, confiar em mim o suficiente para ampará-la em um momento difícil, me deu vontade de fazer o mesmo com ela. Eu queria compartilhar meus dias bons e ruins. Queria contar as coisas que guardava só para mim. Queria mostrar mais de mim como ela havia mostrado de si mesma.

Estar perto dela fazia com que eu me sentisse melhor. Estar perto dela me ajudava a ser eu mesmo de novo.

Entre os treinos de Feliz, os passeios no parcão e as atividades do namoro de mentira, nós passávamos mais tempo juntos do que separados. E eu não estava nem um pouco incomodado com isso. Estar com ela fazia os dias cansativos parecerem menos difíceis.

Mas não era só o cachorro que precisava aprender a mudar de comportamento. Em uma manhã, enquanto colhíamos maçãs, precisei me sentar com ela durante o passeio para termos uma conversa.

— Encontrei com a Avery no outro dia, e ela me disse que você está deixando as pessoas te roubarem.

— Desde quando você e a Avery conversam?

— Desde que ela me disse que você está sendo feita de boba pelos clientes da creche, mas que não escuta suas irmãs quando elas dizem que você precisa cobrar as dívidas com um porrete.

Ela riu, e quis beijar cada uma de suas covinhas.

— Não tem problema. O festival me ajudou bastante.

— E depois disso? — perguntei. — Depois que o dinheiro acabar? Yara, não dá para você continuar assim. Então sou eu quem vai te treinar agora. — Segurei os ombros dela e olhei no fundo dos seus olhos. — Nós vamos treinar como mandar as pessoas à merda. Eu vou ser o cliente, e você será uma versão sua parecida comigo.

Ela ergueu uma sobrancelha.

— Você quer que eu seja um gato preto?

— Exatamente!

Ela girou os ombros para trás e se remexeu um pouco.

— Beleza, entendi. Eu consigo. Vamos lá.

Esfreguei as mãos e franzi a testa.

— Oi, Yara. Sei que estou te devendo quase mil dólares. Mas, sabe, o amante da melhor amiga da minha avó, o Lloyd, precisa colocar uma prótese no quadril, e…

— Ai, nossa, o Lloyd vai ficar bem?! — interrompeu-me ela.

Apontei um dedo para ela, sério.

— Yara, não.

Ela fez beicinho.

— Ah, é. — Ela pigarreou e estufou o peito. — Sinto muito sobre o Lloyd, e vou torcer por ele.

Dei uma batidinha no joelho dela.

— Bom, querida, sua torcida não vai pagar pelo quadril do Lloyd. Sabe, essa será a décima quinta operação dele nas últimas cinco semanas, coitadinho. E é a última, a que vai finalmente deixá-lo curado da ponta dos pés até o último fio de cabelo.

Os olhos dela brilharam de emoção por conta de um personagem fictício.

— Coitado do Lloyd!

— Goldie!

— O quê? Desculpa, mas foram tantas cirurgias, e…

— Goldie.

Ela suspirou.

— Sinto muito por você estar passando por isso, mas, se eu quiser que a creche continue aberta, preciso cobrar pelos nossos serviços.

Eu me inclinei para a frente e sussurrei:

— E eu, Yara, sei que meus serviços valem o que cobro.

Ela assentiu com a cabeça e repetiu minhas palavras:

— E eu, Yara, sei que meus serviços valem o que cobro.

Sussurrei de novo:

— Agora, seu pão-duro, acho melhor você me pagar antes que eu chame a minha irmã para te dar uma surra.

Ela riu.

— Não vou dizer isso.

— Mas devia.

— Vou pensar no assunto.

Voltei a me inclinar para trás.

— É sério, Yara. Para de deixar essas pessoas se aproveitarem de você. Seja firme. Seja direta. Seja ousada. E, quando elas tentarem te abalar, permaneça forte. Não ceda.

— Não ceda. — Ela assentiu e segurou minhas mãos. — Agora que resolvemos esse assunto, posso fazer uma pergunta muito importante e muito séria, Sr. Gato?

— Claro.

Ela chegou mais perto e olhou nos meus olhos.

— Podemos comprar abóboras depois que terminarmos aqui e ir para casa entalhá-las? E depois você pode fazer uma sobremesa gostosa com as maçãs? E depois podemos assar as sementes das abóboras?

Eu ri.

— Essa é sua pergunta séria?

— Sim. Muito séria. Mas eu sei que nosso namoro de mentira devia se limitar a atividades externas e tal, mas… Achei que, mesmo sendo só amigos, a gente podia ter encontros de amigos em casa.

Amigos.

Por que aquela palavra era tão dolorosa? Quando meu coração tinha mudado de ideia sobre ela? Um dia, achava que a ideia de Yara era ridícula. Agora, eu não conseguia mais imaginar uma manhã sem ela batendo à minha porta para passear. Não conseguia imaginar não ver seu sorriso, não ouvir sua risada, não segurar sua mão — isso tudo sendo de mentira ou não.

Eu gostava dela.

Eu gostava tanto dela que tinha vontade de vomitar, porque sabia que nós só estávamos tentando fazer Cole parar de encher seu saco. Só que, em algum momento, o faz de conta começou a parecer verdadeiro demais.

Por outro lado, eu tinha minhas dúvidas se, para mim, aquilo em algum momento tinha sido mentira.

Eu gostava de Yara Kingsley, e lá estava ela, me chamando de amigo.

Que tal uma punhalada no coração?

Do jeito como eu me sentia, mais parecia que ela havia me chamado de arqui-inimigo. Ela havia deixado claro que eu era seu amigo enquanto eu só queria levá-la para meu apartamento, enrolá-la nos meus lençóis e ficar lá com ela até amanhecer.

Mais tarde naquela noite, tiramos a polpa das abóboras e a jogamos sobre o jornal que cobria a mesa de centro de Yara. A torta de maçã crocante que eu tinha preparado antes de nossa empreitada artística já estava assando no forno. A minha abóbora deveria ser um golden retriever, e a dela, um gato preto.

Era nítido que Yara tinha ficado com o desenho mais fácil. Meu cachorro ficaria ridículo.

— Então, o próximo fim de semana é o casamento do Noah — comentou Yara enquanto entalhava a abóbora.

— Aham.

— Estou nervosa — confessou ela.

— Nervosa?

— Sim. Quanto mais você me conta, mais chique parece.

— Não vou mentir. A Mandy e o Noah são pessoas bem chiques. E eles convidaram umas quatrocentas pessoas, o que parece loucura para mim. O meu casamento teria, tipo… duas pessoas. Mas meu melhor amigo sociável é assim mesmo. Ele é meu amigo golden retriever.

Ela sorriu.

— No fundo, vocês, gatos pretos, vivem procurando por nós.

— Não. São vocês que saem correndo por aí e acabam nos atropelando.

— Isso… faz sentido.

— Mas você não precisa ficar nervosa. A festa vai ser incrível.

— Não tenho dúvida disso. O casamento chique de um chef chique em uma mansão chique de Chicago? Tenho quase certeza de que sonho com experiências parecidas. Já consigo imaginar a comida incrível que será servida.

Eu ri.

— Vai ser o paraíso dos apreciadores de comida, isso é certo. Vai ter um jantar na noite de sexta, e o casamento será no sábado. Como preciso estar lá no dia anterior, vou mandar um carro vir te buscar.

— Ah, não, não precisa. Posso ir no meu carro. Também posso chegar mais cedo para resolver qualquer problema, caso precisem de ajuda.

— Tem certeza?

— Claro. Sempre tem alguma coisa para ser resolvida em cima da hora. É bom ter alguém de prontidão. Um fim de semana extravagante. — Ela fingiu desmaiar. — Só espero que meu vestido faça jus a você. Estou preocupada com o que vou vestir e como devo me comportar perto de pessoas assim.

— É só você ser exatamente quem é. É impossível não gostarem de você. E qualquer roupa vai ficar perfeita — falei. — Vou ter muita sorte de estar lá com

você.

Uma risada nervosa escapou dos lábios dela enquanto seus olhos encaravam o carpete.

— É o Alex namorado de mentira ou o Alex amigo de verdade que acha isso?

Eu sorri.

— Os dois.

O olhar dela me encontrou com uma seriedade inédita.

— É meio triste, né? — perguntou ela, limpando a abóbora das unhas.

— O quê?

— Eu disse que nosso namoro de mentira duraria dois meses, e outubro está quase acabando. O casamento vai ser nosso último evento juntos, e já está chegando. Então o namoro de mentira vai acabar. O casamento é meio que a festa de despedida dessa situação ridícula.

Ela tentou rir, mas o som foi tomado por um toque de tristeza.

Ela estava triste por nosso namoro de mentira estar acabando?

Porque eu estava.

Eu nem queria pensar no dia em que não poderia mais chamá-la de minha — mesmo que de mentira. Mesmo que ela nunca tivesse sido minha de verdade. A ideia de não poder mais segurá-la em meus braços sempre que eu quisesse ou de beijá-la quando os outros estavam olhando começava a me incomodar. Eu só precisava de um pouquinho mais.

Mais momentos com ela. Mais momentos com a gente. Mais Yara Kingsley.

E eu não queria ficar com ela só quando estávamos em público. Não. Eu queria beijá-la no escuro, quando não havia mais ninguém por perto. Eu queria sussurrar ao pé do seu ouvido quando as pessoas não estivessem olhando. Eu queria procurá-la nos meus dias ruins, porque ela sempre os tornava bons. Eu queria tê-la comigo não apenas em público, mas também na minha vida particular.

Só que, se mudássemos as coisas, se transformássemos a mentira em algo de verdade, teríamos que entender todo um mundo novo.

Se nós fôssemos de verdade, nosso coração poderia ser partido um dia.

Se nós fôssemos de verdade, ela poderia ir embora. Eu estava tão cansado de pessoas indo embora.

E só esse medo era suficiente para me deixar paralisado.

CAPÍTULO 32
Yara

Mesmo que eu quisesse, tinha minhas dúvidas se seria possível não me apaixonar cada vez mais por Alex, levando em consideração todos os sentimentos que ele despertava em mim.

Tantos sentimentos…

Sentimentos e Alejandro Ramírez.

— Só estou dizendo que fazer macarrão de caixinha não é cozinhar, Yara — explicou Alex enquanto fazíamos nossa visita à feira de domingo.

Ele segurava a guia de Feliz, e eu, a de Cacau. Eu tinha dito para Cole que passaríamos um tempo sem trocar Cacau. Eu não gostava da ideia de deixá-la com ele — bem, com a mãe dele —, ainda mais depois do que havia acontecido. Ele não reclamou muito. Estava claro que ele só pegava Cacau para me incomodar, não porque gostava dela.

— Eu acho que é cozinhar. E até diria que é uma culinária sofisticada — comentei enquanto ele inspecionava uma caixa de ovos.

— Pensei em preparar café da manhã para o nosso jantar. Talvez uma tortilla espanhola com bacon e ovos mexidos — sugeriu ele.

Você pode mexer nos meus ovos quando quiser, Alex Ramírez.

Pigarreei, tentando não me perder em pensamentos.

— Tudo bem. Se você realmente não quiser meu macarrão de caixinha.

— Não quero.

Dei de ombros.

— Eu acho meu macarrão tão gostoso quanto qualquer coisa no Isla Iberia.

Ele estreitou os olhos e me encarou, sério.

— Retire o que disse.

— Jamais.

Ele resmungou e murmurou baixinho.

— Vamos nos dividir, porque já estão fechando algumas barracas. Precisamos de mais algumas coisas. Também preciso dar um tempo de você e dessa

comparação absurda. Você pode ir comprar as batatas. Vou comprar os temperos. Me encontra na barraca de tomates, e então vamos embora.

— Combinado. E, se você encontrar aquela bala, candy corn, por aí, compra um saco para mim!

— Essa bala é coisa de gente maluca.

Joguei as mãos para o alto.

— Então eu sou psicótica!

Ele riu e então foi para o outro lado. Sempre que eu o fazia rir, sentia que havia conquistado um pouquinho mais do seu coração.

Enquanto eu pegava os últimos ingredientes, fui abordada pelas três mulheres da Noite da Fofoca, que pareciam decepcionadas ao me ver. Eu me esforcei para não ficar nervosa.

Rory sorriu, enquanto as outras duas fizeram o completo oposto. Rory abriu a boca para falar, mas Lori se meteu na frente.

— Como você tem coragem de impedir o Cole de ficar com o cachorro dele? Que infantilidade, Yara.

— Por mais estranho que pareça, eu não pedi a sua opinião, Lori — falei enquanto pegava as batatas e tentava ir embora.

— O Cole tinha razão. Você está mesmo desesperada — disse ela, me fazendo parar. — Quer dizer, dar para o dono do restaurante só porque ninguém te quer só pode ser um sinal de desespero.

— Lori, calma — pediu Rory. — Vamos embora.

— Não. Estou cansada de todo mundo fingir que não há nada de errado nisso. O jeito como ela fica esfregando esse homem na cara do coitadinho do Cole é nojento — continuou Lori.

— Coitadinho do Cole? — sibilei, sentindo a raiva aumentar. Eu estava cansada de Lori e suas críticas. Ela parecia tão chateada por Cole que perdi a cabeça. — Ele me traiu, Lori, e sei que você sabe com quem. Então me perdoe se eu não sinto pena dele nem me importo com a sua opinião.

Lori revirou os olhos.

— Ele só fez isso porque queria chamar sua atenção, mas você estava ocupada demais tentando ser uma mulher de negócios, e agora está ocupada demais tentando ser uma piranha.

— Repete essa merda que você acabou de dizer para ela.

Eu me virei e vi Alex parado atrás de mim, lançando um olhar furioso para Lori. Fiquei chocada que a raiva dele não a fez cair morta.

Entrei na frente de Alex, meu dobermann, e disse que estava tudo bem.

— Não está nada bem. As pessoas não vão falar com você desse jeito — reclamou ele. — Não quando eu estiver por perto.

— É, eu sei. Mas vou cuidar disso — sussurrei antes de me virar de novo para Lori. Era agora. Este era o momento. Coloquei as mãos na cintura, reuni toda a coragem dentro de mim e parti para a briga. — *Repete essa merda que você acabou de me dizer* — bradei. Dei um passo na direção dela. — Estou cansada de você e de te ouvir defendendo gente babaca. Eu entendo, uma merda defende outra, mas isso está começando a me irritar. O Cole é um escroto, e ainda bem que me livrei dele. Se você se importa tanto com o bem-estar dele, por que não trepa com ele de novo?

Rory arfou.

— Você transou com o Cole, Lori?

O rosto de Lori ficou pálido como o de um fantasma. Ela provavelmente não sabia que Cole tinha me contado.

— Não sei do que ela está falando. Ela é doida.

— Aham, tá bom. Você pode fazer o que faz de melhor: mentir. Mas, acredite, o Cole é todo seu. Pode ficar com ele. Só que, pelo amor de tudo que é mais sagrado, *me deixa em paz, sua psicopata do caralho*! — berrei, meu peito queimando da raiva que estava se acumulando havia mais tempo do que eu imaginava.

As três mulheres arfaram, chocadas com meu ataque. Elas saíram apressadas, me deixando ali, ofegante.

Alex se aproximou, parecendo tão chocado quanto as mulheres.

— Cacete — murmurou ele, me puxando para me dar um beijo na têmpora. — Boa menina.

CAPÍTULO 33
Alex

TODD

Oi, Alex! Feliz meio de outubro. Um cliente está procurando um tipo bem específico de casa. Acho que a sua seria perfeita. O que você acha de colocá-la no mercado?

Quando chegou o grande fim de semana de Noah e Mandy, a última coisa que eu estava era psicologicamente preparado.

Eu sentia um nervosismo esquisito conforme ia me aproximando da mansão para o ensaio da cerimônia de casamento do meu amigo. Eu sabia que não apenas teria que encarar Catie, mas sua família inteira. Uma família que eu tinha achado que também se tornaria minha um dia.

Eu não tinha problema algum com os parentes da minha ex. Se muito, achava que todos eram gentis. A maioria deles era como Mandy — ótima. Eles sempre me trataram bem, e, quando eu pedi a mão de Catie ao pai dela, James, ele me respondeu com um sim muito entusiasmado. Tínhamos fumado charutos e tomado uísque juntos para comemorar.

Obviamente, eu não via James desde que tudo aconteceu, e meu nervosismo fazia com que eu só pensasse em fugir desse encontro. Só que aquele fim de semana não era sobre mim. Era o fim de semana de Noah e Mandy. Então eu me comportaria feito adulto e feito o padrinho do meu melhor amigo, porque era exatamente isso que Noah merecia — o melhor de mim.

Por sorte, a única pessoa que me fitou com um olhar arrasado quando cheguei foi a mãe de Catie, Sarah. Mas Sarah sempre parecia estar prestes a se debulhar em lágrimas, então isso não me incomodou tanto.

Noah se aproximou assim que me viu e me deu um abraço apertado.

— Você veio.

— Eu não perderia por nada — respondi, abraçando-o.

— Primeira pergunta. — Ele se afastou e bateu nos meus ombros. — Cadê a garota?

— Ela vem para o casamento amanhã.

— Ótimo, maravilha. Próxima pergunta. Quem é a garota?

Eu ri. A única informação que eu tinha dado era que levaria alguém comigo. Ele havia me feito prometer lhe contar tudo assim que nos víssemos.

— Você se lembra da Yara? A garota do outro lado da rua do Isla Iberia?

— Ah! — Seus olhos se arregalaram enquanto um sorriso travesso se abria. Ele me deu um leve empurrão. — A garota legal!

— Aham. A garota legal.

— Eu disse que você gostava dela — alegou ele, todo presunçoso. — Que ótimo, cara. Você merece uma coisa boa.

Yara Kingsley, de fato, era alguma coisa boa. Mas eu ainda não estava convencido de que a merecia. Eu não sabia se havia algum homem que merecesse aquela mulher.

Além do mais…

Ela nem era minha.

Não de verdade, pelo menos.

— Vamos lá, cara. — Apertei o ombro de Noah e assenti com a cabeça para todo mundo que nos esperava. — Vamos fazer seu casamento de mentira hoje para te casarmos de verdade amanhã.

Quando fomos organizados para o trajeto até o altar, confesso que não fiquei feliz por ter que acompanhar Catie, mas não demonstrei minha irritação. Infelizmente, o padrinho e a madrinha precisavam entrar juntos.

Catie entrelaçou o braço ao meu, e ensaiamos o trajeto ridiculamente comprido. Infelizmente, em uma festa para quatrocentos convidados, o caminho até o altar precisava ser longo, para caber todas as fileiras de assentos.

— Você está bonito, Alex — disse Catie enquanto seguíamos até o altar.

Fiz uma careta e continuei olhando para a frente.

— Não fala comigo.

— Sério? Você vai ser infantil nesse nível?

— Pode acreditar, Catie, se eu não amasse tanto o Noah, não haveria nenhuma possibilidade de eu voltar a encostar em você.

Pelo canto do olho, vi a expressão triste dela, como se minhas palavras a tivessem magoado. Por um instante, cogitei voltar atrás. Mas então me lembrei de quem ela era e do que tinha feito. Eu não devia minha bondade a ela. Eu não devia nada a ela. Enquanto seguíamos até o altar, só havia um pensamento na minha cabeça.

Eu me perguntava o que Yara estava fazendo em Honey Creek.

Eu contava as horas até que ela chegasse pela manhã.

Depois do ensaio, todos fomos jantar em um dos melhores restaurantes italianos da cidade. O lugar tinha um salão onde as pessoas fumavam charutos, e, depois da refeição, James me cutucou no ombro e me convidou para ir fumar com ele, Noah e outros padrinhos enquanto as mulheres tomavam vinho e fofocavam.

Concordei, levando meu copo de uísque para o salão.

— Como você está? — perguntou James quando um funcionário trouxe uma bandeja de charutos. Nós nos sentamos um ao lado do outro, em grandes poltronas de couro que mais pareciam tronos. A iluminação era fraca, sombria, e nuvens de fumaça se espalhavam por todo canto. — Sei que faz um tempo desde a última vez que conversamos e, bem, foi uma conversa que me fez acreditar que eu estaria no seu casamento com minha filha — explicou ele.

— É engraçado como as coisas mudam.

— Engraçado, mas não engraçado do tipo "rá-rá-rá", e, sim, "mas que porra foi essa, Catie?". — Escolhemos nossos charutos, e James os acendeu. — Mas minha filha é assim mesmo, imprevisível. Ainda assim, o amor incondicional me deixa ao lado dela.

— Isso é bom. Eu queria que meus pais tivessem essa habilidade.

James abriu um sorriso triste e puxou a fumaça do charuto. Ele sabia da situação com meus pais e que os dois haviam me abandonado. Caramba, nós havíamos tido várias conversas profundas sobre o fato de eu não permitir que aquilo me definisse, de como eu era alguém que merecia ter pessoas ao meu lado. Teria sido legal para caralho ter aquele cara como meu sogro. Noah era um baita de um sortudo quando se tratava de seus futuros sogros.

— Mas você está bem? O Noah vive falando que o restaurante novo está fazendo sucesso. Eu estava querendo dar um pulo lá, mas… — Suas palavras foram sumindo. Eu entendia. Isso seria cruzar um limite. — Bom, eu só queria dizer que me orgulho de você, Alex. Você tem uma cabeça muito boa. Bem que eu queria ter tido a sua motivação quando tinha a sua idade.

— Eu agradeço, James. De verdade.

— Agora, eu sei que não deveria dizer isso, mas, que se foda, eu sou velho. Posso dizer o que eu quiser. — Ele se inclinou para a frente e cutucou meu joelho. — O Henry é um merda, e acho que minha filha devia estar doida quando resolveu te largar.

Eu ri.

— Isso é efeito do uísque.

— Não, não. É sério. Eu e a Sarah sempre falamos sobre isso. Aquele salafrário é um zé-ninguém em comparação a você.

— Bom, ele tem uns treze restaurantes bem-sucedidos no mundo todo, e bem mais dinheiro do que eu.

James fez um aceno com a mão.

— Quem se importa com essas coisas? Isso não significa nada. Ele vai deixar tudo para trás quando morrer. Além do mais, ele não tem algo que você tem aos montes.

— O quê?

— Integridade. Você é um cara íntegro. Sempre valorizei isso. — Dei uma risadinha, sem saber como interpretar o elogio. James deve ter notado meu desconforto, então se levantou da poltrona. — Não vou ficar te enchendo o saco. Só queria dizer que eu e a Sarah sempre pensamos em você. E ela ainda reza por você todas as noites.

— Obrigado, James.

Ele esfregou o topo da cabeça, bagunçando o cabelo branco felpudo.

— Disponha. E, só para deixar claro, Alex, teria sido uma honra poder chamar você de filho.

Abri um meio-sorriso para James e assenti com a cabeça em despedida quando ele foi embora.

Depois que ele se afastou, eu só conseguia pensar no quanto queria compartilhar aquela conversa estranha com Yara. Caramba, eu queria compartilhar tudo com aquela mulher.

Peguei o celular e mandei uma mensagem para ela.

ALEX

Como está meu Feliz?

YARA

Você não devia estar socializando em vez de estar mexendo no celular?

ALEX

Só fiz uma pausa rápida. Ele está bem? Estou com um pouquinho de saudade dele.

Ela mandou uma foto com Feliz dormindo sobre seu peito.

YARA

Também estamos com um pouquinho de saudade de você.

Saudade de você.

Eu não sabia que me sentiria tão bem sabendo que um cachorro e uma mulher chamada Yara sentiam saudade de mim.

CAPÍTULO 34
Alex

Em um mundo perfeito, o casamento teria acontecido sem nenhum problema. Tudo iria às mil maravilhas do começo ao fim, mas não era assim que a vida funcionava. Nós vivíamos em um mundo imperfeito, onde as coisas davam errado.

Por sorte, Yara estava por lá para ajudar com tarefas de última hora, como comprar alfinetes, supercola e uma lista de coisas aleatórias que eu enviara para ela por mensagem.

— O celebrante não vem — disse Noah, segurando o celular enquanto andava de um lado para o outro. — O celebrante não vem! Parece que ele jantou num restaurante de frutos do mar péssimo ontem à noite e não para de vomitar. Ele acabou de avisar. Quinze minutos antes do casamento!

Por dentro, entrei em pânico. Por fora, mantive a calma, porque esse era o trabalho do padrinho. Entrar em pânico por dentro enquanto permanecia tranquilo, sereno e calmo por fora.

— Está tudo bem — respondi, dando um tapinha em seu ombro. — Vamos dar um jeito.

— Como? — questionou ele. — Nós precisamos de um celebrante para o casamento. Não podemos casar sem um — exclamou Noah, ficando cada vez mais preocupado.

— Hum, desculpa interromper, mas trouxe a supercola que vocês pediram — disse Yara, entrando no quarto onde os homens se arrumavam.

Eu me virei e quase perdi o fôlego.

Ela estava deslumbrante. Seu vestido longo sem alças cor de pêssego era cheio de babados que dançavam diante de seus saltos creme. Seu cabelo estava preso em um coque alto, com exceção de alguns cachos que emolduravam o rosto. A maquiagem estava leve, mas perfeita. Tudo nela estava perfeito.

— Desculpa — repetiu ela e sorriu para Noah. — Ouvi vocês falando do problema com o celebrante e, bem, se vocês precisarem de alguém, eu tenho

uma licença.

Arqueei uma sobrancelha.

— Tem?

— Tenho. Uma vez minha irmã Willow se apaixonou por um pescador aleatório do Alasca. O resumo da ópera é que eles se casaram em um barco de pesca, e eu fui a celebrante. Eles terminaram dois dias depois porque Willow resolveu virar vegana, mas foi isso. Ainda tenho minha licença.

— Não acredito — arfou Noah, segurando a cabeça em choque. — Você faria isso para a gente?

— É claro. Se vocês me derem o cronograma, posso ver a ordem da cerimônia e escrever alguma coisa para garantir que tudo flua bem. Não vai ser nada de mais — disse ela.

— Vai, sim — dissemos eu e Noah ao mesmo tempo.

Yara sorriu.

— Estou aqui para ajudar.

Noah pulou nos braços de Yara e lhe deu um abraço apertado.

— Perfeito. Obrigado. Vou pedir às meninas que avisem à Mandy que está tudo certo. Mas obrigado, Yara. É sério. — Noah se virou para mim, apontando um dedo. — Se você partir o coração dela, vou partir a sua cara.

Eu ri.

— Entendido.

Noah saiu correndo para avisar que a bomba havia sido desarmada.

Eu me virei para Yara e balancei a cabeça. Ela sorriu para mim.

— Você… — dissemos ao mesmo tempo.

Nós dois rimos.

— Você primeiro — falei.

— Você parece um membro da realeza — disse ela. — E está muito cheiroso.

Abri um sorrisinho.

— Obrigado.

— Agora — disse ela, dando um passo para trás e girando. — Como eu estou?

Meu coração perdeu o compasso enquanto eu a observava.

— Como um sonho que virou realidade.

Ela pestanejou ao ouvir minhas palavras.

— Obrigada, Alex. — Ela chegou mais perto e arrumou minha gravata-borboleta. Falando baixinho, disse palavras que foderam com minha cabeça. — Não consigo acreditar, na verdade.

— No quê?

— Que alguém abriu mão de você.

— Goldie?

— O quê?

— Às vezes, penso em te beijar mesmo quando não estamos fingindo.

Ela deu um passo para trás, chocada com minhas palavras. Eu não sabia se isso era bom ou ruim.

Antes que ela conseguisse responder, Noah voltou correndo com um caderno e o cronograma.

— Aqui está, Yara! Para te ajudar.

Ela balançou a cabeça, se desvencilhando do momento que estávamos prestes a compartilhar, e sorriu.

— É melhor eu cuidar disso.

E então lá foi ela salvar o dia.



A cerimônia foi linda, e Yara foi incrível.

Enquanto ela lia o roteiro que tinha escrito quinze minutos antes do show, eu não conseguia tirar os olhos dela. Na frente de todos os convidados, estava incrível, com raios de sol incidindo sobre ela como se estivessem ali apenas para iluminá-la.

Enquanto todo mundo olhava para a noiva, meu foco era Yara. Seus lábios, suas palavras.

Yara falava como uma poesia. Suas palavras não eram apenas palavras, mas algo mais. Algo único, cheio de uma compreensão profunda. Do jeito que ela falava sobre o amor, parecia que seu coração nunca tinha sido partido.

Havia algo especial em uma pessoa capaz de fazer isso — manter tanta pureza, mesmo quando a vida lhe oferecera o contrário.

— Bem, eu não tive o privilégio de passar tanto tempo com esse casal lindo, mas, às vezes, não precisamos de muito tempo para entender que duas pessoas nasceram para ficar juntas. Mandy e Noah, seu amor hoje trouxe centenas de pessoas aqui, para testemunhá-lo. Seu amor inspira os outros a procurarem por finais felizes. Seu amor cria mais amor nesse mundo. Espero que vocês se lembrem dessas palavras durante sua jornada em busca do felizes para sempre. O casamento não depende da capacidade de duas pessoas se apaixonarem, mas de conseguirem caminhar juntas depois que o amor surge. De se escolherem a cada dia, mesmo quando as estruturas se abalam. De buscarem um pelo outro e

segurarem um ao outro, de forma que, quando alguém cambalear, terá como recuperar o equilíbrio. Conforme vocês seguirem juntos como marido e mulher, lembrem-se de continuar seguindo em frente depois do “sim”. Lembrem-se de dar esses passos nos dias bons e de dar mais passos nas noites difíceis. Esse é o começo da sua caminhada para o futuro. Eu espero que seja um futuro muito lindo e rezo para seus passos deixarem pelo caminho centenas de memórias incríveis.

Eu não sabia como explicar, mas as palavras dela…

As palavras dela tinham alma.

Elas eram ordens que faziam com que fosse mais fácil respirar. Eu sentia cada sílaba no fundo da minha alma. Suas palavras me fizeram diminuir o ritmo e me lembrar de como o amor podia ser, de como ele podia se mover. De como era sua sensação. Suas palavras me lembraram de que ele ainda existia dentro de mim — o amor. Pensei que ele havia desaparecido ao longo dos anos. Mas, de alguma forma, o amor ainda estava ali — apesar de eu achar que jamais o reencontraria. Ele havia se escondido nos cantinhos da minha alma, arrasado e machucado, mas continuava lá. E Yara o tirara das sombras e o levara para a luz.

Fiquei parado ali, vendo meu melhor amigo dizer “Aceito”, com meu coração voltando à vida porque Yara Kingsley, de algum jeito, encontrara a chave para destrancá-lo.

Tudo sobre ela fazia com que eu quisesse mais.

O jeito como ela sorria.

Centelha.

O jeito como ela falava.

Centelha.

O jeito como ela se portava.

Centelha.

O jeito como ela ria.

Centelha.

Ela sorriu para mim quando a cerimônia acabou, e cada milímetro do meu corpo queria saborear seus lábios e sentir seu sorriso contra o meu.

Centelha, centelha, centelha.

Tudo em Yara era uma centelha. Ela era os micromomentos lindos em cada momento que existia. Eu não estava caidinho por ela.

Eu havia despencado.

Depois da cerimônia todos seguiram para a festa mais incrível do mundo. Noah e

Mandy tinham cuidado de absolutamente todos os detalhes do evento black tie. Centenas de pisca-piscas e lanternas. Luzes coloridas no chão por todo o espaço. Esculturas de gelo. Food trucks. Violinistas. Provavelmente milhares de flores. O evento havia sido milimetricamente planejado, e cada centavo gasto parecia ter valido a pena. Todos estavam se divertindo demais.

Quando reencontrei Yara após completar meus deveres de padrinho, a puxei direto para a pista de dança quando a primeira música lenta começou.

— Você tem certeza de que foi bom? Eu estava tão nervosa. Correu tudo bem? — perguntou ela pela milionésima vez depois da cerimônia. — Parecia que eu estava falando tudo embolado.

— Foi o melhor discurso que já ouvi. Você foi incrível. Ainda mais tão em cima da hora.

Ela suspirou.

— Tudo bem. Vou parar de pensar nisso.

Eu ri.

— Não vai.

— É verdade, não vou. Mas como você está? — perguntou ela. — Sei que ver a Catie com o Henry deve ser…

— Não me importo — confessei, balançando a cabeça. — Achei que seria difícil lidar com isso, mas não me importo. Nem um pouco. Deve ser porque segui em frente para algo melhor.

A verdade era que eu nem tinha pensado nos dois. Eles não tinham passado pela minha cabeça nem por um milésimo de segundo depois que Yara apareceu, deslumbrante.

Ela sorriu.

— Acho que algumas pessoas diriam que você evoluiu.

— Eu acho que é o efeito Yara.

Enquanto dançávamos, eu a puxei para mais perto, temendo o momento em que a música terminaria.

— Alex?

— O quê?

— Eu esqueci de falar mais cedo. Também penso em beijar você.

Eu me afastei um pouco, arqueando a sobrancelha.

— É?

— É.

Ela apoiou a cabeça no meu ombro, e voltamos a dançar. Meus dedos gentilmente massageavam sua lombar enquanto eu a segurava contra mim.

— Você devia tomar cuidado, não é bom me abraçar desse jeito — sussurrou ela.

— Por quê?

— Porque — disse ela — posso acabar fazendo besteira e começar a acreditar na mentira.

CAPÍTULO 35
Yara

Eu nunca tinha visto um casamento com tanta comida. Desde os aperitivos servidos em bandejas até os vários arranjos de legumes e frutas, bufês de massa, mesas de carne e food trucks, o casamento de Mandy e Noah parecia ter sido criado para me fazer ganhar cinco quilos até o fim da noite.

O problema era que eu entendia que provavelmente nunca mais iria a um evento parecido, então precisava provar tudo que me ofereciam, mesmo que meu estômago fosse sofrer no dia seguinte.

Eu tinha quase certeza de que logo começaria a suar de tanto comer carne. Mesmo assim, eu precisava provar o presunto caramelizado que tinha escutado outra mesa elogiar tanto.

— A noite está sendo incrível — disse um senhor ao encontrar comigo na mesa de carnes.

Era o pai de Mandy, James. Eu tinha sido apresentada a ele depois da cerimônia. Ele havia me agradecido por ajudar.

Ele me entregou um prato antes de pegar um para si mesmo.

— Parece que vocês dois pombinhos estão se divertindo — comentou ele.

— Aham. — Sorri ao ouvir o comentário sobre mim e Alex. Eu me virei para observar Alex conversando com outras pessoas, e era impossível não sentir um aperto no coração. Ele estava lindo em seu smoking verde-oliva. Eu não conseguia parar de olhar para ele desde que o vira caminhando na direção do altar durante a cerimônia. — Está sendo incrível.

— Com certeza. — James pediu uma fatia de presunto e então um pedaço de costela ao garçom. — Agora, sei que não nos conhecemos, e talvez seja meio estranho eu te pedir qualquer coisa, já que sou pai da ex do Alex. Mas vou tentar mesmo assim. Será que você pode fazer uma coisinha por mim?

— Claro. O que é?

— Cuida dele — pediu ele com a voz falha. — Não parte o coração daquele garoto. Sei que ele se faz de durão e esconde bem o que sente, mas a verdade é

que acho que ele não aguentaria outras decepções.

A sinceridade na voz de James me deixou arrepiada.

— Vou me esforçar.

— Mas se esforce de verdade, por favor. — Ele olhou para Alex, e um pequeno sorriso se abriu em seus lábios. — Mas acho que vai dar tudo certo. Você olha para ele do mesmo jeito que ele olha para você, e nunca o vi assim antes. Nem quando ele estava com a minha filha.

— Assim como?

— Feliz.

Depois de comer demais, fui para um dos muitos bares experimentar o drinque Candy Mandy, feito especialmente para a festa, que vinha com algodão-doce. Já que eu tinha comido demais, por que não acrescentar açúcar demais à lista?

Enquanto eu esperava o drinque ficar pronto, me virei para observar o salão. Alex estava sentado a uma mesa, rindo com parentes de Noah. Vê-lo feliz mexeu comigo. Eu queria mantê-lo naquela utopia pelo máximo de tempo possível. E eu também tinha percebido que a noite toda, sempre que ele se afastava, eu me pegava procurando por ele. Era como se um ímã constantemente tentasse nos aproximar.

— Mas você está caidinha mesmo — disse um homem ao cambalear até o meu lado no bar, nitidamente embriagado.

Meu corpo ficou tenso no mesmo instante em que o reconheci, já que Catie tinha passado a noite toda interagindo com ele.

Henry.

O babaca.

Ele abriu um sorriso malicioso para mim e pegou um palito no bar. Ele espetou algumas azeitonas em um pote de vidro e as enfiou na boca. Eu tinha quase certeza de que tinha sido assim que ele havia apunhalado Alex nas costas.

— Eu sou o Henry…

— Eu sei quem você é — eu o cortei, impaciente para receber minha bebida.

Ele cheirava a uísque e exalava arrogância.

Ele ergueu uma sobrancelha.

— Minha reputação me precede tanto assim?

— Pode-se dizer que sim — murmurei, virando de leve o corpo para o lado oposto.

Ele era a última pessoa com quem eu queria estar falando.

— Caramba. O Alex escolheu uma esquentadinha dessa vez. Por outro lado…

— Ele se apoiou no bar, encostando o braço de leve contra o meu. — Era disso que eu gostava na Catie. E aí, o que você acha? Quer fazer um test drive com esse velho depois que cansar do Alex?

Que tarado nojento.

Afastei meu braço e peguei minha bebida, que tinha ficado pronta.

— Você é um homem nojento, e torço para você queimar no inferno.

Ele riu. Era uma risada sinistra.

— Um bronzeado até que cairia bem.

— Não tem graça — repeti. — O Alex te admirava. Ele confiava em você. Então, se você sente prazer em magoar os outros, problema seu. Se você acha graça em ver os outros sofrendo por sua causa, ótimo. Mas uma coisa é certa: ele está melhor sem você.

Olhei para trás de Henry e Catie estava lá. Fiquei me perguntando o quanto ela tinha escutado.

Pelo jeito como seus olhos estavam marejados, tinha sido o suficiente.

Desgrudei meu copo da bancada e passei esbarrando no ombro de Henry, seguindo direto para Catie.

— Você tomou a decisão errada — falei para ela. — Você escolheu o cara errado.

Quando passei por ela, as lágrimas começaram a escorrer por suas bochechas. Dava para perceber que ela sabia que eu tinha razão. Eu nem conseguia imaginar fazer o que ela havia feito com Alex.

Como alguém trocava ruas de luxo ladrilhadas com ouro por um bueiro sujo na forma de homem? Como ela havia largado Alex para se jogar nos braços de um nojento que dava em cima de qualquer coisa que tivesse uma vagina entre as pernas?

Quando Alex me encontrou a caminho da nossa mesa, ele segurou meu braço com delicadeza.

— Ei. Eu te vi conversando com o Henry. Você parecia chateada. Está tudo bem? Ele disse alguma…

Meus olhos encontraram os dele, e então me inclinei para frente e cortei suas palavras. Pressionei minha boca à sua, silenciando-o com um beijo. Fiquei na ponta dos pés, caindo sobre ele, com meus beijos derretendo sobre sua boca. Eu o beijei intensamente, me perdendo e o encontrando nos poucos segundos em que nossos lábios se entrelaçaram. A cada beijo, eu queria que ele sentisse as verdades que deviam ser entalhadas em sua alma. Eu queria que ele soubesse que merecia alguém que ficasse ao seu lado. Que ele merecia amar e ser amado.

Que ele merecia comprometimento, que merecia as promessas que o amor oferecia.

Eu o beijei por suas mágoas do passado, e ele me beijou sem saber que também beijava o que me doía. Antes de ter sua boca contra a minha, eu não sabia que lábios podiam curar.

Suas mãos envolveram meu corpo, e ele me abraçou bem apertado. Enquanto a música tocava e as outras pessoas se transformavam em borrões que dançavam ao nosso redor, eu sentia que flutuava a três metros do chão. Eu me sentia embriagada e, ao mesmo tempo, mais sóbria do que nunca. Quando me afastei, carinhosamente mordi seu lábio inferior e lhe dei um último beijo.

— De verdade ou de mentira? — sussurrou ele contra minha boca, seu olhar intenso e hipnotizante, com um calor tímido que me fez chegar ainda mais perto.

— De verdade — respondi.

Ah, de verdade mesmo.

Após mais algumas horas dançando e comemorando, o casal lindo passou por um corredor de convidados segurando velas que soltavam faíscas. Alex estava parado à minha frente. Rindo ao assistir ao melhor amigo correr para seu final feliz. Eu nunca tinha visto alguém parecer tão contente por outra pessoa. O amor que ele sentia por Noah transparecia em seus olhos.

Então ele olhou para mim.

Seus olhos se encontraram com os meus em meio às faíscas, e seus lábios abriram o maior sorriso que eu já tinha visto em seu rosto.

Minhas bochechas pareciam prestes a explodir de alegria ao ver como ele estava cheio de vida. Havia um milhão de motivos para aquela noite deixá-lo mal. Ele estava encarando pessoas que o magoaram profundamente. Pessoas que partiram seu coração e ainda chutaram os pedaços. Mas ele não voltou a cair nas armadilhas que tentaram armar. Ele as ignorou e foi superior.

Papai estava certo — Alex tinha uma base boa. Ele não havia cedido quando o mundo tentara empurrá-lo. Ele tinha permanecido firme no lugar. Ele tinha se mantido forte contra todas as adversidades. Ele não havia desmoronado.

Mas eu, por outro lado?

Eu desfalecia com seu sorriso. Eu derretia com seus olhos. E minha quedinha por sua alma só aumentava cada vez mais.

Olhando para mim, Alex não sabia o que estava acontecendo, mas eu estava me apaixonando perdidamente por ele.

Quando as velas apagaram, ele veio até mim, pegou minha vela e a jogou no lixo com todas as outras. Então me puxou para um abraço e sussurrou um

obrigado.

— Pelo quê?

— Por ser a melhor pessoa que eu já trouxe a um casamento.

Ouvir essas palavras me deu vontade de chorar. Naquele momento, eu queria que nós fôssemos reais. Eu queria a oportunidade de sentir o tipo de amor que ele poderia me oferecer se não estivéssemos presos em um faz de conta. Eu queria saber como seria ser amada por um homem como ele. Eu não queria partir seu coração, mas queria vê-lo ser curado enquanto ele também curava o meu. Eu queria que nossas mágoas antigas se afogassem na descoberta da nossa nova felicidade. Eu queria Alex. Ele todo. Cada parte, cada gota. Eu queria mergulhar no seu amor.

Mas não éramos de verdade.

— Não me solta ainda — pedi, me enterrando em seu corpo.

Sentindo seu carinho, seu calor irradiando pelos meus ossos frios enquanto a brisa de outono soprava pelo céu.

— O que houve? — perguntou ele enquanto eu o apertava. — Qual é o problema?

— Nada — confessei. — E acho que o problema é esse.

— O problema é que não há problema?

— Sim — concordei. — Porque o Cole não é mais uma preocupação, e o casamento acabou, e foi por isso que começamos com esse negócio de namorar de mentira. Então agora estou com esse medo terrível de que quando o relógio bater meia-noite vamos voltar a ser como éramos antes disso tudo, e não sei se eu quero voltar agora. Eu só… só queria fingir mais um pouco com você. Eu só queria mais um pouco.

— Tudo bem — disse ele, se afastando de mim. Ele tirou seu paletó, o colocou sobre meus ombros e me ofereceu a mão. — Vamos para casa fingir mais um pouco.

CAPÍTULO 36
Alex

Depois do fim de semana do casamento, eu só conseguia pensar em Yara.

Quando eu não estava com ela, pensava nela.

Quando eu estava com ela, temia o momento em que ela iria embora.

Que tipo de pessoa eu havia me tornado? Quando foi que eu deixei meu coração derreter? E o que eu devia fazer com todos aqueles sentimentos novos? Eu não me cansava dela. Ela estava se tornando o café forte da minha manhã e o meu gim favorito da madrugada.

Quando finalmente cheguei ao meu limite, pedi o conselho de um amigo.

Eu me deitei no sofá, desabafando em busca de ajuda, ou de algum feedback sobre minhas emoções.

— Sabe, eu fico com medo de dizer a ela como me sinto e acabar sofrendo de novo. Porque isso seria horrível, entende? Mas, por outro lado, se eu não me abrir, ela nunca vai saber e talvez até encontre outra pessoa. O que também seria horrível. Porque a ideia de ela estar com outra pessoa me deixa furioso, apesar de não estarmos juntos de verdade. Nós nunca estivemos juntos de verdade. Mas parece de verdade. O que eu devo fazer, cara? Qualquer conselho ajuda — falei, suspirando.

Eu me virei para a esquerda, encarando meu companheiro.

Feliz apenas continuou me encarando, deitado de barriga para cima, pedindo carinho e balançando o rabo. Então latiu.

— Pois é — resmunguei. — Concordo.

CAPÍTULO 37
Yara

Sempre que chegava uma mensagem de Alex, vinha também o frio na barriga. Eram conversas simples, mas todas pareciam importantes.

ALEX

Você não vai acreditar no que está acontecendo agora.

Sorri para o celular ao ver o nome dele surgir.

YARA

O quê?

Segundos depois, recebi uma foto de Feliz sentado no sofá com Alex. Tudo bem, ele estava na outra ponta do sofá, mas… estava lá. Dormindo. Sem se matar de latir.

YARA

Que incrível!

ALEX

Merece uma comemoração.

YARA

Com certeza.

ALEX

Não vou trabalhar amanhã. Talvez a gente possa comemorar levando o Feliz e a Cacau para conhecer o parcão novo em Chicago, o que acha? Se você não estiver ocupada, é claro.

Sorri ao ler a mensagem dele. Logo depois, outra chegou.

ALEX

Se você estiver ocupada, tudo bem.
Foi uma ideia idiota. Pode ignorar.

Mordi o lábio inferior.

YARA

Me encontra no meu apartamento às seis?

ALEX

Até lá.



Alex me mandou uma foto.

ALEX

Essa tapa ficou igualzinha ao chapéu gigantesco que a Milly West estava usando no restaurante semana passada.

YARA

Só de ver isso dá para imaginar ela berrando coisas sem sentido. Traz alguma coisa para eu comer. E uns ovos extras.

ALEX

Já separei tudo.



YARA

O que o tomate foi fazer no banco?

ALEX

Vai ser uma piada ruim?

YARA

Eu não conto piadas ruins.

ALEX

Você conta piadas péssimas.

YARA

Claro que não!

ALEX

Se eu fizesse uma lista com todas as suas piadas ruins, daria um calhamaço.

YARA

Tá bom, Alex. O que o tomate foi fazer no banco?

ALEX

Não sei, Yara. O quê?

YARA

Tirar extrato.

ALEX

Apaga meu número.



ALEX

Yara?

YARA

Oi.

ALEX

Não apaga meu número.



YARA

Planos para o Dia de Ação de Graças?

ALEX

Uma coxa de peru com o Feliz.

YARA

Vem comemorar com a minha família na casa do meu pai. A Tatiana também vai.

ALEX

O que eu levo de comida?

YARA

Tira o dia de folga, chef. A gente resolve o jantar. Você só precisa aparecer.

CAPÍTULO 38
Alex

Uma tarde, quando tive um tempo livre no restaurante, preparei um almoço rápido para Yara e fui até a Cantinho Animal deixar a comida. Quando entrei, eu a encontrei conversando com uma cliente, que estava contando uma historinha triste.

— Você entende, né, Yara? É só que as contas já estão tão caras agora, e sei que estou com cinco meses de atraso, mas vou quitar tudo assim que puder — explicava a mulher.

Cinco meses de atraso?

Ela não podia estar falando sério.

— Você não gastou mais de trezentos dólares no meu restaurante no último fim de semana? — perguntei, fazendo a mulher e Yara se virarem para mim.

A mulher arregalou os olhos.

— Bom, foi uma ocasião especial e…

— E isso também é. Se você não for pagar, pode levar seu cachorro para casa — declarei.

— Como você tem coragem de falar comigo desse jeito? — questionou a mulher, colocando uma das mãos na cintura. — Você sabe quem eu sou?

— Não, e não me importo. Você está devendo. É só pagar.

— Só vou pagar se a Yara disser que eu preciso fazer isso, e a Yara é uma querida que jamais…

— Sua dívida é de quatrocentos e cinquenta dólares, Sra. Levels — disse Yara, sem permitir que ela terminasse a frase.

A voz dela estava trêmula, mas ela foi firme. Isso já me bastava. Ela podia ficar nervosa, mas não podia deixar que a fizessem de boba.

— É sério? — perguntou a Sra. Levels. — Ora, o antigo dono jamais…

— Infelizmente, ele não está mais entre nós. E se quisermos manter o legado dele vivo nessa creche, preciso que os clientes paguem por nossos serviços. Então, Sra. Levels, se não for possível fazer o pagamento agora, podemos fazer

um planejamento de débito automático. Caso contrário, vou pedir a alguém que busque seu cachorro lá dentro.

A Sra. Levels bufou.

— Ora, nunca vi uma coisa dessas… — reclamou ela com a cara fechada. Mas abriu a carteira e passou o cartão, pagando a dívida toda. — A sua sorte é que minha garotinha adora esse lugar. Se não fosse por isso, eu procuraria outra creche.

— Obrigada por colaborar, Sra. Levels. Tenha um dia cãotástico — cantarolou Yara, entregando o recibo para a mulher.

A Sra. Levels saiu apressada da creche e, assim que ela foi embora, Yara veio pulando até mim e fez pose.

— Você viu? Viu como eu a enfrentei?

— Vi. Parabéns. — Entreguei as vasilhas para ela. — Sobrou comida do almoço. Achei que você fosse querer comer.

— Cuidado, Alex. Se continuar me dando comida, vou querer que você seja meu namorado de verdade.

Isso não seria a pior coisa do mundo.

— O que você vai fazer amanhã? — perguntei.

— Não tenho planos.

— Ótimo. Planejei um encontro para a gente. Preciso que você finja comigo às sete.

Os olhos dela brilharam com a mesma alegria que seus lábios transmitiam.

— Vou adorar fingir com você.

CAPÍTULO 39
Yara

Ele tinha planejado um encontro para nós, então havia mandado mensagem me pedindo que usasse algo que eu pudesse sujar. Quando ele me mandou o endereço, entendi exatamente onde seria esse encontro. Na Cerâmica da Pat.

Quando cheguei, ele estava parado do lado de fora com um buquê de dálias e peônias. Meu coração foi acelerando cada vez mais conforme eu me aproximava.

— Oi, Goldie.

— Oi, Sr. Gato.

Ele deu um passo para a frente e me deu as flores.

— Para você.

— Você não precisava fazer isso, Alex. Obrigada. Elas são lindas.

— Que tipo de namorado de mentira eu seria se não te desse flores?

Eu dei uma risadinha.

— Nenhum namorado nem marido de verdade já me deu flores. Mas a mãe do Cole sempre comprava flores para mim e dizia que eram dele.

Ele fez uma careta e esfregou o queixo com a palma da mão.

— Sem querer ofender, mas acho que você nunca teve um relacionamento de verdade.

— Não sei se isso deveria me fazer rir ou chorar — brinquei.

Ele colocou a mão nas minhas costas e abriu a porta da Cerâmica da Pat para que eu entrasse. Assim que pisei lá dentro, arfei, pois vi o salão iluminado com velas e havia uma música romântica tocando ao fundo. Havia uma mesa arrumada com uma tábua de frios — que ia muito além de biscoitos de água e sal e cream cheese.

— Ai, nossa, Alex. Você fez isso tudo?

— Aham. Aluguei o ateliê por essa noite.

— O quê? Como? A Pat faz questão de sempre receber o máximo de clientes possível nos fins de semana. Como a convenceu a fazer isso?

— Bom, tentei flertar com ela, mas essa técnica só parece funcionar com as irmãs West. Então ofereci uma parceria com a loja, e vou fazer o bufê das festas dela.

— Olha só para você, fechando acordos e parcerias com o pessoal de cidade pequena.

— Sua energia de golden retriever está me contagiando. — Ele pegou as flores e as colocou em um vaso que já havia deixado sobre a mesa. Então arregaçou as mangas e pegou aventais para nós dois. — Mas preciso deixar uma coisa bem clara. A Pat basicamente fez as outras tigelas de água que te dei, então você vai ter que me ensinar.

Arregalei os olhos.

— Nós vamos fazer tigelas de água?

— É claro. Temos que substituir a que o gato preto burro quebrou algumas semanas atrás. E o Feliz precisa de uma tigela feita pela rainha das tigelas.

Centelha.

— Não se preocupa, sou uma ótima professora — falei para ele.

Ele se aproximou de mim e passou o avental pelo meu pescoço, sua mão roçando de leve minha pele, fazendo cada pelo no meu corpo se arrepiar. Ele foi para trás de mim amarrar o avental na minha cintura.

Sua proximidade ainda me surpreendia, apesar de eu saber que estávamos fingindo namorar. Mas parte de mim se perguntava qual era o sentido daquele encontro se não havia ninguém para testemunhá-lo. Por que tantos momentos carinhosos se estávamos sozinhos, sem ninguém vendo?

Depois que meu avental estava amarrado, tentei dispersar esses pensamentos e fui até os tornos. Pat já tinha deixado tudo pronto com as ferramentas e a argila de que precisaríamos para fazer nossas criações.

— Espero que você não se incomode com a bagunça — avisei.

— Eu estava esperando pelo dia de fazer bagunça com você.

Minhas bochechas esquentaram enquanto eu tentava me desvencilhar da sensação de me apaixonar por ele. Mas eu continuava tropeçando, cambaleando sempre que ele falava comigo.

— Tudo bem, você controla a velocidade com o pedal, apertando para o torno rodar — expliquei.

Então mostrei como começar a moldar a argila, empurrando-a com os polegares e dando o formato desejado com as mãos. Alex seguiu minhas orientações, só que a dele acabou se tornando um bolo de lama. Mas era impossível não rir da frustração em seu olhar. Dava para ver que meu Sr. Gato

era perfeccionista, então seu fracasso na cerâmica tinha feito as carrancas voltarem.

— Você está fazendo pressão demais — expliquei.

— Não sei como fazer menos.

— Aqui, vou te mostrar. — Saí do meu torno e fui até ele. Coloquei minhas mãos sobre as suas. — Solta um pouco o pedal. Diminui a velocidade. Se você apertar demais, não vai conseguir moldar a peça. Existe um equilíbrio.

Ele diminuiu a velocidade.

Coloquei minhas mãos sobre as dele e comecei a guiar seus dedos.

— Agora, vai com calma e trabalha os dedos até o final, para dar o formato, tá?

Com os dedos sobre os dele, fui mostrando o que fazer.

Ele parou o torno e passou um braço ao redor da minha cintura. Alex me puxou para seu colo e sorriu.

— Você vai conseguir me mostrar melhor daí.

Posso fazer muitas coisas melhor daqui, pensei.

Pigarreando, eu me ajeitei no seu colo e voltei a colocar as mãos sobre as dele. Ele apertou de leve o pedal e o torno voltou a girar. Devagar. Firme. Calmo.

Minhas mãos estavam cobertas de argila, e Alex estava coberto por mim enquanto eu o guiava. Ele se inclinou de leve para a frente, pressionando o peito contra minhas costas, olhando para a tigela por cima do meu ombro.

— Está ficando melhor — comentou ele.

— É porque você não pode forçar as coisas. Às vezes, é preciso ir *devagar*.

— Também sei ir devagar — disse ele, seu hálito quente roçando no meu pescoço.

— Alex — sussurrei.

— O quê?

Virei de leve a cabeça, sentindo sua bochecha roçar a minha.

— Posso ser sincera?

— Sempre.

— Toda vez que você fala coisas assim, a minha parte de baixo fica animada porque meu corpo não sabe que estamos fingindo, apesar de nós *estarmos* fingindo, então, se você puder não fazer isso para eu evitar entrar no cio, seria ótimo.

O torno parou de girar.

Os polegares dele pararam de pressionar.

Ele me virou no seu colo para encará-lo, colocando minhas pernas para o lado. Aqueles olhos castanhos se estreitaram à medida que ele cobria meus braços de

argila ao me segurar.

— Você está dizendo que eu te deixo excitada, Goldie? — perguntou ele com a voz grave e um sorriso ridiculamente arrogante estampado no rosto.

— O quê? Não. — Fiz que não com a mão e balancei a cabeça. — Não foi isso que eu disse.

— Então o que você disse?

— Só que, às vezes, você aciona certas partes do meu corpo que já não são usadas há muito tempo. Só isso.

— Só isso, é?

Concordei com a cabeça.

— É, só isso.

— Que pena — comentou ele. — Porque, para falar a verdade, eu estava me perguntando se você se sentia do mesmo jeito que eu.

— E o que você sente?

Ele abriu um sorriso tímido e deu de ombros.

— Tudo. O que é estranho e atordoante para alguém como eu, que passou um bom tempo sem sentir nada.

Segurei as mãos dele, a argila entre nossos dedos se misturando.

— Isso te assusta?

— Sim — confessou ele. — Me deixa apavorado.

— Por quê?

— Porque tenho um histórico de gostar de pessoas que não gostam de mim. Há quem diga que eu tenha traumas de abandono.

— Você tem medo de se aproximar de alguém e a pessoa ir…

— Embora.

— Isso não pode ter acontecido com todo mundo na sua vida, Alex.

— Aconteceu por vezes suficientes para deixar marcas. Além do mais, você acaba erguendo barreiras bem grandes depois que seus pais te abandonam na infância e sua namorada te troca por alguém que te ferrou.

— Meu pai diz que as pessoas deviam ter portões, não barreiras. Assim, fica mais fácil deixar as pessoas se aproximarem.

— E é exatamente por isso que tenho barreiras. Se for muito fácil para elas se aproximarem, também vai ser muito fácil para irem embora.

Olhei para nossas mãos entrelaçadas. Meu coração batia disparado no peito enquanto eu assimilava nossa proximidade. Como ele podia dizer essas palavras quando sentia isso? Como ele podia tentar não querer?

— Você está com medo disso — sussurrei, colocando a mão dele sobre meu

peito, sobre meu coração.

— Estou.

— Porque acha que vou te magoar e te deixar?

— Sim. — Sua boca roçou de leve a minha enquanto ele falava. — Acho que o medo é o meu normal agora.

— Parece que você só precisa ser reprogramado com a pessoa certa.

— Você está dizendo que é essa pessoa?

— Eu quero ser. Se você deixar.

— Sei que isso deveria ser um namoro de mentira, mas… — Ele roçou a boca na minha e sussurrou: — Parece de verdade para mim.

Eu o beijei de leve, devagar, sem hesitar.

— Parece de verdade para mim.

— Yara. — Ele moveu a boca para a extremidade da minha orelha, e seu hálito quente derreteu contra minha pele, mandando arrepios de desejo pelas minhas costas. — Posso te contar um segredo?

— Pode.

— Você nunca foi de mentira para mim.

Eu não conseguia mais me segurar. Minha boca encontrou a dele, e eu o beijei com mais intensidade e desejo do que nunca. Minhas mãos começaram a percorrer seu corpo enquanto ele retribuía o beijo. Suas mãos grandes envolveram meu pescoço, cobrindo-o de argila conforme eu rebolava sobre sua rigidez.

— Eu te quero — gemi contra ele enquanto sua mão livre agarrava a barra da minha blusa. — Eu te quero tanto, Alex.

Sua mão subiu pela minha blusa enquanto eu desamarrava o avental dele. Eu o puxei por cima da sua cabeça, junto com a camiseta dele, e os joguei em cima do torno. Minhas mãos acariciaram seu abdome ao mesmo tempo que minha cabeça tentava se certificar de que eu não estava sonhando.

Aquilo estava acontecendo.

Ele estava me beijando.

Ele estava me massageando.

Ele estava tirando minha roupa.

Aquilo era real. Não estávamos mais em um faz de conta.

Alex começou a abrir o botão da minha calça jeans enquanto eu lambia a curva do seu pescoço, e…

— *Ei!* — berrou alguém, entrando no ateliê. — Mas que história é essa, cara!

Nós dois paramos, nos viramos e demos de cara com Pat na porta, olhando

para mim e para Alex seminu, cobertos de argila.

— Você disse que ia fazer tigelas de água, não bebês! — gritou Pat, em choque.

Meu rosto instantaneamente ficou ruborizado, enquanto Alex ficou da cor de um tomate. Pat se aproximou de nós, pegou a camiseta de Alex e a jogou nele.

— Você vai ter que pagar uma taxa extra pela limpeza das cadeiras — ordenou Pat.

Dei uma risada nervosa, enterrando o rosto no pescoço de Alex, morrendo de vergonha. Alex riu baixinho e sussurrou:

— Valeu a pena.

CAPÍTULO 40
Alex

Depois de ser pego no flagra com a mão quase dentro da calça de Yara, resolvemos restringir atividades que envolviam beijos aos nossos apartamentos. Por mim, tudo bem. Eu só estava feliz por poder beijá-la no escuro. Nos dias seguintes, passei a maior parte do tempo me lembrando do beijo no ateliê de Pat. Se uma noite tinha sido cheia de centelhas, era aquela.

Infelizmente, quando eu não estava sonhando acordado com Yara e sua boca, estava ocupado trabalhando sem parar no restaurante.

As noites de sábado no Isla Iberia eram agitadas. A equipe mal tinha tempo para cometer erros. Para minha sorte, todos tinham pavor de errar, o que fazia com que as coisas fluíssem bem. Os chefs acertavam o preparo de todos os pratos. Eu sabia que, depois das críticas incríveis que tínhamos recebido, os clientes ficariam ainda mais atentos a qualquer problema.

Enquanto eu corria de um lado para o outro na cozinha, meu corpo enrijeceu com o som de vidro quebrando no salão, seguido por gritos de medo.

Saí em disparada pela porta e encontrei Tatiana parada no balcão da recepção, que estava coberto de cacos de vidro e onde havia um tijolo. Meus olhos bateram em Tatiana, que tinha sangue escorrendo do braço.

— Você está bem? — perguntei, pegando um guardanapo.

Eu o envolvi no antebraço dela após examiná-lo em busca de mais vidro. Meus olhos fitaram a porta da frente estilhaçada e então se voltaram para Tatiana.

Ela estava com os olhos marejados, assustada com a situação. Sua versão animada tinha sido substituída pela em pânico.

— O tijolo quase me acertou — disse ela, gaguejando. — Se eu estivesse um pouco mais para a esquerda… — As lágrimas começaram a escorrer por suas bochechas, e ela balançou a cabeça. — Desculpa. Fiquei um pouco nervosa, só isso.

— Não precisa se desculpar. Você viu quem foi?

— Uns garotos de bicicleta. Mas estavam usando máscaras de esqui. Não

consegui ver direito. Tudo aconteceu tão rápido, e eu, eu…

As palavras foram sumindo conforme a intensidade da situação tomava conta dela.

Eu a puxei contra o peito e a abracei, sentindo-a desmoronar.

— Está tudo bem? — perguntou um homem, vindo da sua mesa. — Vi aqueles babacas jogarem o tijolo. Bem que eu queria ter visto o rosto daqueles baderneiros.

Ele e outros clientes começaram a ajudar a limpar a bagunça. Eu disse que não precisava, e logo minha equipe surgiu com vassouras e pás. Tatiana continuava em choque. Observei o salão, e todos os clientes pareciam nervosos com a situação. Um funcionário pegou o tijolo e o analisou, depois o colocou em cima do balcão da recepção, na minha frente.

Quando olhei, notei as palavras escritas em vermelho.

Volta para casa, Chicago.

Aquilo tinha oficialmente deixado de ser apenas brincadeira de menino. Aquilo tinha ido muito além de tortas de maçã e papel higiênico. Tatiana estava machucada. Algo mais grave podia ter acontecido com ela e com outras pessoas. A situação tinha ido longe demais, e eu sabia exatamente com quem precisava falar — apesar de não querer fazer isso de jeito nenhum.

— Ei! — exclamei enquanto entrava a passos largos na delegacia, indo direto até Cole. Bati o tijolo na mesa dele. — Resolve isso.

Ele arqueou uma sobrancelha e analisou o tijolo.

— Você andou fazendo pintura a dedo ou algo assim?

— Alguém jogou esse tijolo na porta do meu restaurante hoje.

Um sorriso sinistro surgiu no rosto dele.

— Parece só coisa de…

— Para com essa merda, Cole! A Tatiana se machucou. E podia ter sido muito pior.

— O que você quer que eu faça? Mandei meu pessoal ir lá.

— Quero que você resolva essa merda. Faz meses que estão vandalizando meu restaurante, e, por algum motivo, sua delegacia não consegue descobrir quem são esses garotos mascarados. Você precisa fazer o seu trabalho.

Ele se recostou na cadeira e entrelaçou os dedos.

— Você quer que eu faça o meu trabalho?

— Quero, sim.

— Tudo bem — concordou ele —, mas só se você deixar a Yara em paz. Você quer saber quem está destruindo o seu restaurante? Vou investigar, mas você tem que largar a minha mulher.

— *Ex*-mulher — eu o corrigi. — E o que é isso? Chantagem? Você acha que, se me convencer a parar de sair com ela, vai conseguir reconquistá-la como num passe de mágica? Fala sério.

— Falar sério? Você quer que eu fale sério? Beleza. Vamos conversar. Andei investigando você, Alex — declarou ele com frieza. — Sei que você foi abandonado pelos seus pais. Eles te mandaram para Madri. Depois sua namorada te largou também. Está enxergando um padrão?

— Vai à merda — murmurei, sentindo a raiva aumentar.

Eu sabia o que ele estava fazendo. Ele queria me irritar. Ele queria me abalar.

— A Yara só está te usando para me esquecer — disse ele. — Você não é o que ela realmente quer. É só um passatempo. Não é o ponto-final.

— Isso deve acabar com você, né? Vê-la comigo. Vê-la feliz, sabendo que isso nunca vai acontecer com você.

Sua boca se retorceu e seu rosto corou. Se ele queria me irritar, eu retribuiria o favor.

— Vai se ferrar, Ramírez.

— Escuta, não vim aqui falar da Yara. Vim pedir ajuda para o meu restaurante. Meus funcionários e meus clientes não merecem ser agredidos dessa maneira. Uma pessoa saiu machucada.

Ele soltou uma gargalhada.

— Eu não me importo.

— O quê?

— Eu não me importo com seus clientes nem com seus funcionários. Você acha mesmo que eu ia me importar com vandalismo, ainda mais agora? — questionou Cole. — Cá entre nós, espero que taquem fogo naquele lugar.

Eu devia ter imaginado que falar com ele seria perda de tempo. O cara era tão doido que tentar fazê-lo enxergar a razão era uma causa perdida. Sem falar mais nada, me virei para ir embora.

— Ela vai te largar, Ramírez — gritou Cole. — E, quando ela fizer isso, espero que você sofra bastante.

— Ah. — Eu me virei e o analisei. Olhei de verdade para ele e notei a dor em seus olhos. — Entendi. Você acha que estou competindo com você.

— Não sei do que você está falando.

— Sabe, sim. Foi por isso que você falou do meu passado, para me deixar

nervoso. Mas a Yara já me mostrou centelhas demais. Meu passado não me faz mais sofrer como antes.

— Que diabo é uma centelha?

— Se você conhecesse a Yara, saberia. E esse é o problema. Você não a conhece. Você não tem a menor ideia de quem é aquela mulher, e acho que nunca teve. Você pensa que nós dois estamos disputando o amor dela. Você acha que vai ganhar se conseguir se livrar de mim, mas já perdeu. Você já tinha perdido a Yara antes de ela começar a pensar em mim. Você já tinha perdido a Yara antes mesmo que ela soubesse meu nome. — Cruzei os braços. — Claro. Pode ser que ela me abandone. Pode ser que ela vá embora sem nem olhar para trás. Mas eu vou conseguir dormir tranquilo sabendo que ela jamais vai voltar para você. Ela se respeita demais para fazer isso de novo.

Voltei ao restaurante para cobrir a porta com placas de madeira, mas, para minha surpresa, a equipe já tinha cuidado de tudo. Eu tinha muita sorte de ter aquelas pessoas comigo. Depois que tudo foi resolvido, acabei parando no apartamento de Yara.

Ela abriu a porta com um olhar preocupado.

— Oi. Desculpa. Tirei uma soneca e só vi as mensagens sobre o restaurante quando acordei. Está tudo bem?

Suspirei, parado na porta do apartamento dela depois de um dia muito longo. Eu me sentia derrotado. Cansado. Triste. Mas vê-la tornou tudo um pouco mais fácil. Minha pressão sanguínea baixou só de me aproximar dela.

Eu me apoiei no batente e cruzei os braços. Um sorrisinho conseguiu se abrir.

— Oi — sussurrei.

— Oi — disse ela, ainda preocupada. — Você está bem?

— Não.

— Quer conversar?

Balancei a cabeça.

— Não.

— Tudo bem. — Ela se apoiou do outro lado do batente e cruzou os braços, me imitando. — Como posso ajudar?

Estendi a mão. Ela a segurou. Eu a puxei para meu peito e a apertei.

— Isso já ajuda.

Ela me lançou um olhar questionador.

— Só isso?

— Aham. Só isso.

Tê-la em meus braços fazia o ruído na minha cabeça diminuir. Tê-la por perto era suficiente para amenizar a tristeza de um dia ruim. Ela acalmava os cortes mais fundos apenas com seu toque.

— Goldie.

— O quê?

— Não me solta, tá?

Ela me abraçou ainda mais apertado.

CAPÍTULO 41
Alex

Era Dia de Ação de Graças, e Feliz e eu estávamos parados na frente da casa de Matthew por volta do meio-dia. Yara tinha me falado que eu não precisava levar nada, mas eu não podia fazer isso. Então passei a manhã preparando uma tortilla de batata e as empanadas favoritas de Teresa.

— Há quanto tempo! — Eu me virei e encontrei Tatiana se aproximando, também segurando um prato. — Feliz Dia de Ação de Graças.

— Para você também — respondi. — O que você tem aí?

— Coxinha. É um prato brasileiro. Minha mãe sempre as fazia no Dia de Ação de Graças. Mantenho a tradição com os Kingsley. Só preciso fritá-las. — Ela olhou para minhas mãos, um prato em cada uma. — Você só trouxe isso?

— Falaram que não era para trazer nada, mas eu não podia vir de mãos abanando.

Ela franziu a testa.

— Então você vai deixar que eles cozinhem tudo?

— Por que você está falando desse jeito?

Ela balançou a cabeça.

— Ah, meu amor, você vai ver. Os Kingsley são ótimos em muitas coisas, mas cozinhar não é uma delas.

Isso era… preocupante.

Eu estava prestes a me empanturrar de biscoitos de água e sal, cream cheese e algum miojo carregado de queijo?

Nós seguimos para a escada da varanda, e, assim que chegamos à porta, uma mulher a abriu e deu um gritinho de alegria.

— Feliz Dia de Ação de Graças!

— Willow! Achei que você ainda estivesse zanzando por aí com um sujeito chamado Cobra — comentou Tatiana.

Willow. A irmã caçula de Yara.

— Voltei ontem à noite. — Willow colocou para trás o cabelo castanho

dourado comprido, revelando uma tatuagem no pescoço. — Mas acabei com umas tatuagens de picada de cobra.

— Willow Kingsley! — exclamou Tatiana. — Você só pode estar de brincadeira!

Willow soltou uma gargalhada, que era igual à de Yara. Contagiante.

— É temporária, mas achei que seria divertido fazer o papai ter um ataque cardíaco.

— Você é muito boba — disse Tatiana, balançando a cabeça. — Mas eu queria ter visto o surto que o Matthew teve.

— Você já está sabendo da novidade? — perguntou Willow. — Esse ano, ele vai fritar o peru por imersão.

Tatiana arregalou os olhos e entrou correndo na casa.

— *Matthew Samuel Kingsley, não ouse fazer uma coisa dessas!*

Dei uma risada ao ver Tatiana sair em disparada. Seria uma tarde interessante. Eu estava animado. Se não fosse pelo convite de Yara, era quase certo que eu ficaria triste em casa por estar sozinho pela primeira vez no Dia de Ação de Graças. Esse era um dos feriados favoritos de Teresa. Era bom ter onde comemorar, porque isso me impediria de ficar pensando demais em tudo.

Willow sorriu para mim e colocou as mãos na cintura.

— Então você deve ser o cara.

— O cara?

— O cara que está deixando minha irmã toda serelepe.

Era impossível não sorrir ao saber que eu deixava Yara serelepe.

Willow apontou para mim.

— Aham. Ela fica com esse mesmo sorriso bobo. Eu sou a Willow. É um prazer te conhecer — disse ela, pegando um dos meus pratos e levando-o para dentro. — E quem é essa fofura aí?

— Ah, esse é meu amigo Feliz.

— Oi, Feliz — disse Willow, ajoelhando-se. — Você é uma gracinha.

Feliz balançou o rabo como se estivesse conhecendo sua alma gêmea. Bem que eu queria ter ganhado essa recepção calorosa quando nos conhecemos.

Willow se levantou e soltou um suspiro.

— Ah — sussurrou ela. — Ele gostou de você — disse ela, falando sobre Feliz. — Ele se sente seguro com você.

— É recíproco.

— Agora, quando posso começar a contar histórias vergonhosas da Yara?

— *Nunca* — respondeu uma voz, cortando o clima. Yara virou o corredor, e

seus lábios se curvaram para cima quando ela me viu. — Olá.

— Olá — respondi.

Ficamos parados ali por um instante, nos encarando com os tais sorrisos bobos que Willow tinha mencionado. Mas eu não conseguia evitar. Sempre que eu a via, me sentia como um garoto.

— Beleza, seus esquisitos, vou pegar os pratos do Alex. Você pode soltar a guia do Feliz? Aí vocês dois podem ser estranhos sozinhos — disse Willow.

Entreguei o outro prato para ela e soltei Feliz, que a seguiu no mesmo instante.

Esfreguei a nuca.

— Feliz Dia de Ação de Graças, Goldie.

— Feliz Dia de Ação de Graças, Sr. Gato. — Ela me deu um abraço rápido e se afastou. — Você está pronto para a loucura que é um feriado na casa dos Kingsley?

— Hum, acho que sim?

— Ótimo. Porque vamos começar a primeira partida de Scrabble na sala. Não fica ofendido quando eu ganhar todas as partidas.

Sorri e arregacei as mangas.

— Vamos ver.

O dia foi cheio de risadas, drinques com cidra de maçã e um peru perfeitamente queimado, que foi substituído por pizza congelada. A última vez que eu tinha estado em uma casa tão feliz foi quando Teresa dançava em sua cozinha com a música a todo volume nas caixas de som.

Quando a mesa estava posta, notei pratos extras. Levantei as sobrancelhas ao me sentar ao lado de Yara, que era a única na sala por enquanto. Todo mundo me mandou parar de tentar ajudar e ir me sentar, já que eu era visita.

— Tem mais alguém para chegar? — perguntei.

— Não. Aqueles são os pratos das pessoas que gostaríamos que estivessem aqui hoje — explicou Yara. Ela apontou para o primeiro prato. — Minha mãe. — Então gesticulou para o outro. — E Teresa.

— Eu te amo — falei sem pensar. Era como se meu coração tivesse roubado minha língua e dito o que queria. Hesitei por um instante enquanto o medo tentava interferir, mas, àquela altura, o amor que eu sentia fazia todo o medo perder o sentido. Pela primeira vez em muito tempo, eu me sentia vivo. Eu me sentia completo. Eu me sentia… apaixonado. — Eu te amo — repeti. As palavras deram uma cambalhota da minha língua, pairando no ar. — Desculpa, eu só… sei que é rápido e esquisito, e talvez um exagero, porque nos

conhecemos há poucos meses, mas eu… eu te amo, Yara.

Devagar, ela levantou uma das mãos e tocou meu rosto. Ela me puxou para perto e roçou seus lábios nos meus.

— Eu também te amo.

Era por isso que eu mais me sentia grato naquele ano — pelo amor de Yara. Eu não sabia o quanto estava perdendo até encontrá-la com toda a sua paixão.

O restante do grupo se juntou a nós, e Matthew fez uma oração antes de atacarmos um dos piores jantares que eu já tinha comido na vida, mas não estava nem aí. Estava tudo muito feliz para eu me preocupar com os pratos intragáveis diante de nós.

Ver a família de Yara me lembrava de tudo que fazia uma casa se transformar em um lar. Eram as pessoas. As risadas. A vida. O amor.

Eu precisava daquela família naquele Dia de Ação de Graças para entender que, mesmo depois de uma perda, a vida podia ser recuperada. E casas podiam voltar a ser lares.

Depois do jantar, fui para a varanda tomar ar fresco. Eu queria um momento para respirar e pensar em tudo que tinha acontecido no último ano. Pensei nos dias mais tristes e nos mais felizes. Nos altos e baixos. Em todas as vezes que meu coração tinha se partido e se curado.

— Está tudo bem, Alex? — perguntou Tatiana ao sair para a varanda comigo.

Funguei um pouco ao me virar para encará-la.

— Sim, estou bem. Eu só precisava tomar um ar.

Ela segurava uma caixinha.

— Tenho uma coisa para você.

— O que é?

— A Teresa me pediu para te dar. Ela queria que eu fizesse isso num dia bom, e acho que esse dia é hoje.

Arqueei uma sobrancelha, perplexo com o que ouvi.

— Como assim, a Teresa pediu para você me dar uma coisa? — Franzi as sobrancelhas. — Você conhecia a minha tia?

— Quando eu era pequena — disse ela —, minha família me chamava de Ana.

Meu peito se apertou com a descoberta.

— Você era a garotinha de quem a Teresa cuidava?

— Eu mesma. — Ela riu ao me mostrar o medalhão em seu pescoço, que Teresa tinha mencionado no diário. — A própria.

O que estava acontecendo?

— Tatiana… estou um pouco confuso — falei.

Ela assentiu com a cabeça.

— É, eu sei. Imaginei que você ficaria mesmo. Há um ano, mais ou menos, a Teresa me procurou com umas cartas. Eu me lembrei dela assim que vi seu sorriso. O sorriso dela era assim mesmo, do tipo que ninguém esquece. Nós conversamos por um tempo, e ela me contou que estava doente e não tinha muito tempo de vida. E pediu para que eu fizesse algo por seu sobrinho-neto.

Eu me empertiguei, me esforçando para não deixar meus joelhos cederem.

— O que ela queria que você fizesse?

— Que eu te ajudasse a conhecer uma moça legal chamada Yara Kingsley. Ela e o Sr. Parker mantiveram contato nos últimos anos por meio de cartas. Eles tinham certeza de que você e a Yara precisavam pelo menos se conhecer, e talvez se tornassem amigos, então começaram a bolar um jeito dos seus caminhos se cruzarem. Foi aí que entrou o Feliz. A Teresa sabia que você ficaria com o cachorro, e o Sr. Parker sabia que a Yara o ajudaria a treiná-lo. Aqui estão as cartas, e a Teresa pediu que eu as entregasse para você num dia bom. Hoje me pareceu o dia certo.

Peguei a caixinha de Tatiana, minha cabeça ainda girando com aquela revelação.

Tatiana era Ana.

Teresa fora sua babá.

E eu estava tão confuso.

— É muita coisa para assimilar — confessei. — Então você faz parte do esquema esse tempo todo?

— Sim. Por isso que obriguei você a me contratar. Eu achei que não daria certo, mas a Teresa disse que você me contrataria.

— A Teresa era assim mesmo. Sempre cheia de certezas.

Tatiana sorriu e se aproximou de mim. Ela deu uma batidinha na minha mão, como Teresa fazia, então deu um tapinha no meu rosto, dizendo:

— Bom menino.

Igual a Teresa. Tudo fazia sentido. As pequenas coisas que me lembravam de minha tia viviam em Tatiana porque ela também havia sido criada pelo amor de Teresa.

— Quando sua tia-avó voltou para Madri, fiquei arrasada. Eu amava meus pais, mas Teresa fazia com que eu me sentisse ainda *mais* amada.

— Teresa tinha esse efeito nas pessoas.

— Tinha. — Ela riu, concordando com a cabeça. — Tinha mesmo. E aí,

quando nos reencontramos no ano passado, eu senti esse mesmo amor e fiquei muito chateada por ter sido privada dele por tantos anos. Parecia que tinham me roubado uma chance de tê-la na minha vida. Foi por isso que fiquei arrasada quando você me contou da morte dela. Ela era uma pessoa boa, e eu não sabia se voltaria a encontrar esse tipo de afeição em alguém. E aí te conheci. Alejandro, você é o legado vivo da Teresa, e estou extremamente orgulhosa por ter visto o quanto você melhorou.

Eu bufei e ri, balançando a cabeça.

— Parece até que você quer que eu chore, Tatiana.

— Bom, pois é. Um feriado nunca está completo sem algumas lágrimas.

Antes que eu conseguisse responder, Yara saiu correndo da casa com um olhar assustado.

— Alex. Precisamos ir.

Eu me empertiguei, alerta.

— O que houve?

— Acabei de receber uma mensagem sobre o Isla Iberia. Vandalizaram o restaurante de novo, mas foi bem ruim dessa vez. Temos que ir. *Agora*.

CAPÍTULO 42
Yara

Tinham destruído tudo.

Quem quer que fosse que queria acabar com o Isla Iberia, tinha conseguido. Meu estômago ficou embrulhado ao encarar o cenário. Uma multidão havia se formado na frente do restaurante, o burburinho cercando o lugar. As luzes das sirenes da polícia brilhavam, pintando a noite escura de vermelho e branco enquanto eu e minha família permanecíamos ao lado de Alex, sem saber o que dizer.

Todas as janelas tinham sido quebradas.

A fachada inteira estava pichada — e o interior também.

Metade da placa estava solta, balançando diante da porta, que tinha sido arrombada. Alex começou a andar na direção do prédio. Suas mãos estavam fechadas em punhos, mas seus movimentos eram lentos e ritmados. Segui seus passos, pisando nos cacos de vidro enquanto entrávamos no restaurante.

O estofado de cadeiras e sofás fora rasgado com facas. Mesas tinham sido viradas de ponta-cabeça, e cadeiras haviam sido jogadas pelo espaço. A cozinha fora destruída. Comida tinha sido arremessada da despensa, havia farinha por cima de tudo. As prateleiras dos fornos foram removidas e amassadas com martelos. Tudo estava destruído.

Toquei o ombro de Alex, e seu corpo ficou tenso.

— Yara, eu… Não consigo… — As palavras se embolaram na sua língua. — Não dá para você ficar aqui agora, tá?

— O quê? Não. Não vou te deixar sozinho.

Ele se virou para me encarar, e eu vi que seus olhos estavam vermelhos por tentar segurar as lágrimas.

— Não, você não está entendendo. Estou prestes a desmoronar e não posso fazer isso na sua frente, não posso. Eu… eu não consigo…

— *Respira* — falei, entendendo tudo pelo olhar dele. Ele não conseguia respirar. Eu o vi engasgando a cada vez que tentava inspirar. Eu o vi se

esforçando para formar frases. Ele estava tendo um ataque de pânico. Ele desabaria em instantes. E a cidade inteira estava prestes a assistir a Alex se perder por completo. Algumas pessoas até estavam com os celulares em punho, filmando como se aquilo fosse um programa de televisão.

— Vem — falei, segurando sua mão.

— Não consigo — sussurrou ele.

— Consegue, sim. É só me seguir — ordenei, tirando-o do campo de visão das pessoas.

Eu o puxei para a câmara frigorífica, e entramos. Fechei a porta, e Alex se ajoelhou, cobrindo o rosto com as mãos enquanto tentava recuperar o ar. Eu me ajoelhei ao seu lado e o envolvi em meus braços.

— Vai devagar — orientei, do mesmo jeito que ele tinha feito comigo. — Só vai devagar, Alex — implorei. — E então desaba. Não tem problema desabar.

Com essas instruções, ele se permitiu desmoronar. Ele começou a chorar no meu ombro. Ele se perdeu enquanto a ficha caía, enquanto se dava conta dos danos feitos a algo que ele havia se esforçado tanto para construir. Eu nem conseguia imaginar como ele se sentia. Eu não conseguia compreender os demônios que tentavam destruir seus pensamentos. Eu só podia abraçá-lo e mostrar que ele não estava sozinho. Eu só podia continuar ao seu lado quando ele mais precisava de mim.



— Não podemos ficar aqui para sempre — sussurrou Alex depois de se acalmar o suficiente para conseguir encontrar palavras. — Você está morrendo de frio.

— Estou bem — menti.

— Você está tremendo.

— Estou bem — menti de novo.

— Goldie — disse ele com a voz baixa. — Não tem problema. Eu preciso falar com a polícia lá fora. Preciso encarar o que aconteceu.

— Eu vou te ajudar — falei, me levantando. — Com o que você precisar.

— Não. Está tudo bem. É sério. Preciso fazer isso sozinho. Provavelmente vou ter que lidar com um monte de burocracia e dar um monte de telefonemas. Fica com a sua família e pede desculpa por eu ter estragado a noite de todo mundo.

— Não ouse pedir desculpa por isso, Alex. — Eu nem conseguia acreditar que ele tinha pensado nisso. — Mas vou perguntar às pessoas se alguém viu alguma coisa. Todo mundo vai ajudar.

Ele assentiu.

— Obrigado, Yara.

— Não tem problema. E… Alex.

— O quê?

— Vai dar tudo certo. Não sei como, mas vai dar.

Ele abriu um sorriso arrasado. Seus olhos castanhos lindos pareciam destruídos quando ele foi falar com a polícia.

Quando saí do prédio, vi que a pessoa mais importante da equipe não fazia parte da investigação — o delegado nojento.

— O que você está fazendo, Cole?! — bradei quando entrei na delegacia e o encontrei sentado à mesa, com a boca cheia do jantar do Dia de Ação de Graças que Lindsay devia ter deixado para ele.

Ele levantou o olhar e arqueou uma sobrancelha.

— Hum, meu trabalho.

— Porcaria nenhuma. Você é o delegado dessa cidade. Devia estar no restaurante do Alex conferindo o que aconteceu e tentando encontrar o culpado. — Apontei para os outros policiais na delegacia. — A equipe inteira devia estar lá. Está tudo um caos, Cole.

— Bom, pois é, às vezes tudo fica um caos mesmo. Mandei uns meninos para lá. Mas é difícil descobrir quem pode ter sido. Os caras usaram máscaras, então não há muito o que possa ser feito.

— Não há muito o que possa ser feito? — bufei. — Você pode pelo menos fingir que se importa?

A voz dele ficou mais grave, e ele riu de mim.

— Você espera que eu faça questão de ajudar o cara com quem você está saindo, Yar? Eu podia pensar em mil coisas que preferia fazer antes de ajudar aquele babaca. Tipo comer a torta de batata-doce da minha mãe — disse ele.

Ele ergueu uma garfada de torta, e eu bati na sua mão e joguei o prato inteiro na parede.

— Eita! — gritou ele, se levantando com um pulo. — Você ficou doida?

— Você ficou?! — rebati, meu peito subindo e descendo rápido de raiva. Eu nunca tinha sentido tanto nojo de alguém. Ele estava mesmo fazendo aquilo? Ele não ajudaria o Alex porque estava com ciúme por eu ter seguido com minha vida. — Você está se comportando feito um covarde. Um idiota fraco que foi colocado num emprego que nunca mereceu. — Eu me virei para os outros policiais e apontei para cada um deles. — E vocês deviam ter vergonha de

fazerem o que ele manda, de irem na onda dele e não fazerem seu trabalho.

Cole riu.

— Pelo visto, parece que eu ainda te deixo…

Paf.

Dei um tapa nele. Só percebi que minha mão tinha se erguido e aterrissado no rosto de Cole quando ele cambaleou para trás. Seus olhos se esbugalharam de choque. Eu também estava chocada, com a mão ardendo do impacto com o rosto dele.

Ele balançou a cabeça, e um sorriso sinistro surgiu em seu rosto.

— Agredindo um policial, hein? Muito bonito, Yar. Muito maduro — reclamou ele. — Jeff, joga a Yara numa cela por um tempo. Uma ou duas horas devem resolver o problema. Ela sempre fica nervosinha nos feriados.

Jeff se levantou, sem saber o que fazer. Ele pigarreou.

— Escuta, chefe…

— Agora! — ordenou Cole, batendo na mesa.

Senti um calafrio ao ver o monstro se libertar dentro dele.

Jeff se aproximou e segurou meu braço.

— Desculpa, Yara.

— Você só pode estar de brincadeira, né? — sibilei, chocada. — Você vai mesmo deixar ele fazer isso?

— Só estou fazendo o meu trabalho — declarou ele, me levando para uma das celas. Ele me colocou lá dentro e fechou a porta. — Você sabe que eu gosto de você, Yara. Não é nada pessoal.

— Não é o que parece.

Ele fez uma careta e esfregou a testa.

— Vou te soltar daqui a uma hora. Não se preocupa.

Quando ele se virou para ir embora, chamei seu nome, me segurando nas grades.

— Se você não for defender o que é certo, pode muito bem devolver seu distintivo, Jeff, porque você é exatamente o que há de errado nesse mundo. Você devia ter vergonha de ajudar aquele monstro.

Ele não disse mais nada.

Apenas me deixou naquela cela, onde passei o tempo todo sentada e preocupada com Alex.

Depois de uma hora, Jeff me soltou, e segui para a frente da delegacia.

Cole ainda exibia aquele sorriso feio e disse:

— Espero que você tenha aprendido uma lição valiosa com seu castigo.

Mostrei o dedo do meio para ele e fui embora.

Alex não estava em canto nenhum quando voltei para o Isla Iberia depois do meu castigo muitíssimo agradável. Dei uma volta, perguntando se alguém o vira, mas todos disseram que já fazia um tempo que ele não era visto por ali. Seu carro também tinha sumido. Meu coração batia disparado, e parecia que ele sairia do peito a qualquer momento. Tentei ligar para Alex, mas a chamada foi direto para a caixa postal.

Eu não sabia o que fazer, então atravessei a rua, me sentei no banco e resolvi esperar até ele voltar. Ele precisava voltar em algum momento. Ele precisava voltar.

— Yara — chamou Tatiana. Ela veio correndo e se sentou no banco. — Acho que sei onde ele está.

— Onde? Como?

— A Teresa me contou… — Ela balançou a cabeça. — Acho que ele está na casa da tia-avó. Tenho o endereço e posso te levar lá.

— O quê? Por que ele iria para lá?

— Porque acho que é para onde ele vai quando se sente longe de casa. E isto é para você — falou ela, pegando uma carta. — Eu ia te dar hoje, antes de tudo dar errado.

— O que é isso?

— Uma carta do Sr. Parker. Ele a deixou para você. Já estou com ela há um tempo, esperando o momento certo para te entregar.

Arqueei uma sobrancelha.

— Como assim ele me deixou uma carta? E o que você quis dizer com a Teresa ter te contado alguma coisa? Como você a conhecia? O que está acontecendo, Tatiana?

— Vou explicar tudo no caminho. Além do mais, uma vez a Teresa me disse uma frase que adorei. Acho que você precisa dizê-la para ele quando o encontrar. Mas, primeiro, leia a carta.

Querida Yara,

Se você estiver lendo isto, tudo está correndo como o planejado. Bem, pelo menos é o que eu espero. Estou torcendo para você não estar mais com aquele meu neto cabeça-dura, que parece querer estragar tudo de bom em você. Ele é um vampiro, sugando a bondade de todos ao seu redor.

Mas, se você estiver lendo isto e tiver conhecido um homem chamado

Alejandro, peço que analise bem seu coração e pense no que sente. Se Teresa tiver razão sobre esse rapaz, e se eu também tiver razão sobre você, os dois nasceram um para o outro — mesmo que apenas como amigos. Você precisa de bons amigos, além das suas irmãs. E alguém tão direto como Alex seria ótimo para você.

Agora, sei que é estranho e meio mórbido que eu e Teresa estejamos bancando os cupidos da amizade, já que estou morto, mas, pelas cartas que trocamos ao longo dos anos, percebi que eu e ela tínhamos algo em comum — arrependimento. Eu a amava, Yara. Nunca amei outra mulher como amei Teresa Ramírez, e meu maior erro foi não seguir esse amor quando eu era mais novo. Tinha medo de machucar minha família. Tinha medo de perder meu lar. E aí, quando percebi que ela era meu lar, fui a Madri e a encontrei com outro homem.

Isso partiu algo dentro de mim e voltei para casa me sentindo derrotado. Depois, descobri que ele era apenas um amigo, mas meu orgulho era grande demais para que eu continuasse insistindo.

Se eu soubesse naquela época o que sei agora, teria seguido Teresa até a Lua.

Se houver um paraíso, sei que ela estará lá um dia, e pretendo passar a eternidade em busca do seu sorriso, para ter outra chance de ser feliz para sempre ao lado dela.

Não há problema se eu e Teresa estivermos errados sobre você e Alejandro. Caso vocês não criem uma conexão, está tudo bem. Não faça as coisas só para me deixar feliz. Eu morri. Minha opinião não importa. Mas, se houver a menor chance de você ter encontrado um amigo verdadeiro, que a faz se sentir viva… Se você por acaso se sente mais como você mesma do que nunca, reflita sobre essa sensação.

Não perca seu final feliz na Terra, Yara.

Não deixe que o medo tire isso de você.

Até logo — mas nem tanto.
— Sr. Parker

P.S.: Pare de pensar tanto. Você está cuidando muito bem da creche. Eu a deixei para você porque confio na sua capacidade. Agora, está na hora de você também acreditar nela.

CAPÍTULO 43
Alex

Não consegui ficar no restaurante. Eu não conseguiria lidar com aquela energia. Minha cabeça estava cheia demais, então fui embora e voltei para casa.

Para o único lar que eu já tinha conhecido.

Entrei na casa em busca de Teresa, precisando do amor dela para me ajudar a superar aquele momento difícil. O que eu tinha construído para ela, em sua memória, fora destruído naquela noite. Aquilo mais parecia um peso pressionando meu peito.

Eu me sentei na casa vazia que tinha sido meu lar com Teresa, lendo as dezenas de cartas que ela havia trocado com o Sr. Parker. Eu sabia que as cartas existiam porque ela havia me contado sobre elas antes de falecer. O que eu não sabia é que elas falavam sobre mim e Yara. Nem imaginava que boa parte dos acontecimentos dos últimos meses tinha sido divinamente planejada antes mesmo de eu chegar à cidade.

Mesmo assim, era estranho ver as cartas de verdade.

Quando cheguei à última, vi que ela era endereçada a mim e escrita por Teresa. Ao abri-la, tudo começou a fazer sentido.

Querido Alejandro,

Caso você esteja lendo isto, significa que Ana lhe entregou minha carta. Que bom. Já estava na hora.

Você já leu meus diários? E minhas cartas para Peter, você já bisbilhotou esses momentos íntimos?

Quem estou querendo enganar? É claro que sei que você leu tudo, seu enxerido. Mas isso é bom. Você precisava ler tudo isso para conseguir entender por que eu queria que fosse para Honey Creek e se instalasse bem em frente àquela creche de cachorros. Eu precisava que você entendesse que, às vezes, precisamos de uma mãozinha para encontrarmos um final feliz. Pelo que fiquei sabendo, Yara Kingsley é uma boa menina. Foi por isso que lhe dei o cachorro — para você ser

obrigado a conviver com alguém que lhe faria bem. Se uma amizade florescer, então aproveite para se abrir com ela, Alejandro. Você merece ter boas pessoas em sua vida, porque você é uma boa pessoa. Você merece conseguir confiar nos outros de novo depois de ter sido tão maltratado.

Sei que a vida não foi fácil para você, meu Alejandro. Sei que a vida criou muitas barreiras, mas você é forte. Nunca pare de lutar. Nunca se renda. E nunca desista do amor.

E, ao contrário de mim, não ouse deixá-lo ir embora.

Segure firme.

Ame em alto e bom som.

Até mais tarde (bem, bem mais tarde).

— Teresa

Fiquei sentado ali por um tempo, chocado com o que ela havia escrito para mim e para Peter. Tinha sido tudo armado. Tudo. Os dois tinham passado anos trocando cartas, falando que eu e Yara seríamos melhores amigos.

A ideia inteira era difícil de digerir.

Aqueles dois fuxiqueiros tinham planejado tudo. Eu conseguia imaginar Teresa rindo, toda feliz por bancar a casamenteira na minha vida. E a maneira como eles explicavam tudo também parecia bastante sincera. Ler suas palavras era como ler uma história de amor congelada no tempo. Eles sabiam que não teriam outra chance um com o outro, mas também acreditavam tanto no amor que tentaram armar uma amizade entre mim e Yara.

E… deu certo. Deu certo *demais*.

Eu me apaixonei por ela. Eu me apaixonei por cada centímetro dela.

Eu precisava encontrá-la, porque agora sabia que meu lar não eram aquelas quatro paredes. Era Yara. Ela era meu lar, e eu precisava estar onde ela estivesse.

Antes mesmo de eu conseguir me levantar para pegar meu celular, bateram à porta. Quando atendi, fiquei chocado ao ver Yara parada na minha frente.

— O q…, o quê… — gaguejei.

— Oi, Alejandro — arfou ela.

— Oi, Yara.

A confusão reinou na minha cabeça.

— Como… O que você está fazendo aqui? Como você soube onde eu estava?

— A Tatiana me trouxe. — Ela pôs a mão no bolso e pegou uma carta. — No fim das contas, tinha pessoas do outro lado tentando bancar os cupidos.

— Essa é do Sr. Parker?

— É, sim. — Ela voltou a guardar a carta no bolso e me puxou para um abraço. — Você está bem?

— Não — confessei. Eu me aninhei nela. — Destruíram o restaurante. Ainda estou tentando assimilar o que aconteceu. Desculpa eu não ter visto suas mensagens. Eu só precisava de um tempo para colocar a cabeça no lugar. Mas você não precisava ter vindo até aqui.

Ela respirou fundo.

— *A dónde vayas, yo voy.*

E isso bastou para amenizar a dor no meu peito.

Aonde você for, eu vou.

Segurei as mãos dela, beijei suas palmas com delicadeza e a puxei para o meu peito. Ficamos assim por uma eternidade. Ficamos assim enquanto a lua começava a brilhar. Permaneci abraçado a ela, sabendo que eu passaria o restante da minha vida fazendo isso, porque, ao contrário de todo mundo que tinha vindo antes, ela fez algo diferente. Ela ficou comigo.

CAPÍTULO 44

Alex

UM ANO ANTES

— Aqui? — murmurei, sentado em um banco enquanto a noite caía, encarando o velho cinema dilapidado do outro lado da rua, no meio de uma cidadezinha escondida chamada Honey Creek, em Illinois.

O lugar era cheio de campos de milho e calçadas de pedra, sem nenhum sinal de trânsito. O centro da cidade era uma torre de relógio enorme na rua principal, pavimentada com tijolos vermelhos, onde ficavam todas as lojas de Honey Creek, inclusive o velho cinema abandonado.

O prédio parecia meio deslocado entre as lojas reformadas de estilo vitoriano ao redor. Era difícil acreditar que Chicago ficava a apenas vinte minutos de carro dali. Estar naquela cidade me passava a impressão de que eu tinha viajado no tempo para quarenta anos antes e encontrado uma câmara de tortura personalizada.

Eu detestava cidades pequenas. Elas estavam repletas de pessoas de cabeça pequena, que faziam mais fofoca do que trabalhavam. Minha vida não tinha espaço para fofoca. Pelo menos não de um jeito tão gritante. Em Chicago, as coisas eram diferentes. Na maior parte do tempo, eu preferia não me misturar com os outros. Parecia quase impossível conseguir fazer isso em um lugar como Honey Creek.

Tinha até o cheiro que eu esperaria de uma cidade pequena: lufadas de pão fresco e torta de maçã perfumavam o ar. Era tão previsível que chegava a ser sufocante. Pelo visto, a única redenção culinária daquele lugar era torta de maçã.

Eu detestava torta de maçã.

— Aqui — disse minha tia-avó Teresa com um tom determinado, sentando-se ao meu lado, com a bengala na mão direita, o corpo delicado.

O suéter de tricô antigo e puído estava largo em seus ombros, e ela fitava o prédio à nossa frente com um sorrisinho. O sorrisinho combinava com seus olhos castanhos, que brilhavam com uma certeza implacável. Apesar de mal ter um metro e meio de altura, a vivacidade de Teresa a fazia parecer uma gigante.

— Você só pode estar brincando.

— Tem muito charme.

— E um monte de ratos — resmunguei, me sentindo cada vez mais frustrado. Eu me recostei no banco e suspirei. — Quando você falou que seria em Illinois, imaginei uma parte chique de Chicago. Não…

Gesticulei na direção do cinema decadente.

Ela deu de ombros.

— Você já tem um restaurante em Chicago. Não teria graça nenhuma. Mas isso… isso aqui é novo. — Ela apontou para o cinema. — Isso é um desafio.

— Por que mexer em time que está ganhando? Meus outros quatro restaurantes estão indo muito bem, e não entendo como esse lugar novo e desafiador seria vantajoso.

— Essa empreitada vai ser igual às outras — disse ela. — Um sucesso.

Estreitei os olhos.

— Essa cidade mal tem mil habitantes. Como vou manter um restaurante de luxo aqui? Não é um lugar com muita gente, e as pessoas que estão aqui comem no… — Acenei para trás. — Peter's Café.

— Aqui é o lugar — afirmou Teresa, sem se deixar abater pelo meu ceticismo. — Desde que você me prometeu um restaurante quando era garoto, eu o imaginei aqui.

— Essa promessa pode ser cumprida em Chicago.

— Você me pediu que escolhesse o lugar. Escolhi este, Alejandro Luis Ramírez.

Ela usou meu nome todo.

Um sinal de que a conversa havia acabado.

Aborrecido, eu me recostei no banco.

— Por que aqui? Eu estava disposto a abrir um restaurante em qualquer lugar, até em Madri. Por que você não escolheu seu lar?

— Lar não é um lugar, Alejandro. Lar é uma pessoa, e essa pessoa era daqui.

— A sua pessoa veio de uma cidade no meio do nada em Illinois? — perguntei, perplexo.

— Sim.

— E essa pessoa é…?

— *Era* — corrigiu ela, calma. — Peter — disse ela com um sussurro nostálgico.

— Quem é Peter?

— Peter Parker.

Arqueei uma sobrancelha e me virei para encará-la.

— O Homem-Aranha?

— Como assim, Homem-Aranha?

Eu ri.

— O super-herói. Peter Parker.

Ela arregalou os olhos.

— Você conhece o meu Peter Parker?

— Tenho a sensação de que estamos falando de Peters diferentes. Me conta sobre o seu.

Com um suspiro e um sorriso melancólico, Teresa começou sua história. Enquanto ela mergulhava nos detalhes, percebi uma coisa chocante. Por trás da imagem cuidadosamente projetada de minha tia-avó como uma eterna farrista estava uma mulher que havia encontrado, e então perdido, um amor profundo.

Teresa apaixonada?

Era estranho pensar nisso.

Desde que eu era pequeno, sempre havia um cara diferente aos seus pés, realizando todos os seus desejos. Até o apartamento de Madri tinha sido comprado por um cara a quem ela mal dava atenção e com quem só saía aos sábados, porque ele sempre levava os melhores vinhos e ela bebia o suficiente para dançar com ele até o sol nascer. Miguel talvez fosse seu nome. Ou Cristian. Eu não lembrava mais.

Só que a questão era justamente essa — todo homem era transitório. Enquanto eles a idolatravam como se ela fosse da realeza, ela mal se lembrava de seus sobrenomes.

— O Peter era tudo para mim — confessou ela. — Depois de você, é claro.

— Por que você nunca me contou sobre ele? — perguntei, chocado com a revelação casual.

Um silêncio pesado se abateu sobre nós, então ela finalmente falou, a voz carregada de lembranças e arrependimentos.

— Às vezes, as maiores alegrias da vida são as mais difíceis de compartilhar. — Ela olhou por cima do ombro para o café, então voltou a encarar o cinema abandonado. — Quando eu tinha 16 anos, meu pai nos trouxe para morar nos Estados Unidos por uns anos. Nessa cidade. Conheci um rapaz chamado Peter. Um dia, ele estava estudando no mesmo café que eu. Eu lia em voz alta enquanto tentava aprender inglês, e estava repetindo uma palavra errado. O Peter me escutou e veio me ajudar. No fim das contas, ele estava tentando aprender espanhol, então passamos a nos encontrar no café toda semana, para ensinar um

ao outro. A família do Peter tinha fundado a cidade. Por isso o café se chama Peter's Café. Tem até um sanduíche chamado Teresa.

— O que aconteceu com o Peter? — perguntei. — O que houve?

— Ah, nós passamos os anos seguintes nos apaixonando nessa cidadezinha. Vivi meus "primeiros" com ele.

— Seus primeiros?

— Sim. Meu primeiro frio na barriga por causa de um romance. Minha primeira crise de riso até chorar. Meu primeiro beijo importante. — Ela apontou para o cinema. — E meu último beijo importante, lá dentro daquele prédio. — Seu sorriso hesitou um pouco, e vi a mudança na sua personalidade. — A nossa história é antiga.

Ela compartilhou seu passado com Peter, um romance que havia começado em Honey Creek. Seu caso de amor intenso havia chegado ao fim sem a aprovação da família, com os dois sendo separados por circunstâncias da vida.

Apesar dos anos e da distância, dava para perceber que a conexão entre eles era real, e Teresa ainda tinha muito carinho pelas lembranças.

— Sinto muito por ter acabado desse jeito — falei.

— Obrigada. — Ela se recompôs. — Há mais de dez anos, recebi um e-mail do Peter. Ele me encontrou na internet.

— Um e-mail?

— Sim. Ele me contou sobre a vida em Honey Creek. Que tinha se casado e tido filhos, netos. Que ajudava a administrar a cidade, e o quanto ela era importante para ele. Respondi, e começamos a trocar mensagens. No começo, eu me sentia culpada pelas palavras que eu dizia. Então passei a me sentir segura. Era como conversar com um fantasma. Um velho amigo que se lembrava dos melhores dias da sua vida. E ele me escrevia em espanhol. Eu respondia em inglês, mostrando o quanto tínhamos avançado nos nossos estudos. Nós trocávamos fotos e todas as histórias que não pudemos compartilhar ao longo dos anos.

— Você passou os últimos dez anos trocando e-mails com esse cara?

— Aham.

— Você voltou para os Estados Unidos há mais de doze anos. Nós moramos em Chicago. Por que você não o procurou? Por que não tentou encontrar com ele?

— Ah. — Ela deu de ombros. — Ele tinha uma vida inteira aqui. Não cabia a mim abalar isso tudo. Eu não conseguia nem falar com ele no telefone, porque achava que isso tornaria as coisas… não sei. Reais, talvez. A ideia de escutar a

voz dele parecia absurda, porque eu achava que talvez ainda estivesse apaixonada.

— Parece que você nunca deixou de estar apaixonada.

— Talvez o amor funcione assim mesmo… Talvez ele dure para sempre.

— Como saber se é amor de verdade?

— *Latidos del corazón* — disse ela. — Pelas batidas do coração. O coração não mente, mesmo quando o cérebro tenta enganá-lo. Toda pessoa que já se apaixonou, para o bem ou para o mal, o sente no fundo da alma para sempre. E o amor de verdade é assim mesmo: para o bem ou para o mal.

— O que esse Peter fez com você? Bem ou mal?

Ela riu baixinho.

— Ele me fez bem.

Isso me deixava triste por ela. O maior amor da sua vida tinha acontecido na juventude. Fiquei me perguntando se valia a pena ter uma experiência assim, tão breve.

— Os e-mails pararam? — perguntei.

— Sim. Pararam. Ele ficou doente e me disse que não teria muito mais tempo de vida. No último que mandou, ele se despediu com um até logo. E estou contando com essa promessa. O Peter nunca foi de quebrar promessas.

— Teresa, sint…

— Não me venha com condolências, sobrinho — alertou ela. — Porque tive a sorte de conhecer um amor assim. A maioria das pessoas não tem uma oportunidade dessas. Eu tive duas. Quando eu era jovem, e agora, no fim da vida, quando os e-mails despertaram novamente essa emoção. — Ela segurou a chave pendurada no pescoço e a arrancou. — No último, ele deixou algo para mim. Depois que ele faleceu, recebi essa chave.

— Que chave é essa?

Ela apontou para o cinema.

— Ele disse que eu podia fazer o que quisesse com o lugar, e acho que quero um restaurante aqui. Para outros jovens poderem dar seus primeiros beijos lá dentro, se apaixonarem e encontrarem o final feliz que eu e o Peter não tivemos.

Eu ri, balançando a cabeça.

— Quem diria que minha tia Teresa era uma romântica inveterada?

— Otimista — corrigiu-me ela. — Sou uma romântica otimista. Existe uma diferença. Falando nisso… — Ela bateu na minha perna com a bengala. — Que história foi essa de você pedir a Catie em casamento?

— Quem te contou isso? — perguntei, sabendo muito bem quem tinha sido.

— O Noah. Ele me ligou para nossa conversa de todo domingo.

Noah era meu melhor amigo e conhecia Teresa havia anos. Ele sentia que ela era a avó que ele nunca tivera. Às vezes, eu tinha a impressão de que os dois se falavam mais do que eu falava com eles, mesmo quando eu morava com Teresa. Ela dizia que eu sempre estava ocupado demais com meus pensamentos para me comunicar com as outras pessoas.

— É claro que ele te contou — resmunguei, sem querer entrar nesse assunto.

Ela colocou a mão sobre a minha, que estava no meu colo.

— Sinto muito, Alejandro.

— Eu estou bem. Não importa.

— Importa, sim. E não é justo o que fizeram com você.

Fizeram.

No plural.

— Não importa — repeti.

— Importa, sim — insistiu ela. — Por que você não me contou o que aconteceu? Por que você não conversou com o Noah? Ele é seu melhor amigo e ficou sabendo disso pela irmã da Catie. Por que você não contou para a gente?

— Por que eu não comentei que minha namorada não quis casar comigo porque estava me traindo? — bufei, um pouco frio demais ao falar com Teresa.

— Sim — disse ela, sem se ofender com minha grosseria.

Ela sempre sabia quando eu não queria ofender com meu mau humor.

Comecei a cutucar as unhas e dei de ombros.

— Às vezes, as piores questões da vida são as mais difíceis de compartilhar — murmurei.

Ela sorriu para mim. Então deu um tapinha no meu rosto.

— Bom menino.

Sorri para Teresa e olhei para o outro lado da rua. A luz do poste piscou, afetando nosso círculo iluminado.

— Que tipo de restaurante você quer? — perguntei.

— Algo meio *fusion*. Talvez de culinária caribenha e espanhola. O Peter me disse que adorava comida caribenha.

— Você acha que um restaurante metido de comida *fusion* vai sobreviver numa cidadezinha que nem essa?

— Bom, eu acho que você poderia abrir um restaurante em Marte amanhã que ele teria uma fila que daria a volta em Júpiter.

Eu ri. A pessoa que mais me apoiava em tudo.

— Bom, sabe o que dizem por aí. O que Teresa quer…

O sorriso dela se alargou e ela colocou a chave na minha mão.

— Teresa consegue. Além do mais… talvez você também encontre o amor por essas ruas.

— Não estou procurando amor, Teresa.

— Sim — concordou ela. — E é nesses momentos que ele costuma aparecer.

Baixei a cabeça.

— O que o médico falou hoje? Quanto tempo ele disse que temos?

Ela sorriu.

— Não podemos nos preocupar tanto com o futuro, Alejandro. Isso estraga o presente. E, no presente, continuo aqui. Além disso… — Ela se inclinou para a frente e deu uma batidinha na minha mão. — Nunca vou te abandonar, Alejandro, mesmo depois que eu morrer, porque nós somos uma família. Nós estamos conectados por algo maior que a vida. Você vai sentir minha presença aonde quer que vá, porque seu ar é meu ar, seu coração é meu coração, e seu amor é meu amor. Portanto, sempre estarei com você. Quando você não conseguir mais me enxergar com seus olhos, me encontre com sua alma. *A dónde vayas, yo voy.*

CAPÍTULO 45

Yara

PRESENTE

Na manhã seguinte, acordei nos braços de Alex. Era exatamente onde eu queria estar.

Quando me sentei, meu celular apitou na gaveta. Eu me estiquei para pegá-lo e vi um monte de mensagens de Tatiana e das minhas irmãs.

TATIANA

Sei que você e o Alex devem estar conversando ou fazendo coisas que não são da minha conta. Mas preciso que os dois estejam na prefeitura às dez horas.

AVERY

Cara, cadê você? Atende o telefone.

WILLOW

Alô, Yara, cadê você? Você precisa estar às dez horas na prefeitura. Vai ser um pandemônio. A cidade está se rebelando contra o Cole.

Olhei para a hora, então cutuquei Alex.

Ele se mexeu um pouco e então despertou.

— O que houve? — Ele bocejou, sentando-se na cama.

— Acho que precisamos voltar para a cidade. Recebi um monte de ligações e mensagens da minha irmã e da Tatiana.

Ele pegou o celular e arregalou os olhos.

— É, eu também. Vamos logo.

Mandei uma mensagem para as meninas.

YARA

Já estamos a caminho.

Quando chegamos, a prefeitura estava lotada. Cole estava em um palco, tentando acalmar a multidão raivosa, com Tatiana no lado oposto do palco. Atrás de Cole estavam alguns de seus policiais, nitidamente ali para protegê-lo.

O que é que estava acontecendo?

Parado diante da multidão, Cole suava em bicas. Ele nunca teve talento para falar em público, mas sua aparência estava péssima.

— Escuta, pessoal, já ouvi todas as reclamações e posso garantir que o departamento de polícia está investigando tudo…

— E o que me garante que a mesma coisa não vai acontecer com a minha loja?! — gritou Pat, interrompendo Cole. — A situação com o restaurante do Alex é inaceitável. Essa investigação dos culpados pelo vandalismo já está acontecendo há meses e vem sendo feita que nem a sua cara! Tudo bem, o Alex é meio babaca com toda essa banca de "não me dirijam a palavra". Ele também tentou transar com a Yara no meu ateliê enquanto os dois estavam cobertos de argila…

— Espera, o quê? — berrou meu pai, descobrindo naquele instante que eu e Alex quase tínhamos chegado aos finalmentes no ateliê de cerâmica.

Mais um item para colocar na lista de "conversas com meu futuro terapeuta".

Pat continuou:

— Mas ele é um cara legal! Ele até fez uma parceria comigo para usar algumas das minhas peças como decoração no restaurante. Conversamos sobre montar um bufê para a minha loja. Então o fato de o negócio dele ter sido vandalizado também afeta o meu.

— Escuta, Pat… — começou Cole, mas foi interrompido de novo.

— O Alex não fez nada além de ajudar todo mundo nessa cidade, apesar de ter um milhão de motivos para não fazer isso — disse o Sr. Yang, levantando-se da cadeira. — Claro, ele é rabugento e não sabe sorrir. E, claro, ele age como se interagir com qualquer ser humano além da Yara fosse tão doloroso quanto fazer um tratamento de canal. E claro que ele está sempre com aquela cara de que vai matar a próxima pessoa que tentar puxar assunto…

— Mas que porra é essa? Eles tiraram o dia para me esculhambar? — murmurou Alex. — Não sei se estão me defendendo ou tentando me fazer chorar.

Era impossível não rir das alfinetadas que as pessoas davam no meu gato preto. E ninguém estava mentindo. Alex praticamente rosnava para todo mundo que não fosse eu. Eu meio que gostava do fato de ele odiar a maior parte das pessoas.

Sr. Yang continuou:

— … mas o meu negócio está superando minhas projeções agora que o Alex vende meu vinho no restaurante! Ele até fez pedidos para os outros restaurantes dele e me recomendou para outros chefs. As pessoas estão comprando garrafas

porque provaram no restaurante dele. Saber que a polícia não está fazendo nada para ajudá-lo é um absurdo. Você devia ter vergonha, Cole!

Antes que Cole conseguisse se defender, todo mundo na cidade começou a demonstrar sua indignação pelo que estava acontecendo com o restaurante de Alex. Todos deram sua opinião, alguns usando termos mais acalorados que outros.

— O que está acontecendo? — sussurrou Alex ao meu lado, chocado com o apoio que recebia das pessoas.

Segurei a mão dele e a apertei.

— Você está vendo Honey Creek de verdade. É assim que nós somos. É assim que realmente agimos.

Olhei para Tatiana, que exibia um sorriso enorme. Ela piscou para mim e deu de ombros. Estava nítido que ela havia subido naquele palco para destruir Cole, porém, de algum jeito, ele tinha conseguido fazer isso sozinho.

— Eu e minha equipe estamos trabalhando há semanas para pegar os meninos que estão causando problemas no estabelecimento do Sr. Ramírez — mentiu Cole.

— Isso não é verdade — disse uma voz trêmula atrás dele.

O salão caiu em silêncio quando o policial Jeff se levantou.

— Veja bem, eu entendo que temos uma regra de cuidarmos uns dos outros, delegado, mas isso foi longe demais. Eu tentei ignorar o máximo que consegui, mas, quando a Yara foi à delegacia ontem à noite, ela falou a verdade. Quando não fazemos o que é certo, o problema somos nós. Você mandou a gente não investigar os incidentes com o Sr. Ramírez. Você disse para deixarmos isso para lá.

— E por que é que eu faria uma coisa dessas? — rebateu Cole, seus olhos brilhando com a mesma raiva que eu testemunhava quando morava com ele.

A raiva que tinha me mantido em silêncio por tanto tempo.

Apertei ainda mais a mão de Alex, e ele me puxou para perto.

— Não sei — respondeu Jeff. — Só sei que sua ordem foi essa.

Antes que Cole pudesse responder, as portas da prefeitura se abriram, e lá vieram Milly e Mary Sue arrastando quatro adolescentes. Elas andaram com a cabeça erguida até a frente do palco e apresentaram os garotos para todos.

— Aqui — disse Milly, gesticulando para Cole. — Como você parece incapaz de fazer seu trabalho, eu e minha irmã resolvemos descobrir de uma vez por todas o que aconteceu com o restaurante do fofo do Alex. Esses são os quatro garotos que vandalizaram o prédio.

Cole pigarreou e assentiu com a cabeça.

— Ótimo. Viram só, pessoal? Está tudo resolvido, e agora sabemos quem foram os culpados. Eu e minha equipe…

— Ah, por que você não cala a boca, Cole Parker, seu merdinha — disse Mary Sue, lançando um olhar sério para ele. — Os meninos já disseram que você os pagou para vandalizar o restaurante do Alex.

— O quê? Mentira. Isso nunca aconteceu. E jamais aconteceria. Agora, a menos que vocês tenham provas…

— Steven — disse Milly para um dos garotos.

— Oi — respondeu ele.

— Mostra para ele — ordenou ela.

Steven pegou o celular e exibiu um vídeo, gravado sob uma mesa, de Cole fazendo um acordo com os meninos. Estava tudo bem claro, e o salão explodiu de indignação.

— Seu fedelho — disse Cole, pulando em cima dele. Por sorte, os outros policiais o seguraram e colocaram algemas nele, conforme a raiva de Cole foi aumentando. — Por que diabos você filmaria isso?! — berrou ele, as veias saltando em seu pescoço.

— A gente é *Gen* Z, cara. — Steven deu de ombros. — Nós filmamos tudo.

Quando vi, todo mundo estava vindo falar comigo e com Alex, pedindo desculpa por tudo que havia acontecido. Os policiais levaram Cole embora. Eu não sabia o que ia acontecer com ele, mas sabia que ele estaria oficialmente fora da minha vida. E Cacau jamais teria que voltar para a casa da mãe dele.

— Não acredito que você foi casada com aquele monstro — disseram algumas pessoas para mim. As mesmas que diziam que eu era uma péssima esposa por abandoná-lo. — Ainda bem que você se livrou dessa.

Tatiana deu uma batidinha no microfone.

— Tudo bem, pessoal. Gente, vamos fazer silêncio. Como já combinamos, vamos organizar turnos para ajudar a limpar o restaurante do Alex. Roe, você disse que vai trocar as janelas — disse ela, apontando para Roe Campbell.

— Aham. E meu filho limpa tecidos como ninguém. Aquelas cadeiras vão ser consertadas num piscar de olhos.

— Perfeito. — Tatiana gesticulou para Haley Smith. — E você, Haley. Você vai cuidar das luminárias.

— Já encomendei as novas. Trabalhei com seu fornecedor em Chicago, Alex. Ele me devia um favor. Elas vão chegar na semana que vem.

— E minha equipe vai pendurar a placa de novo — acrescentou papai. — E

vamos resolver todos os problemas estruturais.

— E, cara, nós sabemos que fomos os babacas que estragaram seu restaurante — disse um dos adolescentes —, mas, se você quiser, podemos gravar uns vídeos para te fazer viralizar. O Jacob aqui tem uns dois milhões de seguidores no TikTok. Isso é, se você não mandar a gente para a cadeia e tal. Minha mãe ia ficar pistola.

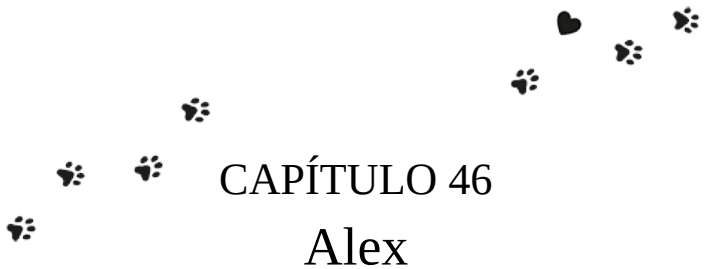
— Já estou pistola, Timothy! — gritou uma voz na multidão.

Alex riu baixinho, balançando a cabeça.

A lista de ajudantes só aumentava. Sempre que alguém falava, os olhos de Alex ficavam mais marejados. Tatiana o chamou para subir ao palco e dizer algumas palavras, e ele me levou junto, sem largar minha mão. Segui seus passos, obviamente, porque eu iria aonde quer que ele fosse.

Alex pegou o microfone e pigarreou, engolindo as lágrimas.

— Bom, hum, não sou muito bom com microfones, mas, bem… Cheguei a essa cidade com muitos pensamentos e opiniões ruins sobre as pessoas que viviam aqui. — Ele fechou os olhos por um instante, respirando fundo, assimilando tudo, e então, quando os abriu outra vez, esfregou o queixo e continuou falando baixo: — Obrigado, Honey Creek, por mostrar que eu estava errado. Mas não interpretem isso como um sinal de que quero ficar de conversa fiada na rua. Ainda odeio essa merda.



CAPÍTULO 46

Alex

CINCO MESES DEPOIS

Foram necessários cinco meses para o Isla Iberia reabrir, mas, quando isso aconteceu, a cidade inteira se reuniu para a grande reinauguração. E as pessoas fizeram o que faziam de melhor — a porcaria de um festival. Por que todos os moradores de cidades pequenas gostavam tanto de festivais? Eles pareciam organizar um sempre que tinham uma oportunidade.

Mas eu não reclamaria. O jeito como eles tinham me protegido e ajudado a consertar o restaurante e promover seu sucesso era impressionante. Até os adolescentes idiotas que vandalizaram o restaurante agora cuidavam de todas as contas nas redes sociais. Havia quem achasse que eu devia ter prestado queixa, mas eu achava que, com as visualizações que eles conseguiram e suas promessas de pararem de babaquice, estávamos quites.

Quanto a Cole, ele estava cumprindo a pena pelo buraco que havia cavado para si mesmo. No fim das contas, o meu não fora o único caso que ele tinha deixado de lado. Ele tinha começado a ter algumas atitudes suspeitas por baixo dos panos, e a justiça estava sendo feita. Eu não podia dizer que lamentava por ele. A verdade era que eu estava torcendo para ele passar um bom tempo apodrecendo na cadeia.

Yara talvez não pensasse da mesma maneira, porque ela era um pouco melhor que eu nesse sentido. Mas nós não falávamos muito dele. Depois que essa porta tinha se fechado, nós a havíamos trancado para manter aquele cara longe para sempre.

Depois de cortar a fita da inauguração do restaurante e do festival, levei Yara para a casa de Teresa pela última vez. Eu finalmente dei permissão para Todd vender a casa. Uma última visita parecia certo antes de seguir para meu novo capítulo.

— Então isso é um adeus? — perguntou Yara quando entramos na casa de Teresa.

No geral, ela estava vazia. As únicas coisas que restavam eram as da cozinha.

Achei que seria legal preparar uma última refeição naquele fogão.

Nos últimos meses, eu fui tirando todos os móveis da casa, junto com os quadros na parede. Os cômodos não tinham mais nada, mas não pareciam vazios como na época em que Teresa havia morrido. Eles pareciam limpos.

— É, agora sim. — Cruzei os braços. — Ontem à noite, falei para o meu corretor colocá-la à venda. Achei que já estava na hora de me desapegar. Ela não iria querer que eu continuasse preso a esse lugar. Além do mais, meu lar agora fica em Honey Creek. Posso deixar esse capítulo para trás.

Yara caminhou pelos corredores, analisando tudo.

— Só consigo imaginar todas as memórias que você criou aqui.

— As melhores. — Estendi a mão para ela. — Quero te mostrar uma coisa.

Ela me seguiu até um dos quartos, onde havia uma toalha de piquenique no chão com uma cesta em cima. Havia velas pelo cômodo.

— O que é isso? — perguntou ela, parecendo surpresa.

— Nós nunca terminamos nosso piquenique em Hillstack. Então resolvi preparar uma nova cesta para a gente.

— Meu gato preto fofo e romântico.

Gesticulei para que Yara se sentasse, e ela obedeceu. Eu me acomodei a seu lado e abri a cesta. Não eram biscoitos de água e sal, mas sim algo que fez seus olhos se encherem de lágrimas.

— Alejandro, o que você está fazendo? — arfou ela enquanto eu arrumava a comida.

Sanduíches de pasta de amendoim e geleia, batata chips sabor churrasco, suco de maçã e fatias de laranja. As mesmas coisas que a mãe dela havia colocado na cesta muito tempo atrás, quando conheceu Yara e seu pai. A cesta que havia começado sua família. A cesta que lhe dera irmãs.

Ah, sim, também tirei uma caixa de anel de dentro dela.

Abri a caixa e mostrei para ela.

— Eu podia fazer um discurso demorado, mas achei que acabaria me atrapalhando com as palavras e pareceria um idiota, então vou ser curto e fofo. Yara Kingsley, eu vivia nas sombras até você aparecer. Por sua causa, voltei a ter sentimentos. Por sua causa, sei como é um amor que nunca vai embora. Então casa comigo e fica mais um pouquinho. Fica até nos tornarmos idosos com cabelos brancos. Fica até reencontrarmos a Teresa e o Peter para gritarmos com eles por terem bancado os cupidos. Só… fica e diz que sim.

As mãos dela seguraram meus braços, e ela me puxou para perto, roçou os lábios contra os meus.

— Sim.

Passamos horas na casa. Depois que o efeito da comida da cesta passou, preparei um jantar tardio na cozinha de Teresa. Usei as panelas e as frigideiras de minha tia-avó. Yara me ajudou a cortar os legumes. Transferimos a toalha de piquenique para a varanda às três da manhã, derramando vinho e rindo sem parar. Yara sorriu para mim, ficamos sentados na toalha, os dedos ao redor da haste da taça.

— Tudo bem, próxima pergunta. Qual foi o melhor dia da sua vida? — perguntei.

Ela fez uma pausa e olhou para mim. Seus lábios se curvaram. Ela não disse nada, mas voltou a olhar para o céu escuro. Ela não disse as palavras, mas eu sabia sua resposta, porque era igual à minha.

Aqui. Isto.

Nós. Agora.

Ficamos sentados ali, na casa que havia me visto crescer, enroscados um no outro, completa e totalmente preenchidos. Eu podia ter perdido um pouco de sal na minha vida, mas Yara certamente me ofereceria uma pitada a mais. Ela era meu final feliz, e eu sabia que isso era verdade por causa dos *latidos del corazón*.

Ela estava nas batidas do meu coração.



EPÍLOGO

Yara

UM MÊS DEPOIS

— *Para, Alex!* A gente precisa ir.

Eu ri enquanto ele beijava meu pescoço. Nós estávamos na câmara frigorífica, nos agarrando como adolescentes embaixo da arquibancada da escola. Nós nos beijávamos como se nunca tivéssemos feito isso. Eu me sentia tomada por tesão e desejo enquanto meu corpo pressionava o dele. Suas mãos me percorriam enquanto um grunhido baixo escapava de seus lábios. Eu adorava isso. Adorava não apenas sentir o desejo dele, mas ouvi-lo quando ele o verbalizava.

— Esse seu perfume é maravilhoso — sussurrou ele, me levantando para uma das prateleiras vazias da câmara. Ele subiu um pouco meu vestido, passando a mão pelo interior da minha coxa. — Mas aposto que te provar seria melhor ainda.

Um gemido baixo escapou dos meus lábios quando quase caí na armadilha que era Alex Ramírez. Aquela boca safada sempre me fazia perder o bom senso.

— *Não!* — exclamei, balançando a cabeça e voltando para a realidade. Eu saí da prateleira e o empurrei de leve. — Para com isso.

— Mas eu só — ele abriu um sorriso maldoso e me encarou — quero mais um pouco.

Apontei um dedo para ele, séria.

— Não, Alex. Fica aí — ordenei. — Seja um bom menino.

— Ah. — Ele mordeu o lábio inferior. — Mas sei que você gosta quando eu me comporto mal.

Ah, gosto mesmo.

Eu adorava quando ele ignorava minhas ordens. Eu sabia treinar cachorros, mas Alex parecia incorrigível quando se tratava de tirar suas patas de mim. Eu quase nunca me importava, mas, naquela tarde, tínhamos um cronograma rígido.

Balancei a cabeça.

— Tudo bem.

Dei um passo para trás, aumentando a distância entre nós. Alisei o vestido com

as mãos. E não era qualquer vestido. Era meu vestido de casamento. *Ai, nossa.* Eu ia me casar hoje. Em quinze minutos, eu me casaria com o homem que me amava mais do que eu já tinha sido amada na vida. Isto é, se eu conseguisse convencê-lo a sair da maldita câmara frigorífica.

— O que você acha? — perguntei, fazendo pose.

Os olhos castanhos de Alex sorriram antes de seus lábios.

— Você parece um sonho que virou realidade.

Meu amado gato preto.

Dei uma risadinha e bati no seu braço.

— Tudo bem, agora você pode ir embora. E vamos fingir que não nos vimos, tá? Acho que isso dá azar. Mas finge que você está tão impressionado com a minha beleza quanto ficou quando me viu mais cedo e me arrastou para a câmara frigorífica.

— Pode acreditar, Goldie. Não vou parar de ficar maravilhado tão cedo. Você está espetacular.

Minhas bochechas esquentaram. Eu ainda ficava com vergonha sempre que ele me elogiava, e ele fazia isso com muita frequência. Eu podia estar coberta por baba de cachorro, que ele dizia que eu era a mulher mais linda do mundo.

Eu o empurrei na direção da porta.

— Anda. Vai logo. Ou vou acabar fazendo coisas que eu estava guardando para depois dos nossos votos.

Ele arqueou uma sobrancelha, empolgado.

— Eu sempre topo uma boa refeição. Depois podemos comer mais um pouco. Adoro lanchinhos.

— *Alejandro.* — Eu ri. — *Vai embora.*

Ele me puxou para perto e voltou a beijar meu pescoço. Meu corpo se arqueou na direção dele com as sensações que me dominavam. Eram sempre os beijos no pescoço que me faziam derreter. E ele sabia disso. Ele estava usando a boca para me fazer querer mais beijos.

— Só mais um pouco — gemeu ele contra minha pele, passando a mão pela minha bunda e me puxando para perto.

Meu corpo pressionou o dele, e ri da rigidez que roçou minha coxa. Fiquei com a impressão de que a maior preocupação dele no momento não era fazer os votos na frente de nossos entes queridos.

— Isso, isso, assim mesmo, meu Miau — murmurei.

Ele parou no mesmo instante e se afastou de mim. Ele me fitou com um olhar sério.

— Eu te avisei para nunca me chamar assim!

Eu ri.

— Precisei tomar medidas drásticas. Eu tinha que dar um jeito de tirar você de cima de mim. Agora, sai daqui.

Ele fez beicinho.

— Tudo bem. Mas vamos nos encontrar aqui depois que eu puder te chamar de esposa.

E eu seria isso mesmo em poucos minutos — sua esposa.

A Sra. Gato, ou melhor, a Sra. Ramírez, se eu quisesse ser mais exata.

Concordei.

— Combinado. — Quando ele abriu a porta, o chamei de novo. — Sr. Gato.

Ele olhou para trás. Eu me apaixonava por aqueles olhos toda vez que eles encontravam os meus.

— Oi, Goldie.

Bufei e revirei os olhos, estendendo a mão. Ele sorriu e a segurou.

Eu o puxei para perto e me apoiei em seu peito.

— Tá, tudo bem. Você venceu. — Eu lhe dei um beijo carinhoso e lento enquanto sussurrava: — Só mais um pouco…

AGRADECIMENTOS

Olá!

Obrigada por ler *Um namorado bom pra cachorro*! Espero que você tenha gostado e não vejo a hora de mostrar mais das irmãs Kingsley para vocês! Eu adoraria tirar um momento para agradecer a algumas pessoas que ajudaram a tornar este livro uma realidade:

Minha mãe e minha irmã, Candace. Obrigada por conversarem comigo sobre o enredo a qualquer momento do dia. Vocês são as pessoas mais criativas que conheço, e tenho sorte de poder debater minhas ideias com esses cérebros geniais.

Muitíssimo obrigada às minhas agentes Flavia e Meire, da Bookcase Agency, por sempre trabalharem duro em todos os momentos do dia pelos meus livros.

Agradeço à minha equipe de edição: Virginia, Jenny, Emily e Ellie. Obrigada por apagarem todas as vírgulas extras e as palavras que invento quando escrevo sem ter dormido.

Mary Cagnin, obrigada pela ilustração linda e pelo design da capa!

Obrigada a Kumiko pela leitura beta e por oferecer ótimos feed-backs para melhorar a história.

E muito obrigada a *vocês*, leitores, por permitirem que eu explore novos territórios. Obrigada por conhecerem Alejandro e Yara. Espero que vocês tenham gostado tanto deles quanto eu adorei criar essas fofuras na minha cabeça. Não vejo a hora de mostrar mais de Honey Creek nos próximos anos. Não vejo a hora de mergulhar ainda mais nesse mundo.

Até logo,
— BCherry

Este e-book foi desenvolvido
em formato ePub por para
Distribuidora Record de Serviços de Imprensa S. A.

Um namorado bom para cachorro

Site oficial da autora
https://bcherrybooks.com/

Perfil da autora no Instagram
https://www.instagram.com/bcherryauthor/

Perfil da autora no TikTok
https://www.tiktok.com/@brittainycherryauthor

Página da autora no Facebook
https://www.facebook.com/BrittainyCherryAuthor

Página da autora no Skoob
https://www.skoob.com.br/autor/13246-brittainy-cherry

Página do livro no Goodreads
https://www.goodreads.com/book/show/197124858-the-problem-with-dating

Página da autora no Goodreads
https://www.goodreads.com/author/show/7121791.Brittainy_C_Cherry